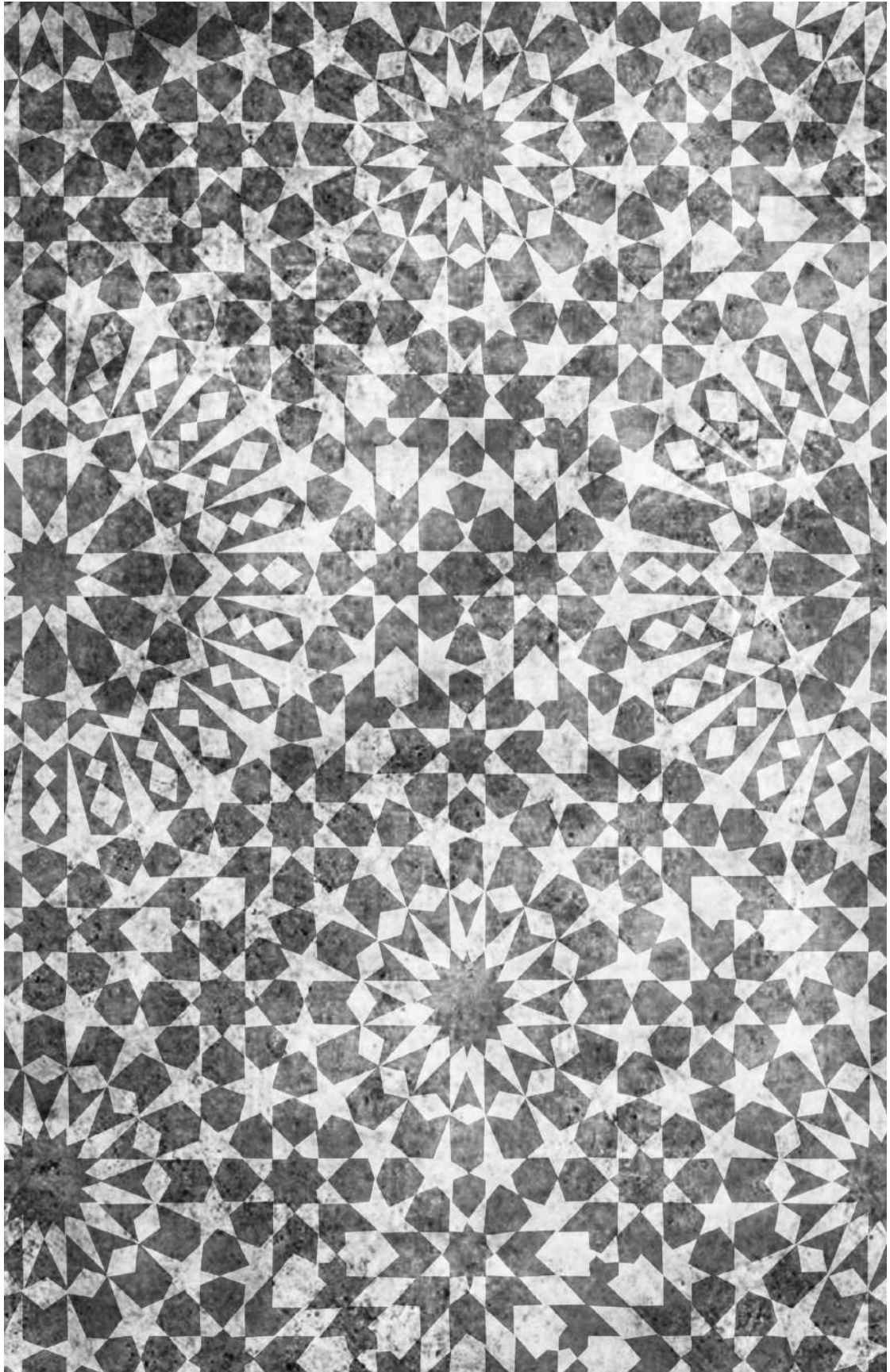




LITERALIZE

SOMAIYA DAUD
MIRAGEM





A decorative border at the top of the page, featuring a repeating geometric pattern of interlocking triangles and stars in a light gray color. The pattern is symmetrical and fills the upper portion of the cover.

miragem

SOMAIYA DAUD

TRADUÇÃO: MARIANA C. DIAS

LITERALIZE⁺

Copyright © 2018 by Sumayyah Daud e Alloy Entertainment
Publicado mediante acordo com a Rights People, Londres.
Produzido por Alloy Entertainment, LLC.



Título original: Mirage
Coordenação editorial: Thayná Santana
Tradução: Mariana C. Dias
Preparação: Lorrane Fortunato
Revisão: Wélida Muniz
Ilustração da capa: Rich Deas
Adaptação da capa, projeto gráfico e diagramação: Carolina Ruwer (Capítulo 1 –
Conteúdo e Design Editoriais)
Mapa: Rhys Davies

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com lugares, acontecimentos ou pessoas reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Daud, Somaiya

*Miragem / Somaiya Daud ; tradução Mariana C. Dias. – São Paulo :
Editora Literalize, 2021.*

Título original: Mirage

ISBN 978-65-991661-1-2

1. Ficção juvenil I. Título.

20-50071 | CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à



EDITORA LITERALIZE

CNPJ 35.384.865/0001-83

São Paulo/SP - Brasil

faleconosco@literalize.com.br

www.literalize.com.br

Sumário

Mapa

Dedicatória

Prólogo

Galáxia Mizaal, Sistema Ouamalich

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Ziyaana, Andala

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Atalasia, Andala

Capítulo 10

Capítulo 11

Ziyaana, Andala

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Palácio de Ouzdad, Gibra, uma lua de Andala

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Ziyaana, Andala

Capítulo 24

Capítulo 25

Palácio de Galene, Andala

Capítulo 26

Ziyaana Andala

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Al Hoceima, Andala

Capítulo 31

Capítulo 32

Ziyaana, Andala

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

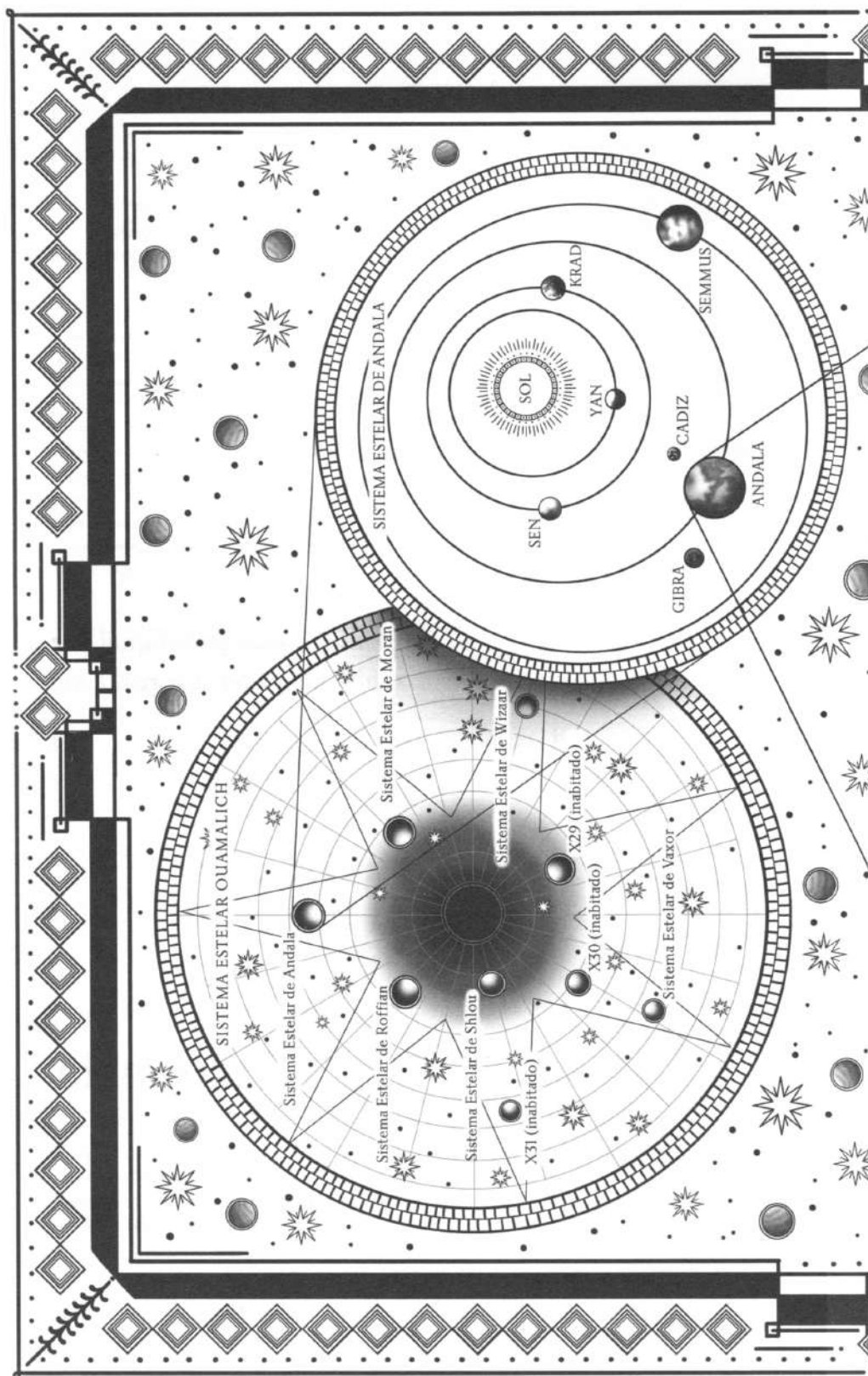
Capítulo 36

Capítulo 37

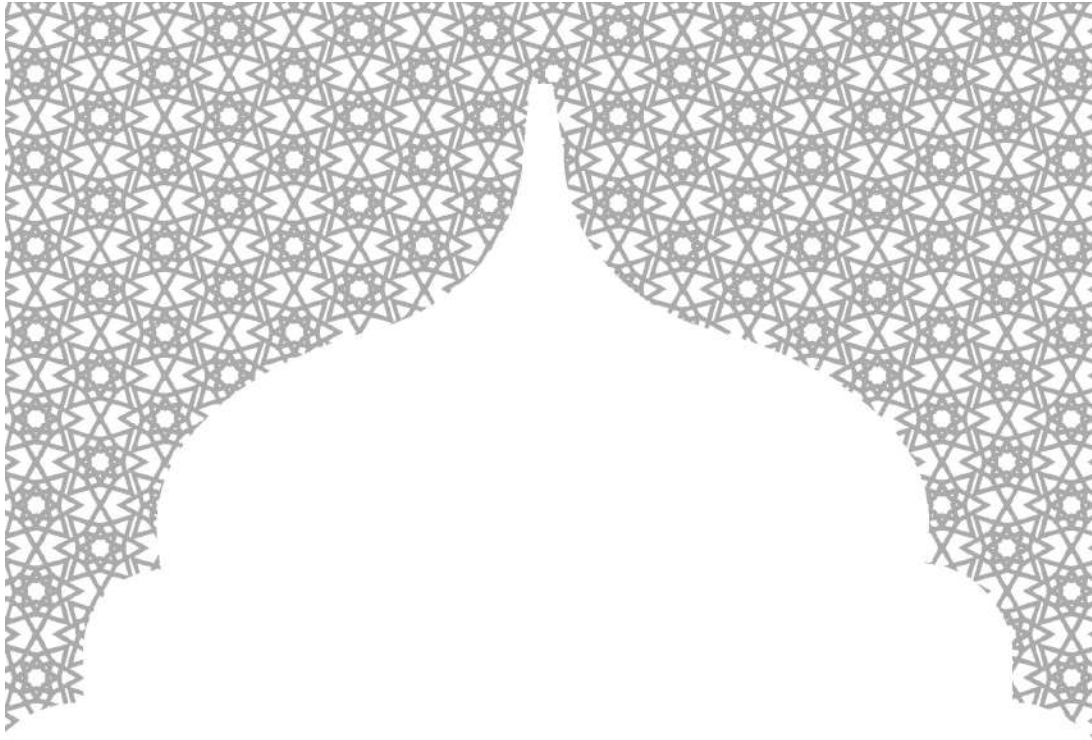
Agradecimientos

Sobre a autora

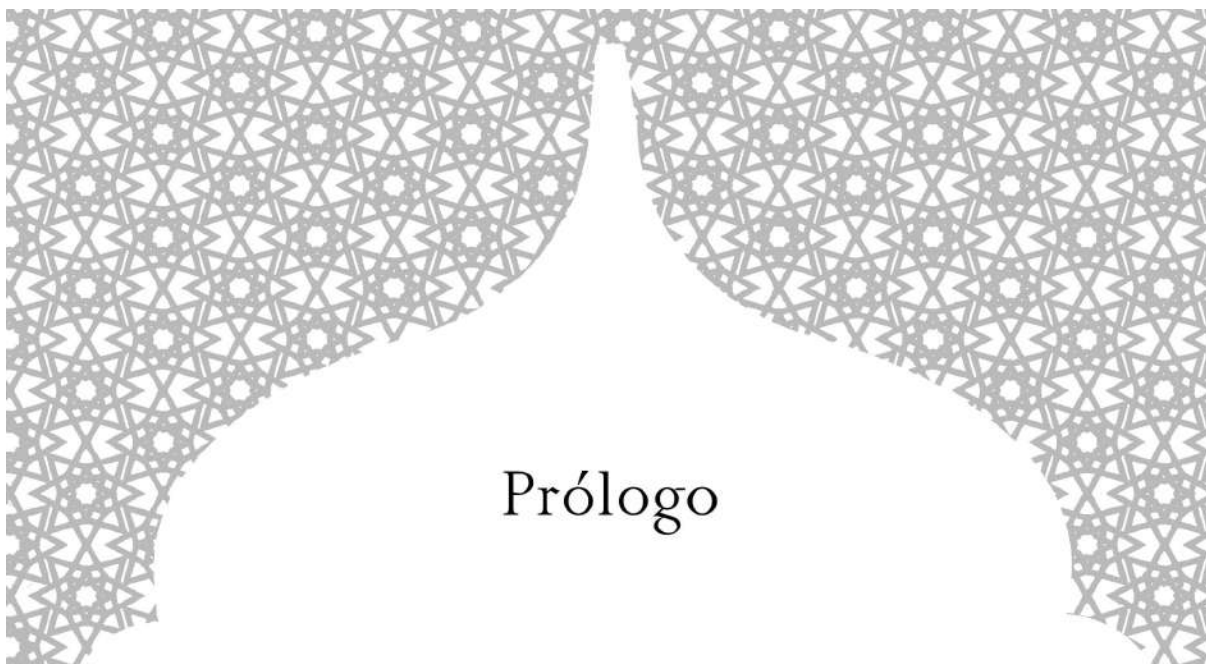
Cólofon



*Para minha mãe, sem a qual este
sonho nunca teria se realizado*



miragem



Prólogo

Ele é o único da família sem a daan. Dizem que isso faz dele ideal; não tem nenhuma marca tradicional no rosto para que seja identificado caso morra. Nenhuma maneira de ser associado aos familiares. Jovem, não tem nem quinze anos ainda. Novo demais para a cerimônia da daan. É o que ela diz quando finalmente o escolhe: que ele é jovem, habilidoso e equilibrado. Isso, diz ela, é tudo o que importa.

Contudo ele não se sente jovem. Sente-se faminto. Uma fome que o consome dia e noite e que acaba se tornando uma companheira sem a qual não consegue viver. Ele sabe com o que está lidando. Sabe como levar uma surra e como cair do jeito certo quando um vigia o acerta com um cassetete. Ele sente raiva. Muita raiva. Uma raiva que não precisa de combustível.

Ele se sente invisível em um mar de rostos invisíveis.

A multidão está silenciosa, como o esperado nesses eventos. Multidões solenes. Solenes demais. Os nobres estão acomodados em assentos de veludo atrás de cordas douradas. E os que estão em pé olhando para cima em direção ao palanque, esperando que ela apareça, são os pobres. Os famintos. Os fracos. Estão aqui porque são obrigados a estarem aqui.

As risadinhas da makhzen soam como pássaros preciosos. Roupas brilham sob a luz do sol e bainhas reluzem enquanto homens se agitam na atmosfera desconfortável do verão. É de se admirar que alguns deles sejam andalões; todos parecem vathekeses agora. Aceitaram o governo vathekês. Não estariam vestidos assim se ainda fossem andalões.

Ele se lembra da irmã mais nova enquanto caminha pela multidão. Morta há dois verões com o estômago inchado pela fome. O pai há muito os abandonou — fraco demais para cuidar deles, para continuar ali.

Uma das irmãs sobreviveu. Além dela, um irmão e a mãe. Todos seriam bem cuidados depois disso, ela jurara. Um marido para Dunya. Uma casinha no campo para todos eles, com acesso a grãos e a um jardim e, talvez, até a um rebanho. Longe de tudo que conheciam, mas uma chance para uma vida nova.

As mãos dele suavam. Ele havia treinado para isso. Estava pronto. No entanto, nunca havia tirado uma vida.

O sangue nunca morre, lembrou-se. O sangue nunca esquece.

Seria para um propósito maior; mais importante do que sua vida, mais importante do que qualquer outra vida. Isso precisa ser feito, pensou ele. Em nome de Andala. Em nome da liberdade.

Ele se assombra enquanto ela sobe os degraus que levam ao palanque. Como alguém que se parece tanto com seus próprios amigos e familiares é capaz de lhe causar tanto terror? Ele ouviu histórias. Sabia que essas coisas acabavam distorcidas pelo disse me disse. Mas a vida dele, de seus irmãos e vizinhos, eram todas testemunhas de alguma verdade. A ocupação era cruel. E seus herdeiros, ainda piores.

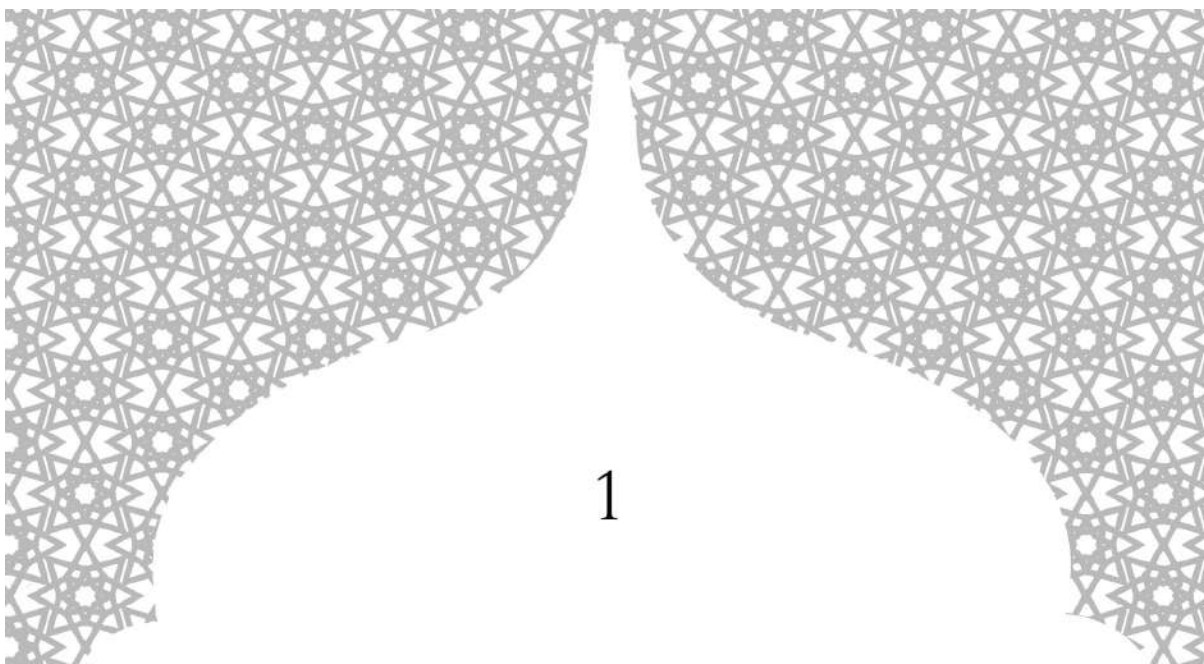
O sol resplandece contra o metal prateado de uma arma. Ele a ergue, mira e atira.

Duas vezes.

Galáxia Mizaal,
Sistema Ouamalich



*Cadiz,
Uma lua de Andala*



Em uma pequena lua que orbita um grande planeta, havia uma pequena fazenda dentro de uma pequena aldeia. Lá, havia uma caixa e, nessa caixa, uma pena.

A caixa era velha, feita de madeira, gasta e sem qualquer sinal de entalhe ou pintura. Cheirava a açafrão e canela, forte e doce. Junto com a pena, havia um anel de sinete, uma flor vermelha conservada em resina e uma tira de veludo verde desfiada nas bordas.

Eu costumava entrar de fininho no quarto dos meus pais quando era pequena, sempre para bisbilhotar a caixa. E seu misticismo apenas cresceu frente aos meus olhos quando minha mãe passou a escondê-la de mim. A pena me fascinava. Uma criança de cinco anos não via qualquer utilidade em um anel, flor ou tecido. Mas a pena de um pássaro mágico e extinto? Como todas as coisas da velha ordem, ela me encantava.

A pena era preta e composta de centenas de tons escuros e brilhantes. Quando a segurava contra a luz, ela reverberava em tons azuis e verdes e vermelhos, como magia reagindo a uma mão invisível que agitava uma superfície. Pertenceu a um teslíte, disse

minha mãe, pássaros que eram considerados mensageiros de Dihya.

Quando Dihya desejava enviar um sinal a você, Ele colocava uma pena em sua mão. Quando Ele queria que você atendesse a um chamado e agisse, enviaria o próprio pássaro. Era um chamado sagrado e importante que não deveria ser menosprezado. Guerra, peregrinação, o destino das nações: era para isso que o teslite chamava uma pessoa.

Meu avô recebeu um teslite uma vez, embora minha mãe nunca ter dito o porquê ou mesmo quem ele foi.

— Um homem imprudente que morreu se ressentindo de tudo o que não conquistou — ela me disse uma vez.

Meu olhar se fixou no interior da caixa. Não enxergava nada além da pena. O sol se poria em breve, e eu não tinha tempo para perder encarando uma pena velha. Mas ela me chamou como quando eu era uma garotinha, e, sem pensar, acariciei a curvatura dela com o dedão, de cima a baixo.

Não havia nenhum teslite sobrevivente em Cadiz ou em nosso planeta natal, Andala. Como muitas coisas da infância de minha mãe que tinham sido esquecidas, gastas ou extintas, tudo o que sobrou eram relíquias. Vestígios do que uma vez existiu e provavelmente nunca mais voltaria a existir.

Assustei-me quando minha mãe pigarreou à porta aberta.

— Amani — disse ela, simplesmente, com uma sobrancelha erguida.

Era tarde demais para esconder a caixa, e não consegui disfarçar o sentimento de culpa por bisbilhotar o quarto dos meus pais apenas para ver o objeto novamente.

Contudo minha mãe não disse nada, apenas sorriu e se aproximou com uma mão estendida.

— O... o seu pai lhe deu a pena? — perguntei por fim e entreguei a caixa a ela.

Seus olhos se arregalaram um tantinho. Por um momento, pensei que ela não fosse responder,

— Não — disse ela, suavemente, fechando a tampa da caixa. — Eu a encontrei logo depois de o pássaro partir. Num momento de fraqueza num matagal.

Raramente minha mãe ficava assim; pensativa e melancólica, como se estivesse se lembrando de um passado mais generoso. Ela sobreviveu a duas guerras: uma civil e, depois, à invasão vathekese seguida pela ocupação. Ela era forte, com uma coragem imensurável, inflexível, invencível e inquebrável.

— Qual foi seu momento de fraqueza? — perguntei. Eu não receberia uma resposta. Nunca recebia.

No entanto, minha mãe me surpreendeu e sorriu.

— Estava fugindo do amor — disse ela. — Do seu pai, para ser específica. Encontrei em meu coração a mesma capacidade que o seu avô tinha de se perder em outra pessoa, e isso me deixou apavorada.

Meu queixo caiu, e ela se divertiu com isso. Eu sabia que meus pais se amavam; era óbvio para qualquer um que olhasse para eles, apesar de suas diferenças. Mas nunca ouvira minha mãe dizer algo assim, e ouvi-la admitir isso por livre e espontânea vontade...

— Mas o que você está fazendo aqui? Deveria estar se arrumando para hoje à noite.

Eu não saberia me explicar, então apenas balancei a cabeça e dei de ombros.

— Não sei. É que... eu amo essa caixa. Acho que queria vê-la mais uma vez.

Ela se aproximou e inclinou meu queixo para cima. Eu estava crescida, mas minha mãe ainda era vários centímetros mais alta do que eu. O interior dos seus dedos acariciou minha bochecha, desenhando linhas sobre onde eu receberia minha daan — uma tatuagem distintamente geométrica que marcaria meu primeiro passo para a maioridade. Esperava que fosse como a dela: forte e poderosa, deixando o mundo todo saber quem ela era e de onde vinha em apenas uma olhada.

— Sei que essa semana tem sido difícil — disse ela, por fim. — Mais difícil do que a maioria. Mas isso vai passar, como tudo sempre passa.

Mantive a boca fechada em vez de dizer o que pensava. Nós não deveríamos apenas esperar que nossos problemas passassem. Na verdade, eles nunca deveriam nem ter acontecido. Sofremos não

apenas com a queimada de nossos campos naquela semana, mas com a presença crescente dos vathekeses.

Porém minha mãe me espantou e me fez ficar em silêncio uma segunda vez ao entregar a caixa para mim.

— Acho que isso deveria ser seu agora — disse ela, com a voz suave, mais uma vez. — Esperança combina mais com uma menina mais nova. Vai encontrar mais conforto nisso do que eu.

Abri e fechei a boca, sem palavras e surpresa.

— Sêrio? — perguntei, finalmente.

Ela sorriu de novo.

— Sêrio — repetiu ela, beijando minha testa. — Talvez Dihya lhe entregue uma segunda pena, e você pode acabar recebendo o seu próprio sinal nesses tempos difíceis.

Ela me deixou sozinha no quarto com a caixa apertada contra meu peito. Depois de alguns segundos, levei o objeto para o meu quarto, temendo que minha mãe pudesse subir as escadas novamente e mudar de ideia.

O sol estava realmente se pondo naquele momento. Apressei-me para guardar a caixa e pegar minhas coisas. Khadija estaria esperando, e odiaria ouvi-la reclamar por eu ter chegado atrasada. Do lado de fora, a aldeia estava quieta. Normalmente, nessas horas, eu seria capaz de ouvir o cantarolar silencioso dos trabalhadores do campo voltando para a aldeia e o tilintar do sino que marcava o fim do dia. O arrastar das botas, os gritos dos comerciantes vendendo mercadorias na praça e cachorros e cabras berrando; nenhum desses sons estava presente.

Não sobrou nenhuma plantação. Não depois do fogo que a Guarda Imperial ateou na semana passada. Rebeldes — ou, mais provavelmente, ladrões famintos — abrigaram-se numa das guaritas. Em vez de procurar em cada uma delas, a Guarda ateou fogo nas plantações. Ouvimos os rebeldes gritarem tão longe quanto na praça da aldeia. Com as plantações destruídas, contávamos as semanas que faltavam para o inverno e para a fome que, com certeza, viria.

Por que eu iria querer a minha própria pena, o meu próprio sinal? Um momento como aquele, uma vida como aquela, não

precisava de nenhum sinal. Eu queria outra coisa. Algo mais tangível e imediato. Eu queria o mundo.

Os vathekeses não eram colonos de nossa nébula — eles costumavam viver no planeta deles, Vaxor, em geral pacíficos e respeitando as leis galácticas. Mas eles envenenaram a própria atmosfera e foram forçados a mudar para uma lua que os orbitava. Uma medida paliativa para uma população em crescimento e com falta de recursos. Alguns disseram que era inevitável que eles decidissem se espalhar por outros sistemas.

Havia momentos em que eu vislumbrava o mundo antes da ocupação dos vathekeses. Quando minha mãe ou meu pai falavam sem pensar, ou uma senhora querida por todos na aldeia dizia “na minha época”, ou quando um homem cantava uma velha canção que eu nunca tinha ouvido. Os restos de nossos velhos costumes estavam ali. Quase impossíveis de serem localizados, mas eu os queria de volta. Queria que todos se lembrassem do que fomos, do quão forte conseguíamos ser. Obstinação era resistência, com certeza. Mas até mesmo uma rocha se reduziria a nada se enfrentasse chuva suficiente.

Eu poderia desejar isso até o dia da minha morte e em nada adiantaria. Desejos nunca resolviam nada.

Guardei a caixa e suspirei. Peguei meu casaco e meus sapatos e desci para o andar de baixo.

* * *

Na cozinha, embalei o resto da comida que levaríamos conosco. Celebraríamos minha noite de maioridade. Eu e outras doze garotas finalmente amadurecemos e, como de costume, toda a aldeia viajaria a uma das casbás abandonadas. Lá, receberíamos nossa daan e nos tornaríamos adultas aos olhos da aldeia. Depois, haveria um jantar e dançaríamos para celebrar.

— Amani.

Eu me virei e encontrei Husnain, meu irmão, parado na porta. Meus pais tinham três filhos: Aziz, o mais velho, nasceu mais de dez anos antes de mim. Eu, a mais nova, e Husnain, quinze meses mais velho do que eu. Até posso ter usufruído da sabedoria de Aziz, mas Husnain era a minha outra metade, meu gêmeo apesar dos meses

entre nós. Ele tinha toda a imprudência e o entusiasmo de um segundo filho. Raramente contido, exceto ao meu lado.

— Trouxe uma coisa para você — ele disse quando me sentei.

Sorri e estendi as mãos.

— Pode passar para cá.

— Feche os olhos.

Fechei e mantive minhas mãos estendidas. Segundos depois, um objeto largo e fino foi colocado em minhas mãos. Bisbilhotei antes de o meu irmão dizer que eu poderia abrir os olhos, e quase derrubei o maço de papel como se ele estivesse pegando fogo.

— Amani!

— Isso é...?

Quase um mês antes, fomos a Cadiza Prime, capital de nossa lua, buscar suprimentos para a pequena plantação que meus irmãos e meu pai mantinham em nosso pedacinho de terra. Perambulei pelo mercado a céu aberto e, esquecido atrás de uma banquinha de livros, havia um maço de papel envelhecido: poesia massinita. Cara demais para eu sequer considerar comprar. Além disso, a maioria das poesias religiosas era proibida por lei. Elas foram usadas diversas vezes como inspiração para os rebeldes durante a ocupação.

Massinia era a profetisa de nossa religião. Todos a amávamos, mas eu a amava mais do que qualquer outra coisa em nossa crença. Tínhamos músicas em seu nome, além de toda uma tradição de poesias criadas para venerar sua vida e suas conquistas. Eu amava essas poesias acima de todas as outras e as desejava, apesar do risco de ser pega com elas. Minhas mãos tremeram quando me aproximei daquela coleção.

— Você se arriscou demais...

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Pertencem a você agora, e mais nada importa.

Eu estava com medo de sorrir e de tocar nelas. Minhas! Mal podia acreditar. Nunca tive uma coleção de poesias antes.

— Ah, pelo amor de Dihya — Husnain riu. Ele soltou o barbante ao redor delas, antes de colocá-las novamente em minhas mãos. Eu teria que transcrevê-las para um material mais resistente ou salvá-las numa base de dados ou qualquer coisa assim. Não havia como

saber se aguentariam o clima daqui ou se eu as perderia ou o que poderia acontecer. E eu precisaria escondê-las ou arriscaria serem confiscadas pelos magistrados.

Nossas almas voltarão para casa, nós voltaremos, lia-se no primeiro poema. Daremos o primeiro passo na ascensão da cidadela.

Fechei os olhos e vi a cidadela imaginada —, atualmente, sem dúvidas, transformada em poeira. Eu conseguia imaginar a dor do autor. Podia senti-la como uma ferida em meu coração enquanto minha alma olhava por cima dos ombros e seguia caminhando, deixando algo precioso para trás. Sabia como era trazer à tona uma memória que rapidamente se desvaneceria em minha mente, sumindo um pouco mais a cada vez que fosse lembrada até que não passasse de um sentimento. De uma ruga que você conseguiria sentir, mas não se lembrar de onde veio. A dor naquela página era palpável — todos tinham uma cidadela. A cidade onde nasceram, transformada em escombros. Uma família morta há muito tempo, enterrada numa sepultura sem identificação. Tudo inalcançável, exceto através da morte.

E isso, poesias como essa, era tudo o que tínhamos para preservar nossos contos, nossa música e nossa história.

— Obrigada — respondi e joguei meus braços ao redor dele. — Você não tem ideia...

— Tenho um pouquinho — ele riu, beijando minha testa. — Você é minha pessoa preferida no mundo todo, Amani. Fico feliz em lhe dar isso. Dihya, você está chorando?

— Não! — Mas eu sentia o nó em minha garganta pronto para se dissolver em lágrimas a qualquer minuto. Eu estive tão amedrontada, tão nervosa com aquela noite. E, no fim, era uma noite de alegria. Eu entraria na vida adulta não apenas com minha família e amigos, mas com um tesouro que me confortaria nas noites difíceis demais para que fossem compreendidas.

— Talvez agora você possa escrever suas próprias poesias — disse ele, de forma mais suave.

Bufei uma risada. Com certeza, eu era uma poetisa fraca. E em um mundo onde não compensava escrevê-las, eu não tinha qualquer chance de melhorar.

— Você tem talento — ele insistiu. — Deveria escrever mais.

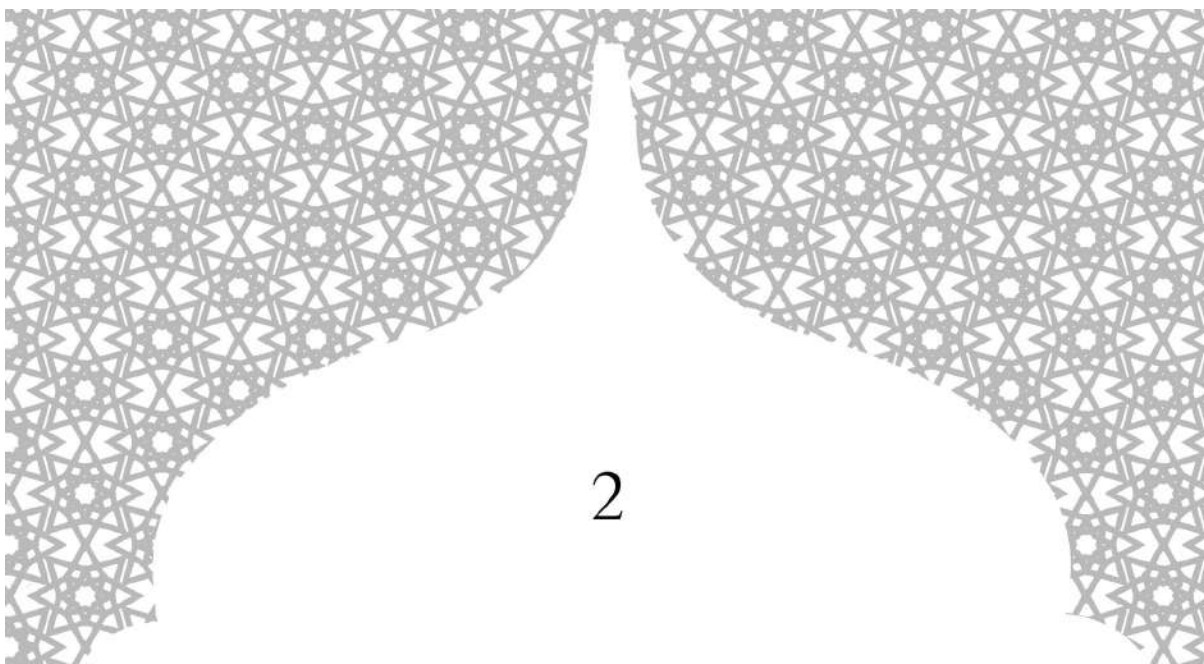
Faminta por elogios, corei. Husnain era a única pessoa que já leu minha poesia, mas eu tinha certeza de que ele falava aquilo por causa da lealdade que existia entre nós e não por qualquer conhecimento técnico que o qualificaria para comparar a minha poesia com a de poetas de verdade.

— Quem sabe num outro mundo — comentei, apertando a poesia contra o peito.

Nossas almas voltarão para casa, nós voltaremos.

Olhei para cima e sorri para meu irmão, a outra metade do meu coração.

— Mas não neste. Neste mundo, esses poemas são suficientes.



2

A maior parte de nossa aldeia começou a caminhar pela estrada antes do pôr do sol, mas Aziz, Husnain e eu partimos mais tarde com algumas outras poucas famílias. Enfiei o presente de Husnain no meu bolso, pois me sentia relutante em me separar de um tesouro como aquele tão cedo.

— Amani, não estrague o pergaminho antes mesmo de poder lê-lo — murmurou Husnain, baixinho o suficiente para Aziz não ouvir.

Olhei de relance para o nosso irmão mais velho. Ele nasceu antes da ocupação. De nós três, Aziz era o único que lembrava da nossa vida antiga, que conheceu nossos pais antes da escuridão. Os anos sob a ocupação criaram uma casca grossa em nosso irmão. Ele era sábio, talvez sábio demais para a sua idade, e confiável. Enquanto Husnain agia sem pensar, Aziz observava, esperando que, vencido pelo cansaço, todo o mundo revelasse seus segredos a ele. Inclusive seus irmãos mais novos e indisciplinados.

— Não vou estragar — prometi a Husnain, lutando para não sorrir tanto.

— Eu deveria ter esperado mais tempo para te dar isso — disse ele, mas seu sorriso se igualou ao meu.

O lado de fora estava estranhamente silencioso, exceto pelo som das sondas vathekesas zumbindo acima, com seus feixes de luz branca escaneando o chão. Na esquerda, havia um pomar, que foi reduzido a terra queimada. O ar acima parecia manchado de vermelho pelos gases dos extintores que os vathekeses lançaram sobre o lugar no auge do incêndio.

Algumas semanas antes, existiam três campos lado a lado — romãs e azeitonas a oeste e um campo de rosas que cultivávamos para vender e fazer perfumes, a leste. Agora, os pomares a oeste pareciam um cemitério, com centenas de ramos esguios e cinzentos se esticando em direção ao céu vermelho. Os arbustos de rosas e as treliças desapareceram, vaporizados no fulgor do incêndio. Fumaça e gás vermelho dos extintores ainda subiam ao céu. Nada mais cresceria ali, não nos próximos anos. Obriguei-me a desviar o olhar. Eu não ganharia nada me preocupando com o ataque, não ganharia nada me perguntando como nos alimentaríamos no próximo inverno ou com o que trabalharíamos na primavera.

O fogo foi provocado, eles alegaram, por “rebeldes” da região. No entanto, a única prova que a Guarda tinha de rebeldes se abrigando entre nós era uma frase que disseram ter sido entalhada nos portões:

O sangue nunca morre. O sangue nunca esquece.

Era uma frase do Livro de Dihya. A maioria das pessoas acreditava que era um testamento para nossa perseverança e sobrevivência. Mas outros acreditavam que isso significava que Massinia poderia voltar, que o sangue dela os chamaria de volta ao mundo de uma forma ou outra. Qualquer que fosse o significado escolhido por você, os rebeldes estavam usando como um grito de guerra, agora mais do que nunca.

Os barracos e casas, junto com as portas de entrada aos arredores da aldeia, viraram escombros. As pessoas que moravam ali, aquelas que sobreviveram, amontoavam-se ao redor de uma fogueira. Senti uma pontada de culpa ao olhar para eles; minha família não tinha muito, mas nossa casa ainda estava intacta, e não enfrentaríamos a fome como eles.

Abri minha bolsa e minha mão alcançou o pão que eu havia feito naquela manhã para as celebrações da noite de maioridade. Minha

mãe e eu passamos horas na fornalha da aldeia, junto com todas as outras garotas que celebrariam sua maioridade, preparando pão suficiente para todos os aldeões. Tínhamos tanto... eu poderia doar alguns pães.

Aziz colocou uma mão no meu ombro e balançou a cabeça, como se soubesse o que eu planejava.

— Eles estão sendo observados — disse ele com a voz baixa.
— A Guarda acredita que há rebeldes escondidos entre eles.

Engoli minha raiva e desviei o olhar.

— É difícil — disse ele, apertando meu ombro. — Mas pense em nossos pais, Amani. O que eles fariam se você fosse levada por doar pão aos rebeldes?

Olhei para o chão. Eu sabia que ele estava certo. Ele, mais do que eu, sabia o preço de ser confundido com um rebelde. Por fim, tirei a mão da bolsa e permiti que ele me levasse, deixando os campos e os refugiados para trás.

* * *

Finalmente, chegamos na velha casbá muito além dos limites da aldeia. A casbá era uma construção antiga; agora, uma mansão decrepita entre muitas casas decadentes, com palmeiras e figueiras enormes. No passado, poderia ter pertencido a uma família rica, mas se tornou o refúgio de agricultores e aldeões em noites como aquela. Luzes atravessavam as janelas quebradas, e uma música ao longe ressoava no ar, misturando-se ao som do vento e da vida selvagem. Suspenso acima da casbá, no céu noturno, estava nosso planeta natal, Andala, pendurado como uma laranja madura demais. Com uma visão como aquela era fácil se esquecer de tudo: nossa pobreza, o governo vathekês, o fantasma da perda que acompanhava nossos pais todos os dias.

Chegamos com tempo suficiente para organizar o átrio e para nos arrumarmos. Todas as garotas que alcançariam a maioridade naquele dia tinham quartos privativos na casbá para se prepararem antes das festividades. O burburinho entre amigas crescia e morria enquanto minha mãe me ajudava a vestir o cafetã e as joias.

Senti um calafrio quando me vi no espelho. Minha mãe e eu éramos assustadoramente parecidas. Ela era mais alta, mas

tínhamos a mesma pele marrom, as mesmas maçãs do rosto protuberantes e queixos igualmente pontudos. O cabelo dela era grosso e ondulado, e parecia florescer de um ponto alto demais em sua testa, como o meu.

Contudo era aí que as similaridades terminavam. Minha mãe sobrevivera a horrores demais para contar nos dedos e nunca falava deles. Mas sua força era óbvia para qualquer um que se importasse em observar. Ela era inabalável, e eu... eu não era como minha mãe. Gostava de pensar que era corajosa e cheia de convicção, mas a vida não havia me testado como a testou. Não sofri nada do que ela sofreu, e pensar nisso me fazia estremecer por dentro. Como eu poderia enfrentar a vida adulta, como eu poderia esperar ser uma mulher, quando não conseguia nem mesmo me fazer imaginar as provações da minha mãe? Como eu enfrentaria as minhas?

— Tornar-se adulta é assustador — minha mãe disse, como se tivesse lido minha mente. — Ter esse medo é inteligente da sua parte. Significa que você vai enfrentar tudo com cuidado e, espero, com sabedoria.

Ela insistiu que eu me sentasse em frente ao espelho e começou a me preparar. Não havia uma abundância de joias para enfeitar o meu cabelo, não tínhamos dinheiro para isso. Mas, antes da ocupação, tanto a família do meu pai quanto a da minha mãe trabalhava com botânica, e minha mãe conseguira guardar algumas das suas joias. E as joias das irmãs delas, passadas para minha mãe depois de todas terem sido mortas.

Isso era tudo o que eu tinha de nosso passado: as joias da minha mãe e as tradições, como a daquela noite. E logo, eu teria minha daan, uma herança pequena, mas poderosa.

Havia um diadema com correntes que eu amava desde criança, velho e feito de pecinhas de ferro no formato de portas, cada uma pendurada com pedras vermelho-escuras. O cafetã da noite de maioridade era da minha mãe, branco com bordados vermelhos ao longo de todo o corpete que desciam pelo centro.

Pelo espelho, minha mãe sorriu novamente para mim enquanto prendia um brinco cravejado com pedras vermelhas na minha orelha.

— Pronto — disse ela, e segurou meu queixo para inclinar um tantinho a minha cabeça. — Você parece uma rainha.

* * *

O átrio onde as festividades aconteceriam estava repleto de luzes. Era uma velha construção na periferia da capital da lua. Fiquei animada com a música. As tamareiras foram envoltas em luzes douradas, que refletiam nas joias de ouro e nos bordados dos cafetãs, além de incidirem nos bules de metal e nos copos de vidro. Havia mesas baixas e almofadas espalhadas pela extensão do átrio, e toda a aldeia compareceu à celebração noturna. Na extremidade norte, havia um pequeno palco onde uma banda se apresentava, com o vocalista cantando uma velha canção kushailana.

As árvores estavam cheias de luzes, e lanternas balançavam alegremente na fonte no meio do átrio. A água nela balbuciava, atrapalhando o murmurinho das muitas famílias celebrando no lugar apertado. Outras doze garotas e suas mães se pressionaram na entrada ao meu lado, esperando. Olhos se voltaram para nós até quase todo o salão nos encarar. Husnain encontrou meu olhar e piscou para mim, e meu nervosismo espaireceu um pouco. Ao meu lado, minha mãe apertou a minha mão.

De repente, os tambores pararam e a conversa morreu. Por um longo minuto, não houve nada senão o som de água fluindo pela fonte. Alguém assoprou uma trombeta, uma nota sonora e grave, então os tambores voltaram a tocar.

Entramos, uma por uma, conforme nossos pais chamavam nossos nomes.

— Amani, filha de Moulouda e Tariq.

O propósito da noite de maioridade não era apenas celebrar. Nosso verdadeiro primeiro passo para a vida adulta seria receber nossa daan. As treze de nós nos sentamos em almofadas no meio do átrio e esperamos.

A tatuadora era uma senhora, sua daan esverdeou com o passar dos anos e se escondeu entre as rugas do rosto. Mas suas mãos eram firmes, e me mantive imóvel, apesar do ardor da agulha. Nos velhos tempos, eu teria sangrado e levaria semanas para as

marcas cicatrizarem. Agora, eu precisaria apenas de algumas horas antes de se acomodarem permanentemente em meu rosto.

Uma coroa para Dihya e Massinia ganhou forma, com diamantes sobrepostos que se curvavam em minha testa. Linhas finas na minha bochecha esquerda para a minha ascendência — meu avô dissera ser descendente da própria Massinia, e apesar de nem eu nem minha mãe acreditarmos nele, as marcas dela cobriram minha bochecha esquerda. Na direita, estavam os desejos de meus pais para mim — felicidade, saúde, uma boa alma e uma vida longa. Não sei quanto tempo fiquei sentada enquanto a senhora trabalhou, mas, por fim, ela se afastou e sorriu.

— Baraka — murmurou ela. Bênçãos.

E, simples assim, deixei minha infância e adentrei a vida adulta.

Minha mãe veio e se posicionou ao meu lado, o rosto austero como sempre, e apertou o meu ombro. Nossas daan eram parecidas, quase reflexos uma da outra e, naquele momento, esperei que pudesse fazer jus a elas, fazer jus a minha mãe. Coloquei uma das mãos sobre a dela e apertei. Com aquelas marcas, eu poderia enfrentar qualquer coisa no futuro. Esperava que elas me guiassem em direção à alegria e ao amor em vez de ao sofrimento.

Segui a fila das outras garotas e mães pelo átrio, abrindo caminho entre as famílias que observavam, riam e uivavam para nos parabenizar, até chegar ao banquete na extremidade norte. Nós, que estávamos sendo celebradas nesta noite, deveríamos nos sentar na frente da mesa do banquete, com as anciãs da aldeia e nossas mães. Meu coração se acalmou quando as ouvi conversar. Não havia lugar algum em nossa pequena lua como aqueles encontros. A maioria de nós éramos kushailanos, o povo mais antigo em Andala; minha família não era a única cujos ancestrais chegaram na terraformação de nossa lua. O ar ressoou com o som da nossa língua materna em vez do vathekês, e nossa música e nossos risos. Por um momento, pude imaginar que isso acontecia décadas antes da sombra dos vathekese cair sobre nossa lua e conquistar nosso planeta e seu sistema.

Era difícil não se deixar levar pela alegria. Quando a cantora desceu e uma banda tomou o seu lugar, o ritmo da música acelerou.

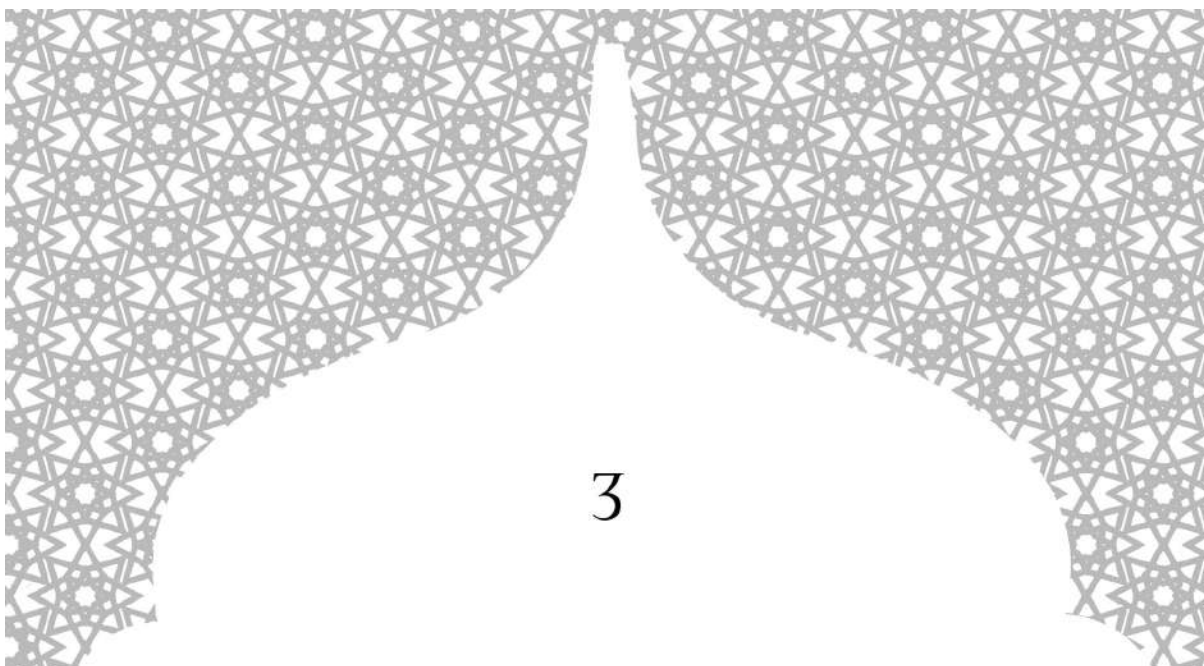
Eu amava as garotas ao meu lado — Khadija e Farah eram as minhas amigas mais próximas do mundo. Cresci com Khadija. Nossos pais tinham terras vizinhas, e nossas mães colhiam frutas nos pomares antes de qualquer uma de nós nascer, antes dos vathekeses obscurecerem os nossos céus. Demos nossos primeiros passos juntas, aprendemos a ler juntas e frequentamos a escola juntas. Quando chegou a hora de nos registrarmos no censo vathekês, fomos para a capital em Cadiz juntas.

Não demorou muito para que as duas pegassem minhas mãos e me levantassem. Então, dançamos, rimos e cantamos juntas.

Não sei por quanto tempo dançamos, mas outras amigas se juntaram a nós, entre risadas e conversas. O ar estava pesado com a fumaça dos incensos, com o aroma forte e adocicado de ameixas cozidas sobre o cordeiro. O mundo parecia brilhar e tremeluzir enquanto as luzes refletiam nas lantejoulas e joias falsas. Sei que todas parecíamos ser jovens demais para celebrar, como tínhamos sido apenas um ano antes. Mas eu ansiava para fazer parte do grupo, e agora era uma delas: felizes, gritando, caindo umas sobre as outras enquanto gargalhávamos.

Por um momento, esqueci de minhas preocupações. Rebeldes, fome, pobreza — nada disso importava.

Então, as portas da casbá foram abertas com tudo e a música parou.



Pareceram longos minutos, apesar de não ter sido mais do que poucos segundos, até meu corpo compreender. Até eu notar que a música havia parado, que os risos sumiram e que a alegria fora substituída pelo medo.

Quando você cresce num lugar como Cadiz, numa época como a nossa, você aprende a ler os sinais. O silêncio absoluto, seguido pelo baixo, quase imperceptível, tilintar do metal contra pedra. O chiado suave de engrenagens, apenas alto o suficiente para anunciá-las. Os vathekeses raramente mandavam homens aos nossos lares. Quando o faziam, bem... a crueldade dos homens não tinha limites. Então, houve certo alívio quando o primeiro corpo a atravessar a porta foi um droide imperial, com seu corpo prateado e cromado, cheio de marcas cruéis e profundas. Droides imperiais não eram feitos para se parecerem com humanos. Tinham sempre, pelo menos, alguns centímetros a mais do que a média e esqueletos construídos de excelsior e adamanta, com um brilho prateado onde os materiais se encontravam. Os rostos deles eram inexpressivos, exceto por uma linha branca de luz que emulavam os olhos. Suas cabeças eram envoltas por um leque de metal. O criador deles escolheu moldar os torsos para parecerem caixas torácicas, sem

qualquer carne por dentro ou por fora, assim os droides iam de quase-monstros para monstros completos. Eles não eram armas de guerra, mas não era preciso mais do que noventa quilos de metal para acovardar e brutalizar civis.

E os droides eram muito bons nisso.

A violência que os vathekeses traziam era facilmente contrabalanceada pelos cálculos de um droide sobre vida versus morte. E, para eles, vidas andalãs eram sempre uma perda aceitável.

Os droides — oito no total — ainda não tinham falado. Estavam reunidos na porta, tão silenciosos quanto a morte e igualmente inabaláveis.

Eu me assustei quando uma mão envolveu o meu braço, mas era apenas o meu irmão, com a testa franzida.

— Aziz e nossos pais? — perguntei, mantendo a voz baixa.

— Nos fundos — disse ele.

— Todas as garotas entre catorze e vinte anos devem fazer uma fila na parede leste — anunciou um dos droides. Sua voz ecoou como se uma pessoa dentro dele falasse através de um tubo de metal.

Senti um calafrio na espinha, mas dei um passo para frente.

— Não — disse Husnain, segurando-me com mais força.

— Não seja tolo — sibilei. — E se eles escanearem o grupo e descobrirem que menti? Melhor eu ir agora e acabar logo com isso.

Eu compreendia o medo de Husnain. Todos ouvimos as histórias: os vathekeses apareciam sem qualquer aviso quando muitos de nós se reunia num único lugar. Eles temiam uma rebelião, e onde grupos de pessoas se encontravam, pensavam eles, uma rebelião não demoraria muito a acontecer. Meu pai mancava hoje por ter participado de uma reunião como aquela na juventude. Além disso, pessoas de nossa aldeia — entre elas, o irmão mais velho do meu pai — haviam desaparecido depois desses encontros e nunca mais foram encontradas. Eu era jovem demais para me lembrar de muita coisa, mas eu conhecia o medo que deixava nosso peito apertado quando droides invadiam um lugar. Conhecia o lamento de uma mulher que sabia que estava prestes a se tornar viúva.

Husnain estava prestes a confrontá-los, com o rosto contraído de raiva.

— Eles não podem fazer isso.

Os vathekeses nunca invadiram uma noite de maioridade, algo feito apenas para celebrar os jovens em nossa aldeia, pois eram poucos entre a gente.

Ou, pelo menos, nunca invadiram antes.

— Eles estão fazendo isso — lembrei-lhe, e dei um tapinha em sua mão. — Deixe-me ir e isso vai acabar logo. Prometo.

Husnain pareceu lutar consigo mesmo por um momento e então me soltou. Éramos próximos porque, de diversas formas, éramos parecidos. Mas nessa questão, divergíamos. Eu compreendia o mundo em que vivíamos, as consequências da dissidência. Já Husnain... ele não gostava de se curvar para ninguém, ainda menos para os injustos. Arriscaria sua vida em nome de uma ideia em vez de viver para lutar mais um dia.

O cômodo se dividiu silenciosamente. As garotas entre as idades especificadas para a esquerda, e todo o resto para a direita. A fumaça havia tomado uma forma opressiva; não era mais como uma névoa vinda de um sonho, mas algo espesso, como uma mortalha fúnebre.

Dois dos droides se aproximaram e nos dividiram: um para o começo da fila, e o outro, para o fim. Khadija estava ao meu lado, e demos as mãos. Meus dedos esmagavam os dela, e os dela, os meus.

Sua recém-feita daan brilhava nas bochechas e na testa sob a luz das lanternas — ela estava, pensei, mais linda do que nunca. Depois de passarmos tanto de nossas vidas juntas, tínhamos que ter nossa noite de maioridade ao mesmo tempo. Ela apertou a minha mão mais uma vez, seu rosto tão sem emoção quanto o meu. Não havia nenhum treinamento sobre como enfrentar droides vathekeses, mas todos sabíamos. Nenhum medo, nenhuma emoção, nada que os fizesse focar o olhar em você.

A cada poucos segundos, os dois droides emitiam um chiado alto, então um apito breve antes de seguirem para a próxima garota. Apenas quando estavam a poucas garotas de mim, percebi o que

faziam — um feixe de luz verde e amplo escaneava o rosto de uma garota, então apitava para liberá-la. Tentavam identificar alguém.

Ouvi a voz de Aziz, alertando-me sobre a busca por rebeldes, sobre parecer estar ajudando os suspeitos. Não havia nenhum rebelde ali, apenas aldeões agricultores que morreriam de fome nos próximos meses com nosso sustento queimando lentamente. Meu olhar percorreu o salão. Ali estava Adil, o perfumista, com seu pé coxo. Ibn Hazm, o último membro de uma família próspera antes da guerra. Os pais de Khadija, agricultores e colhedores de frutas. Todos conheciam o preço da insubordinação. Ninguém ali se arriscaria.

Continuei parada, meus olhos fixos numa lanterna tremeluzente quando um droide se posicionou em minha frente, inclinou-se e escaneou o meu rosto.

O barulho que fez em seguida não foi o apito breve, mas um tinido, como um alarme. Ele continuou inclinado em minha frente, congelado como se estivesse confuso.

Meu coração acelerou; diferente nunca era um bom sinal. Diferente significava vathekeses derrubando sua porta no meio da noite.

Olhei a porta pela qual entravam, depois, a saída dos fundos. Eu não conseguiria fugir correndo e, provavelmente, isso custaria a vida de amigos que viessem correndo atrás de mim.

— Leve-a — disse um dos droides.

— Não! — Husnain abriu caminho pela multidão e se posicionou ao meu lado. — Você não pode levá-la.

Sem qualquer aviso, o droide ergueu uma pistola laser do quadril e mirou-a na testa dele. Aquelas pistolas serviam para atordoamento ou aniquilação, e os droides nunca utilizavam a primeira função. Seria fácil continuar congelada, gritar, ceder. Mas, embora Husnain fosse o mais velho, eu sempre tomei conta dele.

— Pare — ordenei, novamente, com a voz firme, e me coloquei em frente dele. — Não há necessidade de violência.

— Você vai vir conosco — disse o droide, sem abaixar a arma.

Escondi minhas mãos trêmulas nas dobras da saia e balancei a cabeça.

— Diga o que quer comigo. Eu tenho direitos. — Mesmo ao dizê-las, as palavras soaram vazias. Eu não tinha direitos, claro. Era uma garota pobre, de uma lua sempre esquecida. E jovem, sem nenhuma das marcas em meu registro que provavam minha lealdade aos vathekeses.

— Você virá conosco por bem ou por mal — disse o droide.

— Não vou — respondi. Tarde demais para perceber minha tolice. Não se enfrentava os vathekeses, e muito menos seus droides, que não seriam convencidos com apelos ou demonstrações emotivas. Eu conseguia sentir o sangue fluindo pela ponta dos meus dedos, conseguia quase ouvir as engrenagens girando dentro do droide quando ele voltou sua atenção para Khadija.

Não houve nenhum barulho quando a pistola laser foi disparada, apenas a repentina perda de força na mão de Khadija ao redor da minha. Seus dedos deslizaram para longe dos meus, e seu corpo caiu para frente. Os joelhos dela atingiram o chão, então, ela caiu de lado, com os olhos abertos em choque.

Ela vestia uma roupa branca com bordados verdes para a cerimônia. Vermelho floresceu em seu ombro, como uma flor, manchando as linhas verdes que se espalhavam por seus braços, que estavam desalinhados, tortos como os de uma boneca, numa pose que eu nunca vira antes. Seu cabelo preto, que estava solto naquela noite, espalhou-se ao redor da cabeça dela, escuro como a noite, escondendo seu rosto de mim, como uma mortalha.

Eu não conseguia respirar. Meu coração batia rápido demais, meus pulmões encolheram e meu corpo ficou anestesiado.

O sangue do braço se empoçava debaixo dela.

A mãe de Khadija foi a primeira a gritar. Então o caos se espalhou. Não consegui pensar, e apenas me movi porque Husnain me puxou para trás e me obrigou a correr. Ele não era rápido o suficiente — ninguém nunca escapara dos vathekeses.

Uma mão metálica envolveu o meu braço esquerdo, e eu parei repentinamente.

— Não — gritei, mas era tarde demais. O droide segurou os ombros do meu irmão e jogou-o para a outra metade do átrio. Ele pousou contra a fonte com um som de gelar o sangue, então caiu no chão, imóvel.

— Me solta! — Lutei contra meu captor, tentando chegar em meu irmão enquanto todos corriam gritando, reunindo os filhos, tentando escapar. Não consegui ver o resto da minha família. Apenas Husnain, caído de bruços sem se mover, ignorado por todos.

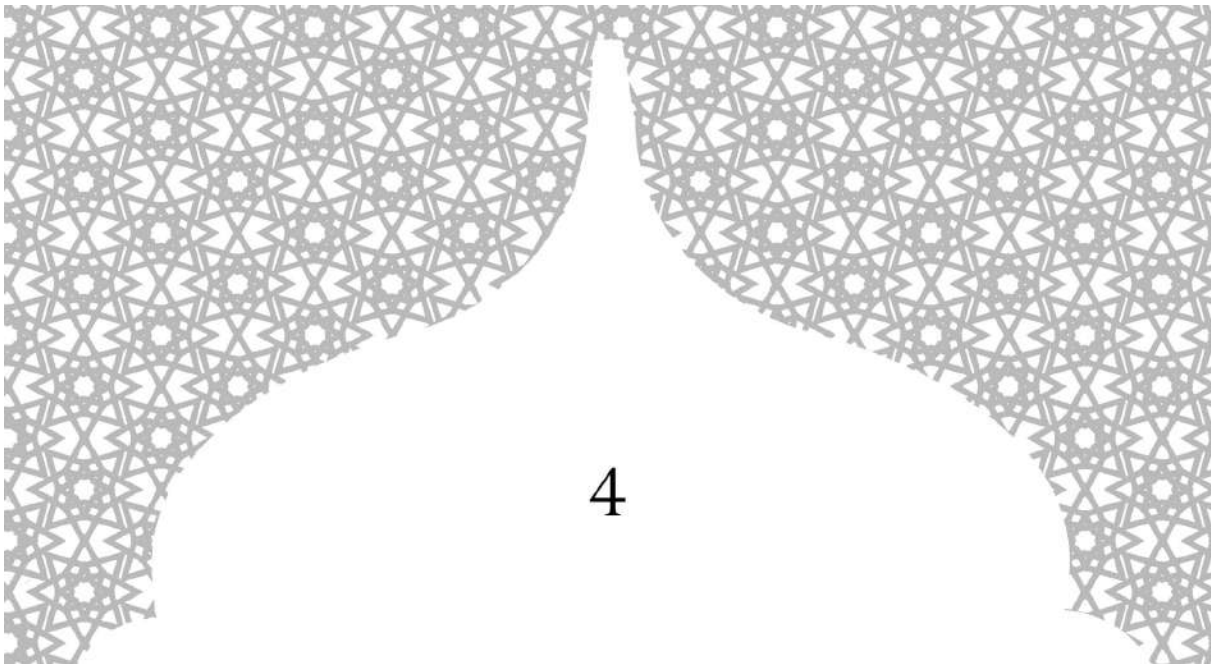
Gritei mais uma vez, mas os droides me arrastaram para longe mesmo enquanto eu me debatia e gritava o nome do meu irmão.

— Husnain! — Minha garganta ficou rouca com os gritos, mas ele não se levantou, e ninguém parou para ajudá-lo.

Fui arrastada por uma rampa até uma nave vathekesa, e minha última visão de casa foi a casbá, iluminada pela faísca de uma chama que um droide ateara assim que as portas se fecharam.

Ziyaana,
Andala





Sempre sonhei em sair de Cadiz e visitar outros sistemas estelares em nossa galáxia. Só nunca pensei que seria levada contra minha vontade. Fui arrastada pela construção e empurrada para dentro de uma nave, quieta e entorpecida, até finalmente me depositarem em uma cela.

Meu corpo todo doía, e minha visão perdeu o foco com as lágrimas não derramadas. Abaixo de mim, havia um chão de vidro, turvo e cinza. No entanto consegui ver onde eu estava — e para onde ia.

Cadiz desapareceu e ficou para trás, e Andala, nosso planeta natal, cresceu minuto a minuto diante de mim. Envolvi-me em meus braços, tentando conter o pânico. Rezei fervorosamente para que minha família tivesse sobrevivido ao incêndio na casbá. Eu não compreendia. Não conseguia compreender por que me levaram, ou com qual propósito.

Não conseguia me distanciar da imagem de Husnain deitado imóvel na debandada, nem do som que seu corpo fez quando atingiu a pedra. Ele estava bem? E meus pais? Será que Aziz tinha conseguido tirá-los de lá? E Khadija? O laser da arma tinha acertado seu braço, não seu peito; deveria apenas intimidar, não

matar. Mas ela perdera muito sangue... Minha mente não parava de girar, indo de um pensamento a outro, tentando assimilar o que havia acontecido, esperando o melhor.

Os vathekeses me pegaram, por uma razão desconhecida. Minha família e aldeia estavam seguras.

Eles estavam seguros.

Pelo menos, foi isso o que repeti a mim mesma, mas eu não sabia se realmente acreditava.

Horas se passaram enquanto eu encarava o planeta que estava cada vez mais próximo. Por fim, a nave desacelerou, e correntes de nuvens e névoa engoliram minha visão. O chão voltou a ter uma cor metálica e imponente quando a porta sibilou e abriu. Enrijeci, esperando que o droide imperial entrasse. Mas, em vez disso, uma garota andalã esperava na porta. Ela estava vestida como eu, num cafetã longo, bem ajustado nos pulsos, com um colete curto. Ela puxou o véu que cobria o cabelo vermelho e a pele marrom cheia de sardas.

— Amani?

Eu não disse nada.

— Sou Tala — disse ela. — Você deve me seguir.

Ela me levou até um jardim que parecia se estender para sempre, repleto de grama macia e podada, que balançava gentilmente com a brisa. Fiquei boquiaberta com a paisagem ao meu redor enquanto Tala me guiava por uma alameda de mármore polido em direção ao centro do jardim. Arcos listrados de vermelho e branco delimitavam o caminho, e suas colunas de alabastro brilhavam. O canto dos pássaros preenchia o ar, e pavões de cores vivas desfilavam pelas trilhas. O ar estava perfumado com o aroma de incenso e flores, e fazia mais calor do que eu jamais havia sentido em Cadiz.

Eu seria uma tola se não reconhecesse os pavilhões e mosaicos que indicavam onde estávamos: Ziyaana, o palácio imperial de Andala. Por séculos, ele fora o lar de nossa realeza, reis e rainhas andalões. Tinha sido o último lugar a ser tomado pela ocupação. Agora, o palácio era o abrigo do rei vathekês e de sua nova corte.

— Você poderia me explicar o que estou fazendo aqui? — perguntei, lutando para que minha voz não tremesse.

— Venha — disse ela, sem responder. — A comissária do rei, Nadine, está esperando por você na ala leste. Ela vai ser a sua tutora. Seja cuidadosa... ela faz parte dos Altos Vathekeses.

Engoli em seco. Se alguém da Alta Vathek estava envolvido com o ataque à casbá, então meu fim seria sombrio. Eles eram parte do alto escalão dos nossos conquistadores, raramente vistos longe da capital e quase nunca sozinhos. A classe deles era marcada pelo cabelo prata desbotado, tornando-os facilmente reconhecíveis.

— E depois?

Ela não disse nada.

Tala me guiou escada abaixo, atravessando uma infinidade de câmaras arejadas. Uma brisa passou, esvoaçando cortinas leves e revelando treliças de madeira escura, câmaras acolchoadas e pilares entalhados. Mas tudo estava silencioso — os sons dos pássaros cantando e da água fluindo haviam desaparecido.

Então, chegamos a outro pátio. Havia pouquíssima grama, e qualquer vegetação por perto estava em vasos estranhos. Uma fonte murmurava no centro, e ao lado, à esquerda, havia uma mesa muito acima do chão. O conforto e o luxo andalão finalmente deu lugar ao esplendor higienizado dos vathekeses. Nenhuma vida, nenhum aconchego... apenas pedra e água.

Uma mulher com cabelo prata brilhante, a marca dos Altos Vathekeses, estava sentada à mesa. Uma pilha de tabuletas e um leitor de hologramas em sua frente. Seus traços eram fortes: maçãs do rosto marcadas, um nariz afiado e uma boca fina que não parecia feita para sorrir.

— Vossa Senhoria — disse Tala, em vathekês. — Trouxe a garota.

Sua Senhoria, Nadine, não disse nada e continuou a trabalhar.

Tala se manteve completamente parada, como se aquilo fosse rotineiro para ela. Minutos, dezenas de minutos, e então talvez horas, passaram. Esforcei-me para continuar em pé, com os nervos cada vez mais à flor da pele conforme o tempo passava. Minha mente corria pelas histórias que eu já ouvi e meu pânico só aumentava.

Próximo ao fim da guerra, nossa lua era um protetorado governado por um dos Altos Vathekeses. As montanhas que

circundavam o nosso vale abrigavam alguns dos últimos rebeldes, e a Alta Vathek os caçou sistematicamente, fazendo deles exemplos. Eu ainda não tinha nascido, mas as cicatrizes do mandado dele permaneceram. O pé coxo de Adil. A aldeia vazia a três quilômetros ao sul da nossa. A aldeia ao oeste, onde sobrou apenas uma habitante kushailana e a filha, as duas com cabelos pratas e olhos azuis.

— Você fala vathekês?

Quase saltei com o som da voz de Nadine. Minha boca se abriu e fechou enquanto eu tentava me trazer de volta ao presente.

— Sim.

— Onde você aprendeu?

— Na escola — respondi, por fim.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— Você fala outras línguas?

— Kushailano — murmurei.

Aquela era a língua nativa de nossa lua antes da ocupação vathekesa. Aqui, na capital, costumava ser a língua da realeza. Agora, se alguém fosse pego a falando, atiraria a ira de qualquer vathekês que estivesse em seu caminho. Se um droide ou um membro da Guarda o pegasse, as chances de tomar uma surra e ser jogado na cadeia eram altas. As leis galácticas diziam que nenhuma língua nativa podia ser proibida, e todas as muitas populações de Andala se orgulhavam da língua mãe. Contudo os vathekeses pareciam determinados a arrancarem nossa língua à força, particularmente o kushailano, independente de qual fosse o preço.

Nadine bufou em desprezo.

— Você tem alguma habilidade?

Ouvi a voz de Husnain me dizendo para praticar poesia. Vi meu pai curvado sobre as plantas na estufa me ensinando a cruzar espécies. O rosto de minha mãe, vermelho e suado na cozinha enquanto me ensinava a preparar pão.

Eu não podia fechar os olhos — não podia demonstrar fraqueza. Então peguei cada uma daquelas lembranças, dobrei, embrulhei e as empurrei para longe.

Balancei a cabeça mais uma vez. Nada disso importaria para ela.

Nadine entrelaçou as mãos sobre a mesa e se reclinou, como se não acreditasse em mim. Eu não saberia dizer se ela se satisfazia em me questionar, em me ver tão claramente assustada, mas parecia que sim. Quando não ofereci uma resposta, ela não disse nada, e o silêncio se demorou entre nós.

— Acho que não importa — disse ela e se levantou. — Vamos descobrir de uma maneira ou de outra. Cubra o rosto dela, Tala. A costureira está vindo.

Tala correu para estender um véu sobre o meu rosto, e logo uma costureira correu para o pátio e começou a me medir. Eu viveria. Mas saber disso não me trouxe nenhum alívio. Por que eu precisava de roupas novas? Quem me veria nelas? Por que meu rosto precisava ficar coberto?

O que queriam comigo?

— Verifique a agenda de Agron nos próximos dias — Nadine instruiu Tala. — A temporada de bailes está chegando... ele pode estar ocupado por semanas.

— Sim, Vossa Senhoria. — O rosto de Tala se manteve impassível, e ela se recusou a me olhar nos olhos.

— Pode ir. Mandarei chamá-la quando eu terminar com ela.

Tala não olhou para mim quando saiu, com a costureira logo atrás.

Fiquei parada no pátio enquanto Nadine analisava diversas tabuletas e as passava para o droide atrás dela. Era cedo quando fui convocada, mas o tempo se arrastou enquanto eu esperava para ser liberada.

Eu não fui liberada.

Os minutos viraram horas, e as sombras no pátio cresceram com elas. Eu conhecia a paciência, estava acostumada com trabalhos exaustivos de colheita de frutas no pomar, que geralmente fazíamos do nascer ao pôr do sol. Mas logo minhas costas e pés começaram a doer. Eu não dormia ou comia desde o fim abrupto de minha noite de maioridade, e me sentia tonta, desorientada pelo véu que escondia meu rosto e afunilava meu campo de visão.

Então, de repente, pareceu que até mesmo o chiado do droide parou. Nadine repousou sua caneta e se colocou a postos. Fiz o mesmo enquanto passos rápidos e precisos ecoaram no pátio.

Nadine se levantou do assento e passou por mim.

— Continue aqui — disse ela, palavras breves e afiadas, e desapareceu atrás da vegetação na outra extremidade do pátio.

— Como sempre — ouvi — é um prazer, Vossa Alteza.

Meu coração acelerou. Pude ouvi-las murmurar uma com a outra: Nadine e alguém da realeza. Não havia muitos membros. O rei vathekês, rei Mathis, teve apenas uma filha com a noiva andalã: princesa Maram. Os rumores diziam que ela era tão cruel e vathekesa quanto o pai, apesar de ser metade kushailana. A rainha do rei Mathis morreu doente durante a Expurgação — a exterminação sistematizada dos Salihi, a mais poderosa família de andalões, que resistiram à ocupação vathekesa.

— Ajoelhe-se — disse Nadine, atrás de mim.

Eu me ajoelhei desajeitadamente.

— Bem, esse trabalho é perfeito para você, não é? — disse uma segunda voz. Parecia culta e firme, como se a dona da voz estivesse acostumada a abater pessoas apenas com ela.

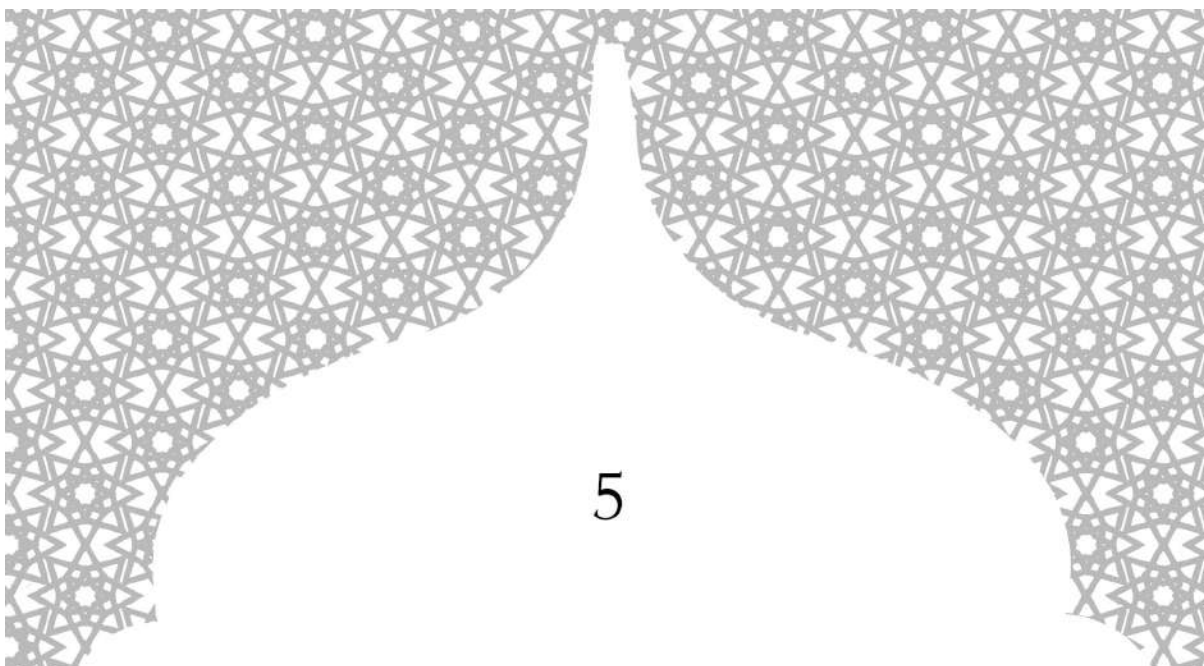
Podia sentir o olhar que abria buracos na parte de trás da minha cabeça, e ouvi o som de saias esvoaçando e de joias tilintando quando ela caminhou num grande círculo ao meu redor. A parte debaixo da saia dela era vermelho escuro, bordada e enfeitada com preto. Penduradas no cinto dourado havia correntes longas e finas, que balançavam e batiam uma contra a outra, conforme ela entrava no meu campo de visão.

Meus olhos encontraram os dela, e emiti um som que era uma mistura de choramingo com risada. Olhar para a garota na minha frente era como olhar em um espelho: eu via a minha boca no rosto dela, e os olhos escuros, apesar de contornados em kohl, eram idênticos. O mesmo queixo, as mesmas bochechas, ainda que as dela fossem mais cheias, arredondadas pela riqueza.

Ninguém em Cadiz havia visto uma imagem da princesa, não por um longo tempo — seu pai a mantivera escondida em Luna-Vaxor, o planeta natal dos vathekeses, longe do perigo e dos olhares. Mas naquele momento eu sabia que, na minha frente,

estava Sua Alteza Real, Maram vak Mathis, Alta Princesa dos vathekeses.

E ela era exatamente igual a mim.



Com movimentos suaves e graciosos, a princesa se aproximou e puxou o meu véu, deslizando uma das mãos para debaixo do meu queixo. Ela se parecia com a rainha que um dia seria, colocando-se acima de mim, agarrando preguiçosamente as dobras do vestido pomposo. A luz do sol reluzia em seu cinto dourado e nos anéis que usava. Éramos iguais, pensei, mas não éramos. Ela vestia mais riqueza do que pensei conseguir ver na vida toda. E enquanto eu ainda mantinha o aroma de uma garota de aldeia, a princesa cheirava a óleos adocicados e incenso. Os aposentos dela deveriam ser perfumados com bukhoor, o cabelo lavado com sabões doces e os cafetãs guardados com aromatizante de rosas envolto em cetim.

Foi tolo da minha parte olhá-la nos olhos — afinal de contas, ela era uma princesa. Mas parecíamos uma fascinada pela outra, e quanto mais tempo nos encarávamos, mais doloroso o aperto de sua mão ao redor do meu rosto ficava. Esforcei-me para não me livrar da mão dela.

A princesa, ouvi dizer, foi criada no planeta natal dos vathekeses depois da morte da mãe, junto com parentes do pai. Ela puxou completamente o lado vathekês da família, ou assim as histórias contavam, cruel tanto com a família quanto com os amigos. Ela

empobreceu de propósito os primos que a aborreceram. Duas semanas depois de seu retorno a Andala, uma de suas damas de companhia apareceu com o rosto desfigurado como punição por falar fora de hora. O ódio que nutria pelo povo da mãe e o legado dele era conhecido. Ela não falava nem lia kushailano e, frequentemente, ridicularizava o idioma quando ele era utilizado perto dela.

Apesar de jovem, e de metade do sangue dela pertencer a nós, esperávamos que ela apenas continuasse o reinado do pai quando assumisse o poder.

— Por que você acha que está aqui e não em casa? — a princesa perguntou suavemente.

— Estou aqui porque me trouxeram aqui, me sequestraram — respondi, deixando certa raiva transparecer em minha voz.

Ela apertou minhas bochechas dolorosamente, e respirei fundo.

— Não brinque comigo — disse ela. — Não estou com paciência.

— Não sei por que estou aqui — contei a ela, embora não fosse uma verdade completa. Eu sabia, ou achava que sabia. Minha mente se agitava com ideias de situações onde poderiam me usar, uma simples filha de agricultor, no lugar da princesa. Pensei novamente nos droides invadindo nossa casbá, escaneando os rostos de todas as garotas na aldeia que chegaram à maioridade. Não foi azar eles terem me levado. Estavam procurando por mim, por um reflexo de Maram, o tempo todo. Provavelmente em toda Cadiz e em todas as outras luas de nosso sistema.

— Não sei, Vossa Alteza — corrigiu-me, e sacudiu meu queixo, com raiva. — Repita.

— Não sei, Vossa Alteza — repeti, tentando igualar o tom ao dela.

— Que cópia adorável você é — disse ela. — Poderiam até pensar em perdoá-la por se parecer tanto comigo.

— Eu não escolhi me parecer com você — argumentei, baixinho.

A expressão dela foi de raiva acumulada para algo pior, mais cruel. O ar se expandiu e se retraiu entre nós, até ela soltar meu queixo. Ela se moveu com rapidez, como uma víbora, e me atingiu

com as costas da mão cheia de anéis. A dor foi rápida e quente; irradiou pela minha bochecha e minha mandíbula, espalhando-se como um incêndio, amplificada pelo gosto amargo de ferro na minha boca. Virei a cabeça lentamente e agarrei minhas saias o mais forte que pude.

Quando nossos olhos se encontraram, o espectro de um sorriso sumiu em um instante do rosto dela. Ela parecia quase satisfeita, o que me aterrorizava mais que a raiva que demonstrou antes.

— Nem eu — disse ela, finalmente, sua voz equilibrada. — Ainda assim, estamos aqui... uma garota miserável e uma futura rainha. Agora, responda a minha pergunta.

— Eu não sei, Vossa Alteza — repeti.

Ela curvou os lábios.

— Sua Alteza foi abençoada com uma suplente — disse Nadine.

— Não sou uma suplente — sibilei.

A satisfação da princesa cresceu e se transformou em triunfo. As minhas entranhas afundaram quando percebi que pisei na armadilha que ela armou para mim.

— Os vathekeses têm uma história sobre um homem chamado Alexius, que irritou o deus deles — começou Maram, com sua boca se curvando em um sorriso preguiçoso. — Ele foi amarrado no topo de uma montanha e serviu de comida para as aves de rapina. Todos os dias, bicavam-no, até ele morrer — continuou ela, e começou a me rodear. — E, todas as noites, o deus curava o corpo dele para que essas mesmas aves pudessem se banquetear ao nascer do Sol.

Tentei manter o controle da minha respiração e os olhos em um ponto fixo do chão. Independentemente do que ela tivesse planejado, eu não me acovardaria. Ela não poderia me obrigar a nada.

Maram assobiou, um som fino e agudo, e ergueu o braço direito. Pela primeira vez, notei as longas luvas de couro que ela usava. O som do bater de asas soou no ar, aproximando-se cada vez mais.

Para crédito dela, Maram não recuou nem titubeou quando o roca pousou em seu braço. O pássaro tinha, no mínimo, metade do peso dela, e quando ele abriu as asas para se equilibrar, mostrou-se tão alto quanto a própria princesa. Suas garras e bico eram brancos

como osso, um contraste gritante com o preto da noite de sua plumagem. Ele me encarou com um dos olhos, tão escuro quanto as penas, sem piscar e fixou em mim como se eu fosse uma presa.

Engoli em seco.

— Nadine costumava me contar histórias — disse Maram. Ela acariciou o peito do animal, e ele gorjeou, era um som arrepiante vindo de uma criatura como aquela. — Os rocas costumavam ser grandes o suficiente para carregarem homens adultos como alimento para seus ninhos.

Quando olhei nos olhos dela, o sorriso cresceu. Medo percorreu o meu corpo, mais veloz do que o meu sangue, e deixou tudo em segundo plano. Não me assustei quando ela ergueu o braço, e o roca se lançou de volta ao ar, mas não importava. Manter minha compostura não impediria o que eu sabia que estava por vir.

— Você vai aprender muitas coisas importantes em Ziyaana — disse ela. O sorriso parecia gentil naquele momento, quase amigável. Havia uma covinha em sua bochecha esquerda. — Sua primeira lição: nunca se atreva a me responder.

Ela deu dois assobios breves e fortes. A sombra do roca cresceu enquanto ele circulava o teto. Então, soltou um grito furioso e mergulhou com as asas rentes às laterais do corpo.

Não consegui impedir o grito de horror que irrompeu de minha garganta.

Estive na presença de diversos falcões ferozes e outras aves assim em Cadiz, observei-os destroçarem presas e se banquetear com uma fascinação longínqua. Nunca me uni às presas, nunca imaginei que encontraria as garras, o bico e o medo. Em nossa aldeia ou em nossa lua, se alguém se parecesse ou lembrasse uma presa, essa pessoa não sobreviveria.

O roca ficou em silêncio quando suas garras atingiram e cravaram meus ombros. Elas se cerraram, atravessando carne e osso, antes de me levantarem e me arrastarem por diversos metros. Ele não era grande o suficiente para me erguer mais do que alguns centímetros, mas quando a terra desapareceu debaixo de mim, gritei mais alto do que antes.

O pouco de compostura que me restava desapareceu quando ele me derrubou sobre os joelhos. A maior parte do vestido já estava

ensopada de sangue, e senti o rastejar pesado e lento de ainda mais sangue jorrando dos ferimentos. Eu me contorci no chão, chorando.

Nós aprendemos um tipo diferente de medo ao crescer em uma aldeia como a minha. Medo da fome. Medo dos droides imperiais. Medo do zunido baixinho que acompanha as sondas do império. Mas esses medos nos ensinam a persistir: poderíamos deixar que essa presença constante nos abalasse, ou poderíamos aprender a nos posicionar independentemente dela.

Só que nunca aprendemos algo como isso. Eu nunca havia sentido um terror de estremecer os ossos porque um roca se aproximava para uma segunda chance de pregar minha carne. Nem o medo associado aos passos suaves de um sapato no chão de um pátio.

Obriguei-me a encontrar os olhos dela quando Maram se posicionou sobre mim. Dessa vez, não consegui ler sua expressão. Era desorientador olhá-la e não entender o que as feições que eu conhecia tão bem em meu próprio rosto queriam dizer quando estavam no rosto dela.

— Que criatura encardida e patética você é — disse ela, finalmente.

Apesar das minhas feridas, sorri.

— Já se olhou no espelho, Vossa Alteza?

Ela me bateu mais uma vez, e antes que eu caísse, segurou-me pelo ombro e me apertou. Gritei de dor e ela apertou com ainda mais força, crescendo-se sobre mim com seu rosto sombrio.

— Você não vai rir nos dias que virão — prometeu ela. Eu não disse nada, mas esperei que a princesa tivesse enxergado minha determinação.

Ela me soltou e me jogou para longe, emitindo um som de repugnância. Sua aparência formava uma figura macabra, com os dedos e o vestido cobertos de sangue.

— O rei valoriza a vida da filha — começou Nadine, desinteressada em nós duas. — E com frequência, ela tem estado sob ameaça. Ela raramente pode sair de Ziyaana, por medo dos ataques de rebeldes. — Segurei minha língua, mas não me surpreendi por ela incitar tanta ira. — A aproximação de seu décimo

oitavo aniversário e a confirmação de sua herança exigirão mais aparições públicas. Nosso rei ordena que você arrisque sua vida quando ela não puder. Você treinará e se tornará Sua Alteza Real. Você vai falar como ela, andar como ela. Você vai, até mesmo, respirar como ela.

— E se eu não fizer isso? — perguntei, tentando manter a repulsa sob controle.

— Você vai fazer — disse Nadine.

— Se quiser viver — complementou Maram, com um sorriso arrepiante.

* * *

Concentrei-me na caminhada, em colocar um pé em frente ao outro, ao mesmo tempo em que um droide me levava dos fundos do pátio à lateral do palácio, por onde eu havia chegado em Ziyaana. Não passamos por ninguém, nem mesmo por outros droides. Ninguém deveria me ver, eu concluí. Ninguém deveria saber de minha semelhança com Sua Alteza.

Bem quando eu senti que estava prestes a desmoronar, o droide me mandou para dentro de um conjunto de aposentos onde Tala esperava com uma pequena mesa a frente dela e uma cama acolchoada logo atrás. Ela se levantou, com o rosto pálido e sem cor. Seus olhos estavam arregalados, e suas mãos tremiam.

— Dihya — expirou ela, e me segurou pela cintura enquanto eu cambaleava.

Gritei, e a dor irradiou pelo meu corpo. Quando ela afastou uma das mãos, estava coberta de sangue.

Ela murmurou uma prece breve em kushailano, e me ajudou a deitar na cama.

— Obrigada, Unidade 62 — disse ela ao droide.

— Sim, cidadã — ele zumbiu, e então se foi.

Ela trabalhou lenta e meticulosamente, enquanto eu olhava para o nada. Sangrei por tanto tempo que o tecido havia grudado em meus ferimentos. Ela limpou o meu ombro cuidadosamente com uma esponja até finalmente conseguir soltar o vestido da minha pele. Então, ela limpou os ferimentos e os envolveu com um tecido branco e brilhante. O tecido estava quente e causou uma breve

ardência antes de afundar nas feridas como se nunca tivesse estado ali.

Eu sabia que não era por bondade. Ela estava me curando para que eu pudesse cumprir meus deveres, para que eu pudesse retornar a Maram e ser punida novamente. Encolhi-me quando os dedos gelados de Tala encostaram em meu queixo e virei o rosto para ela. Nossos olhos se encontraram.

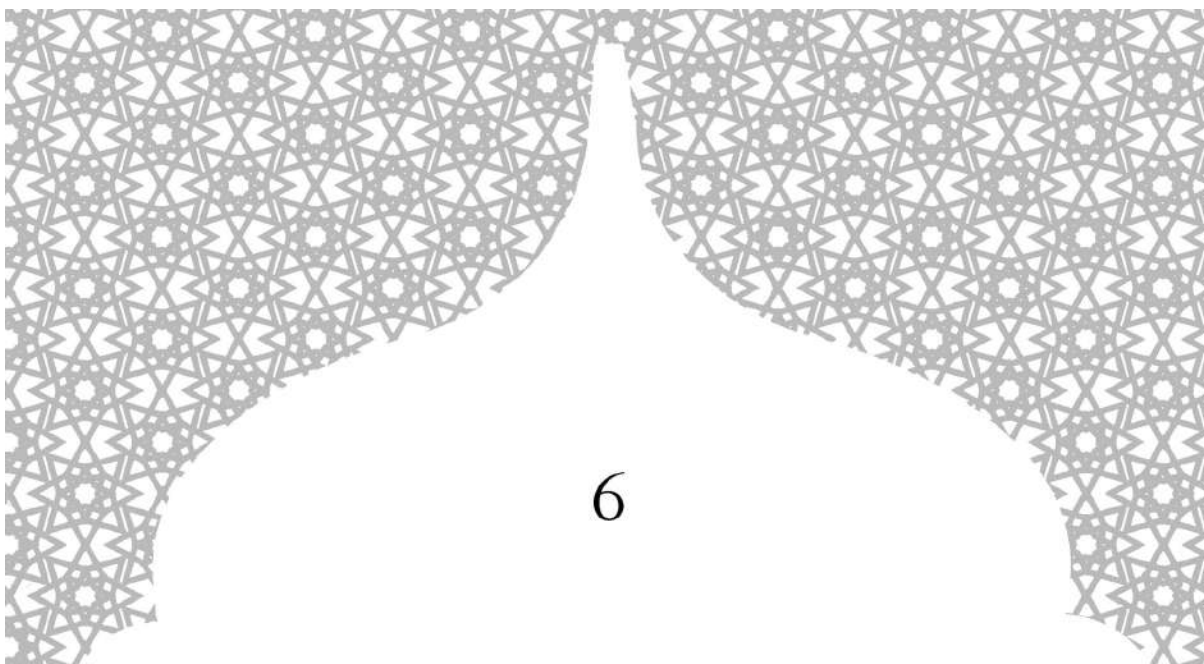
— Vai demorar um pouquinho para as feridas cicatrizarem — disse ela, depois de lavar o meu rosto. — Você pode tomar um banho. Os curativos aguentarão. Mas seria melhor se você dormisse de barriga para baixo.

As mãos dela estavam cobertas de sangue. Eu a observei mergulhá-las numa tigela com água turva e vi o líquido ficar ainda mais escuro. De quantos outros ela teve de cuidar nesse estado, perguntei-me. Quantos foram necessários para ela aprender aquele olhar frio e vazio? Para aprender a se manter distante? Eu acabaria do mesmo jeito que eles?

— Esses são os seus aposentos. Você pode usar a suíte e o pátio adiante. Mas não pode ir além do portão oeste, entendido?

Nossos olhos se encontraram pela segunda vez. Alguma emoção passou pelo rosto dela, mas logo desapareceu.

— É uma lição difícil — disse ela, abaixando a voz até se transformar em um sussurro. — Mas é melhor aprendê-la cedo. Não tem como escapar do que eles querem. Apenas sobreviver.



Amanhã chegou para mim com sustos e sussurros. Pude ouvir uma brisa suave atravessar as cortinas, uma porta chacoalhando, finas correntes estremecendo. Não ouvi o canto dos corvos nem dos galos ao amanhecer, ou o caminhar de nossa velha cabra em seu pasto. Também não ouvi meus pais no andar de baixo. Ou o gentil chamado do meu pai para a prece, uma tradição que ele insistia que mantivéssemos, apesar do perigo.

Não consegui abrir os olhos nem me mover. Meu corpo todo doía, e demorei para me livrar do pesadelo que tive. Mas se não me levantasse em breve, minha mãe viria, brigaria comigo e me lembraria de que eu havia concordado em ordenhar a cabra rabugenta quando a compramos. Pior, era responsabilidade minha recuperá-la quando escapava, o que parecia ser uma possibilidade dado o silêncio dela tão cedinho.

— Mamãe — eu resmunguei. Minha cama parecia feita de ar, e meu corpo todo estava aquecido com o calor retido de baixo das cobertas. — Mamãe — disse, mais uma vez, e me forcei a sentar, então congelei.

Não foi um pesadelo.

O droide, meus ferimentos, a princesa... tudo foi real. Eu estava em Walili, capital de Andala, dentro de Ziyaana, o palácio real.

Minha mente se apagou com o medo. Eu mal havia sobrevivido a minha primeira noite ali. Como eu lidaria na noite seguinte e na próxima e na próxima, isso sem contar com o que aconteceria quando eu assumisse o papel de suplente de Maram. Curvei-me sobre a cama, lutando contra as lágrimas.

Alguém esteve mais cedo em meu quarto e deixou chá e pão. Pendurado num gancho na entrada do quarto, estava um cafetã creme e marfim. Imaginei que, para as damas ricas de Ziyaana, deveria parecer simples — o pouco que havia de bordado com pedras estava restrito ao redor do pescoço e às extremidades das mangas do casaco. Mas era ornado e delicado, as pedras reluziam douradas e prateadas, e o tecido era leve e se ondulava em meus dedos como água. Valia mais do que a propriedade da minha família, eu tinha certeza.

Tomei um banho e me vesti, com cuidado para não acertar as feridas, bem a tempo de Tala aparecer, silenciosa como um fantasma.

Ela vestia um cafetã parecido com o meu, embora o dela fosse preto, e as mangas e lapelas do casaco tinham bordados brancos. Ela também usava um cinto antiquado de veludo sobre o vestido e a jaqueta.

— Venha — disse ela, apontando para uma penteadeira e algumas almofadas. — Temos pouco tempo, e preciso deixá-la apresentável.

Sentei-me com cuidado e a observei trabalhar em meu cabelo. Ela deve ter sido dama de companhia da filha de alguém da makhzen que trabalhava nos baixos escalões do novo governo. Os dedos dela se moviam habilmente enquanto passava óleo e repartia meus cabelos bem grossos e cacheados. Eu esperava que ela simplesmente se livrasse dos nós, mas, em vez disso, enrolou fios dourados e prateados nas tranças, e, então, fez uma longa trança com o restante do cabelo.

— Brincos — ordenou ela — e um colar. Aqui. — Ela abriu um pequeno armário, e uma caixa ainda menor de joias, e escolheu um par de brincos dourados com pedras verde-escuras e um colar

combinando. Colocou três anéis na minha mão sem dizer nada e esperou que eu os colocasse nos dedos.

— Acho que as joias são as menores das minhas preocupações — comentei. Ela não teve resposta para isso.

* * *

Tala não me acompanhou ao jardim de Nadine. O droide de ontem — Unidade 62 — me escoltou em seu lugar. Não pediram que eu me levantasse quando me ajoelhei para cumprimentá-la, então continuei de joelhos, com os olhos fixos no chão frio de pedra. Nadine não disse nada; trabalhava como no dia anterior, metodicamente e sem distrações. Tudo parecia demais com os acontecimentos do dia anterior para que eu conseguisse não me preocupar, mas mantive as mãos firmes e as costas retas.

O som afiado dos passos de um salto no chão anunciou a chegada da princesa.

Maram apareceu, com uma nuvem de tecido rosa e preto ondulando atrás dela. Se alguém pensou que o rosa pudesse suavizar seus traços, fazê-la parecer mais doce ou gentil, o colarinho bordado com pedras pretas desfazia todo o efeito. O cabelo dela se espalhava pelos ombros, sem qualquer enfeite dourado ou precioso, e havia um único, mas enorme, bracelete adornado com uma pedra preta gigante no pulso esquerdo. Ela parecia irada e cheia de fúria. Os olhos dela estavam delineados pesadamente com kohl, e quando se virou para me observar, abaixei o olhar e contive um tremor.

Ela teve o cuidado de manter o rosto inexpressivo, os passos precisos, mas as juntas dos dedos estavam brancas onde segurava o vestido. Ela se sentou ao lado de Nadine e gesticulou para que eu me levantasse.

— Vossa Alteza — murmurei. Ela não respondeu.

Quando arrisquei um olhar, ela me encarava, como se me achasse tão estranha quanto eu a achava.

— Você a limpou — disse ela, por fim, e me chamou para perto. Quando me ajoelhei aos seus pés, ela agarrou o meu queixo, e suas unhas feitas afundaram em minhas bochechas. — A semelhança...

Supus que, com meu cabelo penteado para trás, e enrolada num tecido novo e caro, ela pôde ver mais claramente as semelhanças entre nós.

Semelhanças, não, pensei. Éramos quase gêmeas.

— Que barbárie — disse ela, e estremeci. — Pensei que tivéssemos proibido essas coisas.

— Entre a nobreza, sim — disse Nadine. — Mas não nos importamos com o que os selvagens fazem. — Chocada, percebi que ela estava falando de minha daan.

Minhas bochechas esquentaram enquanto eu lutava para manter a boca fechada. A mãe dela tinha orgulho das marcas no rosto, assim como a avó, a Sultana Viúva, que sobreviveu à ocupação, mas passou a viver isolada do mundo. As tatuagens foram proibidas entre a makhzen, mas eram um costume tribal valorizado, e não apenas entre os kushailanos.

Queria perguntar como ela passou a odiar tanto a sua descendência. Como ela se tornou tão completa e inteiramente o pai.

— Vamos dar um jeito no rosto dela, claro — adicionou Nadine.

Uma náusea me tomou rapidamente. Eu sabia o que elas pretendiam.

— Vocês não podem — argumentei, e odiei a hesitação em minha voz.

Maram não respondeu, mas manteve o olhar fixo na tinta em minhas bochechas. Ela parecia quase serena naquele momento, embora planejasse tirar a única coisa que ainda era verdadeiramente minha. Minha daan significava tudo — minha família, minha fé, minha herança.

Era isso, então: eu seria levada, feita à imagem e semelhança de minha mestra, privada da única coisa que me separava de Maram. Eu sabia pouco sobre a princesa imperial, mas sabia que ela era metade kushailana, e que seu noivo era kushailano. Ela não os amava nem um pouco? Ou simpatizava?

— Eu imploro — sussurrei, enquanto ela apertava meu rosto com mais força.

— Ah — ela disse, e naquela expiração ouvi quão afiada era sua voz, seu ódio. — Você nunca deveria implorar por nada.

Eu queria gritar, queria que o palácio todo soubesse o que ela estava fazendo comigo. Mas então senti uma picada na base da garganta. Olhei para baixo e vi um pequeno autômato parecido com uma aranha, correndo pelo meu vestido.

A última coisa que vi foi o rosto ainda sem expressão de Maram, com os dedos brancos de uma das mãos nas dobras do vestido, observando enquanto eu tombava.

* * *

Dormi, ou pensei ter dormido, e fui assolada por pesadelos. Um forte laser se aproximando do meu rosto. Droides com formato de insetos rastejando sobre mim, encontrando os meus ossos. O murmúrio rouco de uma pequena serra. Senti calor enquanto raspavam minhas bochechas e reconstruíam minha mandíbula.

Voltei lentamente à consciência. Quanto mais me aproximava da superfície, mais escuro o mundo parecia ficar. Estava à beira do desespero, gritando em minha mente e, talvez, na vida real. Ninguém veio me reconfortar. Continuei presa neste pesadelo até finalmente acordar.

Encarei o teto, esperando que as estrelas interligadas no painel de madeira entrassem em foco. Senti meu corpo pesado como chumbo. A cama estava cheia de cobertas, e as cortinas que separavam o quarto do restante da câmara, fechadas.

Esforcei-me para sentar.

Houve um momento de completa serenidade naquela desorientação. Não conseguia me lembrar de como voltei ao meu quarto e o que se passou desde a minha última lição.

Então, levei as mãos ao rosto e senti as ataduras.

O som que irrompeu de minha garganta soou esfacelado. Eu me sentia... não poderia me sentir traída, ainda assim, era o que sentia. Retraí-me na cama, com as ataduras pressionadas contra os joelhos, e chorei. Soluços pesados e altos que sacudiram todo o meu corpo e ecoaram contra o chão de madeira do aposento. Soube, sem verificar, que a nova cicatriz em minhas costas desapareceu e minha pele foi alisada para se igualar à de Maram. Perdi uma batalha para a qual eu nunca me preparei para lutar. Tiraram de mim todas as coisas que deveriam ser minhas, com as

quais Dihya me abençoou, mas então... como eu poderia me proteger, me preservar, se não havia sobrado nada de mim?

Se tudo o que eu tinha era Maram?

Pensei na voz da minha mãe, nela penteando meu cabelo, prendendo meus cachos atrás da minha orelha. Pensei no trabalho duro que ela fazia, no rosto fino cheio de sombras, como se estivesse preparada para declarar guerra em sua pequena cozinha. Herdei muito mais da impulsividade do meu pai do que da força da minha mãe. Eu não queria nada mais do que a presença e o abraço dela, para, de alguma maneira, me passar sua coragem implacável através do toque.

Queria ver minha família de novo. Minha mãe, meu pai, meus irmãos, as anciãs da aldeia, as quais eu chamava de khaltou desde pequena. Não queria nunca mais sonhar com droides ou com Ziyaana, apenas com céus abertos e o ar da montanha. Queria saber se minha família estava segura, se Khadija estava ilesa, se Husnain estava vivo. Mais do que tudo, queria escrever minha história, livre de qualquer intervenção vathekesa.

Mas não havia fim para os tempos que viriam. Eu acordaria todos os dias como prisioneira de Ziyaana, sob a piedade de Nadine e de outros Altos Vathekeses como ela. Não importa o que eu fizesse, quão bem-sucedida fosse, as chances de ver minha família novamente eram baixas. Algum dia eu teria a chance de voltar a Cadiz? Ver meus pais ou irmãos novamente? Saber se estavam vivos ou não?

Eu queria respostas, mas ninguém ali estava disponível para me responder. Minha família, meu destino, meu lar. Estavam todos fora do meu alcance naquele momento. Talvez para sempre.

Eu estava secando os olhos quando vi, pendurado numa divisão de madeira, meu vestido de maioridade. Ele foi lavado e restaurado. O sangue e a poeira daquela noite terrível, as lágrimas da fuga e do sequestro, tudo havia desaparecido. Ergui uma das mãos para tocá-lo e senti, mais uma vez, a presença da dor alojada sob o peito.

E em uma cadeira debaixo dele, estava o maço de papéis que Husnain me presenteou na minha noite de maioridade. Prendi a respiração enquanto o encarava, sem compreender. Eu havia esquecido dele, esquecido daquele breve momento de felicidade.

Ele sobreviveu à minha viagem até Ziyaana, ao meu primeiro encontro com Maram e à restauração de Tala.

Como?

Minhas mãos tremiam ao desamarrar o barbante que segurava o maço, então puxei as páginas para fora. Um pedaço duro de papel caiu, mais robusto do que o pergaminho, com a caligrafia de Husnain:

Que essas palavras fiquem em seus pensamentos por toda a sua vida.

Mais uma vez, minha visão embaçou com lágrimas. Pensei ter perdido tudo, todas as conexões com minha família e meu passado e com as pessoas e coisas que eu amava. A caligrafia de Husnain era como um farol depois de uma longa e escura noite.

— “De penas vivas e camufladas, veio até ela e inclinou a cabeça” — recitei em kushailano. — “E afixou em sua coroa uma estrela dourada como o sol. E disse: ajoelhe-se pela Graça do Altíssimo.”

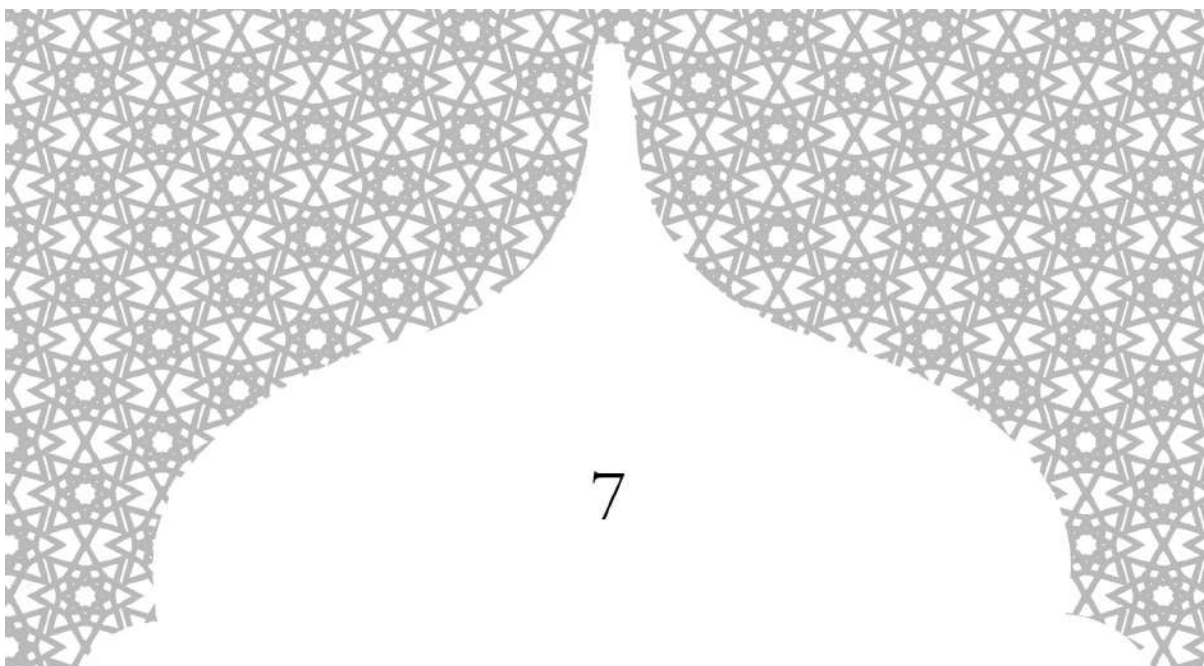
Senti as palavras me percorrerem como um relâmpago. Eu amava as histórias de Massinia mais do que quaisquer outras. Ela era a filha de uma rainha tazalghitana e, quando criança, foi sequestrada por escravistas. Massinia sofreu sob o fardo da escravidão antes de encontrar uma maneira de fugir. Eles a marcaram, espancaram e reivindicaram. Mas ela se libertou, e Dihya, então, entregou-a, recém-marcada com o toque Dele, para a mãe e sua família.

Mais tarde, o teslita que a entregou, Azoul, retornou a ela com a Palavra de Dihya, que ela transcreveu primeiro em sua pele e, mais tarde, no Livro. Sua mensagem uniu as tribos tazalghitanas pela primeira vez na história.

No jardim, a luz fraca e ilusória da lua atravessava o domo acima, e o ar estava repleto de orbes brilhantes, como um mar de estrelas moribundas. De vez em quando, um brilhava mais do que todos os outros e emitia um zumbido baixinho e infantil. Eles preenchiam aquela parte do palácio, pois eram a única fonte de luz à noite. Junto com a descoberta do presente do meu irmão, eles pareciam ser um sinal. *Esperança.*

Rezei, ardentemente, por outro sinal, qualquer coisa, que revelasse meu propósito ali. Eu não poderia abrir mão da esperança nem faria isso. Mas queria acreditar — precisava acreditar — que existia uma razão para eu estar ali, que havia significado nessa repentina mudança de destino.

A coroa de Dihya foi arrancada de mim, meu rosto mudado, meu corpo quebrado. Mas eu não era uma escrava e não era uma substituta. Eu era a filha da minha mãe, e eu sobreviveria e persistiria. Encontraria meu caminho para casa.



Nadine não se sentou à sua mesa naquele dia. Nem esperou que eu me revelasse, mas puxou o tecido que cobria meu rosto. Fixei o olhar num ponto acima do seu ombro enquanto ela girava meu rosto de um lado ao outro.

— Bem — disse ela, por fim. — Você certamente se parece com ela.

Eu não disse nada.

— Como você parece obediente agora. Venha — ela continuou. — Pode se sentar comigo.

Havia duas cadeiras na mesa, e um café da manhã servido. Hesitei.

— Vossa Senhoria? — eu disse.

— Você deve aprender a se sentar com seus superiores se for imitar Sua Alteza Real — disse ela.

— Sim, Vossa Senhoria.

Ela me lançou um olhar crítico quando me sentei.

— Você compreende os riscos do que está sendo ordenada a fazer? Não há espaço para erros.

Observei-a servir o chá.

— Compreendo, Vossa Senhoria.

— Veremos — disse ela, e apontou para a comida. — Coma.

Estendi o braço para pegar um pedaço de pão, mas, antes que pudesse tocá-lo, Nadine bateu nas costas da minha mão com uma faca. Recolhi a mão, sentindo dor.

— Vejo que precisaremos começar do início — sibilou ela. — Não está numa aldeia. Não comemos com as mãos.

— É pão — respondi, impotente.

— Você deve pedir que as coisas sejam entregues a você — disse ela. — Se não, use um garfo. Entendido?

— Sim, Vossa Senhoria.

— De novo.

Então a manhã passou. Quando o sol estava no meio do céu, minhas mãos tinham dezenas de hematomas roxos, e eu não havia comido nem perto do suficiente para me saciar. Nadine não se importava. Mandou limparem a mesa e caminhou para o centro do jardim.

— Agora — disse ela, sentando-se na costureira cadeira de encosto alto. — Você deve caminhar pela extensão do corredor.

Eu a encarei, ainda sentada.

— Você é surda, garota?

Levantei rapidamente.

— Não, Vossa Senhoria.

Eu dei três passos quando algo afiado atingiu meus tornozelos. Parei e fechei os olhos, respirando fundo.

— Você não é uma aldeã — disse Nadine, quando abri os olhos. — Você não é mais a presa. Você não deve temer nem hesitar.

Não mais a presa, disse ela, como se eu não tivesse sido exatamente isso desde o momento em que cheguei.

— Não compreendo.

— Caminhe com as costas eretas. — Ela estalou o fino chicote em minhas costas. — E com os ombros e a cabeça erguidos. — Outro estalo em meu pescoço. — De novo.

E de novo e de novo.

* * *

Com a minha transformação física concluída, Nadine dobrou o meu treinamento. Nos dias que se seguiram, passei as manhãs sendo

testada por Nadine ou aprendendo a dançar com um droide. E depois, eu voltava aos meus aposentos para estudar. Passei horas, desesperada, memorizando nomes, fatos e histórias. Depois do almoço, eu me encontrava com Nadine para lições de comportamento. Muitas vezes, Maram comparecia às sessões.

Naquela manhã, parecia que eu não era digna da atenção de nenhuma delas. Talvez Nadine estivesse impaciente demais para lidar comigo e meu progresso dolorosamente lento. De qualquer maneira, eu estava sendo treinada por nada mais do que um droide.

— Vamos começar — disse ele. — com as antigas famílias de Ziyaana. Recite.

— Existem cinco grandes casas que habitam Ziyaana há mais de quatrocentos anos — comecei.

Ele bateu uma das mãos contra a parede.

— Não — disse ele. — Como Sua Alteza. Não temos interesse em seu conhecimento; apenas em quão bem pode imitá-la.

Engoli uma resposta irritada. Eu já estava estudando por duas semanas, e ainda não conseguia replicar o tom arrogante que a princesa usava, mesmo com a minha vida dependendo disso. Apesar de tudo, não me sentia mais perto de ser uma suplente para Maram. Eu não tinha algo que residia nas profundezas da princesa; a arrogância e o orgulho dela a faziam ter a voz que tinha. Eu não sentia nada disso, e não sabia nem mesmo por onde começar a fingir que eu sentia.

Endireitei os ombros, ergui a cabeça e continuei. O sol estava alto no céu, e pude ver o calor tremeluzindo no ar fora do domo do palácio. A maior parte de Ziyaana tirava o cochilo do meio-dia.

— Existem quatro casas — comecei novamente. — Ziyad, da qual sou uma descendente direta, suas vassalas são Agadaan, Ouij e Fars. Banu Salih, da qual meu noivo é o último descendente, suas vassalas são Mella e Azru.

O droide acertou a parede novamente, causando um tinido mecânico que me fez lembrar de aranhas correndo pelo chão.

— Você falhou em replicar o registro vocal dela — disse ele.

— Não sei o que isso quer dizer — explodi, finalmente liberando minha raiva.

Uma risadinha ressoou pelo ar, que fez meu corpo todo enrijecer de medo.

Maram carregava as sandálias cravejadas numa das mãos. O longo cabelo se espalhava pelos ombros em uma enxurrada de lindos cachos entrelaçados com ouro. Usava um vestido azul-escuro que, como o cabelo, também exibia fios de ouro. Entre nós duas, percebi com inveja, ela era a mais bonita. Logicamente, eu sabia que estávamos idênticas. Mas com bochechas cheias e coradas de prazer, o canto da boca dela se ergueu milimetricamente, e ela parecia estar muitos passos a minha frente.

— Não sei por que qualquer um esperaria que você fosse bem-sucedida — disse ela. — O que uma pobre aldeã sabe sobre ser uma princesa real?

O droide, sempre prestativo, encostou um dedo no meu pescoço e me deu um forte choque elétrico para me lembrar de me ajoelhar diante dela.

Mantive os olhos no chão — o temperamento de Maram era tão difícil de prever quanto tempestades no deserto. Mas lembrei do rosto estoico de minha mãe, de minha coroa de Dihya apagada. O que quer que Maram pensasse em fazer comigo, eu aguentaria. Aguentaria e sobreviveria. Não a deixaria me quebrar. Independentemente do quanto tentasse.

Quando ergui o olhar novamente, ela me observava com uma expressão de curiosidade. Como se achasse minha existência tão estranha quanto eu achava a dela. Nossos olhos se encontraram e uma máscara gélida desceu sobre seu rosto.

— Não encare, aldeã — disse ela, com a voz suave. — É deselegante.

* * *

Conforme as semanas passavam e meu treinamento continuava, meu medo não diminuía, mas minha determinação também não. Minha única esperança por liberdade estava em obter excelência em tudo o que me pediam para fazer — uma aldeã falha provocaria a ira deles. Uma bem-sucedida poderia ganhar liberdade suficiente para ter uma chance de escapar. Enquanto os dias passavam, minha força de vontade fez com a minha voz o que o orgulho fazia

com a de Maram: engrossou-a e a fez soar com friidez sempre que eu falava. Minhas vogais firmaram, os fins das frases ficaram afiados, as palavras que uma vez indicaram perguntas foram enunciadas como ordens. Fiquei tão acostumada a receber choques entre os ombros ou a ser atingida nos tornozelos que minhas costas estavam constantemente eretas, e meu queixo, erguido. Além disso, era mais fácil evitar o olhar de Maram se minha cabeça estivesse erguida, com minha linha de visão recaindo logo acima do seu ombro.

Juntas, essas coisas me transformaram em uma cópia mais fiel dela, e quando algumas feridas internas cicatrizaram, comecei a ser bem-sucedida.

Maram me observava com fascinação silenciosa quando eu me ajoelhava ao fim de nossos encontros diários, e eu agitava as barras de meu vestido para que se espalhassem atrás de mim como a cauda abanada de um pássaro. O droide se mantinha ao lado dela, com os olhos encobertos, zumbindo baixinho em alarme.

— Você está parecendo uma princesinha, não é mesmo? — zombou ela. E continuei em silêncio. — Alguma vez fui tão recatada assim, Nadine?

— Apenas diante do seu pai — respondeu a comissária. — O que é bom. Imagino que ela não se ajoelhará diante de mais ninguém.

— Você acha que ela vai passar?

— Ela certamente deve esperar que sim — disse Nadine, e meus dedos se curvaram entre as dobras do vestido. — Para o próprio bem dela.

Houve um farfalhar de tecidos, então os dedos de Maram estavam debaixo do meu queixo, inclinando a minha cabeça como ela fazia com tanta frequência. Ela usava uma expressão que eu via mais e mais vezes nos últimos tempos. Curiosa, contemplativa, duvidosa.

— Eu me pergunto qual de nós duas é a mais azarada — disse ela, baixinho o suficiente para que Nadine não ouvisse. — Você, por se parecer comigo, ou eu, por me parecer com minha mãe?

Algo estranho aconteceu em meu peito. Por um momento, vi nela uma versão mais jovem e mais amena de mim. Sozinha,

triste... ela provavelmente nunca teve um amigo.

Essa amenidade desapareceu tão rapidamente quanto havia aparecido. Ela me soltou, e caminhou para a saída.

— Estou cansada de observá-la — disse ela, parando perto da porta. — Faça o que quiser com ela, Nadine.

Meu olhar se voltou para Nadine assim que as portas se fecharam com a saída de Maram. O roca não se moveu no poleiro, embora tenha estufado o peito e guardado a cabeça, aprontando-se para dormir. Nadine fez um gesto acentuado com uma das mãos, um droide se aproximou e pegou o pássaro para devolvê-lo ao lugar de descanso.

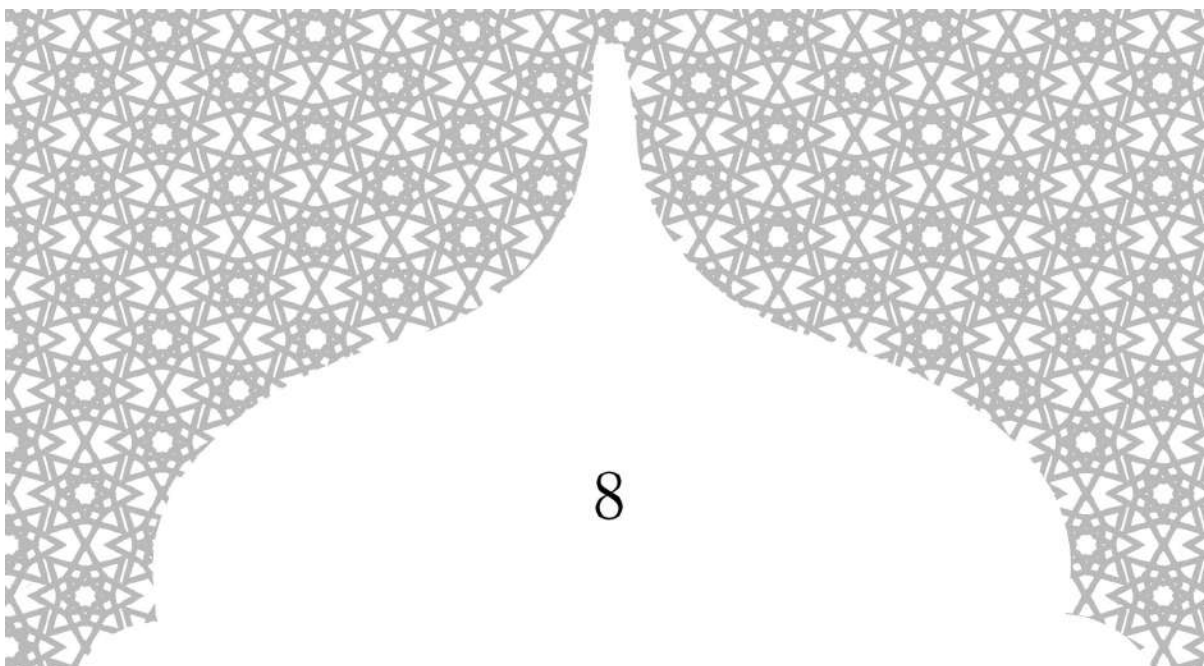
Por um momento, encaramos uma à outra.

— Você se saiu bem — disse Nadine. Senti uma onda vergonhosa de orgulho pelo corpo. — E bem na hora. Escolhemos o baile Terminus, daqui a duas semanas, para sua estreia. O rei vai comparecer. Você deve impressioná-lo, compreende?

Assenti.

— Sim, Vossa Senhoria.

— Vai estar segura no baile — continuou ela. — Ouso dizer que, talvez, aproveite a festa. Mas faça o seu trabalho bem, e todos ficarão satisfeitos — disse por fim. — Você vai observar a corte amanhã, para que conheça, de vista, o círculo de Maram e, assim, possa saber o nome de cada um. Por ora, está dispensada.



Na tarde seguinte, Tala me guiou escada acima até uma varanda telada. Havia um par de droides dourados em cada extremidade da tela, e um sofá cheio de almofadas. Ela me mandou sentar e apontou para um dos droides. As telas clarearam e suas treliças falsas de madeira desapareceram como fumaça.

O jardim abaixo tinha pelo menos o tamanho da fazenda dos meus pais e parecia, para mim, mais um paraíso do que um jardim. Grama verde atravessada por caminhos de pedras brancas, sombreados por romãzeiras pesadas com as frutas vermelhas. Aqui e ali, pude ver os reflexos brilhantes das fontes e, na extremidade leste, um riacho abria caminho por diversos pequenos pomares. Bem no centro, havia um gazebo gigantesco.

Observei conforme os criados de Maram vinham em grupos em sequência. Tala murmurava os nomes deles em meu ouvido, a lição final antes de meu teste no baile. As vozes deles flutuavam e adentravam a nossa pequena alcova — mesmo a makhzen em Ziyaana não estava livre da vigilância vathekese, aparentemente. Sentavam-se às mesas do gazebo, arrumando os vestidos e capas como pétalas de flores silvestres. Seus cabelos estavam soltos, penteados para reluzirem sob a luz da manhã, e entrelaçados com

ouro e prata e pequenas joias. Vinham de toda Andala; apenas dois, pelo que pude notar, eram da cidade de Walili.

Estudei Maram enquanto ela se aproximava da mesa, satisfeita com meu esconderijo. Os traços dela eram mais arrogantes do que os meus algum dia foram. Mesmo depois de todo o treinamento, não conseguia entender aquele orgulho e desdém. Como deveria ser para ela ter o mundo todo constantemente aos seus pés?

A princesa andou no próprio ritmo, seu vestido se arrastando por pelo menos um metro atrás dela, seguida por duas garotas vathekesas e flanqueada por um jovem. Ele era alto, com cabelo castanho escuro que ondulava logo abaixo das orelhas, olhos verdes e pele marrom que parecia ficar ainda mais escura debaixo do sol do deserto. Eu diria que ele era um príncipe antigo, se não fosse pelo rosto completamente barbeado, como é tradição entre os vathekeses, e sem nenhuma daan.

— Quem é aquele? — perguntei.

— O amir, Idris ibn Salih.

Esforcei-me para esconder a surpresa. Os Banu Salih eram a maior tribo-prima da velha família real de Andala, e a primeira tribo a se opor à invasão vathekesa. Na época, as famílias deles chegavam perto de ter milhares de membros, e usaram todo o poder para apoiar a oposição. Mas ninguém sobrevivia contra os vathekeses. Os Banu Salih aguentaram até a Expurgação, quando a rainha — a mãe de Maram — implorou para que os primos se rendessem. Como parte da rendição, Idris, o último herdeiro sobrevivente dos Banu Salih, foi prometido a Maram.

Agora, ele era noivo dela, permanentemente vinculado à coroa vathekesa.

Enquanto o café da manhã seguia abaixo de nós, não consegui evitar encará-lo. Ele parecia tão tranquilo ao lado de Maram, cutucando-a de brincadeira, oferecendo comida a ela do próprio prato, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido. Pareciam tão próximos. Não consegui compreender.

— Layaan, está muito cedo para você estar tão feliz — disse Maram, em tom de conversa, a uma das damas de sua corte, e a garota ergueu a mão para cobrir a boca. Ela estava sorrindo, percebi, apesar de lutar para esconder.

— Não sei o que você quer dizer com isso, Vossa Alteza.

A princesa Maram ergueu uma sobancelha escura.

— Você deveria saber mais do que os outros — disse ela. — Todo segredo acaba sendo revelado em Ziyaana.

Qualquer resposta que a garota pudesse ter dado foi interrompida pelo som das enormes portas se abrindo. Por um momento, parecia que os cortesãos foram congelados enquanto encaravam a mulher que atravessava as portas. Então, Idris se levantou e correu para ela, gritando. Os braços dela se abriram e, mesmo ao longe, pude ver a luz em seus olhos e seu sorriso ao vê-lo. Ele a ergueu e a girou duas vezes. A trilha vinho-escura do vestido esvoaçou pelo ar atrás dela.

Virei-me para Tala para perguntar o nome da mulher, mas a voz de Idris me interrompeu.

— Eu lhes apresento — disse Idris, parando em frente à princesa — lady Furat...

— Do clã Wattasi — completou Maram sem emoção na voz. — Nos conhecemos muito bem.

Lancei um olhar a Tala, mas seus olhos estavam fixos na cena em nossa frente. Se Furat era dos Wattasi, então ela era prima de Maram — um membro da família da antiga rainha, mãe de Maram. Eles eram zidaninos, não kushailanos, e tinham fortalezas espalhadas por Qarmuta, ao Sul. A aliança deles com os clãs Ziyadi e Salihi, há centenas de anos, trouxe estabilidade num tempo de guerra civil. Uma fascinação mórbida tomou conta da minha mente; Furat era a última dos Wattasi. O rei executou os pais e o irmão mais velho dela. Como Idris, ela era a última herdeira sobrevivente. O que o fez poupar uma criancinha no começo da ocupação? E por que ela, por livre e espontânea vontade, voltara ao Ziyaana?

— Ela... ela não estava exilada? — sussurrei.

— Olhe — respondeu Tala. — A daan dela se foi. Deve ter sido o preço para ser aceita novamente.

Um arrepio me percorreu; ela barganhou o que eu teria dado qualquer coisa para manter.

— O que a traz à corte, prima? — perguntou a princesa Maram.

Furat se ajoelhou com elegância.

— Vim para servir — disse ela, olhando para o chão. — Como é minha responsabilidade.

Maram pressionou os lábios, os olhos flamejando.

— Veremos.

* * *

Depois de muitos dias de observação, fui chamada novamente por Nadine para ser testada. Se fosse bem-sucedida, precisaria compreender o relacionamento complicado que Maram havia formado com a makhzen em ascensão — a nobreza andalã incorporada na nova ordem mundial — e a classe dos Altos Vathekeses. Maram estava com ela no jardim, com uma feição severa.

Em dias como aquele, era fácil se sentir pequena. Trançaram o cabelo de Maram com uma corrente de ouro, a boca estava rosada, e os sapatos cravejados que reluziam na luz. Ela raramente se encontrava serena, mas havia certa calma nela naquele dia, algum tipo de certeza. Pelo olhar, eu sabia o que ela estava sentindo: ela tinha certeza de que era minha superior, que, apesar de nossa aparência, ela era a futura rainha, não eu. Era fácil se sentir inferior quando ela estava assim, mas também era fácil se sentir segura. Quando Maram estava certa, todos estavam seguros.

— Vamos ver o que ela aprendeu, então. Ela pode nomear os membros do meu círculo? — perguntou Maram, sem desviar seu olhar do meu.

— Pergunte a ela — disse Nadine.

Maram não disse nada, mas ergueu ambas as sobrancelhas como se me desafiasse.

O silêncio dela me deixou irritada, e falei quase antes de pensar.

— Vossa Alteza, temos Furat do clã Wattasi, herdeira dos bens da Sultana Viúva na lua Gibra — comecei.

Ela se moveu tão rapidamente, que não percebi. Ela usava quatro anéis, e cada um deles encontrou minha bochecha quando me acertou. A dor irradiou por meu rosto, e senti o gosto de sangue. Meu coração batia tão rápido no peito que mal consegui respirar.

Ainda assim, apesar da dor, uma satisfação sombria cresceu dentro de mim com a resposta dela. Eu era a andalã, eu era a

garota kushailana com traços kushailanos. Ela nasceu com meu rosto, minha pele, cabelo e olhos escuros, a mesma testa, bochechas e boca... Era o auge da crueldade, extremamente injusto. Se não fosse por essa conexão, eu nunca teria sido sequestrada da minha aldeia. Ainda poderia estar vivendo com minha família.

Não desviei os olhos dos de Maram.

— Por que — começou Maram, segurando o meu rosto com ferocidade numa das mãos — você começou por ela?

— Eu me lembrei dela... — tentei dizer, e ela acertou o outro lado do meu rosto.

— Furat — ela cuspiu em mim — é uma prima deserdada sem importância, sem nenhuma posse nem futuro. Não tem nada para ser lembrada.

Os olhos dela estavam enormes, rosto corado, e meu sangue, percebi em um momento desesperador, estava em um de seus anéis. Foi estranho sentir calma fluir por mim como água. Ainda me sentia amedrontada, ainda compreendia que Maram podia me machucar. Mas algo dentro de mim havia mudado; eu soube, naquele momento, que ela poderia mudar meu corpo, mas que não tinha poder sobre o meu espírito. E ainda mais satisfatório era saber que ela tinha uma fraqueza; ela não era tão diferente de mim. Ela não era intocável.

— Você não deveria deixar a menina incomodá-la tanto assim — disse Nadine, de forma equilibrada e calma. Falava sobre Furat, não sobre mim; minha presença era insignificante demais para ser reconhecida. — Ela é, como você disse, uma prima deserdada sem importância.

— Por quê? Por que ele permite que ela viva? Por que ele permite que ela viva com a minha avó? — A fraqueza na voz da princesa tanto me satisfez quanto me assustou. Eu aprendi que era nos momentos de fraqueza que Maram era ainda mais cruel.

— Há sofrimento para ela na falta de tudo o que poderia ter sido e de tudo o que tinha — disse Nadine, como se lembrasse Maram de alguma coisa. — Você deveria ter pena dela, não medo.

Percebi, tarde demais, que deveria ter abaixado os olhos. Quando Maram se voltou para mim novamente, algo quieto e

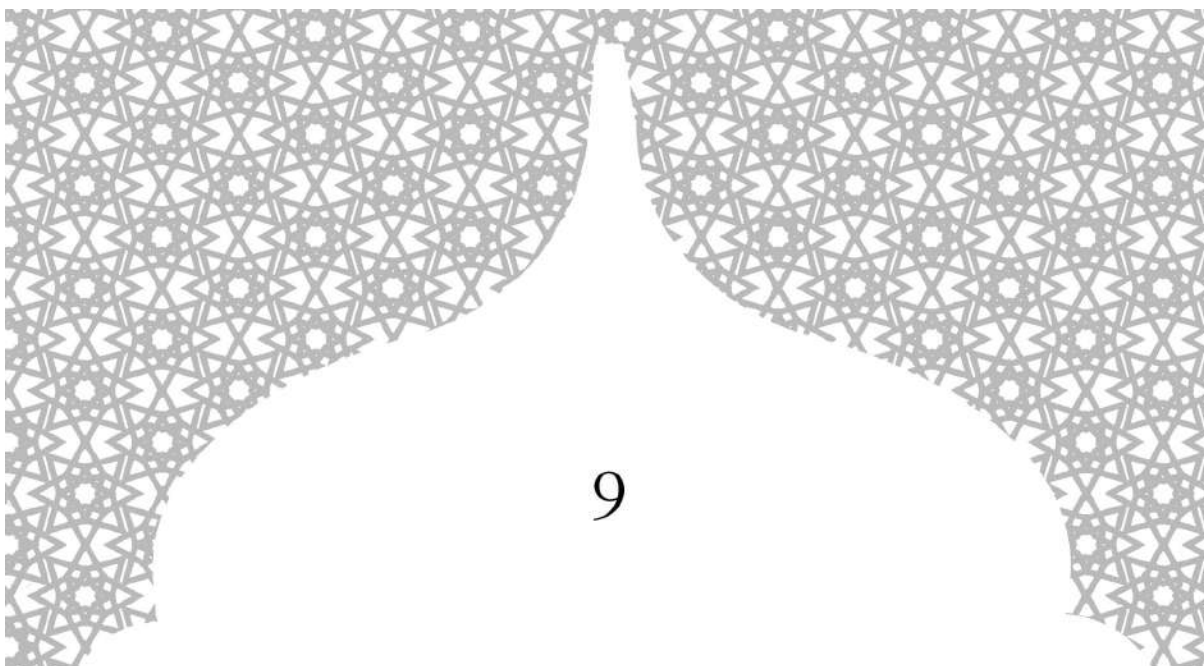
sinistro tomou conta do rosto dela.

— Está gostando? — perguntou ela quando, por fim, conseguiu controlar a voz. — Gosta de ver o receptáculo de todo o seu ódio irritado?

Ela me segurou pela garganta, com os anéis pressionando tão fundo que eu mal conseguia respirar.

— Não se preocupe — ela sussurrou em meu ouvido, — Você vai compreender em breve.

Ela me empurrou para longe, com força suficiente para que eu cambaleasse e caísse. Quando me ergui novamente, ela já seguia para a saída, com a cauda do vestido esvoaçando atrás dela.



Toda manhã, o domo acima do meu jardim se iluminava para imitar a luz do sol nascente. Confinada como estava nas profundezas de Ziyaana, não havia nenhuma janela, nenhum vislumbre de um sol ou brisa de verdade. Apenas o domo com a luz fraquinha e o zumbido dos orbes que preenchiam o jardim à noite. Sentei-me no mirante, com uma manta ao redor dos ombros e um copo de chá nas mãos. Na outra extremidade, um droide zunia suavemente enquanto podava uma árvore. Ela nem havia florescido nem dado nenhum fruto, e me perguntei se o droide decidiu por si que a árvore não era digna de ser salva.

Minha mãe disse que meu irmão já teve uma árvore assim, uma muda que ele salvou durante a ocupação, pretendendo plantá-la quando tudo acabasse para vê-la ganhar vida e florir. Mas, como todas as nossas esperanças e sonhos no fim da ocupação, a muda murchou e morreu.

— Amani!

Trouxe minha mente de volta à realidade, e encontrei Tala parada bem em frente à minha linha de visão, com as mãos nos quadris.

— Faz quanto tempo que você está parada aí?

— Algum tempo — disse ela. — Apresse-se, por favor. Estamos atrasadas.

— Por quê? — perguntei, seguindo-a até o banheiro.

Meus dias se tornaram previsíveis: as manhãs eram minhas, mas eu passava a maior parte da tarde observado a corte de Maram e revisando listas e anotações, focando nas informações que ainda precisava aprender. Nadine, geralmente, chamava-me à noite para me testar sobre o que aprendi durante o dia, mas Maram não se preocupou comigo esses dias.

Parte de mim se perguntava por quê, e se nossa última interação a tinha afastado.

Ótimo, pensei com certa maldade.

— Você tem um teste final antes do baile — disse Tala, então, com a voz mais suave. — Sinto muito. Não sei mais nenhum detalhe.

Encarei o meu reflexo no espelho enquanto Tala se movia ao meu redor, apertando a faixa em minha cintura e arrumando as dobras de meu vestido. Havia joias: uma grande pulseira no pulso direito, e diversos anéis na mão esquerda.

Minhas mãos tremiam enquanto eu seguia o droide para fora do jardim. Até então, meus testes foram simples. Mas eu estava vestida como Maram naquele dia. Haveria mais em jogo.

* * *

O droide me levou à ala norte de Ziyaana, onde Maram e o rei se hospedavam. Todo o meu treinamento foi feito na ala leste abandonada, onde os meus aposentos ficavam — o lar da rainha antes de morrer, eu aprendi, mas, atualmente, vazio e abandonado.

Aquela parte do palácio, de alguma maneira, superava a beleza da ala da antiga rainha. Paredes de pedras cintilantes foram entalhadas com arabescos e incrustadas com azulejos brilhantes azuis e laranjas. Muitos dos corredores acabavam em jardins e pátios, e o cantarolar dos pássaros se misturava ao murmúrio das águas. A luz verdadeira do sol atravessava os tetos de vidro. Fui guiada por pórticos e alcovas, passei por nuvens de perfume e por ares cheios de vibração de músicas. Ali, pude imaginar como o velho Ziyaana fora.

Por fim, nos fundos de um salão, o droide abriu uma porta que levava a uma rotunda. O ar estava limpo e fresco, iluminado pela luz do sol que vazava de uma abertura no domo. O chão era branco e liso, e meus passos ecoavam, pontuados pelo roçar do tecido enquanto o vestido se arrastava atrás de mim. Logo abaixo da abertura do domo, Maram estava sentada e, atrás dela, estavam Nadine e outro droide.

Maram deu um sorriso debochado quando me ajoelhei diante dela em seu trono. Estava perfeitamente arrumada num vestido idêntico ao que eu vestia, que se espalhava ao seu redor como uma flor. Ela esticou uma das mãos macias e com unhas feitas e tocou o meu queixo.

— Olhe para isso — disse ela enquanto me examinava com um olhar afiado. — Quase posso acreditar que você é bonita.

Ela se ergueu sem esforço e gesticulou para que eu subisse ao trono.

— Vossa Alteza, como posso servi-la? — murmurei enquanto me acomodava e arrumava as saias. Soei impertinente, mesmo para mim. Parte de mim sentia como se um pequeno fragmento da minha alma tivesse flutuado ao teto e observasse uma conversa entre gêmeas cruéis. Fiquei maravilhada com minha habilidade de me manter calma, mesmo enquanto Maram sorria.

— Mostre-me que pode ser eu, aldeã. Mostre-me o que aprendeu. — Com essas palavras, Maram sumiu de vista, escondendo-se atrás de um pilar. Nadine não disse nada quando as grandes portas se abriram para um bando de criados.

Eles montaram vários guarda-roupas, um segundo trono, diversos manequins e uma infinidade de tecidos. Organizaram-se como um pequeno bazar em frente do trono. Eu os observei com uma expressão entediada. Maram, eu sabia, mal aceitava se vestir na mistura de roupas kushailanas e vathekesas que sempre usava — uma lembrança de que era a conexão entre os regimes e culturas. Cada prova de roupas era uma contenda.

Suspirei, um retrato da irritação, quando a chefe das costureiras derrubou um rolo de tecido, e ele rolou em direção ao meu trono. O rosto dela ficou visivelmente pálido, e ela congelou no lugar, como se incerta se deveria se aproximar e recolher a bagunça ou deixar

do jeito que estava. Ela era velha, e assumi que tivesse derrubado o rolo por conta das mãos trêmulas.

— Bem — estourei, como Maram sempre fazia — vai continuar cuidando desse zoológico ou quer que eu recolha isso?

— N-não — gaguejou. — Q-querer dizer, sim, claro, Vossa Alteza.

— Não entendo a necessidade disso — disse, olhando para Nadine.

— A costureira tem alguns novos tecidos que você precisa aprovar para os vestidos de inverno — respondeu ela, com o cantinho da boca se contraindo.

Já a minha, manteve-se em uma linha cruel. Não conseguia encontrar o humor na situação; o que aconteceria se descobrissem que eu era uma fraude?

— Você organizou uma audiência para que eu simplesmente aprovasse tecidos — comentei, com a voz equilibrada.

— Também temos um novo vestido para a senhora — comentou a costureira-chefe, falando fora de hora.

Minhas costas enrijeceram, a ira de Maram irradiando por mim. Voltei o olhar para a costureira-chefe e a vi empalidecer. Ela tinha mais do que o triplo da minha idade, mais velha até mesmo do que Nadine, ainda assim, ajoelhou-se diante de mim, com os nós brancos dos dedos segurando as dobras do vestido.

— Quantas costureiras temos? — perguntei, sem desviar o olhar.

— Muitas — respondeu Nadine.

— Nunca mais quero ver essa daqui. Eu deveria mandar cortar-lhe a língua por ter falado fora de hora. Felizmente, estou de bom humor hoje, e não quero estragar o meu dia vendo sangue no chão.

— V-vossa...

Ergui uma sobrancelha, e ela engasgou nas próprias palavras e abaixou a cabeça.

Por um momento, compreendi. Era assim que Maram sempre se sentia — segura em seu poder? Segura em si mesma? Absolutamente no controle, porque sabia que mesmo a árvore mais forte e antiga se curvaria a ela em um instante?

Era inebriante e doentio ao mesmo tempo.

— Tire-a daqui — disse, e o droide ao lado de Nadine avançou.

O único som, por alguns minutos, veio dos saltos da costureira deslizando pelo chão marmorizado enquanto o droide a arrastava pra longe.

— Cadê o tecido? — perguntei, depois das portas se fecharem. Meus ombros relaxaram num movimento treinado, a mesma metamorfose repentina e mansa pela qual vi Maram passar centenas de vezes.

Uma costureira se aproximou, segurando um carretel de tecido, e se ajoelhou diante de mim, erguendo-o acima da cabeça. Era veludo, ou algo muito parecido, caro e macio, reverberando tons de azul e preto. Passei a mão firmemente sobre ele e, por um momento, tive a vontade cruel de agarrá-lo e arrancá-lo da mão da garota.

— Tenho dificuldade para aceitar que esse seria um bom tom para mim — disse, por fim. — O que você faria com o tecido?

Silêncio.

— Não fui clara em minha pergunta? — perguntei um segundo depois. — Ou devo me enrolar nele como algum tipo de selvagem?

— N-nós não...

O sorrisinho de Maram emergiu em meu rosto sem ser convidado.

— Você tomou parte do meu dia para me mostrar um pedaço de tecido sem ter nenhum vestido em mente?

O silêncio se estendeu até o clima na sala ficar insuportavelmente pesado.

— Saia daqui.

A mulher se moveu para empacotar tudo, e fez isso admiravelmente rápido antes de todos saírem apressados pelo corredor. As portas se fecharam. Por alguns segundos, pude apenas ouvir o eco deles.

Maram apareceu ao meu lado, saindo das sombras. Ela sorria, um sorriso verdadeiro e radiante que transformava seus traços raivosos em algo lindo. E feliz.

— Isso foi magnífico — disse ela, segurando meus braços. — Achei que você não fosse conseguir. Não é mesmo, Nadine?

— Realmente — comentou ela, entretida. — Ninguém acreditaria que uma aldeã teria a capacidade de, primeiro, repreender uma velha e, depois, seus subordinados.

Maram continuou sorrindo para mim, mesmo depois de soltar meus braços. Senti um sorriso crescendo em resposta, hesitante e esperançoso, e me esforcei para contê-lo; por que eu deveria apreciar o elogio dela?

— Estou muito satisfeita — ela disse, o que pareceu deixar Nadine sobressaltada.

— Temos apenas alguns dias antes do baile em que você vai ser apresentada — disse ela a mim. — Faz ideia de onde vai ser? Para quem? Para o quê?

A voz que saiu de mim não era minha, mas de Maram.

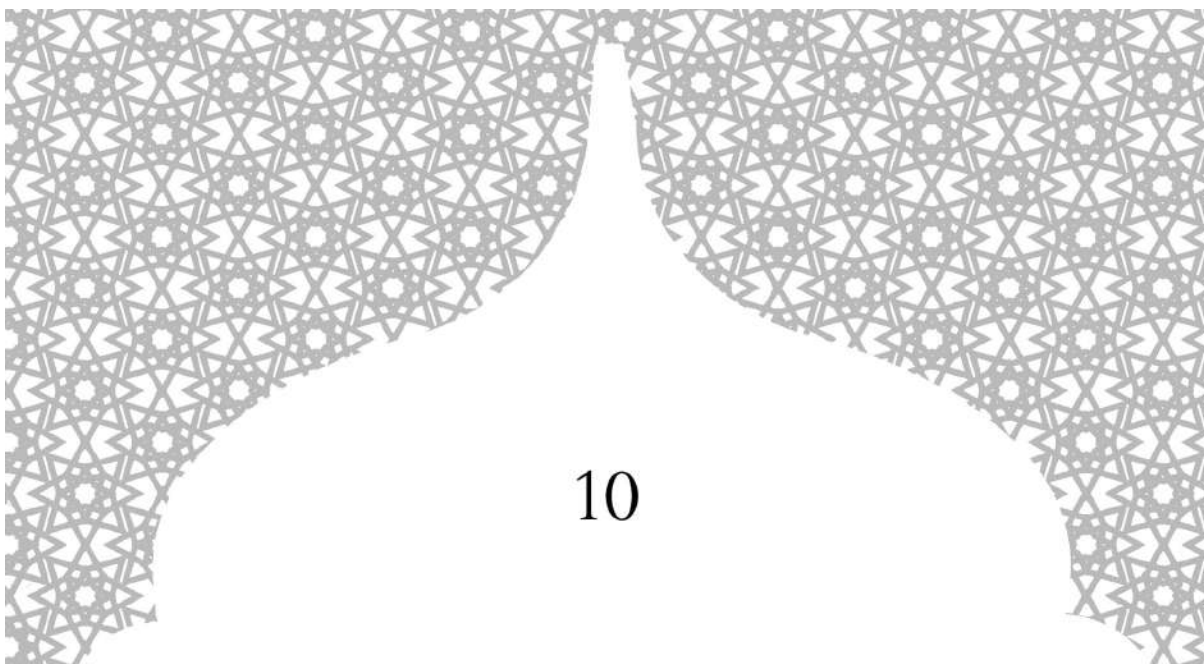
— O festival acontece anualmente no continente norte, no país montanhoso de Atalasia. Celebra a primeira neve do ano e imita o costume vathekês da Marcha Invernal.

Pela primeira vez em nosso breve relacionamento, Nadine pareceu satisfeita.

— Muito bem — disse ela, segundos depois. — Acredito que você esteja pronta.

Atalasia,
Andala

†



10

No centro de Ziyaana, havia um grande domo que servia como campo de pouso para a nave do palácio. Tão longe quanto os olhos chegavam, os integrantes da realeza estavam organizados por títulos, preparados para seguirem a Atalasia e ao baile Terminus. Havia três transportes aéreos — naves luxuosas, enfileiradas e brilhando sob o sol da manhã. Aqueles autorizados pela corte iriam no transporte real. Todos os outros encontrariam sua maneira de chegar a Atalasia.

Um guarda estava parado em uma das extremidades dos aposentos designados a mim, com os braços cruzados sobre o peito, silencioso e observador. Vestida como Maram, eu escolhi viajar sozinha nos aposentos dela em vez de arriscar ser descoberta antes mesmo de o baile começar. Usei as poucas horas preciosas que me restavam para rever a lista de convidados do baile, memorizando nomes e rostos no leitor de hologramas que Nadine providenciou.

Todas as minhas esperanças de ser bem-sucedida dependiam de minha estreia como Maram. Ela ficou para trás para que ninguém a visse por acaso enquanto eu estivesse no baile. *Não fracasse*, ela

ordenou antes de eu partir. Não quis imaginar qual seria o preço se eu o fizesse.

O transporte viajou rapidamente, atravessando o vasto deserto numa velocidade maior do que eu poderia imaginar. Antes de eu perceber, passamos por cima do mar que separava o continente principal dos climas nortenhos, e o céu laranja e bronzeado ficou azul. Sentei-me perto de uma janela, com uma mesa redonda em minha frente, repleta de tigelas de frutas e uma garrafa de uma bebida que eu não conhecia.

A porta na extremidade traseira do vagão sibilou quando foi aberta. Ergui o olhar e encontrei Tala.

— Pronta, Vossa Alteza? — perguntou ela, mas ouvi a verdadeira pergunta que ela fazia: eu estava pronta para a farsa?

O desembarque foi rápido e eficiente. O clima atalasiano era tão gelado que nem mesmo eu, que cresci na base das montanhas de Cadiz, estava preparada para ele. Puxei e apertei minha capa ao redor dos ombros e olhei para a muralha de pedra entalhada do palácio. Era uma superfície longa e plana, terrosa, com torretas surgindo na parte exterior em intervalos regulares. Até mesmo as ameias tinham sido esculpidas com formas geométricas distintas e, por vezes, uma tapeçaria pesada recaía sobre a parede. Ficava numa colina e, atrás dela, erguiam-se os picos mais altos das intimidadoras montanhas nevadas de Atalasia.

Fui acomodada num grupo de câmaras que deveriam ser de Maram, tão opulentas e luxuosas quanto tudo o que vira em Ziyaana. Madeira escura e tecidos grossos decoravam o quarto. Havia um espelho dourado logo acima da penteadeira coberta de joias reluzentes. Na extremidade do cômodo, uma mesa apoiava um jogo de chá, a chaleira feita do precioso excelsior e as xícaras douradas e decoradas em ouro. Pendurado no armário estava o que eu deveria vestir naquela noite.

Eu deveria ser a rainha do inverno de Idris, o príncipe minguante do outono. Era uma tradição que misturava os costumes vathekeses e atalasianos. Antes da ocupação, Atalasia venerava diversos monarcas sazonais, e os vathekeses se banquetavam sob os olhos de uma rainha do verão em seu mundo natal. Agora que Andala era

a capital do império, inverteram a tradição para se vangloriarem no primeiro país tomado no planeta.

Não pude resistir e toquei o vestido. Parecia pesado. Era prateado com mangas amplas e botões que subiam até o pescoço, a saia se espalhava numa linha branca cintilante e era cravejada com minúsculas pedras reluzentes. Não eram diamantes, eram? Pendurado ao redor da cintura havia algo parecido com o cinto kushailano, que ia de logo abaixo do peito ao fim dos quadris, feito para ser enrolado mais de uma vez. E, pendurada nos ombros, havia uma capa leve e transparente que tinha metros a mais do que o vestido, enfeitada com flocos de neve bordados.

Sofri e treinei para aquele momento e, enfim, teria minha chance de ser bem-sucedida. Senti um friozinho na barriga. Tinha certeza de que enganaria os primos e cortesões dela. Mas o noivo, já não tinha tanta segurança. Eu os vira juntos — sempre próximos, como confidentes. O vestido não seria suficiente para enganá-lo.

Não achei que Maram tivesse amigos de verdade, e se pudéssemos acreditar nela, o noivado com Idris era uma questão de Estado e nada mais. Mesmo assim, fiquei preocupada. O que ele esperava de Maram? E se ela tivesse escondido segredos sobre seu relacionamento de mim, o que eu faria?

Por que ela manteria segredos? Pensei.

Por que Maram fazia qualquer coisa?

Tala se assegurou de que eu comesse antes de me ajudar a tirar o vestido que eu usava e me sentar em frente à penteadeira para arrumar o cabelo. Ela trançou as pontas dele e o enrolou na parte de trás da minha cabeça, então o prendeu numa rede prateada com ornamentos pendurados que pareciam gotas de chuva. Passou uma corrente ao redor da minha testa, na qual pedras azuis escuras balançavam. Observei enquanto o rosto que já não parecia meu ficava cada vez mais estranho.

— Uma última coisa — disse, e ergueu um par de brincos gigantescos, de prata achatada, do qual duas pedras menores da mesma cor estavam penduradas.

O produto final, com o vestido e a capa, era alguém que parecia nascida na riqueza, alguém linda e confiante. Não consegui evitar me lembrar da última vez que alguém me enfeitou com lindas joias;

minha mãe, na minha noite de maioridade. E senti uma pontada de dor e saudade no peito.

Tala sorriu atrás de mim e apertou os meus ombros.

— Você consegue — disse ela. — Acredito em você.

Assenti, e endireitei os ombros. Naquele dia, eu seria Maram diante de toda a corte vathekese e andalã.

Eu não poderia falhar.

* * *

Os kushailanos e andalões não costumavam dar bailes. Pelo menos, não da maneira que os vathekesees faziam. Organizávamos grandes banquetes que se estendiam pela noite, onde cantávamos e tocávamos instrumentos e conversávamos. Mas os bailes vathekesees envolviam danças e, apesar de meu treinamento, eu estava nervosa. Dançar com um humano era diferente do que dançar com um droide.

Idris esperava por mim na entrada. Seu cabelo escuro estava polvilhado com ouro, e ele vestia um uniforme militar vathekês — casaco e calça pretos — com acabamento vermelho. Sua única concessão à vestimenta kushailana era a faixa ao redor da cintura. Doeui olhar para ele, o líder da casa mais corajosa de Andala, vestido como um deles. Transformado em um deles.

Ele sorriu quando me viu.

— Vossa Alteza — disse ele, estendendo uma das mãos. — Pronta? — Coloquei uma mão cheia de anéis sobre a dele. Ele a apertou como se sentisse meu nervosismo. Meu coração bateu acelerado no peito.

As portas se abriram diante de nós, revelando uma sacada que descia até o salão de baile e, além dele, um espaço para a alimentação. O lugar estava decorado como um paraíso invernal com uma escultura enorme de gelo de um teslite com as asas abertas, subindo aos céus, bem no centro do salão. Teslites eram criaturas do calor, feitas de fogo com ouro derretido em suas veias. Apesar da incongruência, a presença dele me reconfortou.

— A Alta Princesa dos vathekesees, Protetora de Andala e suas luas, Maram vak Mathis e seu acompanhante, Idris ibn Salih.

Ele segurou a minha mão com firmeza enquanto descíamos a escadaria. Todos estavam vestidos com diferentes tons de ouro, prata e azul, e me pareceu que todo o salão cavernoso cintilava com joias, gelo e energia nervosa, como se todos esperassem que algo ruim fosse acontecer naquela noite.

Idris logo me guiou até o centro do salão para a dança de abertura que deveríamos liderar. Assim que os instrumentos começaram a tocar, ele me puxou para perto e apoiou uma das mãos na minha cintura.

— Pronta? — perguntou ele de novo, mas, dessa vez, com uma sobancelha erguida, testando-me. Não estremeci quando ele se inclinou para mais perto, e sua boca roçou minha orelha. — Não pode ser mais difícil do que ano passado, pode?

Ele estava perto demais, e senti meu rosto esquentando, uma reação que Maram nunca teria. Ele era muito mais bonito pessoalmente. Os olhos dele eram delineados por cílios grossos, e o rosto — estoico naquele momento — parecia ter sido entalhado na antiguidade. Engoli o nervosismo e ergui o queixo. Um vislumbre de um sorriso reemergiu quando olhei para cima, determinada, e o braço ao redor de minha cintura me apertou com mais força, para mostrar que estava lá por mim. A elegância contínua dele na frente de centenas de cortesões que nos observavam ajudou a me manter ereta e equilibrada.

Foi fácil começar a dançar a valsa, um passo, depois outro, e a cauda de meu vestido farfalhava contra o chão marmorizado. Pude ouvir a música como se fosse um rugido e ouvi o vozerio dos outros dançarinos e membros da corte nos observando. A mão de Idris em minha cintura esteve sempre presente e acalentadora, e, de vez em quando, ele se inclinava para frente e seu cabelo encostava em minha bochecha.

A dança terminou com Idris curvado sobre minha mão. O único som que pude ouvir foi o balançar dos meus brincos e as batidas fortes do meu coração. O resto do salão chegou a mim em vislumbres: pessoas aplaudindo; uma mistura de cortesões andalões e vathekeses passando por nós; a testa franzida de Idris ali num momento, mas desaparecida noutro; e, de um local elevado onde Nadine se sentava, os olhos dela em mim.

— Ah — disse Idris, e colocou uma mão quente ao redor de minha cintura mais uma vez. — Aí vem seu admirador mais ardente. — Seu cabelo roçou contra minha bochecha por um momento, e não consegui deixar de encará-lo, estávamos tão próximos.

— Vossa Alteza — disse alguém atrás de mim. Lembre-se de porque está aqui, disse a mim mesma, e me virei. O sorriso de Maram estava reservado a um punhado precioso de seus primos, e ela se assegurou de que eu soubesse quanto de sua boa-vontade estava espalhada pela corte, para que eu, acidentalmente, não cumprimentasse um que a desagradava.

— Corypheus — murmurei, assim que o homem vathekês se curvou sobre minha mão. Não foi difícil imitar o desdém mal disfarçado que Maram expressava em relação a ele. Precisei me esforçar para não limpar as mãos nas saias quando ele finalmente me soltou. — Você se lembra do meu noivo, Sua Graça de Banu Salih.

— Sim, claro — disse ele, endireitando-se. Parecia que o curvar dos lábios de Maram era um traço compartilhado por todos os seus parentes distantes. — O oportunista.

Eu me senti ofendida, mas fiquei em silêncio quando Idris apertou a minha cintura.

— Como estão as suas explorações, Cor? — perguntou Idris.

A família vak Aphelion era dona da mais antiga mina de excelsior em Vaxor, o planeta ao qual sua lua terraformada orbitava. Mas sua jazida estava quase seca depois de tantos anos de mineração. Estariam perto do fim, se o rei continuasse a ignorar os cofres cada vez mais vazios.

Corypheus, por sua vez, parecia furioso. Duas manchas vermelhas ganharam vida nas bochechas dele. Eu não disse nada, pois Maram não teria dito nada. Ela gostava de ver Corypheus agonizar. Ele tinha esperanças, disse ela, de que a família pudesse arranjar um noivado sem o conhecimento do rei. Mas nada aconteceu, e ele vinha ficando cada vez mais desesperado.

Por fim, ele voltou os olhos para mim.

— Posso pedir uma dança, Vossa Alteza?

Senti certa satisfação ao deixar o sorrisinho de Maram se espalhar pelo meu rosto.

— Não pode — respondi.

As manchas intensas nas bochechas dele ficaram ainda mais fortes com a vergonha. Uma visão, pensei, que Husnain teria gostado de ver. Todos os vathekeses que vimos em nossa aldeia pareciam não ter nenhuma emoção. Ver um deles tão irritado, e por minha causa, teria sido uma vitória pequena e irracional.

— Vamos? — complementei, voltando-me para Idris, e fechando a porta em frente à imagem do rosto de meu irmão.

Idris, incapaz de conter o sorriso, colocou minha mão em seu cotovelo.

— Claro. Devemos felicitações aos vak Castel pelo casamento.

Senti como se eu estivesse andando sobre nuvens quando passamos por Corypheus e seguimos para outro agrupamento de nobres jovens. Theo, o herdeiro dos vak Castel, estendeu as mãos a mim, com um sorriso acolhedor no rosto.

— Primo — eu disse, e o deixei me puxar para perto e beijar as minhas bochechas no modo kushailano: um beijo na esquerda e dois na direita. Theo quase nunca estava em Andala, mas ele e Maram passaram bastante tempo juntos em Luna-Vaxor. Sendo o caçula, ele sempre esteve tão à mercê do grande bando de familiares quanto ela.

Deixei Idris liderar a conversa, interrompendo apenas para murmurar cordialidades com o máximo desgosto de Maram que conseguia reproduzir. Poucos dos primos vathekeses de Maram gostavam dela, embora, até onde pude ver, fingiam muito bem. Num momento, durante a conversa, olhei para Idris para avaliar como eu estava me saindo. Seu sorriso parecia cálido e sincero, cortês, e ele prendeu um cacho rebelde atrás de minha orelha. Os dedos dele ficaram ali por alguns segundos antes de entrelaçar as nossas mãos.

Não disse nada, mas meu coração acelerou. Idris era um ator experiente, isso estava claro. Mas o noivado de Maram e Idris era uma questão de Estado, não de coração. Ele não a amava; amava? Ele a conhecia bem o suficiente para reconhecer uma impostora?

Tirei minha mão da dele sem dizer nada e a apoiei na dobra de seu braço. Ele fingiu não notar; a conversa dele com Theo não perdeu o ritmo.

— Outra dança? — perguntou Idris, embora tenha soado mais como uma ordem do que uma sugestão. Ele já se aproximava quando olhei para ele. Era bastante alto, percebi repentinamente, mais de uma cabeça acima de mim e ombros largos que me eclipsavam.

Não havia percebido quanto sentia falta de olhar em rostos que eu compreendia, rostos que tinham a mesma origem que a minha. Alguns dos criados de Maram eram andalões, mas em minha nova rotina, eu estava rodeada por droides e Nadine. Exceto por Tala e por algumas vezes que eu sondava a pequena corte de Maram, eu fui privada do conforto da familiaridade. Apesar de, no fundo, saber que não havia nada transparente nele, algo em suas feições me acalmava.

Tenha cuidado, lembrei-me. Existiam poucas pessoas dentro e fora de Ziyaana que conheciam Maram melhor do que Idris. Ele era noivo dela. Não um dissidente, mas um lorde na corte vathekesa. Ele parecia familiar, mas não era. Era tão vathekês quanto o resto.

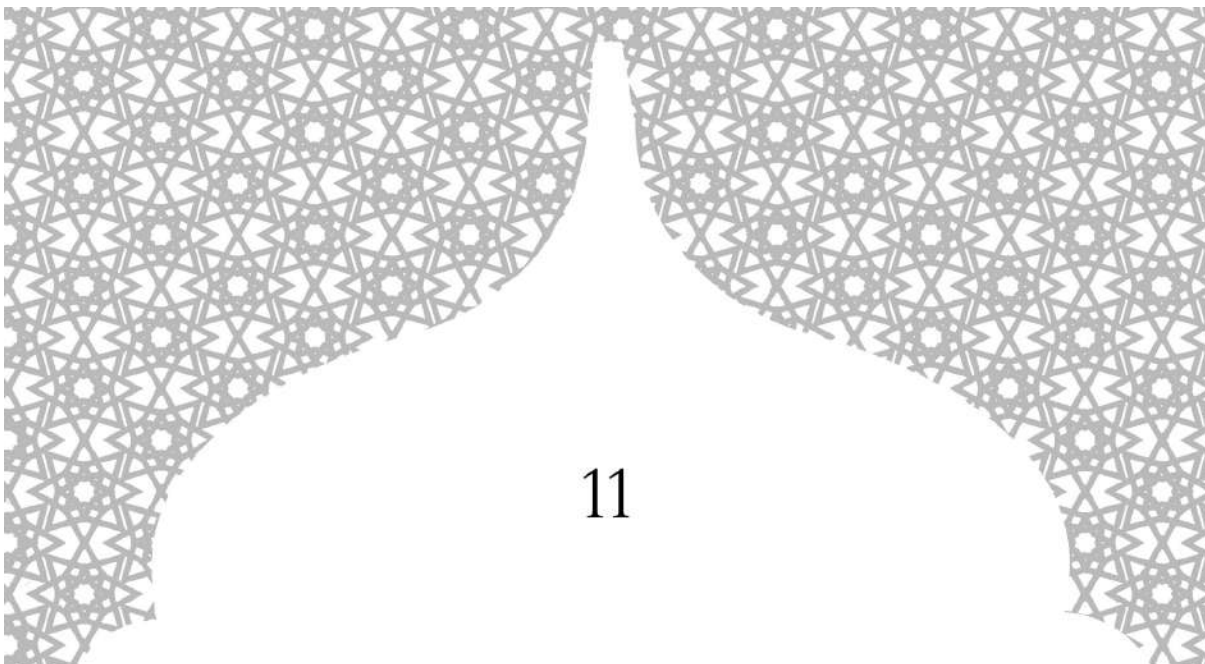
— Sim — murmurei, e me endireitei com cuidado quando ele passou o braço ao redor de minha cintura e entrelaçou nossos dedos com a mão livre.

Enquanto executávamos os passos da dança complicada, mal ouvi nossa conversa, tão focada estava nos movimentos. Qualquer passo em falso poderia me expor. As mãos de Idris queimavam como fogo quando ele me tocava, lembretes constantes de que o menor dos erros poderia ser notado. Mas as semanas de lições não falharam. Meu corpo conhecia o caminho da dança, mesmo enquanto minha mente girava.

— Comida? — perguntou Idris, olhando para mim quando a dança chegava ao fim.

Por fim, permiti-me sorrir.

— Por favor.



11

Idris aconchegou o meu braço em seu cotovelo e, juntos, seguimos ao canto leste do salão, onde mesas de comidas tinham sido dispostas para que nos servíssemos. Nós nos separamos mais de uma vez; o salão era longo e vasto, e Idris era popular. Não deveria ter ficado surpresa quando Furat apareceu em minha frente.

Ela se ajoelhou diante de mim com elegância, então se ergueu da mesma forma. Usava um vestido no velho estilo zidanino, em tons de ouro que se aproximavam do vermelho e do marrom, com mangas longas e uma linda tiara. As mãos dela estavam escuras com a henna, uma tradição que Maram nunca adotou. Ela se assemelhava mais a Idris que Maram, com sua testa alta e pele marrom. Onde o cabelo de Maram — ou meu cabelo — ficava ondulado e fora de controle, o dela recaía em ondas ao redor da face, grosso e castanho, com um brilho vermelho sob o sol. Ela tinha o rosto redondo comum aos kushailanos, e bochechas ligeiramente cheias. A daan de Furat deveria ter sido encantadora quando ela ainda a tinha, preta contra a pele, impossível de ser ignorada.

Olhei para ela com atenção, tentando me lembrar do que eu sabia. Se ela abriu mão da daan, por que se vestir daquela

maneira? Por que não se misturar?

Compreendi, repentinamente, por que Maram desgostava tanto dela. Ela era harmoniosa, destemida sem se esforçar, apesar de tudo o que perdeu e de tudo o que ainda tinha a perder. Maram se agarrava à sua parte vathekesa como a um escudo. Furat, por outro lado, era completamente andalã apesar de terem lhe roubado a daan. E ela conseguia emitir o mesmo brilho afiado que qualquer cortesão vathekês.

Maram, imaginei, odiaria a prima duas vezes — primeiro, por incorporar nossas tradições quase extintas sem se preocupar com as consequências, apesar do mandato vathekês e, segundo, pela calma que emanava.

Eu a invejava. Ela era tudo o que eu queria ser: livre, apesar de estar sob o total controle de outra pessoa.

— Prima — disse ela, ao terminar a reverência.

— Pensei que não viria — respondi. — Você parece gostar muito mais de suas tradições provincianas.

— Fui convidada — disse ela. — E pensei que deveria ver uma celebração como essa pelo menos uma vez na vida. Não se pode julgar o que não se conhece.

Resmunguei, pensativa, então passei por ela para me afastar.

— Deveríamos aprender a ficar perto uma da outra — disse ela, enquanto eu caminhava.

— Acho que não — opinei, com a voz sem qualquer emoção, e tentei seguir em frente.

Em vez disso, dei de cara com uma criada.

— Você está bem? — perguntei, sem pensar, então percebi meu erro. Ela ergueu a cabeça, com os olhos arregalados e o rosto pálido.

Maram nunca perguntaria isso.

— Maram? — chamou Idris, atrás de mim. Ele nem mesmo olhou para a criada, em vez disso, ofereceu um dos braços a mim. Parei de respirar, mas ele não disse nada.

Fomos levados a uma mesa em um tablado erguido acima de todas as outras pessoas. Havia um único e grande prato entre nós e um jogo de chá, com penas prateadas entalhadas nas xícaras. A comida vinha de diversas regiões, todas aperitivos. Pequenos

biscoitos vathekeses, briouat kushailanos recheados com cordeiro, vilgotzi norgakês. Na borda do prato, chebakia kushailana, a comida preferida de Maram. A nossa direita e esquerda havia outras mesas, um pouco abaixo de nós, a organização das cadeiras foi efetiva ao nos fechar em nossa própria e pequena bolha.

Idris se inclinou, trazendo a boca para perto de minha orelha, para me falar algo, como eu o vi fazer com Maram. Enrijeci, incerta do que ele diria, mas era apenas fofoca. Apontou para dignitários e seus filhos e me contou as últimas notícias de lugares distantes.

— O rei confiscou todas as posses da Casa Dion — disse ele, enquanto colocava uma chebakia ensopada em mel no meu prato. — Não ficaram pobres, mas nenhum deles quer voltar para Luna-Vaxor.

Resisti à vontade de pegar a chebakia, com medo de que o mel pingasse em meu vestido.

— Por que não? É o lar deles.

— Ah, minha querida — disse ele, e lutei contra meu instinto de erguer as sobrancelhas. — Eles não seriam, nem de perto, tão ricos se minerassem excelsior na própria lua. Não tanto quanto seriam aqui, herdando terras libertas na ocupação.

Sua voz emanava sarcasmo. Ele realmente falava com Maram desse jeito? Fiquei confusa por um momento, lançando-lhe um olhar de soslaio. Seria a segurança concedida por ser um lorde aliado a Maram que o permitia falar assim, ou ele estava se arriscando?

Nunca considerei como seria ser da makhzen e um prisioneiro dos vathekeses ao mesmo tempo. Queria saber a quem ele era leal de fato. Ele queria ser rei dentre os vathekeses? Ou a condição de refém exigia uma encenação como a minha?

Eu não tinha certeza de como Maram responderia a uma fala dessas, portanto resolvi ficar em silêncio. Olhei para o salão e para a mistura de pessoas — vathekeses, taifanos, norgakeses e todas as tribos e culturas ao redor de Andala e suas luas estavam reunidos naquela noite.

Ele ainda sorria, mas havia certa acuidade ali, como se a minha resposta fria o tivesse colocado na defensiva. Ficamos em um silêncio constrangedor até ele repousar uma das mãos em meu ombro.

— Mais uma dança? — Soou tanto como um desafio quanto como uma oferta de paz. Ele tranquilizava Maram assim? Ela gostava tanto de dançar? Deixei que ele me guiasse à pista de dança enquanto a música recomeçava.

— Gostaria de ouvir uma história? É kushailana. Antiga.

Não consegui impedir meus olhos de se erguerem. Ele estava brincando comigo, eu tinha certeza; mas se era porque isso irritava Maram, ou porque ele percebeu que algo estava errado comigo, eu não sabia dizer. Ele sorriu um pouquinho, com um certo triunfo. Sem pensar, meus dedos apertaram dolorosamente o ombro dele.

— Agora você parece interessada — disse ele.

Permaneci quieta, embora ele merecesse ouvir algumas verdades. Eu estava irritada — comigo, por ser tão facilmente atraída com a menção de meu lar, e com ele, por conquistar essa pequena vitória.

— É sobre Massinia — continuou ele. — E seu casamento.

Eu me contive para não fechar os olhos. Eu conhecia a história — a maioria das pessoas conhecia. Mas eu sabia de cor sua forma poética, a prosa formalizada por Ibn Saj', as várias anedotas em biografias. Eu não queria ouvir aquela história, não ali. Mas se eu o impedisse, ele poderia suspeitar.

Ele curvou a cabeça para perto da minha enquanto dançávamos, e começou, com a voz equilibrada e melódica.

— Massinia fazia parte das tazalghitanas, mestras de cavalos no deserto. Eram tribais, e todas as suas tribos eram lideradas por mulheres.

As palavras saíam fortes e calmas, embora não fosse o ideal ouvir a história em vathekês. Kushailano tinha um certo ritmo, e as histórias eram contadas em versos, então, ao fim, você sentia como se ouvisse uma música que havia escutado a vida toda. Idris contando a história não me trouxe nenhum conforto. Em vez disso, certa saudade da minha casa cresceu em mim, amarga e pesada. Não queria ouvir o conto nessa língua estrangeira sem emoção. Queria a prosa de Ibn Saj' ou a poesia que eu mantinha guardada em Ziyaana.

— Ela se apaixonou por um pastor — continuou ele. — E, por um tempo, ela foi feliz.

— Mas? — incitei.

A mão dele apertou a minha cintura.

— Mas o coração de Massinia não pertencia a ele — disse ele.
— Pertencia à tribo e à família dela. E se descobrissem, uma guerra poderia ser deflagrada.

— E aconteceu? — perguntei. Eu sabia a resposta, mas Maram, com certeza, não.

— As irmãs dela descobriram e o mataram — respondeu ele. — E uma guerra contra a família dele teve início.

Fechei os olhos e permiti que Idris me guiasse pelos últimos passos da dança. Provavelmente, eu nunca encontraria um amor como o de Massinia. Quando eu era menor, sonhei com isso — momentos silenciosos que cresciam dentro de cada um e se transformavam em algo duradouro. Mas eu vivia em Ziyaana agora. Apesar de meu coração ainda ser meu, meu corpo não era. Encontrar um amor desses seria impossível.

— Que história triste essa que você me contou — comentei, por fim, olhando para ele.

Ele sorriu.

— Ela tem um final feliz.

— Mesmo?

— Sabe o que acontece com ela? No fim da vida? — perguntou ele.

Eu sabia, mas acreditava que Maram não era religiosa, então esperei que ele continuasse.

— Ela desapareceu.

Foi difícil não bufar. Ela não desapareceu, pelo menos, não da maneira que os historiadores queriam dizer. O teslita que a salvou, Azoul, retornou a ela — depois das guerras de unificação, depois da transcrição do Livro de Dihya, depois de seu amor morrer — e ofereceu a ela uma capa emplumada.

Volte, oh, enlutada, o teslita disse a ela. *Entre em nossa cidadela*.

Massinia, então, vestiu a capa e fugiu para longe das mãos de todos os que alguma vez quiseram fazer uso dela ou de seu legado.

Fui tirada de meus sonhos pela voz de Idris.

— Sua tutora chegou para levá-la.

Idris e eu finalizamos nossa dança com mais um giro. Então, sem qualquer outra palavra, ele me acompanhou pelo salão até Nadine, que vestia seu preto costumeiro, com o sempre presente droide a seu lado.

— O rei solicita uma audiência — disse ela, quando me aproximei.

Obriguei-me a endireitar a postura e a não estremecer. Se eu não conseguisse enganar Sua Graça, então tudo estaria perdido. Voltei a ouvir a voz de Maram, as palavras que ela me disse em nosso primeiro encontro: *sua vida depende disso*. Ela não precisava ter dito para que eu compreendesse o que estava em jogo. Eu sabia como os vathekeses agiam; todos sabíamos. Falhar não era Uma opção.

Idris beijou minha bochecha levemente, então me soltou.

Meu coração acelerou quando permiti que ela me levasse em direção ao trono, na extremidade do salão — ele esteve desocupado ao longo da noite, mas percebi, então, que o rei havia tomado seu lugar. Rei Mathis, pai de Maram. Rei Mathis, Conquistador das Estrelas.

Eu o odiava mais do que eu alguma vez odiei alguém.

— Você está muito elegante hoje — disse ela, enquanto caminhávamos pela multidão que se abria conforme nos aproximávamos. — Espero que esteja aproveitando o baile.

— Obrigada, Vossa Senhoria, estou.

Eu lidei com um salão inteiro de cortesões, pensei comigo mesma. Mesmo Idris, que parecia conhecer Maram melhor do que todos os outros, não parecia suspeitar que eu era uma substituta. Certamente, seria capaz de enfrentar mais um desafio.

Minha respiração não ficou mais fácil, mas acertei minha postura. Eu poderia ficar sem fôlego se isso significasse que eu viveria para ver a manhã seguinte.

Um homem, numa cadeira de encosto alto, conversava, cheio de urgência, com o conselheiro ao lado. Quando nos aproximamos, ele se virou e gesticulou para que o conselheiro fosse embora.

Mathis, filho de Hergof, Alto Rei dos vathekeses, Imperador do Sistema Ouamalich, Protetor e Herdeiro das Estrelas Internas, estava diante de mim.

Eu havia visto seu rosto antes, claro. Era impossível escapar de nosso rei. Seu perfil agraciava nossa nova moeda e a maior parte das construções administrativas. Ele era mais alto do que eu esperava, com peitoral e ombros largos, musculoso por baixo da cor preta do casaco militar. O cabelo grisalho brilhava sob as tochas, com um corte rente ao crânio. Os olhos, azuis, pareciam reluzir, e todas as histórias sobre a excentricidade vathekesa vieram ao primeiro plano de minha mente.

Mergulhei lentamente sobre meus joelhos, como fiz, há pouco tempo, diante de Nadine, e encarei ao chão. Pude sentir os olhos dele em mim.

— Vossa Eminência — suspirei.

Silêncio.

Obriguei minhas mãos a relaxarem em meu colo, apesar de ouvir o som do rei se voltando ao conselheiro, sussurrando algo. Minha vida dependia do desfecho daquele encontro. Meu mundo se afunilou àquele momento e todos os meus passos me levaram até ali.

— Nadine — disse ele, depois de um momento. — Avise meus criados. Irei a Rif amanhã, assim que o festival acabar.

— Sim, Vossa Eminência.

— E Maram?

Ergui a cabeça e encontrei os olhos dele. Eu me senti quase como uma herege ao olhar para ele. Meu rosto, eu esperava, não demonstrava qualquer emoção. Forcei meu coração e meus pensamentos a se acalmarem. Os olhos dele pareceriam perfurar todo o meu engodo e enxergar meu interior. Por um momento, minha mente ficou vazia com o medo de que ele pudesse descobrir a verdade.

Lutei comigo mesma para ficar calma e continuar.

— Sim, Vossa Eminência?

Ele estendeu uma mão enluvada. Por alguns segundos, eu a encarei sem entender. Nadine ficou em silêncio, mas pude senti-la atrás de mim, repreendendo-me por minha lerdeza e estupidez. Deslizei a mão sobre a dele e aceitei sua ajuda ao me levantar graciosamente.

— O que você pretende fazer para garantir sua confirmação? — ele me perguntou.

— Vossa Eminência? — Eu me senti como um leitor de hologramas com defeito.

Ele franziu a testa, com uma expressão assustadora e raivosa. Ele era tão diferente de meu pai que, mesmo em momentos de ira, nunca me amedrontava.

— Quando nos falamos pela última vez — disse ele. — Você concordou em criar um plano para lidar com o senado e confirmar sua posição como herdeira. Eu quase não exijo nada de você...

Nadine, então, tossiu baixinho.

— Vossa Eminência, discutimos o pequeno problema de... — Ela nunca terminou a frase, e eu não era tola o suficiente para dar as costas ao rei, mas a expressão dele se suavizou quando compreendeu. Ele lançou um novo olhar para mim, crítico e afiado, como se quisesse descascar todas as camadas que me compunham.

— Venha aqui — disse ele com a voz calma.

Dei um passo à frente.

As luvas macias dele encontraram meu queixo. Não sabia se era a maneira vathekese de tocar aqueles inferiores a você, girando-os de um lado ao outro para ver se se enquadravam nas medidas desejadas. Eu me senti uma bugiganga, constantemente colocada contra a luz para ser estudada. Por fim, ele se reclinou e repousou as mãos nos apoios da cadeira. Eu não abaixei o olhar e continuei o observando com quase tanta atenção quanto ele me observava.

— Estamos curiosos para saber se você sobreviverá ao Ziyaana — disse ele, em um leve sussurro. Então, ergueu uma das mãos e gesticulou para que eu me afastasse.

Ajoelhei-me graciosamente, com minha mente quieta, levantei-me e me afastei. Mas não pude resistir a um olhar para trás — ele girou a cadeira, para que pudesse ficar de frente para a grande janela panorâmica. A última coisa que vi dele foram suas costas e ombros largos demais contornados pela luz da lua.

Nadine me levou de volta à mesa, murmurando algumas palavras de aprovação. Com pensamentos ainda agitados, sentei-me e observei os casais dançando entre passos e giros. A noite

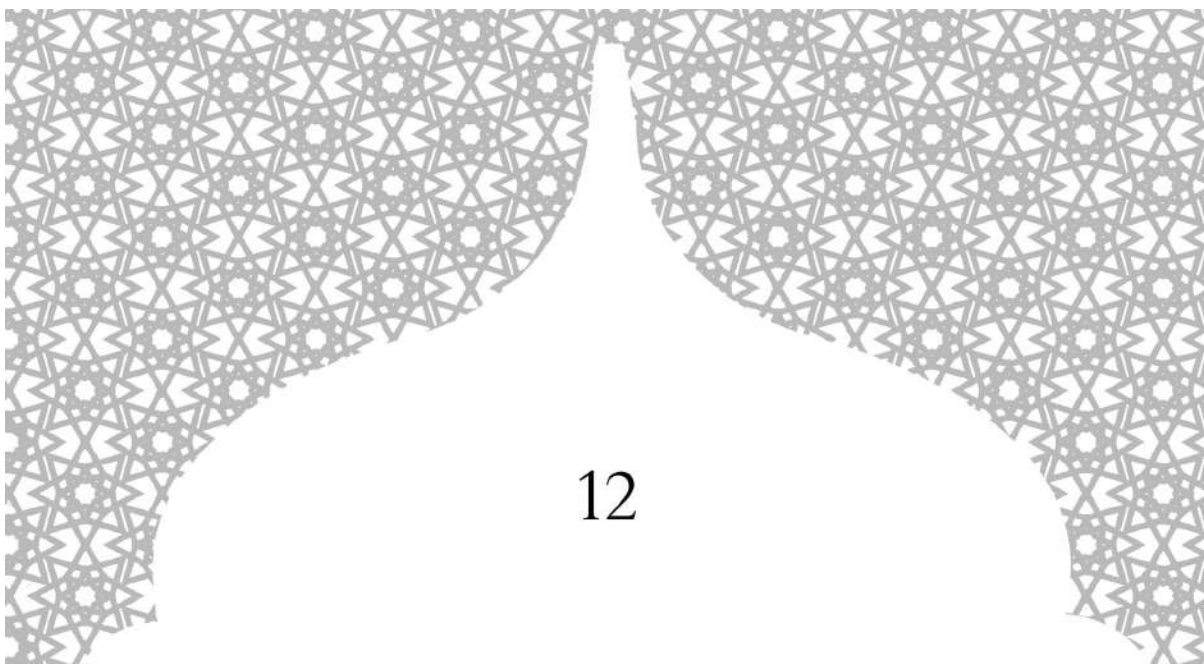
tinha assumido uma aura de outro mundo. As luzes pareciam refletir na escultura de gelo e nas janelas de maneiras estranhas, criando sombras no chão que pareciam chamas feitas de gelo.

Eu consegui o impossível. O orgulho crescia dentro de mim. Obtive sucesso onde todos esperavam que eu falhasse. E meu sucesso significava que eu viveria. Por tempo suficiente, esperava, para escapar. Por tempo suficiente para encontrar uma maneira de fugir de Ziyaana e encontrar outra vida.

Volte, oh, enlutada, volte.

Ziyaana,
Andala

II



Maram me esperava em meus aposentos quando voltei ao Ziyaana. Ela estava parada na frente de uma das janelas, envolta pela luz brilhante dos orbes.

A porta rangeu e foi aberta, depois fechada antes de ela se voltar para mim. Ainda era desorientador me ver em outra pessoa. Eu aprendi a me parecer tanto com ela, a usar as expressões dela no lugar das minhas, que era como se eu usasse uma segunda pele e, às vezes, eu esquecia que existia uma original.

Ela suspirou e sentou-se no banco acolchoado atrás dela.

— Bem — disse ela. — Parece ter se divertido.

— Eu dancei — respondi, com uma voz neutra. — Foi interessante.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Então. Conte como foi.

Eu não sabia o que dizer. Ninguém foi capaz de notar as diferenças entre nós, nem mesmo o pai ou o noivo dela. O rei foi avisado e, ainda assim, falhou em perceber uma substituta no lugar da filha. Os colegas dela mantiveram distância, falando primeiro com Idris antes de olharem para mim.

Eu me questioneei, por um momento, como uma vida assim seria. Isolada de todos, exceto da pessoa com quem você deveria se casar, e ele é um prisioneiro do Estado em todos os sentidos, exceto no nome. Temida por seus conhecidos. Ignorada pelo pai. Órfã da mãe.

Por um breve segundo, senti algo parecido com pena.

Mas o sentimento desapareceu rapidamente.

— Foi como você disse — respondi, por fim. — Encantador. Muito mais divertido do que eu pensava que seria.

— Diferente das festinhas de sua aldeia, assumo? — disse ela, reclinando-se.

— Não dançamos uns com os outros em Cadiz — comentei. — Pelo menos, não tão perto assim.

As danças em Cadiz não tinham nada da cortesia fabricada da valsa que eu dancei com Idris. Elas não eram para demonstrar proximidade ou intimidade; era sobre felicidade. Sobre experimentar a alegria com a família e a comunidade. A valsa parecia ser sobre segredos — a voz de Idris em meu ouvido, a respiração dele em meu pescoço, o cabelo roçando minha bochecha.

Uma proximidade fabricada, mas efetiva.

— Que... curioso.

Ela parecia ter se derramado no divã com o vestido que usava, como se ela fosse uma inundação.

— E o rei?

— Não percebeu nenhuma diferença — respondi de imediato. — Foi um sucesso completo.

Odiei o fato de ela ter se retraído.

— Venha aqui — disse ela, e deu um tapinha num assento do sofá.

Eu a observei como eu teria olhado para uma víbora, mas fiz como me foi ordenado. Sob a luz da lua, ela parecia calma, jovem e vulnerável. Ela era jovem, lembrei-me. Dezesete, quase a mesma idade que eu. Imaginei quantas vezes Idris a viu assim. Será que aquilo tornava mais fácil ser gentil com ela? Era essa a garota de que ele se lembrava quando contava histórias?

— Você realmente se parece comigo — disse ela, inclinando a cabeça. — Seria fácil nos esquecermos de que é a filha de um

agricultor.

— Deveria me sentir lisonjeada? — perguntei.

Ela riu, alto e claro.

— Sua língua está ficando afiada — disse ela. — Conte-me, pelo menos. Ele conversou com você?

Por alguns momentos, pisquei, confusa.

— Ah... Sua Eminência. Não, não mais do que algumas poucas palavras. Ele perguntou sobre seu plano para a herança, mas... pareceu bastante ocupado.

— Sim — disse ela, o seu sorriso desaparecendo. — Mas não ocupado demais para me lembrar de que ainda não assegurei a herança de minha meia-irmã.

Arregalei os olhos.

— Você tem uma meia-irmã?

Com um olhar distante, Maram assentiu.

— Galene, do primeiro casamento de meu pai. Seu único casamento vathekês, como todos são gentis o suficiente para lembrar sempre que têm uma chance. Fomos trazidas juntas a Andala, apesar de ela ter sido exilada para o norte. Tecnicamente, não se qualifica para a linha de sucessão nem para a herança; uma estipulação do tratado de paz diz que apenas as filhas de minha mãe podem herdar. Mas isso não a impede de tentar me desbancar.

— Porém... — comecei.

— Porém Mathis, Conquistador das Estrelas, nunca foi detido por leis alheias. — Ela acenou uma das mãos, indiferente. — Você conhece a história de como meu pai assumiu o poder?

Balancei a cabeça; nunca a ouvi antes.

— Ele foi o segundo filho — começou ela. — O pai dele esperava que ele fosse um segundo general, de acordo com a ordem de nascimento. Meu pai recusou, matou o pai dele e assumiu o controle tanto do planeta quanto da força militar. Mathis faz de tudo para assegurar o seu poder e o seu governo. Ele me deserda se acreditar que seja o melhor para seus objetivos.

Olhei para ela, incapaz de compreender tamanha crueldade.

— Imagino que um agricultor não seja tão impiedoso nem tenha uma mente tão fechada assim... — comentou Maram. Sua história aparentemente havia chegado ao fim.

— Meu pai...

Eu sempre via meu pai. Isso era o que acontecia quando se vivia em uma pequena casa e trabalhava em uma pequena fazenda em uma pequena aldeia. Ainda assim, compreendia o que Maram queria dizer. Alguns pais, como Mathis, não tinham tempo para os filhos. Baba sempre esteve presente, encorajando a sonhadora que existia em mim, apesar de minha mãe insistir que não o fizesse. Nunca duvidei de que ele me amava e nunca senti como se o tivesse decepcionado.

— Ele amava poesia — confessei, sem querer, e me virei para olhar pela janela. — Ele escrevia poesias para minha mãe antes de se casarem. Era uma habilidade necessária no cortejo... e ele me ensinou. — Eu sorri.

Meus pais não eram um casal espalhafatoso. Alguns dos amigos deles davam flores uns aos outros ou redeclaram seu amor em cada festival. Meus pais, por fora, eram amigos muito próximos, apesar do calor e da paixão citados na maioria das poesias não estar presente. Quando eu era mais nova, algumas vezes, imaginava se o casamento deles foi por conveniência ou por amor. Mas quando eu tinha onze ou doze anos, voltei mais cedo do pomar e meus pais não estavam me esperando. Eu os encontrei sentados em silêncio na sala, meu pai dormindo com a cabeça no colo da minha mãe. Ele sorriu quando abriu os olhos e olhou para ela. E ela se inclinou, dando um beijo breve na testa dele. Meu pai era gentil por natureza; minha mãe, não. Mas, naquele momento, vi como ela poderia ter sido quando mais nova, e como ela era quando estava com o meu pai.

Maram ergueu uma sobrancelha.

— Por que um agricultor precisa de poesia?

— Todo kushailano é poeta — disse. — Poesia faz parte de nossa cultura. É como cortejamos, zombamos, como...

Ela ergueu uma das mãos.

— Chega — disse ela, sua voz cheia de riso. — Não diga mais nada. Olhe para isso... você parece satisfeita com sua ascendência.

— Você não gosta da sua?

Eu disse a coisa errada. O sorriso dela se transformou em algo duro e irritado, e seu calor evaporou. Ela se levantou, para me

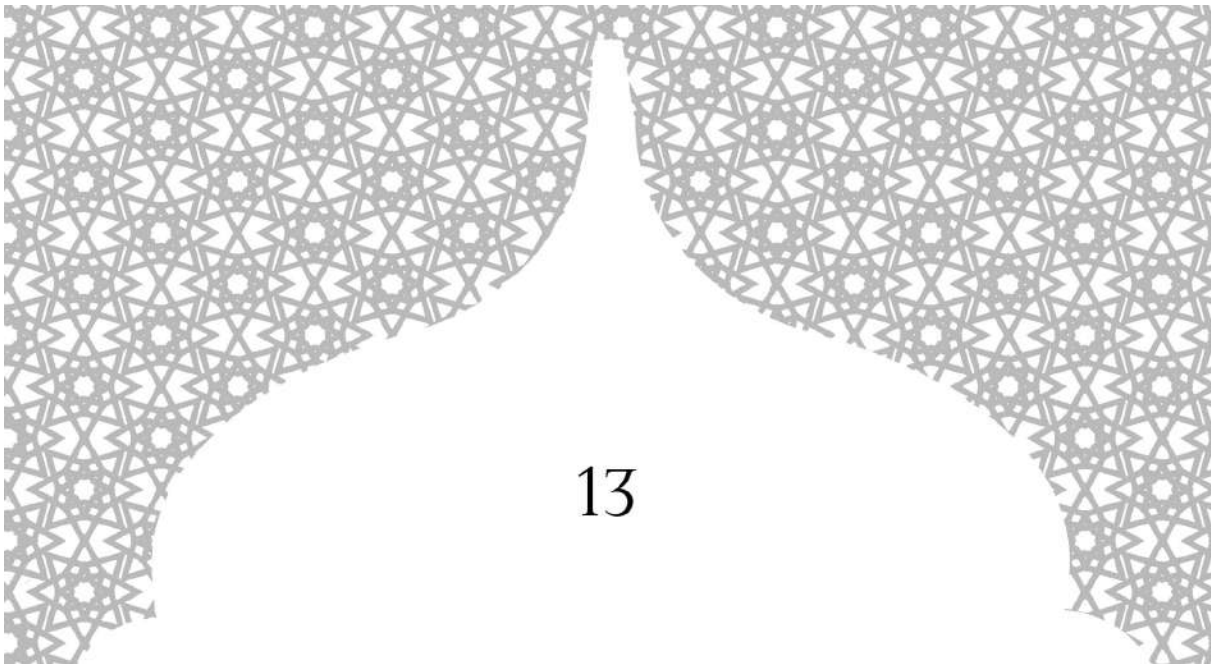
lembrar de que eu era inferior a ela.

— Bem — ela disse, e seu sorriso fez com que me contraísse.

— Parabéns por seu sucesso. Não precisa ficar desconfiada.

Ela seguiu para a porta. Por alguns segundos, a princesa ficou parada na entrada, emoldurada pela luz fraca que vinha do pátio. Que figura solitária ela era, pensei. Sem família nem amigos.

Então, ela ergueu o capuz da capa sobre a cabeça e se foi.



13

Algumas semanas depois de meu retorno de Atalasia, observava os dedos de Tala em meu cabelo enquanto ela entrelaçava pedras semipreciosas polidas em pequenas contas. Quando primeiro me mostrou o que pretendia colocar em meu cabelo, arfei, surpresa. Mas o tempo fez o seu trabalho e, então, os enfeites comprados para uma substituta não mais me chocavam.

— Tala — chamei, baixinho.

Ela tirou os olhos de meu cabelo e me olhou pelo espelho, sorrindo.

— Sim?

— Eu nunca a agradei.

— Pelo quê?

— Por... salvar meu vestido da noite de maioridade — respondi. Eu não poderia agradecê-la pela poesia. Isso parecia ser algo perigoso de ser dito em voz alta, e eu sabia que, provavelmente, ela não assumiria ter feito isso. Mas o presente de Husnain me ajudou ao longo de todas as semanas desde que eu o encontrei. E queria que ela soubesse quão grata eu estava por tê-lo. — Não precisava ter feito isso.

O sorriso dela desapareceu e ela voltou os olhos às minhas tranças.

— Não diga nada sobre isso — disse ela, por fim.

Eu a observei por um momento, então assenti.

— Claro.

Permanecemos sentadas em silêncio por alguns minutos. Imaginei que era assim que Tala preferia. Ela certamente era gentil comigo, mas nunca tentou ser minha amiga. Eu imaginei que ela deveria conhecer em primeira mão os custos da amizade em Ziyaana.

— Queria perguntar — começou ela — como foi o baile? Como estava o amir?

Ergui as minhas sobrancelhas, espantada. Ela nunca me perguntava sobre como meus dias tinham sido, e não tinha certeza se isso era uma abertura ou não.

— Ah, vamos — ela provocou, com um sorriso doce. — Todas as garotas andalãs no mundo invejam Maram. Idris ibn Salih é atraente e admirável. O que você achou dele?

Para meu horror, corei. Atraente parecia um eufemismo para mim. Mas ele era encantador, com sua dança elegante, toques suaves, respostas velozes, e eu sabia que ele precisava ser esperto para sobreviver diante de Maram por tanto tempo. Ainda assim, mesmo sabendo disso, precisei me esforçar para resistir ao charme dele.

Sorri involuntariamente.

— Ele foi um príncipe — disse por fim. — O que mais posso dizer?

Ela soltou um chiado baixinho.

— Que vago — disse ela, então suspirou quando um droide chegou para me levar.

* * *

Eu nunca vi os aposentos reais de Maram. Na verdade, eu quase nunca deixava a deserta ala leste. Eu poderia ser descoberta se me aventurasse além, mas o droide me deu um véu antes de partirmos. Eu o coloquei, mas estava aterrorizada com a possibilidade de que minha farsa ruísse.

Os aposentos de Maram ainda apresentavam o estilo kushailano de antes da ocupação. As paredes tinham ladrilhos vermelhos, laranjas e verdes, o teto e os acabamentos ao longo das paredes tinham formas geométricas entalhadas no estilo zelij e na velha caligrafia kushailana. Não havia nenhum tapete, apenas um chão de pedra gelada debaixo de meus pés e mobília de madeira escura, revestidas com tecidos caros, no estilo kushailano, e à minha esquerda, uma mesa com almofadas de chão e um jogo de chá kushailano.

Imaginei que ela, com todo o desgosto que sentia pelo seu sangue, teria arrancado do quarto todos os detalhes kushailanos. A escritura, pelo menos, que eu sabia ser do Livro, pensei que ela teria lixado. Ainda assim...

Maram estava deitada num divã de frente para as portas abertas da varanda. Pude ver as treliças de madeira, e ouvir o canto dos pássaros, o borbulhar da fonte e o farfalhar das folhas enquanto um vento aparente passava pelo jardim abaixo. Ele trazia o cheiro de frutas — figo, pensei, e laranjas. Tinha o cheiro de casa.

— É tão lindo aqui — comentei, sem pensar, esquecendo por um momento de que aquela não era uma conversa casual entre amigas. Mas Maram pareceu satisfeita.

— Sempre quis ter nossos encontros aqui, mas Nadine não permitia — disse ela, mais para si mesma do que para mim.

Tirei a capa dos ombros e, com ela, o véu, e a pendurei nas costas de uma cadeira, antes de me sentar ao lado dela.

— Você não é a princesa? — questionei, sem ponderar. — Por que não toma as decisões?

Sua boca se curvou brevemente num sorriso.

— Se... quando eu for a rainha, farei como desejo — ela disse, dando de ombros. — Nadine é o braço direito do meu pai. — Sua boca se torceu ao dizer isso. — Ela pode fazer o que quiser, quando quiser.

Mais uma vez, não consegui me controlar.

— Isso parece...

— Ela faz parte dos Altos Vathekeses. É pura — interrompeu ela, encarando o horizonte. — Meu pai... valoriza isso. Todos valorizam.

Não havia nada que eu pudesse dizer. Entramos em um silêncio constrangedor enquanto ela parecia refletir sobre o que havia dito, e fui incomodamente lembrada do porquê parecíamos uma com a outra. Maram não era apenas vathekesa. Pude imaginar, de repente, a negligência que sofreu nas mãos do pai, e como isso deve ter sido resultado das circunstâncias do nascimento dela. Poucos fora de Ziyaana acreditavam que a velha rainha se casou com Mathis por livre e espontânea vontade. Foi necessário; a única maneira de evitar o derramamento de sangue, de salvar as últimas famílias restantes, de garantir a paz.

A paz entre a makhzen, pelo menos.

Um passarinho piou no jardim, e Maram se assustou, voltando para a realidade.

— Não foi por isso que a chamei aqui — continuou ela, levantando-se.

Eu me endireitei.

— Temos uma missão para você.

— Um plano para me matar? — perguntei, antes que pudesse pensar melhor.

As palavras pairaram entre nós, ditas na voz dela, com o humor seco de Maram, perfeitamente afiado e real. Se apenas não tivessem saído de minha boca...

Ela riu, uma explosão de um som cristalino. Incerta, eu a olhei, mas os ombros dela relaxaram, e ela se sentou mais uma vez no assento ao meu lado.

— Gosto mais de você quando sua língua está afiada, aldeã — disse então, com um sorriso ainda repuxando os cantinhos de sua boca.

Tive o bom senso de não dizer “agora”, e mantive os olhos em suas mãos, em vez de encará-la.

— A missão, Vossa Alteza? — perguntei.

A risada não diminuiu a tensão no ambiente, pelo menos não para mim. Agora, eu sabia quão instável seu humor era, quão rapidamente um sorriso, ou o que parecia amizade, poderia se virar contra mim. Ela se lembraria de algo, ou eu me movimentaria de uma certa maneira, e ela simplesmente mudaria de ideia sobre o que queria.

Então esperei e observei.

— Ah, sim — disse ela, puxando a trança sobre o ombro. — Minha avó, a Sultana Viúva... como condição do exílio dela, devo visitá-la. É para demonstrar... — Ela sacudiu as mãos, desconsiderando a situação. — Demonstrar algo. Benevolência contínua entre os selvagens e os conquistadores. Você vai em meu lugar esse ano.

Não havia como esconder minha confusão. Eu deveria substituí-la quando houvesse problemas. Que perigo existiria em visitar a propriedade da avó? Tarde demais, percebi sua mandíbula tensa. Pela primeira vez, não era para mim que ela estava olhando, mas para uma tapeçaria na parede mais distante do aposento. Eu a observei com minhas mãos entrelaçadas no colo, enquanto ela contornava o divã e seguia para a varanda.

Ela não segurou o corrimão como eu teria feito. Em vez disso, mais uma vez, manteve-se perfeitamente ereta, com uma mão suavemente escondida nas dobras do vestido, enquanto a outra permanecia quieta. Ela parecia pitoresca — uma visão da realeza andalã, queimando num tom vermelho.

— Há rebeldes na lua onde ela reside — ela explicou, por fim, com a voz perigosamente sem emoção. — Alguns suspeitam que tenham surgido por conta da indolência dela.

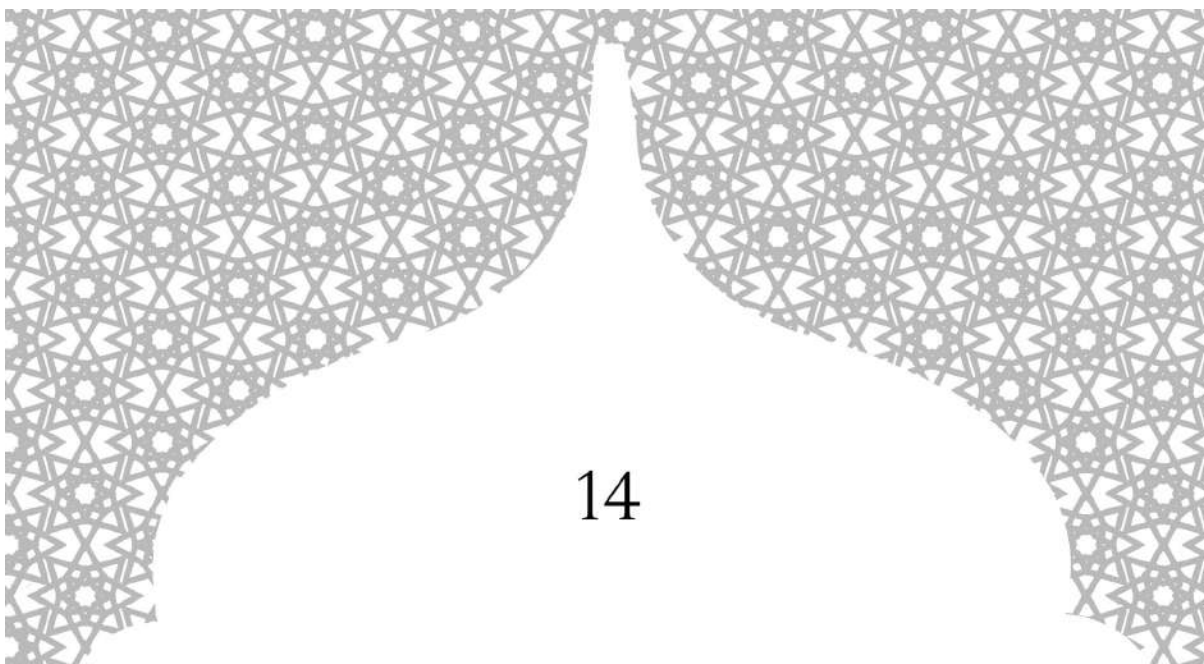
Eu não sabia como responder. Maram era universalmente odiada pelos andalões, não havia dúvidas disso. Mas a avó dela, independentemente de quanto fosse patriota, não toleraria uma conspiração para o assassinato da única neta.

Maram voltou seu olhar para mim e, então, de volta ao jardim abaixo, despreocupada.

— Não precisa parecer chocada. É seu costume, não é? Disputas internas? — Ela suspirou. — Pode ir. Cansei de você. Nadine lhe contará o resto.

Antes de sair, eu levantei e me forcei a falar, emanando ira:

— Está em nosso sangue, eu imagino.



Odia de minha partida chegou rápido. Eu estava sentada à penteadeira enquanto Tala ia de um guarda-roupa aos muitos baús abertos ao redor do cômodo.

— Onde ficam os Portões? — questionou Tala. Ela estava me testando enquanto trabalhava.

— Os Portões de Ouzdad são os muros inacessíveis da propriedade da Sultana, trazidos de um templo antigo em Andala para a lua Gibra na época da terraformação. Antecede a época das estrelas.

— Diga o nome dos parentes vivos da viúva — pediu Tala, com um breve aceno.

— Ela tinha duas irmãs e um irmão mais novos antes da invasão — respondi. — O irmão se rebelou no vigésimo ano do mandato, dando início à guerra civil. Ele foi banido para Cadiz e foi um dos mortos na primeira onda.

— E as irmãs dela?

— Morreram na terceira onda da invasão — expliquei.

— A população de Gibra — ela solicitou.

— Em sua maior parte, kushailanos — respondi. — Apesar de uma congregação tazalghitana ter se instalado lá há cerca de

duzentos anos.

Tala soltou um som baixinho de aprovação. Seu interrogatório chegou ao fim.

Encarei-me, o cabelo enrolado como o de Maram, um diadema ao redor de minha testa e o verde escuro do cafetã brilhando sob a luz suave de uma tocha.

Repousei o lápis de kohl e me levantei. Eu estava pronta. Brincos pequenos, dois anéis, em vez dos habituais quatro ou cinco de Maram, e uma única pulseira. Renunciei até mesmo ao colar para satisfazer os gostos da Sultana Viúva.

Um droide esperava por mim no jardim, com uma das capas de Maram pendurada num de seus braços. Ele não estava sozinho.

Maram estava ao lado do droide, estranhamente calma e silenciosa. Ela usava roupas que eu costumava vestir; um cafetã neutro e azul-escuro, com pouquíssimos bordados, nenhuma joia e uma capa com o capuz escondendo o cabelo. Um véu pendia preguiçoso de uma de suas mãos, esperando voltar a encobrir o rosto.

Ela esboçou um sorriso quando me viu.

— Ah, não fique tão impassível — disse ela, vindo em minha direção. Ao se aproximar, ela pegou a trança frouxa que caía sobre o meu ombro direito e a colocou sobre o esquerdo.

— Vai se divertir muito em Gibra. Então, vai voltar e pronto.

Ela parecia bem humorada, com um sorriso grande o suficiente para que uma covinha aparecesse em sua bochecha esquerda. Não havia desconfiança, raiva ou sarcasmo dentro dela naquele dia. Não acreditei nisso nem por um segundo.

— Aonde você vai? — perguntei, em vez de me prender ao humor dela.

Ela sorriu abertamente para mim.

— Para um lugar distante. Não quero ser um passarinho engaiolado enquanto você perambula pelas catacumbas de minha avó.

— Ah. — Eu não tinha pensado nisso, para falar a verdade. De fato, eu ficava presa enquanto ela passeava por Ziyaana ou viajava pelo sistema. Ainda assim, eu não era uma princesa. Não havia

motivos para que qualquer permissão me fosse cedida. — Algum lugar mais frio, talvez? — indaguei.

Ela murmurou algo, ergueu um dos ombros e segurou meu vestido.

— Talvez. Não cabe a você saber.

O droide ao lado dela ergueu minha capa, um sinal de que eu deveria me preparar para partir. Eu a preendi sobre os ombros, passei os braços pelas pequenas aberturas no tecido e vesti o capuz.

— Aldeã — disse ela, depois que me virei.

Fiz uma pausa, os pelinhos em minha nuca se eriçaram em alarme.

— Cuide de Idris — ordenou Maram, e veio à minha frente.

Meus olhos se arregalaram. Eu não sabia que ele viria comigo. Mal consegui lidar com a situação quando passamos apenas algumas horas juntos. E então, eu precisaria lidar — e enganar — Idris por semanas.

— Ele... Gibra costuma ser difícil para ele.

Franzi a testa.

— Difícil?

Por alguns segundos, ela me encarou, como se tentando captar uma verdade oculta. Então, balançou a cabeça.

— Ele é... nós somos amigos — afirmou ela, como se doesse admitir aquilo. — Mas ele fica entediado com facilidade, e não há nada exceto areia e pedras em Gibra.

Meus olhos se arregalaram ainda mais e considerei fazer algumas perguntas. Idris parecia não enfrentar muitas dificuldades, independente do que fosse. Não conseguia imaginar que estar em Gibra, livre das maquinações de Ziyaana, fosse ser difícil para ele.

— Aldeã — disse ela, e agarrou meu braço. — Você entendeu?

Assenti, o alarme no fundo de minha mente crescendo.

— Sim, Vossa Alteza.

Ela assentiu em resposta.

— Ótimo.

* * *

Não estávamos saindo pelo terminal principal, como quando fomos a Atalasia. Nosso grupo era muito menor dessa vez; todas as damas de companhia de Maram ficariam para trás, então seria apenas eu, Idris, Tala e um punhado de criados. A zona de aterrisagem parecia mais um jardim do que um local para se deixar o planeta. Havia árvores por toda parte, pesadas com frutas fora de época. A nave que pegaríamos para sair do planeta era menor do que a cruzeiro luxuoso no qual embarcamos há um mês. Com o formato de uma criatura marinha do fundo do mar, asas amplas e curvadas, e um centro bulboso, tinha apenas dois andares, grande o suficiente para que os criados e as criadas ficassem separados de Idris e de mim.

Idris, por sua vez, estava do outro lado do terminal, cercado por dois droides. Não se deu ao trabalho de prender o cabelo para trás naquela manhã, e havia algo faltando — como se não tivesse vestido toda a sua armadura como geralmente fazia. Parecia cansado, percebi. Não havia nenhuma olheira sob seus olhos, e sua postura estava ereta, como se houvesse uma haste de metal em sua coluna, mas lhe faltava o brilho habitual.

Estava acostumada com o silêncio, então quando Idris não disse nada enquanto embarcávamos, eu não me incomodei. Ele apenas me ofereceu uma das mãos e fomos levados a uma sala de estar com tapetes luxuosos e uma janela ampla em uma das extremidades. Havia uma mesinha de centro no estilo kushailano e diversas almofadas que serviam de assento. Idris e eu nos acomodamos nelas e esperamos enquanto um droide organizava um jogo de chá para nos servir.

Rapidamente, cruzamos as nuvens sobre a superfície de Andala. A única vez em que eu estive tão alto foi em minha jornada à superfície do planeta, e me lembrava muito pouco dela. O sol estava nascendo, e o céu acima das nuvens era um misto de azul aveludado, rosa e violeta. Pude ver o verde pálido de Cadiz entrelaçado com luzes douradas das dezenas de cidades em sua extensão.

Senti uma pontada leve no peito. Eu tivera pouquíssimas oportunidades de observar o céu nos últimos meses e não vira meu lar desde quando fui levada. Naquele momento, eu o encarava

avidamente. Sentia falta do retrato das montanhas pintadas contra um pôr do sol, sentia falta dos sons da minha aldeia e do cheiro da neve chegando. Estava determinada a voltar a ela de alguma maneira, se Dihya quisesse.

Das duas luas, Gibra era a maior. Uma gigante vermelha oxidada. Botânicos colonizaram Cadiz, e não sei quem terraformou Gibra, mas a natureza verde e exuberante tão presente em Cadiz, vista há milhões de quilômetros, não estava presente na superfície de Gibra. Não havia nenhuma evidência de água, apesar de ter ouvido dizer que uma grande quantidade existia debaixo da terra. As luzes que se espalhavam por Cadiz eram praticamente inexistentes em sua lua-irmã. Menos cidades, menos habitantes e habitada por uma população muito mais grosseira.

Não consegui imaginar que vida a Sultana Viúva tinha naquela superfície. Eu sabia que a sobrevivência dela dependia da distância das políticas andalãs, tanto física quanto espiritualmente. Mas deixar de ser rainha de um povo livre, de lutar pela liberdade, para se transformar numa prisioneira numa lua distante, deve ter sido difícil de aceitar. Em sua longa vida, ela enfrentou aspirantes a usurpadores, guerras civis, uma família traidora e nossos conquistadores vathekeses. E ser exilada depois disso tudo...

Ninguém nunca a via em público. As poucas vezes em que vislumbrei o rosto dela foram em velhos hologramas de antes da ocupação. Ela levava uma vida tranquila, longe do passado, longe do presente.

Um formigamento em meu couro cabeludo me fez desviar o olhar da janela. Idris me observava. Ele estava um pouco inclinado para longe da mesa, descansando uma das mãos, enquanto a outra brincava com o anel de sinete. Quando meus olhos repousaram no objeto, ele parou e fechou os dedos sobre o anel. Olhei, então, para o rosto dele e o encontrei tão focado quanto momentos antes.

— Sabe por que contei a história de Massinia a você? — perguntou ele, por fim. — Queria ver do quanto você se lembrava.

— Quanto eu me lembrava? — Se ele tivesse contado essas histórias a Maram, ela esqueceu de mencionar. Eu estava em uma situação perigosa.

— De sua infância — disse ele.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Estava me testando?

Ele sorriu.

— Sim.

— Eu passei? — eu me forcei a questionar.

— Você não colaborou.

— Que eu saiba, seria rude interromper um contador de histórias — informei. — Não importa o quão ruim ele seja.

Seu sorriso se aprofundou. Eu o entretinha. Maravilhoso.

— Eu não atendi às suas expectativas?

Desviei o olhar. Eu não caíria na armadilha. Eu me divertia nas horas vagas, catalogando os erros dele, tanto na história quanto na forma de contá-la. Dicção ruim, sem variação nas frases, nenhum interesse; Idris não se importava com a história de Massinia. Por que alguém deveria se importar com ela quando sua história era uma série de datas e momentos históricos, destituída de paixão ou esmero?

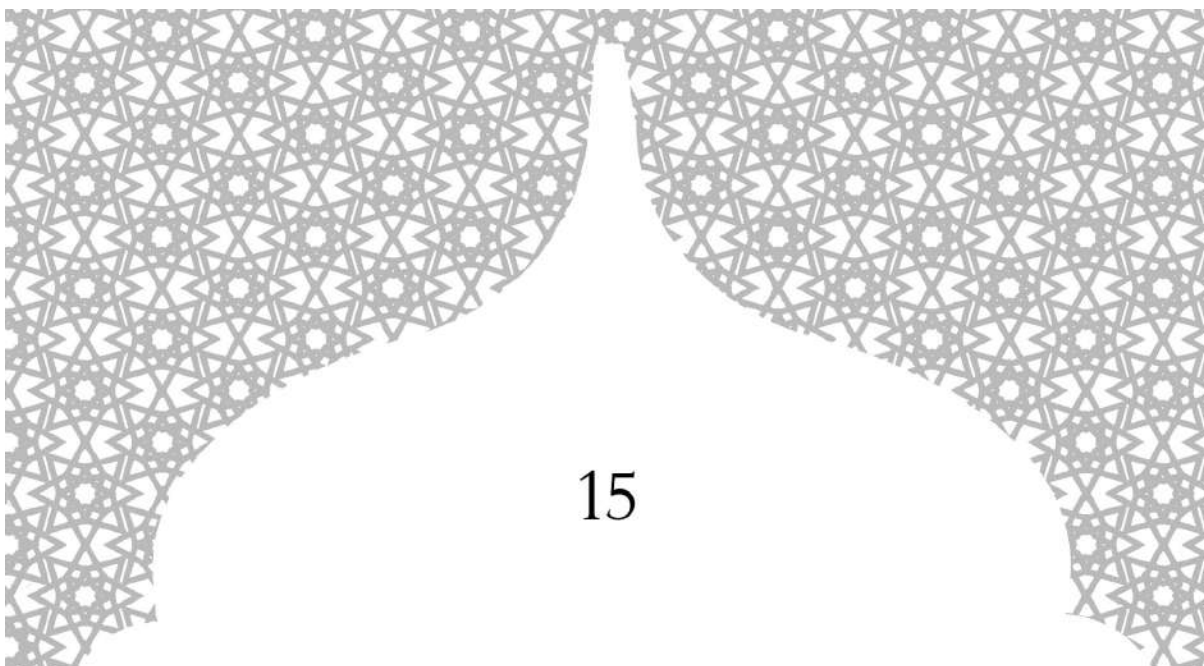
— Silêncio é a mais negativa das críticas — disse ele, rindo.

Estávamos nos aproximando da lua, e observei o aspecto vermelho enferrujado dela se transformar em algo mais complexo. A superfície era uma tapeçaria oscilante de laranjas, amarelos e vermelhos, que iam de um lado ao outro com as correntes de vento. Havia areia por toda parte, com poucos intervalos com qualquer outra coisa.

Um lugar estranho, mas meu lar pelas próximas duas semanas.

Palácio de Ouzdad,
Gibra,
uma lua de Andala

§



Não demorou muito para aterrissarmos no solo de Gibra. A tapeçaria de areia continuou confusa quando nos aproximamos do campo de pouso. Havia algumas construções, um punhado de postes de luz e a pista.

A nave silvou e chacoalhou quando tocou o chão. Por quilômetros ao longe, pude ver apenas o deserto, suas dunas de areia e um céu inacreditavelmente azul sem nenhuma nuvem o atrapalhando.

Havia um comitê de boas-vindas na pista. Hesitei, ainda perto da rampa, como Maram faria, e vi Idris sorrir e saudar o líder do grupo com um abraço.

— O que aconteceu com o seu rosto? — perguntou o homem, dando um tapinha no ombro de Idris. Levei um momento para reconhecê-lo do leitor de hologramas: Nabil, um filho ilegítimo inferior. Maram o odiava, assim como odiava Furat. Apesar da condição de nascimento deles, ambos eram favorecidos pela Sultana e autorizados a morar com ela.

— É o mesmo de sempre — respondeu Idris, sorrindo. — Eu fiz a barba.

Nabil bufou, desacreditado, e sacudiu a cabeça.

— Um dia, vamos convencê-lo a deixar a barba crescer, amigo.

Por um momento, senti como se estivesse novamente em Cadiz, ouvindo meus irmãos conversarem. Husnain apenas conseguiu deixar a barba crescer nos últimos meses; e chamar aquilo de barba seria uma generosidade. Aziz zombava dele sem piedade por isso. Eu não esperava encontrar o mesmo tipo de deboche ali e precisei me impedir de sorrir. Maram quase nunca achava Nabil divertido nessas visitas.

Seus olhos flutuaram sobre o ombro de Idris e repousaram em mim. O sorriso dele cresceu, embora eu sentisse que ele acabou de lembrar onde estava e o que estava prestes a fazer.

— Vossa Alteza — cumprimentou ele, educado e polido. — Como sempre, temos o prazer de lhe dar as boas-vindas a Gibra.

Eu não disse nada, mas ofereci minha mão a Idris.

Havia um transporte estreito, parecido com as carruagens de rua que vi em Andala, sem cobertura. O restante do grupo estava a cavalo, e não nas motocicletas para deserto, como eu havia imaginado.

Por um longo momento, houve apenas os sons da carruagem atravessando a areia e o suave baque dos cascos ao nosso lado. A paisagem não mudava. Era admirável que nossos condutores sabiam aonde estavam indo. Pareciam certos do caminho, mesmo sem qualquer ponto de referência ou bússolas.

Então, o solo mudou. A carruagem arrancou, e os baques suaves se transformaram em um galope. O terreno se inclinou suavemente, e descemos, para longe da areia e de suas montanhas instáveis. Muros de pedra se erguiam de ambos os lados, eram da cor dos pêssegos, impossivelmente altos e cheios de sombras. Da entrada do desfiladeiro, parecia que uma grande mão tinha se enfiado no chão e dividido a superfície ao meio.

Passamos rapidamente pelo caminho plano, e não muito depois, a paisagem — e o clima — mudaram mais uma vez. Pude sentir a umidade no ar, gelada, fraca, mas presente. Carregava o aroma de limões e laranjas, além do som de centenas de árvores balançando gentilmente ao vento.

Segurei-me para não esboçar nenhuma reação, pois Maram vira tudo isso antes, mas meu corpo enrijeceu com assombro e

admiração.

Os Portões de Ouzdad eram lendários. Tão altos quanto as paredes do desfiladeiro e feitos de tijolos do tamanho de homens. Cravejados por pontas de lança prateadas, tinham resistido a centenas de milhares de atentados. Ninguém nunca conseguiu afastá-los das paredes do desfiladeiro, nem arrombar as entradas. Como as lanças na porta, os ladrilhos que revestiam as muralhas brilhavam — laranja, verde, azul e branco, foram organizados para parecerem flores com pétalas afiadas. A bandeira da Sultana Viúva esvoaçava no topo, feliz na brisa fraca, e os soldados marchavam pelas passarelas, mantendo vigília tanto pelos que estavam dentro quanto fora.

Segui o contorno ao longo da parede do desfiladeiro, ininterrupto até o topo. Acabava a dezenas de metros da borda, mas meus olhos continuaram escalando. Não havia nada assim em Walili, a capital onde o Ziyaana ficava, nem em Cadiz.

Uma dúzia de amazonas vestidas de preto alinhava-se no canto esquerdo. Eram figuras chamativas numa paisagem erma, emolduradas pelo azul do céu. Diversos dos cavalos sacudiam as cabeças, e a luz reluzia em suas rédeas. Tazalghitanas. Aquela tribo era o povo de Massinia. Unida sob a mãe, eram amazonas poderosas que governaram o deserto antes da ascensão do clã Ziyadi.

Pareciam tão ferozes e destemidas quanto as histórias as pintavam. Eu sabia que ainda eram costume das aldeias e das cidades em suas terras pagarem dízimo a elas. Tentei não encarar muito — não podiam me ver, mas nossa escolta podia, e Maram deixou claro que quase tudo em Gibra a entediava.

Paramos a diversos metros antes do portão, esperamos Nabil exibir sua identificação, e os portões se abriram ruidosamente. Um lampejo de pássaros tomou conta do ar do outro lado do portão, guinchando raivosamente, seus gritos interrompidos, de vez em quando, pelo som de crianças felizes.

* * *

Eu não pensava em Ziyaana como uma versão tomada pelos vathekeses dos estilos tradicionais kushailanos, mas quando entrei

em Ouzdad, isso ficou bastante claro. O sol brilhava sobre uma ampla estrutura de dois andares construída contra o lado esquerdo do desfiladeiro. Uma única torre se erguia na extremidade, revestida de ouro, suas paredes incrustadas com pedras verdes e brilhantes. Estava óbvio que as paredes brancas eram limpas frequentemente — não apresentavam a palidez oxidada de Ziyaana e reluziam quase tão fortes quanto os ladrilhos que as percorriam. Os portões da cidade eram impressionantes, mas Ouzdad, com suas muitas janelas e torres e a única e alta porta de entrada dourada, era linda. Copas de árvores alcançavam as beiradas de terraços, passarinhos se empoleiravam onde conseguiam, e as portas estavam abertas, deixando um fluxo constante de pessoas entrar.

A cidade se estendia a partir do palácio, em vez de a partir dos portões, e era formada por uma aglomeração organizada de construções, nenhuma com mais de dois andares, todas limpas e bem cuidadas. As avenidas eram amplas, as estradas lisas e cheias de iluminação. Além da cidade, ainda havia mais pomares, e depois deles, outra cidade, que eu sabia estar ao lado do templo de Dihya na periferia.

O interior do palácio era igualmente lindo. Corredores brancos e cintilantes, arcadas altas, pilares ornados — tudo que Ziyaana tinha, mas mais brilhante, mais real, como se Ziyaana fosse uma tentativa de imitação de algo. Ali, eu encontrei algo verdadeiro.

Também havia laranjeiras, carregadas com frutos, dentro do palácio, figueiras esperando florescer, oliveiras tênues e descarnadas com folhas brilhantes dançando lentamente quando adentramos mais fundo no edifício. Os aposentos de Maram — os meus — dividiam um jardim com os aposentos de Idris, um lugar redondo e pavimentado, com uma fonte gorgolejando alegremente no centro. A fonte era incrustada com ladrilhos laranjas e azuis em sua base, posicionados para parecerem flores desabrochando do chão. As entradas de nossos quartos estavam emolduradas por pilares feitos com uma pedra laranja do cânion, entalhada com a velha escritura kushailana.

Continuei parada no jardim, enquanto Tala ordenava às criadas que descarregassem nossas bagagens. O punhado de câmaras era construído como uma pequena casbá; todos os cômodos ao redor

do jardim, incluindo um segundo andar com um pórtico, as persianas inscritas abertas para deixarem a brisa circular. Consegui ver o céu daqui, uma novidade da qual eu não sabia que sentia falta até olhar para cima.

Por um momento, fiquei preocupada. Não imaginei que colocariam Idris e eu tão próximos um do outro, embora não tivesse motivo para nos acomodar separadamente. Ele era noivo de Maram, e fazia sentido ficarem próximos; almoçar e jantar juntos, ter a possibilidade de entrar e sair do espaço um do outro com facilidade. Mas...

Ele se retirou quase imediatamente, alegando estar com dor de cabeça. Talvez, conseguiria ficar sozinha e não precisaria me preocupar com continuar enganando um príncipe.

Aquele lugar parecia cheio de zelo, arejado — o oposto de tudo que meus aposentos em Ziyaana eram. No fundo dos cômodos, havia uma portinha discreta feita de madeira escura. Uma tocha acesa estava pendurada ao seu lado, a qual peguei. Depois de uma olhada ao redor, abri a porta. Uma brisa escapou, e, quando estiquei a tocha, vi um punhado de degraus de pedra que desciam.

Sabia que me levariam às catacumbas. Ouzdad era famosa por elas, quilômetros de passagens secretas conectando diferentes cavidades debaixo da superfície que seguiam para fora do palácio. Centenas de histórias sobre a realeza em perigo acabavam com elas escapando para as catacumbas e ressurgindo no meio do deserto. Pela primeira vez em meses, ficaria sozinha por algumas horas, sem nenhuma exigência pelo meu tempo. Eu poderia explorar. Poderia perambular pelas catacumbas sem ninguém me controlando pela primeira vez em muito tempo.

Ouvi a água antes de chegar ao fim dos degraus. Esperava uma caverna enorme, um espaço amplo com estalagmites se erguendo do chão. Em vez disso, a escadaria levava a uma passagem iluminada por candeeiros tremeluzentes. Em um dos lados, havia uma hidrovía com ondas espirrando contra as laterais dos pilares, e no outro, um mural de Massinia que parecia se estender adiante, sem fim, pela escuridão.

Desci a escadaria e segui o mural que retratava a vida de Massinia. A infância no deserto, o sequestro e a fuga, o encontro

com o teslite, a adolescência e assim por diante. Fiquei hipnotizada pela imagem dela montada no cavalo com seu manto preto esvoaçando em um vento invisível. Foi o rosto dela, sombrio e austero, os olhos furiosos e penetrantes, que me cativaram. Não sabia como descrever Massinia; ela era linda, como se um pedaço do céu noturno tivesse descido sobre nós. A pele dela era escura, a testa, alta, e as bochechas pareciam ter sido talhadas em pedra. Como sempre, seu cabelo encaracolado estava preso numa única trança que descia do topo de sua cabeça, entrelaçado com fios prateados.

Seu cavalo empinava para trás, ainda assim, ela se mantinha sentada, sem medo de cair. Gravada em ouro, em sua testa, estava a coroa de Dihya. Em vez do céu do deserto, o teslite ocupava o plano de fundo, com as asas abertas, a cabeça erguida.

Massinia assumiu o controle da narrativa em todos os momentos de sua vida. Escapou dos escravos, encontrou o amor mesmo não podendo salvá-lo, uniu as tribos. E, no fim, quando viveu o suficiente, simplesmente finalizou a história dela subindo aos céus.

Minha vida estava passando por um turbilhão de acontecimentos, e eu queria desesperadamente ser capaz de exercer o poder que Massinia tinha sobre a vida dela. Ver minha família, ver Husnain, mais uma vez. Ter o poder, a determinação e a fé que ela tinha.

— Achei você — disse Idris, atrás de mim, e me virei, assustada.

— O que você está fazendo aqui? — Meu coração acelerou, e minha voz fraquejou. A pergunta soou como uma exigência. Uma exigência cheia de raiva.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e tomou a tocha de minha mão.

— Sua criada disse que você estava aqui. Você nunca gostou das catacumbas antes, então queria ver o que tinha achado de tão fascinante — respondeu ele. Seu olhar se semicerrou para mim. — Não pensei que fosse uma massinita, prima.

Franzi a testa.

— Uma o quê? — Maram não conheceria aquela palavra, mesmo se eu conhecesse.

Ele apontou para o mural.

— Uma seguidora de Massinia.

Balancei a cabeça e dei as costas para a parede.

— Eu não rezo para ela, se é isso que está insinuando. Ela está morta... não pode me ouvir.

— Então por que parece que a ama?

Mesmo a minha mãe já havia comentado que minha devoção à Massinia era mais intensa do que a da maioria dos fiéis, e me repreendi por deixar isso transparecer.

— Não amo — respondi, por fim, e peguei a tocha.

Pelo que eu sabia, Maram não tinha fé. Sua mãe morreu antes de poder ensiná-la, e sua família vathekese não se importou.

Ele segurou o meu pulso e ergueu uma sobrancelha.

— Nunca mantivemos segredos um do outro.

Endureci contra o sorriso dele e balancei a cabeça.

— Não estou mantendo um segredo — informei. — Os murais são lindos e desci para dar uma olhada.

Ele caminhou um pouco ao longo do mural e acompanhou as linhas kushailanas com um dos dedos. Retratavam a primeira revelação dela — escondida numa caverna, com um livro em branco aberto em seu colo, e as primeiras linhas de nosso Livro girando ao seu redor.

Ouçã e recite, eram as palavras, *pois Nós sabemos coisas que você não sabe*.

— “Um dia você retornará à fortaleza”. É assim que o poema dela termina — disse Idris.

Fiz uma pausa, confusa, então percebi ao que se referia, ao poema sobre qual conversamos durante o baile. A fuga de Massinia.

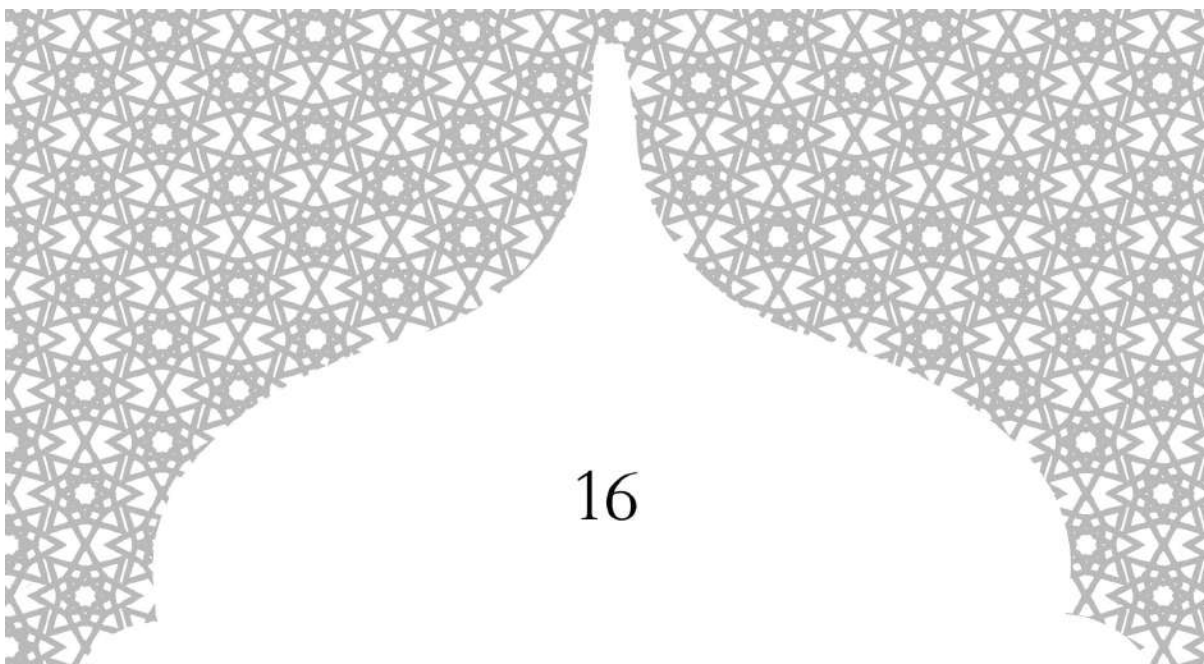
— Que tradução horrível — comentei, sem demonstrar emoção.

Ele se virou para me observar por um segundo antes de eu perceber o meu erro.

Maram não falava kushailano, e mesmo se falasse, não conheceria o poema que ele tentara — e falhara — traduzir.

— Você é quase tão fácil de enganar quanto Maram — disse ele, por fim. Não estava sorrindo.

Senti todo o sangue esvair de meu rosto.
Maram. O nome ficou suspenso no ar.
Eu fui descoberta.



Fiquei parada na escuridão das catacumbas, com a cabeça girando.

— Quando...?

— Quando percebi? — questionou ele. — Suspeitei no baile, quando perguntou se a criada estava bem. Maram não enxerga os criados, por via de regra. Mas milhares de coisinhas a denunciaram desde então. Seu rosto é aberto demais; Maram nunca se apresenta de maneira tão descuidada. Você olha para as pessoas enquanto conversa com elas, em vez de através delas, como ela costuma fazer. Você ouve. Tudo que eu disse evocou alguma emoção em você, independentemente do quão pequena ou inofensiva. Você pareceu maravilhada quando pousamos em Gibra, já Maram nunca se interessou em nada daqui. Talvez, o mais incriminador de tudo foi você ter ouvido, e julgado os meus erros, durante a minha... nada inspiradora... narração das histórias de Massinia. Pude ver em seu rosto, mesmo quando teve o cuidado de não compartilhar seus sentimentos verdadeiros comigo.

Senti o horror subir pela minha espinha. Fui tão transparente assim? Seriam os meus erros tão facilmente identificados? Uma pequena parte de mim ficou impressionada; eu sabia que Idris tinha que ser astuto para sobreviver ao Ziyaana todos aqueles anos, mas

isso... quão atento ele era com todos ao seu redor para identificar uma diferença que mesmo o pai de Maram deixou passar?

— Se você tinha tanta certeza — respondi, cheia de raiva —, por que me encurralar?

— Porque você nunca teria admitido ser outra pessoa se eu perguntasse com educação. — Ele bufou uma risada sem humor. — Enfim... quem é você? E por que está aqui em vez de Maram?

Rangi os dentes. Todo o meu trabalho, tudo o que eu sofri, foi reduzido a nada em um momento. E Idris não mostrou ser confiável, apenas inteligente.

— E se eu me recusar a contar?

Pela primeira vez, ele pareceu surpreso e deu um passo em frente.

Eu me afastei rapidamente.

— Você tem medo — percebeu ele, arregalando os olhos.

— Claro que tenho medo — afirmei, minha voz falhando. — Você vive no Ziyaana! Você conhece o preço...

— Do fracasso — completou ele. — Não pensei que...

— Claro que não pensou. Isso tudo era apenas um jogo para você. Um enigma a ser desvendado. — Respirei fundo, trêmula. — Isso não é um jogo para mim. Minha vida depende de meu sucesso.

Ele assentiu. Me analisava, sem deixar nada passar.

— Entendo, mas não posso ajudar se não...

Resmunguei antes de pensar duas vezes.

— Ajudar? Você não pode ajudar. Minha vida antiga acabou. Não há escapatória, não há como fugir dessa verdade. Essa é a minha vida agora. Se isso sequer for uma vida.

Ele me encarou, e ergui a cabeça, desafiando-o a discordar de mim.

— Você fala como uma de nós — disse ele, inesperadamente.

Apertei ainda mais minha mandíbula, enraivecida.

— Obrigada, sayidi — respondi, usando o título dos nobres kushailanos como um lembrete de que eu *não* era um deles. — Que grande elogio.

— Eu não...

Ergui uma das mãos. Estava tão irritada — comigo, por ter sido pega naquela armadilha, com ele, por não compreender o que

significava ter sido pega, com o destino, por ter me levado ao Ziyaana tantos meses antes.

A fonte adiante, envolta em sombras, ligou-se e o fluxo repentino da água incomodou um passarinho, não maior do que a palma da minha mão. Ele piou, ofendido, e voou por nós e escadaria acima, em direção ao sol. A luz reluziu em suas asas com o tom de pedras preciosas e, então, ele desapareceu. Simpatizei com ele, incomodado depois de finalmente encontrar um lugar de descanso. E senti inveja dele pela fuga fácil e rápida.

— Você se parece muito com ela — comentou ele. — Sempre foi assim?

Foquei meus olhos numa flor logo acima de seu ombro esquerdo.

— Eu tinha uma daan — respondi. Então pensei se alguma vez falei dela no passado? — Eles a tiraram de mim.

Ele não teve resposta para aquilo.

No silêncio, senti minha raiva crescer novamente, mas resisti à vontade de tocar as bochechas e a testa. Não havia nenhuma dor fantasma onde a tinta uma vez esteve, nenhuma sensação remanescente. Ela simplesmente foi uma parte minha e, então, não era mais. Eu simplesmente aceitei isso.

A voz dele soou mais tenra quando falou mais uma vez. Ele compreendia, então, o preço que eu havia pagado.

— Como você acabou aqui?

— Como qualquer pessoa acaba no Ziyaana? — perguntei, cruzando os braços sobre a barriga.

— Você foi sequestrada — disse ele. Permaneci em silêncio. — Vamos ficar aqui, juntos, por algum tempo. Talvez seja melhor para você confiar em mim, sayidati.

A palavra kushailana não pareceu tão desengonçada na boca dele quanto eu esperava.

Balancei a cabeça.

— Você deveria saber melhor do que eu quão difícil é confiar em alguém no Ziyaana.

Ele se aproximou de mim como se eu fosse um pequeno animal amedrontado.

— Pode confiar em mim, não ganharei nada revelando o seu segredo.

Obriguei-me a olhar para ele.

— Se eu quisesse usar o que sei contra você — ele comentou calmamente —, eu teria feito isso.

Fiz uma pausa, considerando as palavras de Idris. Ele tinha razão. Se ele já soubesse na noite do baile, ou durante o voo de Andala a Gibra, ele teve muitas oportunidades de me entregar, para fazer bom uso do que sabia. Para me arruinar. Ele não o fez. Isso, pelo menos, significava algo.

— Eles me sequestraram na minha noite de maioridade — sussurrei, olhando sem qualquer foco para a água escura. — Enquanto meus amigos e família assistiam. Enquanto meu irmão via tudo. Não soube por que me escolheram até eu vê-la.

— Maram — disse ele.

Assenti.

— Minha vida foi definida por ela desde que cheguei no Ziyaana.

Assim que as palavras saíram de minha boca, não consegui mais impedi-las. Vazaram de mim: levada ao Ziyaana, trancafiada como se eu fosse uma garota numa tumba. Parte de mim sentia como se alguma outra garota, longe de tudo, estivesse contando tudo que havia acontecido comigo; o isolamento, a perda da daan, minha vida sob a vigília de Maram e Nadine. Mas a garota que chorava em sua primeira noite sozinha ainda vivia em mim, e senti minha voz falhar e desaparecer.

Idris se apoiou na parede ao meu lado, em silêncio. Observou tudo e me deixou falar, incitando-me com perguntas ou me dando espaço para pausas quando eu parecia não aguentar o que estava contando. Uma leveza estranha tomou conta de mim enquanto eu falava, como se precisasse me livrar de um fardo. Não havia contado a ninguém tudo o que aconteceu. Quem estava disposto a ouvir? Tala, que demonstrava certa gentileza, mas temia se aproximar demais? Os droides, que não eram capazes de demonstrar nem simpatia nem compreensão?

— Há quanto tempo você é uma prisioneira? — questionou ele, quando terminei.

Soltei uma risada fraca.

— Não sei. Semanas? Meses? O baile foi a primeira vez em que me permitiram sair do Ziyaana.

— Essas semanas poderão ser uma folga para a gente — disse ele, ponderando. — Sem o Ziyaana para observar todos os nossos movimentos.

Não sorri, mas a ideia me encantou. Um tempo comigo mesma, sem nenhuma máscara; sem a ameaça de Nadine ou Maram para acabar com os meus dias.

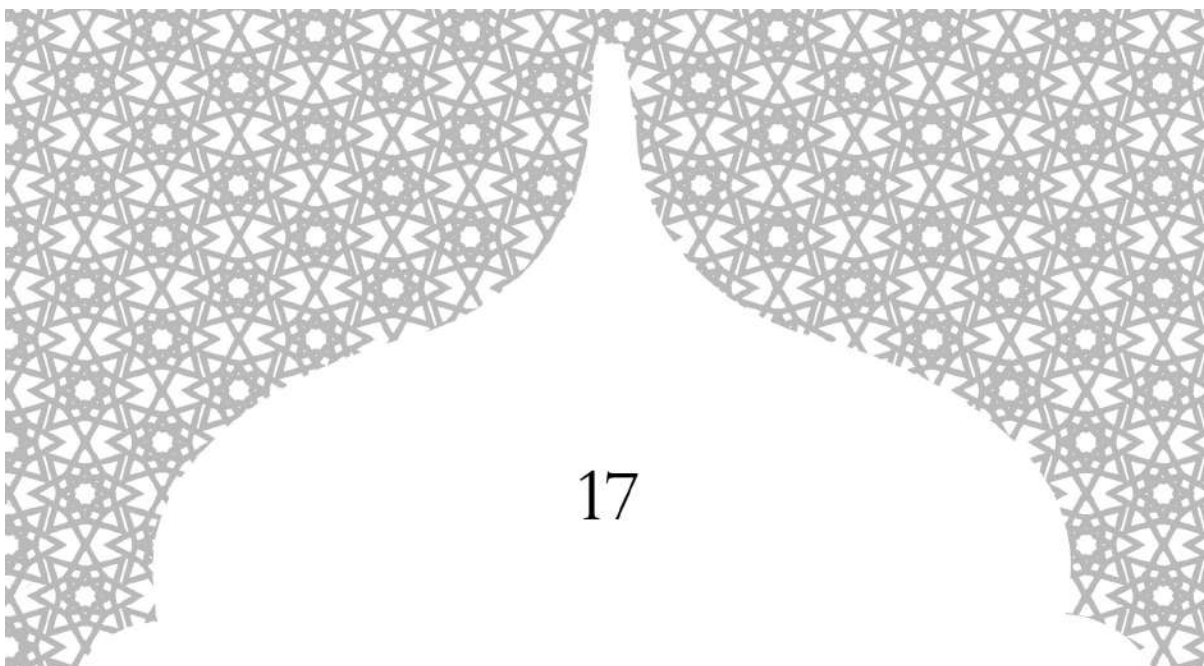
— Sim — respondi, gentilmente. — Poderão ser.

O silêncio preencheu todo o lugar, deixando-me mais confortável, incitando-me a aceitar a oferta dele — de descanso, de confiança.

— Como devo chamá-la? — perguntou ele, por fim.

Ergui a cabeça, tomando uma decisão.

— Você pode me chamar pelo meu nome. Amani.



Acordei com o som de um loutar. As cordas cantarolavam lenta e preguiçosamente, como se a pessoa que as tocava tivesse todo o tempo do mundo. Ninguém cantava, e não havia o baque constante de um bendir como acompanhamento. Fiquei deitada na cama por um longo período, com os olhos fechados, desfrutando do som, ouvindo melodias antigas darem espaço a inovações. Havia apenas um tocador de loutar em toda a minha aldeia, um velho avô que morreu dois anos antes de minha noite de maioridade.

Meus aposentos estavam cheios de sombras, as cortinas totalmente fechadas. Duas tochas bruxuleavam, e as luzes projetavam formas estranhas semelhantes a estrelas no chão e nas paredes. Ainda era cedo. Ainda fazia o frio da noite no deserto, e os passarinhos estavam em silêncio. Mas pude ouvir criadas andando discretamente fora de meu quarto, os sussurros baixos, o varrer do chão.. Tala não viria me acordar enquanto eu estivesse em Ouzdad; a realeza poderia dormir por quanto tempo quisesse.

A música se esvaiu, e minha mente voltou para a noite anterior, para minha confissão a Idris.

Uma pequena parte de mim sussurrou para que eu não confiasse nele. Não havia nenhuma confiança no Ziyaana: seus

habitantes não eram dignos. Mas não estávamos no Ziyaana. A prova da confiança dele estava em minha segurança contínua. Ao menos por ora, meu segredo estava a salvo, e eu também.

Por um momento, fiquei preocupada com o que aconteceria se eu estivesse depositando minha confiança na pessoa errada. Eu poderia correr esse risco? Mas não importava, lembrei-me; eu não tinha escolha.

Levantei da cama e encontrei um manto para me proteger do frio da manhã. Tirei um dos muitos livros da prateleira e deixei o quarto. As criadas pararam o que estavam fazendo e me reverenciaram enquanto eu passava pelos cômodos principais e seguia para além o jardim. Meus pés me levaram por corredores pintados com cores alegres, tetos altos e tochas penduradas.

Os cômodos de Maram e Idris ficavam próximos do centro do palácio, mas era um lugar arejado com pátios e trilhas por toda a parte. Depois de ser direcionada por uma criada, cheguei a uma das poucas áreas de natação em Ouzdad. As catacumbas nem sempre terminavam em salas vazias e templos. Aquela passagem se abria numa gruta entalhada numa parede do desfiladeiro. As paredes foram alisadas, e o fundo da piscina, revestido com pedras brilhantes laranjas e verdes. Alguém havia podado o solo ao redor, abrindo caminhos e criando pavilhões. Pude ver a silhueta de Idris na outra ponta da piscina, perto da entrada, revirando-se preguiçosamente debaixo da água.

Nem eu, nem Maram sabíamos nadar, então me acomodei no assento acolchoado e me estiquei por sua extensão, com o livro no colo. Tirei-o da prateleira sem ver do que se tratava, mas percebi que era um livro infantil, escrito em kushailano. Era uma coleção de contos de fadas e histórias populares, com as laterais das páginas douradas e centenas de lindas ilustrações de criaturas mitológicas.

Perdi-me nos contos. Eu não lia a escrita kushailana desde que cheguei ao Ziyaana, e como tudo em Ouzdad, a experiência foi parte melancolia, parte euforia. Parecia que eu havia sido transportada de volta ao mercado em Cadiz. Velhos khaltous estavam sentados no centro, contando histórias antigas, inofensivas, diferente do que pensavam os vathekeses. Khadija e eu sempre fugíamos de nossas responsabilidades para sentar à frente

de um dos contadores de histórias e ouvir o que tinham a dizer sobre teslites e afarites chegando em nosso mundo para levar uma ou outra pessoa para longe. Khadija sempre gostava mais das narrativas românticas; a preferida dela era a história de Badr, que encontrou seu caminho à cidade-fortaleza dos teslites e se casou com uma das princesas de lá.

O som da água atingindo a beirada da piscina e um grunhido me trouxeram de volta à realidade. Idris havia saído da piscina e estava parado na lateral me encarando e tirando o cabelo escuro do rosto. Eu estava acostumada com os ombros largos dos agricultores da minha aldeia. Minhas amigas e eu os bisbilhotávamos, enquanto fazíamos a colheita nos campos, reclinados sem camisa sob o sol, lindos e bronzeados e, talvez algum dia, maridos. A aproximação da noite de maioridade fez Khadija flertar ainda mais.

Primeiro, levando comida ou água a eles, então, não levando nada senão ela mesma. Era mais corajosa do que eu e estava mais disposta a fisgar o que — ou quem — ela quisesse sem nem olhar para trás.

Eu nunca fui assim; as discussões com os meus irmãos sempre tomavam grande parte de minha mente. Além disso, nunca quis nenhum deles. Não de verdade. Flertava, claro, mas fugia de qualquer coisa séria. Estava feliz com a fazenda de meus pais e com minha poesia.

Mas naquele momento minhas bochechas esquentaram, e não consegui tirar os olhos da extensão das costas de Idris quando ele se virou, ou da água escorrendo de seu cabelo por seus ombros. Não tinha percebido o quão longo era, ele se encaracolava na altura das orelhas e queixo dele, mas molhado, agarrou-se à nuca e quase chegava abaixo dos ombros. A pele marrom de Idris era quase reluzente e as poucas horas em Gibra foram suficientes para deixá-la mais escura. Encharcado e sob a luz do sol, parecia brilhar, como se tivesse emergido de outra dimensão. Os espíritos, afarites, que sequestravam cônjuges e os levavam para sua dimensão eram, geralmente, mulheres, mas eu acreditaria que Idris veio ao Ouzdad encontrar uma noiva.

Ele se virou para pegar uma toalha, ainda sem perceber que eu estava nos assentos atrás dele. Havia um círculo, quase do

tamanho da palma de minha mão, tatuado em seu antebraço. Franzi a testa, tentando compreendê-lo. Não consegui manter o som surpreso dentro de mim quando entendi o que era.

Idris pulou assustado quando os olhos dele encontraram os meus. Senti-me como uma criança flagrada pegando um doce escondida. O calor em minhas bochechas se espalhou, e não importa o quanto quisesse, não consegui desviar o olhar. Já Idris parecia estar se saindo igualmente mal, boquiaberto e com os olhos arregalados de surpresa. Um passarinho grasnou acima de nós e, simples assim, tiramos os olhos um do outro. Puxei meus joelhos para cima, como se pudessem me proteger dele, e voltei os olhos para o livro, esperando que ele voltasse para a água ou fosse embora.

O som de pés descalços contra a pedra se afastou de mim e seguiu para o palácio. Depois de um momento, suspirei aliviada e tentei voltar ao livro. Não importava o quanto eu tentasse, não conseguia acompanhar as palavras no papel.

Devo ter imaginado a marca em seu braço ou, pelo menos, entendido mal o que era. Parecia uma khitaam, um selo real. Antes da ocupação, os membros das famílias reais os usavam logo abaixo do pescoço. Tinham, normalmente, o dobro do tamanho da marca no braço de Idris, e, como as daan, denotavam família, fé e ancestralidade. Mas as khitaam eram mais do que isso. Quando um membro de uma família real atingia a maioridade, a tatuagem representava as esperanças da família por ele. Que seja justo, que seja bondoso, que seja forte, e assim por diante. Quando Mathis ilegalizou as daan entre a nobreza, as khitaam foram ilegalizadas também. As antigas famílias não seriam reconhecidas senão por ele, laços ancestrais não seriam reconhecidos senão por ele.

A aparição da khitaam de Idris me distraiu o suficiente para que eu só percebesse que ele havia retornado quando sua sombra caiu em meu colo. Ele trocou a bermuda de mergulho por uma calça e uma camisa branca que ainda se agarrava à pele. O cabelo dele estava penteado para longe do rosto. Ainda molhados, os fios mais curtos pendurados e encaracolados estavam grudados nas bochechas. Havia um tabuleiro de madeira debaixo de seu braço, e um saco de veludo em sua mão.

— Precisa mesmo do sofá inteiro? — perguntou ele, encarando com afinco os meus pés esticados.

Em um instante, todo o aperto em meu peito desapareceu. Lutei contra a vontade iminente de suspirar aliviada, puxei meus pés para baixo de mim e me ajeitei para que houvesse espaço para ele.

— Obrigado — disse ele. Qualquer vestígio de seu choque anterior desapareceu, mas quando meu olhar repousou onde a camisa parecia presa ao peito, ele percebeu e, então, olhou para longe. Idris se sentou ao meu lado e, sem dizer nada, abriu o tabuleiro e o colocou na mesa a nossa frente. Do saco, tirou o que pareciam ser mais de duas dezenas de pecinhas igualmente divididas entre vermelho e verde.

— Já jogou antes? — ele perguntou. Pela segunda vez, corei ao ser pega o encarando.

O tabuleiro estava montado, mas no meio de uma partida.

— Shatranj? Sim. É popular entre as crianças.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Os mais velhos entre nós também gostam de jogar.

Peguei uma das pecinhas vermelhas no formato de uma velha carruagem. Estava desgastada, mas ainda consegui ver o restinho de ouro nos sulcos.

— Não — comentei, largando a peça —, se eles não quiserem ser acusados de traição e sedição.

Idris bufou, um sorriso torto erguendo a beiradinha da boca.

— Por que os agricultores precisariam entender estratégia, senão fosse para uma revolta? — Inclinei-me para longe do tabuleiro.

Ele contraiu a boca, como se resistindo à vontade de morder o lábio inferior. Minha pele formigou só de olhar a boca dele quando não tinha nada que estar olhando.

— Bem... — disse ele, interrompendo meus pensamentos. — Uma princesa precisa conhecer estratégias, e você ainda mais. Quando jogou pela última vez?

Ergui um ombro.

— Então será fácil ganhar de você? — Não caí em sua armadilha. Ele suspirou. — Estou mesmo tentando ajudá-la. Você se deixa muito transparecer pelas expressões, e ainda não ficou

sozinha com os conhecidos de Maram. Vai precisar pensar estrategicamente para sobreviver.

— Tudo bem — cedi, depois de um momento. Deixei o livro de lado, e coloquei os pés no chão. — Volte o tabuleiro ao início.

Ele balançou a cabeça.

— É uma mansuba — ele explicou. — Um tabuleiro problemático. Suas peças estão presas. Como vai libertá-las?

Eu não tinha mais do que nove ou dez anos na última vez que joguei shatranj, mas relembrei com facilidade das regras e das estratégias que havia aprendido à época. Idris era um jogador interessante. Não fiquei surpresa ao descobrir que ele era tão bom em esconder as emoções no jogo quanto era fora dele. Era inteligente e me distraía, e mais de uma vez perdi a noção do que acontecia por estar rindo.

— Você não está pensando em mais do que dois passos adiante — ele disse quando fui pegar a peça do elefante. — Precisa antecipar o fim; você não vai resolver o problema de nenhuma outra maneira.

— Eu precisaria conhecer o outro jogador muitíssimo bem — salientei, pegando a peça.

Ele sorriu quando movi o elefante.

— Você poderia conhecer, se não estivesse tão distraída. Assim. — Foi apenas um movimento, mas isso o colocou no meu lado do tabuleiro. Pude ver, com clareza, como ele ganharia em mais quatro ou cinco rodadas. E não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo.

— Você roubou — Até mesmo eu consegui ouvir o tom birrento em minha voz.

— Usei o que estava à minha disposição — disse ele, tirando um dos meus vizires do tabuleiro. — Não é culpa minha que você goste de rir. Quer tentar de novo?

Assenti. Enquanto ele esvaziava o tabuleiro e reorganizava as peças em outra mansuba, abri o livro de contos de fadas que estava na mesa ao lado.

— Você sabe ler?

Congelei onde estava e esperei que ele repetisse a pergunta. Ele não repetiu, então tirei os olhos da folha, ainda em silêncio. Ele

franziu a testa, obviamente confuso, e por fim, arregalou os olhos.

— Não... não quis perguntar se você sabia ler qualquer coisa — explicou ele.

— O que você quis dizer? — indaguei, e deixei uma certa frieza de Maram invadir minha voz.

Seus olhos pousaram no livro.

— Kushailano. Você sabe ler kushailano?

— Minha mãe me ensinou — respondi, fechando o livro.

Não perguntei se ele sabia ler kushailano. Estava ficando mais do que claro que, enquanto as classes inferiores sofreram durante a ocupação, as famílias reais passaram por uma crueldade diferente. Poderia ter aprendido quando era menor e, então, sido obrigado a esquecer. Eu o observei reordenar as peças e tentei pensar no que dizer. Eu sabia o que eu queria. Uma parte de mim, de minha família, de volta. Um gostinho, independentemente se fosse amargo, seria melhor do que saber que havia um buraco em você que nunca seria preenchido.

Ele me deu outro sorriso torto.

— Você está me encarando.

Idris me ofereceu um abrigo. Contar a ele meu nome, conversar sobre minha vida em Cadiz... de alguma maneira, ele me ajudou a encontrar um caminho de volta a mim mesma. Eu não devia o mesmo a ele?

— Eu poderia lê-la — afirmei.

Foi a vez dele de congelar no lugar, com uma das mãos sobre um cavalo vermelho. Ele sabia que eu estava falando sobre a tatuagem em seu braço.

— Está na escrita formal — comentou ele, por fim.

— Como você acha que o Livro foi escrito?

Ele ficou quieto por tanto tempo que achei que rejeitaria a oferta. Mas ele assentiu breve e rapidamente, como se tivesse medo de mudar de ideia antes de terminar o movimento. Não olhou para mim quando agarrou a barra da camisa e a puxou por cima da cabeça. Idris não me olhou nos olhos, e sua boca estava tão cerrada como se estivesse se preparando para receber um soco.

Eu estava certa; era uma khitaam. Passei os dedos sobre o braço dele, e ele estremeceu antes de enrijecer.

— Não sei do que se trata — ele confessou. A voz estava rouca, e a mão direita fechada firmemente sobre o colo. Eu o estava vendo sem nenhuma máscara, sem a usual cortesia e distância dele. Queria desviar meu olhar, como se o tivesse flagrado com ainda menos roupas do que quando ele saiu da água.

Em vez disso, peguei seu braço e foquei na tatuagem. Era linda e elaborada, clara, apesar da abundância de letras aglomeradas num espaço tão pequeno.

— É uma khitaam — confirmei. — Um selo real.

Ele respirou fundo.

— Geralmente, ficam em nossas costas.

— Ficam mesmo — concordei. — Essa foi feita logo depois da rendição, não foi?

Ele ficou em silêncio, encarando o tabuleiro de xadrez.

— Idris?

— Sim — respondeu ele. — Logo depois.

— Devem ter feito em seu braço para escondê-la dos vathekeses. Procurariam daan e khitaam nas suas costas. Mas uma escrita selvagem em seu braço passaria despercebida.

— Isso é ridículo — disse ele.

— Você ainda a tem — ressaltei. — E você está noivo da herdeira real.

Ele não respondeu àquilo.

O selo estava dividido em três partes: a metade superior foi separada em duas, enquanto a metade inferior fora mantida completa. Acompanhei o canto esquerdo com os dedos.

— Isso é a ancestralidade. Descendente de uma casa antiga, sempre real. — Sorri. — Metade das famílias alegam ser descendentes diretas de Kansa el Uwla.

— A minha também? — questionou ele.

— Sim — respondi, e pressionei um dedo contra o centro daquela parte. — Esse é o nome dela, aqui. Toda a escrita flui dela.

Ele assentiu, como se isso fizesse sentido.

— Aqui — apontei, encostando na parte direita —, fica sua ascendência direta. Mãe, pai, avó.

— E o nome deles? Estão aí?

— Sim, estão — afirmei novamente. Ele fechou os olhos. — Essa parte inferior, seu nome fica bem no meio, aqui. Há uma bênção de Dihya. Esses são os desejos de sua família: bondade e justiça. Acho que esse outro é saúde.

— Chega — disse ele, puxando o braço para longe de mim.

Ele não foi desrespeitoso nem bruto, apesar de eu não o culpar se tivesse sido. Toda cor se esvaiu do rosto dele, e os tendões da garganta se levantaram com a tensão no maxilar. Ele esfregou as mãos no rosto e as passou pelo cabelo.

— Idris — chamei, e odiei o fato de minha voz ter soado tão suave. Ele não era um animal selvagem que eu poderia assustar.

Ele parecia tão cansado, com os cotovelos apoiados nos joelhos, curvado para frente como se repentinamente tivesse cedido ao peso do que acabou de descobrir. Eu não deveria ter me oferecido, pensei.

— Você deveria saber — comentei. — Quem quer que tenha feito sua khitaam o ama mais do que você imagina.

— Não entendi.

— É crime tatuar uma daan ou khitaam em peles reais. Alguém arriscou a vida para que você sempre soubesse de onde veio.

Inclinei-me em direção a ele sem pensar duas vezes, apoiando uma das mãos sobre a dele. Ele soltou um suspiro lento. Por alguns momentos, fiquei hipnotizada pela imagem de nossas mãos — a minha coberta em henna sobre a mão forte dele. Eu lhe ofereci compaixão, apesar de Maram detestar isso. Quando ergui os olhos, ele me observava com o rosto muito perto do meu, abertamente curioso. Tive a sensação de que ele estava me vendo como eu o via — como eu, não como a pessoa que eu deveria ser quando era Maram, não a garota entre nós duas. As mãos dele se viraram debaixo das minhas, e nossos dedos se entrelaçaram.

O frio que eu sentia na barriga virou uma nevasca, e pude senti-lo percorrer todo o meu corpo.

— Você me deu um presente — disse ele. — Eu não sabia que os trazia comigo. Um risco que se corre quando se esquece da língua materna.

Não encare, pensei. Ele não havia se barbeado e parecia ainda mais kushailano por conta disso. Como um garoto que eu poderia

muito bem ter visto caminhando por uma estrada em minha aldeia.

Ele passou uma das mãos por minha bochecha e levou o dedão ao cantinho de minha boca. Parecia que tinha tão pouco controle sobre as mãos quanto eu.

Sua mão se aconchegou em meu pescoço, e o dedão encontrou a pulsação em minha garganta. Pulsou mais rápida, forte o suficiente para que ele pudesse senti-la.

— Eu... — começou ele.

— Primo?

Não foi como se um encanto tivesse se quebrado, mas pude vê-lo se lembrar, assim como eu, de onde estávamos. De quem éramos. Nós nos afastamos com facilidade, sem nenhum comentário nem afobações, apesar de eu sentir o tremor em minha pulsação na base da garganta, como se um passarinho preso ali tentasse escapar.

Furat estava parada nos degraus do pavilhão, sorria como se tivesse descoberto um segredo. Quando nossos olhos se encontraram, seu sorriso ficou ainda maior.

— Você a está ensinando a jogar shatranj?

— Ensinando-a a melhorar — disse ele, e deu um sorriso hesitante.

— Estavam apostando suas roupas? — ela perguntou, erguendo uma sobancelha.

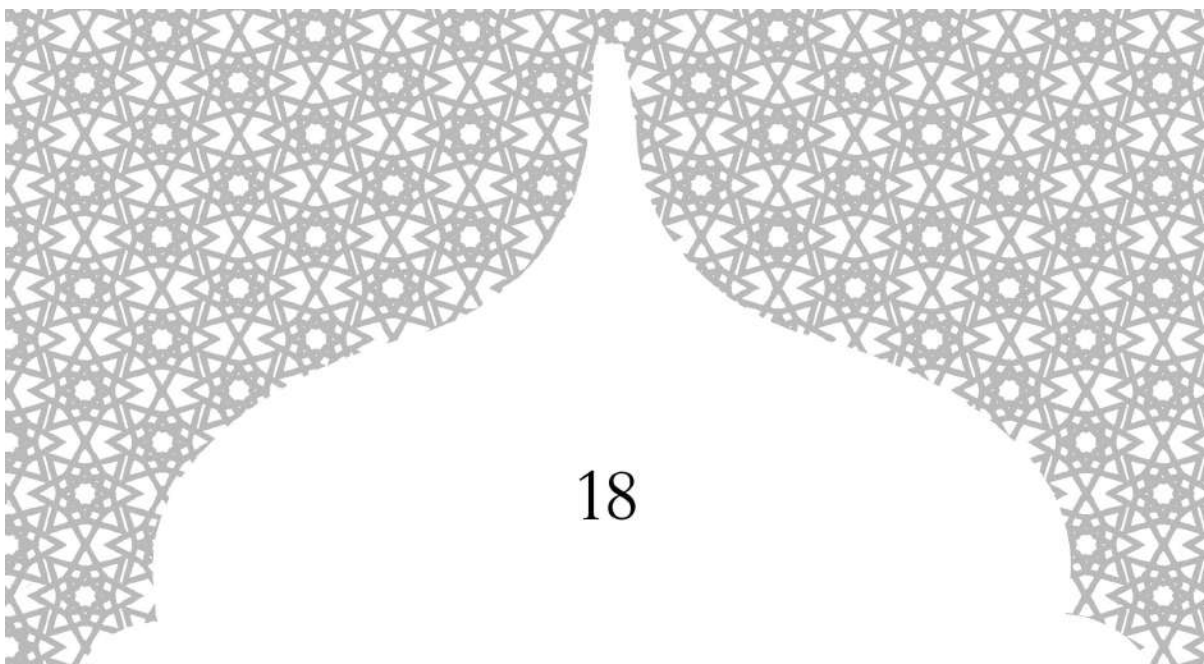
O calor do constrangimento voltou duas vezes mais forte.

— Sim — afirmou Idris, dando um sorriso verdadeiro e reclinando-se sobre as mãos. — Perdi a primeira rodada.

— Acho que chega de jogos por hoje — disse, levantando-me, vestindo os modos bruscos de Maram como uma segunda pele.

Idris não me olhou, apesar de suas pálpebras terem estremecido por um segundo quando recolhi o livro. Eu... nós jogávamos um jogo perigoso. Idris era exatamente como Tala havia dito: lindo e intenso. No entanto não era meu, e não havia nenhum mundo nem realidade na qual ele pudesse ser.

Eu via a lógica, ainda assim, não conseguia me livrar do sentimento de que ele estava tão atento a mim quanto eu a ele quando caminhei para fora da gruta e voltei ao ar livre.



Dormi e sonhei.

Minha noite de maioridade chegou ao fim. Mas nos sonhos, as festividades continuaram ininterruptas. Pequenas orbes iluminadas envolviam as árvores, e a melodia de um loutar preenchia o ar, pontuada pelo som de alguém tocando um bendir. O barulho do vento ia e vinha, mas nenhum pássaro apareceu. Uma capa preta com penas bordadas em fios de ouro descia pelos meus ombros. Como a capa de Massinia, disse a voz de minha mãe. Eu ri, mas não fazia ideia do porquê. No centro do pátio, meus amigos dançavam, convidando-me a me juntar a eles.

— Olhe — sussurrou Husnain, sentando-se ao meu lado. — À direita.

Idris.

Ele estava ao lado de meu irmão mais velho, vestido como um de nós, com um sorriso despreocupado. Aziz era mais alto do que ele, eu tinha certeza, mas pareciam ter a mesma altura um do outro naquela noite. Meu irmão mais velho deu um tapinha no ombro de Idris, então apontou para mim.

O sorriso de Idris se transformou quando nossos olhos se encontraram. Doce, ousado, incrementado com uma alegria

diferente.

Então, o sonho desapareceu. Fui acordada com as notas suaves de outro loutar. A música que tocava em meu sonho não parou. Levantei-me da cama como se uma corda presa ao meu peito me puxasse, gentilmente, para mais e mais perto do som.

Nos fundos do pátio, havia um portão baixo de madeira que levava a um pequeno jardim. Ali, encontrei Idris, sentado à mesa, sobre um amontoado de almofadas. O jardim tinha menos da metade do tamanho do pátio, envolto por treliças de madeira por todos os lados. Uma árvore crescia logo atrás dele, e ele tocava o loutar sob a sombra.

As mãos de Idris repousaram nas cordas, aquietando-as, assim que entrei e o portão se fechou atrás de mim.

— Eu a acordei?

Balancei a cabeça. Ele parecia tanto com a versão de meu sonho. O cabelo acabava logo abaixo do queixo, e a barba curta havia crescido um pouquinho mais. Vestia uma djellaba, apesar das mangas terem sido encurtadas e de não haver nenhum capuz.

— Eu... vou deixar você tocar — afirmei, por fim, e, então, me virei para ir embora.

— Você pode ficar — ele disse.

Eu parei. *Eu deveria ir embora*, pensei. Quanto mais tempo passasse com Idris, mais fácil seria de esquecermos quem éramos. Ele, um príncipe, e eu, uma escrava em tudo, exceto no nome. Não havia um final feliz para aquela história, nenhuma maneira de nós dois conquistarmos isso.

Ainda assim...

— Você já comeu? — perguntei, em vez de ir.

Eu trouxe uma bandeja com chá, pão e um pouco de manteiga. Ele brincou com as cordas do loutar, enquanto eu servia o chá e deixava um copo perto de seu cotovelo. Ele ajeitou uma almofada contra a árvore e indicou que eu poderia me acomodar ali. Sentada confortavelmente, com um copo de chá aquecendo as mãos, fechei os olhos e o ouvi voltar a tocar.

Foi simples aceitar os arrepios em meu coração quando a música cresceu e se transformou, subindo e descendo suavemente. Perguntei-me quem o ensinou a tocar. Ele não falava nem lia

kushailano, então quem teria se dado ao trabalho de ensiná-lo a tocar um instrumento kushailano tão bem? Encontrar uma pessoa não seria difícil para um príncipe, mas aprender era outra questão. Os vathekesees não ilegalizaram nossos costumes culturais nem religiosos, mas seu posicionamento era claro. E entre a makhzen, principalmente, um passatempo como aquele seria rapidamente extinguido.

A melodia mudou outra vez, e abri os olhos.

— Conheço essa música — comentei, sorrindo.

Ele sorriu de volta.

— Você poderia cantá-la.

Eu ri.

— Tenho a voz de uma aldeã.

— Linda, então. Tenho certeza.

Resisti e não o chamei de paquerador, apesar de seus olhos deixarem claro que ele percebeu meu risinho irônico. Então, comecei a cantar. Era uma canção antiga que chegou aos kushailanos, vinda do sul. Uma garota perambulava num jardim quando encontrou um homem dançando e cantando, e embora ela pedisse piedade, nada a salvou do amor, nem ela teve certeza de que queria ser salva. O som do loutar desapareceu antes de a música acabar, e deixei uma frase em suspensão, inacabada.

— Você... — começou ele, então parou.

— Eu?

Sentia-me insegura quando ele me olhava como naquele momento. Não como se me julgasse, mas me estudasse. Ele não deixava nada passar quando me olhava assim e sempre descobria algo que eu não mostrei. Pensei em como ele percebeu quem eu era, como havia me enxergado através das semanas de treinamento pesado. Poderia outra pessoa fazer o mesmo? Fiquei revoltada comigo por meu fracasso, mas a verdade era que ele não apenas viu que eu não era Maram, mas, pelas diversas pistas que deixei transparecer, descobriu quem eu era.

Estávamos sentados perto o suficiente para ele se esticar, tirar meu cabelo do ombro e segurar a corrente pendurada ao redor de meu pescoço. Segurei seu pulso para impedi-lo, mas ele já havia encontrado o pingente pendurado. O pingente tinha a metade do

tamanho de meu dedão, mas era um pouquinho mais largo. Um dos lados foi entalhado para parecer uma mão decorada, no outro, alguém gravou um verso do Livro.

Acredite, pois Nós sabemos coisas que você não sabe. E Nós vemos o que você não vê.

Maram nunca usaria algo assim.

— Algo que veio de sua vida antiga? — murmurou ele.

A voz de Idris soou menos áspera quando encontrei o olhar dele.

— Não tenho nada de minha vida antiga.

Eu o encontrei há duas noites, escondido entre as joias de Maram. Provavelmente, um presente da Sultana que ela nunca usou, ou uma joia encomendada antes da morte da mãe. Pingentes assim eram comuns entre os seguidores de Dihya, principalmente entre os kushailanos. Eram usados para afastar o mal e chamar o bem, desviar olhares invejosos, resguardar as fortunas em sua vida.

Ele abaixou o olhar para examinar o pingente mais uma vez.

— Não gostou? — perguntei.

— Não acredito que coisas assim irão me proteger.

— Então o que vai?

— Eu mesmo — ele disse, deixando a joia escapar de seus dedos.

— Nenhum de nós pode sobreviver sozinho, Idris — afirmei.

Ele me observou por um momento.

— Você estava sozinha.

— Não completamente. — Meus dedos envolveram o pingente.

— Eu tinha esperança.

— Amani — começou ele. Enrijeci. Ainda era novidade ouvi-lo, ou qualquer pessoa, dizer meu nome. — Tenho um pedido.

— Qual?

— Quero que você se revele para a Sultana quando a conhecer hoje — disse ele. — E para Furat. Mantereí seu segredo. Todos manteremos, mas elas merecem saber. Esse é o lar delas.

Eu já arrisquei minha vida confiando a ele quem eu era. Contar a outras pessoas... não conseguia sequer pensar nisso.

— Você sabe que me pediu algo incabível... então por que pediu?

— A Sultana é como uma avó para mim — disse ele. — Eu a amo muito. E ela sofreu demais. Ela é kushailana, mas nenhum de seus descendentes fala a língua materna dela. Nenhum deles conhece as velhas canções ou histórias. É perigoso demais. Ela abriu mão do lar e do trono para estranhos.

Todos abrimos mão de nossos lares para estranhos. Era assim que o mundo funcionava agora. Mas a maioria de nós tinha famílias para nos confortar em momentos difíceis, avós ou netos, amigos que sofreram durante a guerra. Tínhamos nossa língua para nos aconchegar e histórias para nos acalantar.

A Sultana não tinha nada disso. E ela não havia sido rainha numa pequena fazenda. Ela governou o mundo e, agora, estava presa naquela lua. Senti meu coração amolecer; o que era perigoso.

— E Furat?

— Com certeza, você sabe como Maram se sente em relação a ela — Idris respondeu. — Quando Maram visita Ouzdad... Ela odeia estar aqui e desconta em Furat. Minha prima vive como se cada momento fosse uma bomba prestes a explodir. Quero dar a ela um sossego disso tudo.

Ele repousou a mão sobre a minha e abaixou um pouco o olhar.

— Não faça isso — pedi, rindo. — Não estamos em Ziyaana.

Ele sorriu e apertou a minha mão.

— Isso é um sim?

— Isso, alguma vez, funcionou com alguém?

— Amani.

Hesitei e quase mordi o lábio inferior.

— É um risco muito grande — comentei, baixinho.

— Garanto que nada acontecerá a você.

— Que galante — articulei, seca, e o sorriso dele cresceu.

— Isso é um sim? — perguntou ele, mais uma vez.

— Sim — concordei, por fim. — Vou fazer isso.

— Obrigado. Não faz ideia do quanto isso significa para mim — disse ele com um sorriso tão brilhante que ofuscava, e beijou a minha bochecha.

Congelei, com a mão ainda na dele, e o encarei por um momento, não compreendendo nada. Ele demorou um momento

para perceber o que fez. Então, levou uma das mãos à minha bochecha, seu dedo roçando o lugar onde me beijou.

Não me movi, nem consegui desviar o olhar do dele. Estávamos equilibrados numa corda bamba, numa posição na qual eu disse a mim mesma que não deveria me encontrar. Ele me observava com tanta atenção quanto eu a ele. A mão dele ainda estava em minha bochecha, e seus olhos, fixos nos meus.

— Aí estão vocês — disse Tala, ofegante. — Eu os procurei em toda a parte! A Sultana os espera para o almoço. Dihya, você não está nem mesmo arrumada.

Idris me ajudou a levantar enquanto Tala esperava, mas não soltou minha mão quando tentei me afastar. Olhou para mim como fez ontem, como se quisesse encontrar respostas em meu silêncio. Os dedos dele, tão leves quanto penas, deslizaram de minhas bochechas à garganta. Senti algo quente e tenso em minha barriga, meus dedos coçavam, e não conseguia parar de olhar para ele. Toda austeridade nos olhos dele se foi, mas eu gostava ainda menos do que a substituiu. Era o olhar de alguém que foi longe demais.

Um olhar que suplicava por minha conciliação e aprovação.

— Vossa Alteza — exclamou Tala. E mesmo isso não foi capaz de nos afastar.

— Você vai contar à Sultana hoje? — ele perguntou com a voz baixa o suficiente para que Tala não pudesse ouvir.

Assenti, ainda incapaz de falar. Dei um passo para trás, mas ele segurava firme as minhas mãos.

Idris sorriu e indicou Tala.

— Ela está ficando impaciente.

Não olhei para trás quando fui embora.

* * *

Tala passou óleo e penteou meu cabelo. Eu a vi me observar preocupada mais de uma vez, sem dizer nada.

— Devo trançá-lo ao estilo gibrânês? — questionou ela, repousando o pente.

— O que isso quer dizer?

— Tranças menores com faixas de tecido — explicou ela.

Concordei.

Por um longo momento, os aposentos ficaram em silêncio, exceto pelo som do pente passando por meu cabelo e por uma música baixa, de cordas e tambores, vinda de um corredor distante. Senti o peso em meu peito se esvaír enquanto os minutos passavam. No Ziyaana, parecia que passava metade de meu tempo indo do mundo de Maram para o meu. Os limites nunca estavam claros ou, pelo menos, nunca pareceram claros para mim. Eu sabia que parte disso era porque não conseguia me distanciar de meu papel. Todas as vezes que saía de meu quarto como Maram, sentia que mais pedacinhos de mim passavam a fazer parte do tecido de Sua Alteza Real. Mas aquele momento parecia pertencer a mim. Idris me conhecia por nome, e em breve a Sultana e Furat também conheceriam. O pedido me aterrorizou; era um risco, não importava o quanto confiasse em Idris. Entretanto parte de mim estava animada com a ideia de que mais pessoas conheceriam quem eu realmente era, de que eu poderia ser Amani novamente, de que a sementinha de alívio e contentamento que Idris plantara floresceria.

Havia um caramanchão de incenso numa mesa, recentemente aceso. A fumaça dele subia pelo ar, ondulando preguiçosamente, fazendo um caminho iluminado pelo sol do final da manhã.

— Tala?

Ela murmurou algo.

— O que aconteceu com os pais de Idris?

Ela parou de trançar meus cabelos, e os olhos dela encontraram os meus no espelho mais uma vez.

— Você não sabe? — Os dedos dela voltaram a se mover.

— Sou filha de um agricultor numa lua remota, lembra?

O sorriso desapareceu rápido do rosto dela.

— Você se lembra do segundo cerco de Walili? — Assenti. — Os Salihi, a família de Idris, liderou-o. Houve outros, claro, mas antes da ocupação, eles eram a grande força militar do mundo. Quando se posicionavam, significava algo.

— Eles morreram durante o cerco?

Tala balançou a cabeça.

— Eles se renderam depois que a rainha Najat morreu, para honrar os últimos desejos dela. Mas todos sabíamos que Mathis não

os perdoaria. Ele nunca praticou nenhuma piedade, e o regime ainda era muito novo. Não duraria.

Assenti mais uma vez, compreendendo, enquanto medo crescia dentro de mim. Quem quer que tivesse sobrevivido ao cerco foi quem tatuou a khitaam na pele de Idris, sabendo que uma tempestade ainda pior estava prestes a acontecer. Que a Guarda Imperial viria, que outra guerra poderia irromper, que Mathis promulgaria uma crueldade irreversível.

— Não houve nenhum julgamento. Nenhum aviso. Um ano se passou. E, então, numa noite, as forças vathekesas invadiram as fortalezas de todas as famílias dissidentes, tiraram-nas de suas camas e atiraram nelas.

Senti um aperto agudo no peito. A Expurgação.

— Idris sobreviveu?

— Permitiram que Idris vivesse — corrigiu Tala. — Quem sobreviveu à Expurgação, sobreviveu para servir como um lembrete a todos os outros.

— Ele não poderia ter mais de...

— Ele tinha dez anos — interrompeu Tala, amarrando um laço vermelho no fim da trança. Velho o suficiente para lembrar. Não lembranças difusas de que experienciou algo, mas memórias, claras e nítidas na mente. E, na minha ignorância, eu trouxe à tona aquelas memórias. Eu o fiz sentir o gosto agri-doce do que ele perdeu. Não apenas a ascendência dele, mas a ascendência envolta em sangue e sofrimento.

Parecia que eu tinha acabado de descobrir uma ferida em minhas costelas, nova e ainda dolorida, branda, esperando o sangue abrir caminho.

— Amani?

Pisquei e foquei em Tala pelo espelho. Meu lábio inferior estava preso entre os dentes, vermelho com a apreensão. Ela me observou com solicitude e uma pitada da censura usual. A última trança foi finalizada, e ela entrelaçou todas elas em um coque baixo em minha nuca. Laços vermelhos envoltos em meio ao cabelo esvoaçavam. Sobre o coque, ela prendeu uma rede prateada com pequenas moedas penduradas. Ela se levantou, aproximou-se e se sentou ao meu lado.

— Você não pode consertar isso — disse ela, segurando meu queixo. — Entende? Ele não pertence a você para que você o ajude; ele pertence a outra.

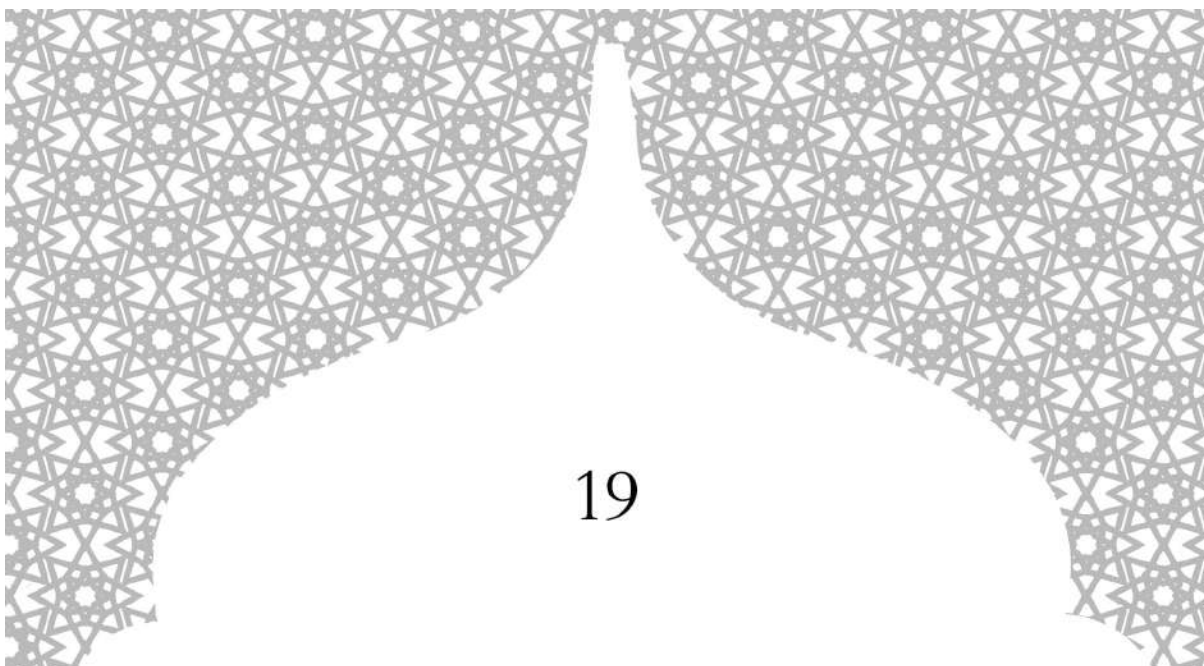
— Eu sei — confirmei, levantando-me da penteadeira. Quanto deixei transparecer em meu rosto para que ela o lesse tão bem? Acho que a resposta não seria uma suposição difícil.

Tala ficou em silêncio enquanto eu me vestia. Apenas quando me posicionei em frente ao espelho e vi minha expressão, foi que compreendi a preocupação dela. Eu parecia atordoada, meus olhos, contornados com kohl, estavam arregalados. Eu não reconheci a garota, mais próxima de estar apaixonada quanto eu jamais estive, que me encarava de volta. Quando olhei para Tala, ela balançou a cabeça.

— Amani — chamou Tala, assim que comecei a caminhar em direção à Sultana. Ela parecia verdadeiramente angustiada. — Coloque um fim nisso enquanto você ainda pode.

Pensei na mão de Idris sobre a minha e senti algo apertar dolorosamente o meu peito. Mesmo se eu pudesse, eu não tinha certeza se queria.

O olhar de Tala não saiu de meu rosto, então, por fim, assenti e segui em frente.



Andei de um lado ao outro em frente à entrada da ala da Sultana no palácio. Os aposentos dela ficavam na extremidade de Ouzdad, suas paredes de fundo niveladas contra o desfiladeiro. Para adentrá-los, era necessário passar por um enorme par de portas que separavam a ala toda do restante do palácio. Assim como todo o lugar, eram lindas e se destacavam pelas pinturas que emolduravam a porta. Um par de teslites, cada um com uma das asas abertas, montava guarda. As penas das asas cintilavam em tons ricos — verde, vermelho, azul, roxo — e as cabeças eram coroadas com penas brancas.

Idris apareceu atrás de mim, silencioso como uma sombra, e agarrou meu pulso. Enrolei meus dedos na corrente do colar sem perceber, mas nem isso foi capaz de me distrair. Ficamos quietos enquanto ele desembaraçava a corrente de meus dedos.

A voz dele soou baixa quando disse:

— Obrigado por fazer isso. Sei que está arriscando muita coisa, mas não pediria se não fosse importante.

Assenti sem olhar para cima.

— Eu sei. Não é insignificante. Mas ainda estou preocupada.

A Sultana não se levantou quando entramos, mas Furat, sim. Eu me aconcheguei em uma almofada no chão e, um momento depois, Idris e Furat fizeram o mesmo. A Sultana não tirou os olhos da janela aberta nem nos cumprimentou.

A semelhança entre Itou bint Ziyad e a neta dela me deixou sem palavras. O ângulo marcado do queixo, a boca ampla, os olhos emoldurados pelas rugas. Ela poderia ser minha avó, éramos muitíssimo parecidas.

Eu ainda a encarava quando ela encontrou os meus olhos. Foi difícil não pestanejar sob o seu olhar; idade e pesar eram grandes fardos para ela, e não saberia dizer se ela sempre foi assim ou se apenas tinha aquele olhar quando Maram estava por perto. Eu não era capaz de imaginar como deveria ser a vida de Maram nem da Sultana. Uma sendo confrontada com a prova de seu fracasso ao defender o povo, e a outra, com quanto a avó deveria enxergá-la como a representação desse fracasso.

— Ya’bnati — disse ela, em kushailano. Criança.

Não sei o que me inspirou a dizer as palavras seguintes em kushailano, mas o fiz.

— Sultana Viúva — cumprimentei. — Não sou Maram.

Furat se afastou, como se tivesse sido atingida por algo. Imaginei que ela nunca ouvira Maram falar em kushailano. A Sultana, por sua vez, inclinou-se para trás, seu rosto calmo e sério, a dor e a exaustão não mais presentes.

Pensei que, depois da guerra, poucas coisas pudessem chocá-la, ou fazê-la revelar o seu choque.

— Então quem seria você? — questionou ela, também em kushailano.

— Sou a substituta de sua neta.

Os olhos dela permaneceram em meu rosto. Ela me olhava de maneira contemplativa, como se analisando cada um dos meus traços.

— Qual é o seu nome?

— Amani, sayidati.

— Qadissiya? — ela perguntou, então. Cadissiana?

Assenti, hesitante.

Sua boca se curvou num sorriso.

— Meu irmão foi criado em Cadiz — disse ela, em kushailano.
— Frequentemente, ele escrevia cartas nesse idioma; levou anos para que ele superasse o costume. Aji.

Venha aqui.

Ela acenou para que eu me aproximasse. Depois de lançar um olhar a Idris, que me respondeu com um sorriso de encorajamento, levantei-me e fui sentar ao lado dela. Suas mãos pareceram secas em meu rosto, e os anéis que ela usava estavam frios contra minha pele.

— Que estranho — disse ela, quando me soltou. — Como você acabou no lugar da minha neta?

Furat nos observava com curiosidade. Ela não compreendia o que dizíamos, percebi. Então, expliquei em vathekês:

— Os droides imperiais invadiram minha noite de maioridade — comecei. As palavras saindo mais fáceis do que quando as expressei anteriormente. — Meu rosto foi escaneado, fui sequestrada e levada ao Ziyaana. Eu... eu fui treinada para ser Maram e para tomar o lugar dela.

A Sultana ergueu as sobrancelhas.

— O lugar dela?

Abaixei o olhar. Não queria ofender a Sultana, embora ela provavelmente já conhecesse as respostas violentas que Maram evocava no público geral.

— Não é seguro para ela lá fora — afirmei.

— O povo a odeia — disse a Sultana, exausta. — Pois ela não fez quase nada para conquistar o amor dele.

— Sim, sayidati.

— Os vathekeses não são bons em inspirar amor — afirmou ela.
— Ou em recebê-lo, assumo.

— Sayidati?

— A timidez não faz parte de nós — comentou ela, e ouvi um pouco da rispidez de Maram em sua voz. — Minha neta e eu não somos próximas. Por isso, imagino, mandaram-na em seu lugar; é difícil para nós duas. Isso e os rebeldes.

— Sayidati? — perguntei, mais uma vez.

— Os rebeldes com quem o pai dela acredita que eu esteja envolvida. — O cansaço retornou à voz dela. Pude ouvir o que ela

não disse. *Os rebeldes que eu não apoio*. Ela lutou contra o irmão numa guerra civil, mas vendo-a ali, não acreditei que ela teria a coragem de perseguir quem ainda restava de sua família.

Curvei minha cabeça. O que eu poderia dizer? Não havia nenhuma certeza que pudesse oferecer. Maram contou a mim tudo o que a Sultana sabia, repetidas vezes.

— Bem... — disse ela. — Conte-me sobre você. E sua família?

— Ainda está em Cadiz — respondi. Ela inclinou a cabeça, esperando que eu continuasse. — Minha mãe e meu pai têm uma fazenda na lua, junto com meus irmãos.

— Mais de um?

Meu sorriso crescente minguou.

— Dois — continuei, com mais seriedade. Sentia falta deles em todos os momentos, todos os dias; como eu poderia não sentir? Pedi, pela milionésima vez, que Husnain tivesse saído ileso daquela noite na casbá. Que todos tivessem. — Sou a mais nova.

— Ah — disse ela. — A menina dos olhos do pai, então?

Pela primeira vez num longo tempo, sorri.

— Talvez — comentei. — Ele me favorecia. Tínhamos muito em comum.

— Mesmo?

— Ele era botânico antes da ocupação. Estava me ensinando antes... bem, antes. — Idris apertou minha mão debaixo da mesa, e me peguei sorrindo um pouco mais. — Ele gostava tanto de poesia quanto eu, e também a ensinava a mim, quando minha mãe não estava olhando.

Furat soltou uma breve bufada, mas balançou a cabeça quando olhei para ela.

— Igual a mim — a Sultana me contou. — Meu irmão puxou minha mãe, e eu, meu pai. Costumávamos caçar juntos.

Minhas bochechas doeram de tanto que eu sorria.

— Não temos esse tipo de coisa em Cadiz. Pelo menos, não agora.

— Não. Acho que não. Costumávamos conseguir caçar lá, mas minhas idas e vindas foram restritas. Eu... os vathekeses não me dão o direito de visitar minhas velhas propriedades no sul. — Ela fechou os olhos por um momento. — Houve um tempo quando eu

não aceitaria a recusa de ninguém. Quando teria ido a qualquer lugar que eu desejasse nas estrelas.

— Sinto muito, sayidati.

Ela sorriu.

— Guarde sua pena para os jovens e os mortos, garota — disse ela. — Ela não pode me ajudar.

Os minutos se passaram enquanto conversávamos. Pensei ter contado tudo a Idris, mas quanto mais perguntas a Sultana fazia sobre minha vida e minha família, mais eu tinha a dizer. Em troca, aprendi sobre a infância e a criação dela. Pude ver que isso a machucava, falar sobre sua vida antes dos vathekeses. Era uma felicidade agri-doce se lembrar dos bons tempos sabendo que nunca mais voltariam a existir.

Era como... eu não saberia explicar como me senti sentada com ela, conversando em kushailano. Como se eu tivesse retornado à minha pele antiga. Eu conhecia aquela garota que sorria e falava sobre a família sem qualquer ressentimento. Que inclinava a cabeça quando uma música começava a tocar no pátio e reconhecia as notas. Que ria quando um garoto fazia uma piada para ela.

Idris parecia mais relaxado do que nunca. Com os ombros soltos, continuava sorrindo para a Sultana, reenchendo o copo de chá dela sem que pedissem. Será que ele não podia fazer isso quando ia com Maram?

— Faz tanto tempo que não o vejo sorrir, primo — comentou Furat.

Ele emitiu um som de desprezo do fundo da garganta.

— Não seja ridícula — disse ele. — Eu sorrio o tempo todo.

— Existe o sorrir — disse a Sultana, erguendo o copo de chá. — E existe o *sorrir*.

Ele ergueu um dos ombros, mas curvou a cabeça.

— Você se chama Amani, certo? — perguntou Furat. Assenti. — Foi você ou minha prima que encontrei no baile Terminus?

— Eu.

Ela se reclinou, os olhos um tanto arregalados.

— Considere-me devidamente impressionada — disse ela, aos risos. — Você imitou muito bem Sua Alteza Real.

Sorri.

— Seu primo discorda.

Ela desconsiderou a informação com uma das mãos.

— Não estamos todos procurando armadilhas em uma valsa.

— Nem todos temos razões para isso — intrometeu-se Idris. — Mas você foi muito boa, Amani. Quase acreditei até sua crítica incisiva às minhas habilidades narrativas.

— Não seja tão entediante, então — comentei, tentando não rir.

Se Husnain estivesse ali, estaria se divertindo, pensei. Ele amava risadas e amava ainda mais risadas com um chazinho e boa comida. Ele e Idris se dariam bem. Pelo menos, Husnain apreciaria zombar dele pelas traduções e narrativas desengonçadas.

A Sultana nos observou. Por fim, relaxou no assento, com um sorriso suave no rosto.

— Deve sentir muita falta de sua vida antiga — disse Furat, com cuidado. — Do seu antigo... eu.

— Tem sido difícil. Mais difícil do que qualquer coisa que imaginei enfrentar na vida — confessei a ela, com honestidade. Eu não me sentia tão relaxada, percebi, desde minha noite de maioridade. — Ouzdad tem sido como uma folga.

— Uma folga bem merecida — disse Furat. — Estamos felizes de a termos conosco.

A Sultana se levantou e seus velhos ossos estalaram. Idris também se levantou para buscar a bengala dela. Ela o dispensou.

— Não — disse ela. — A garota. Amani. Faz um bom tempo desde que passei pelo jardim.

Ele estendeu a bengala a mim com um sorriso. Senti os cantinhos de minha boca se erguerem sem que eu os tivesse ordenado. Quando me levantei e peguei a bengala, ele apertou o meu braço.

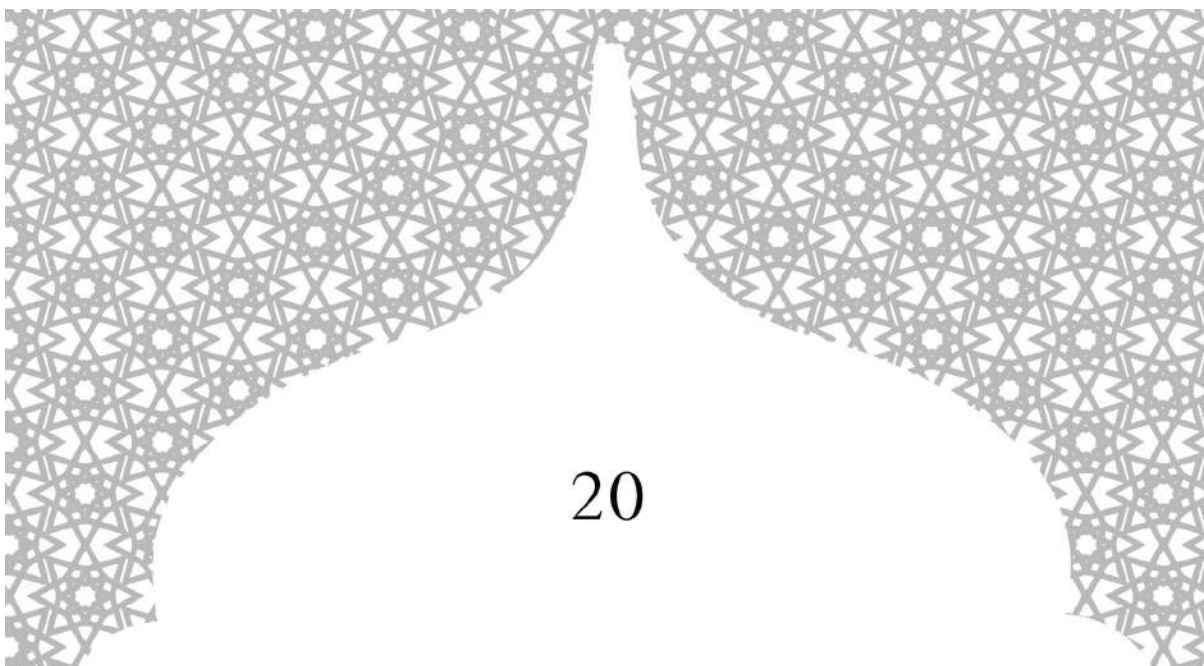
— Obrigado — murmurou ele.

— Nenhuma gratidão é necessária para o que foi gratuitamente dado — afirmei.

— Não foi gratuito. Eu sei disso.

Por um momento, nós nos encaramos, e senti um calor passar por mim, algo novo e forte.

— Pode ir — disse ele, por fim. — A Sultana está esperando.



Dormi profundamente naquela noite. Pude ouvir o assobio do vento atravessando o desfiladeiro e o gorgolejar da fonte em nosso pátio, além de centenas de outros sons por todo Ouzdad adormecendo. Sons praticamente inexistentes em minha ala no Ziyaana. Acordei revigorada antes do sol nascer e do palácio despertar. Não me preocupei em acordar Tala e me vesti sozinha. Ela provavelmente enlouqueceria quando percebesse que deixei meus aposentos no cafetã cinza simples, com quase nenhuma joia e com o cabelo preso numa trança despretensiosa.

Vesti uma capa e caminhei pelo palácio em direção ao templo.

O templo de Dihya era austero quando comparado ao restante de Ouzdad. Na entrada, um arco entalhado com uma escrita do Livro sobre dois pilares simples e brancos. O pátio era composto com simples ladrilhos de mármore cinza e verde, com uma única fonte de pedra no centro contornada por bancos e tapetes artesanais. Em três lados havia corredores cujas colunas brancas foram revestidas com madeira escura. As telhas eram verde-claras, e se destacavam mesmo na luz turva do alvorecer. Era uma construção lendária. Metade das paredes dele foram resgatadas de

destroços de uma antiga guerra civil e levadas para a superfície da lua.

Não havia nenhum símbolo ali, nenhum mural retratando nossos líderes ou seus seguidores. As paredes e pilares foram adornadas com velhas escrituras, versos do nosso Livro, lembretes de Dihya, paz e fé. Ouvi o caminhar de pés descalços contra pedra, o sussurro de mantos, o murmurinho crescente das pessoas em oração. Na outra extremidade do pátio, havia um par de portas de madeira escura, entalhada com árvores frutíferas: as portas da zauia. Atrás daquelas portas, qualquer um que necessitasse de abrigo, encontraria; qualquer um que necessitasse de um lugar para descansar ou de esmolas ou de ajuda, seria bem-vindo.

Senti o aroma de incenso recém-queimado e o cheiro penetrante do próprio templo que emergia das pedras, das pessoas e da adoração. Não consegui me obrigar a entrar no templo, então sentei no pátio debaixo da cobertura e respirei.

Pela primeira vez em meses, senti algo parecido com paz tomar conta de mim. O aperto em meu peito, a tensão em meus músculos desapareceram. Quando exalei, foi como se centenas de pedrinhas tivessem se afastado. Por um breve momento, eu não era Maram nem Amani. Era uma garota em um templo, preenchida com nada além de desejo e expectativa. O sol nascia, e a luz abria caminho pelo pátio, dividindo-o em luz e sombra. Um passarinho pousou na beirada arredondada da fonte, cantando para a água como se ela fosse cantar de volta.

Uma mão cheia de anéis repousou em meu ombro. Levantei-me, assustada. Quando me virei, encontrei Furat no outro lado do banco. Com o cabelo encaracolado e solto sobre os ombros, tão simples quanto o meu, vestia um cafetã no mesmo estilo descerimonioso. Não fui a única que evitou a criada naquela manhã.

Ela sorriu.

— Não quis assustá-la, Amani — disse ela. Estava calma e comedida, profundamente confortável naquele templo. Havia certa serenidade no olhar dela, uma compostura aparente que eu sabia que não seria capaz de incomodar. Duvidei que muitas pessoas fossem capazes.

Nós duas nos sentamos no banco, em silêncio, enquanto a vagarosa luz da manhã iluminava o pátio.

— Esse é o meu lugar favorito no mundo — comentou ela. — Não existe nenhum outro lugar que me preencha com tamanha paz.

— Você parece estar em casa aqui — articulei. — Quero dizer, em Ouzdad.

— A verdade é que nunca quis deixar Ouzdad — disse ela, sem olhar para mim. — Chorei quando minha avó sugeriu que eu fosse embora. Minha vida toda, evitei os vathekeses e o meu primo; eles não têm qualquer poder aqui. Então, de repente...

— Então por que partir? — Eu não conseguia entender. Se tivesse a chance, eu ficaria em Ouzdad para sempre. Não era perfeito, mas era um paraíso longe da politicagem e das maquinações vathekesas.

Furat fez uma pausa, analisando-me. Percebi, assustada, que ela nunca seria forçada a fazer nada; a menos que isso favorecesse seus propósitos.

— Responsabilidade. Tenho um compromisso com minha família, com minha avó, com Andala. Odeio o que nosso planeta se tornou, e não posso ficar aqui e reclamar. Eu deveria ter partido antes, mas...

— Se eu puder perguntar... por que Maram não gosta de você?

Furat bufou.

— O tempo que você tem passado no Ziyaana a está transformando numa diplomata — disse ela. — Maram me odeia. Tenho quase certeza de que ela, se pudesse, teria ordenado minha execução.

— Por quê?

— Antes de Najat morrer, a mãe de Idris e a minha lideraram os legalistas num golpe, esperando depor Mathis e instaurar meu irmão no trono.

O começo da Expurgação, pensei.

— O plano falhou — comentei, como se isso precisasse ser esclarecido.

— O plano falhou — repetiu ela. — Todo o clã Wattasi foi abatido. Exceto eu, para lembrar a todos os outros o que estava em jogo quando se perdia para os vathekeses.

— Isso não explica por que Maram a odeia — insisti, franzindo a testa. — Nem porque Idris está noivo dela nem porque você foi exilada.

— Maram... ela é incapaz de enxergar esse lado da família racionalmente. O pai dela a mandou para Luna-Vaxor depois do complô, e acho que isso só serviu para deixá-la ainda mais paranoica. Os vathekeses não a amam, você sabe disso. Ela é mestiça, o que é visto com maus olhos por eles, e os que não a odeiam abertamente por sua ascendência, sentem-se ofendidos por ela ser a suposta herdeira do trono imperial. Mas eles cultivam nela uma grande desconfiança de nós; ela acredita que, se eu tiver a liberdade, pegarei em armas e me rebelarei contra ela.

— Idris não faria o mesmo?

— Somos dois lados da mesma moeda — disse ela, baixinho. — Piedade e crueldade. Fomos criados para rezar pela misericórdia vathekese e fazer qualquer coisa para assegurá-la.

Não consegui imaginar como teria sido para Maram crescer assim, odiada pelas circunstâncias do nascimento, perseguida por um lado da família, caçada pelo sangue. Que tipo de pessoa surgiria de uma infância dessas? Que tipo de mulher isso criaria? Constantemente amedrontada, odiosa e cruel, tudo em nome da autopreservação.

Também não pude imaginar crescer como Idris e Furat, aterrorizados de que qualquer estabilidade conquistada pudesse ser roubada deles em um instante. A postura deles, apesar disso, deixava-me pasma.

— Ela está errada? — perguntei, com cuidado. — Sobre você?

Ela demorou para responder.

— Se eu acreditasse que pudesse, que qualquer um pudesse, convencê-la a se posicionar contra os vathekeses, eu não teria tanto medo de seu futuro reinado. Tentaria ser amiga dela, ajudar. Até mesmo juraria lealdade a ela. Mas Maram colocou todo o planeta contra ela. Espero que a paciência triunfe antes que seja tarde demais.

Voltei meu olhar para o céu. Estávamos perigosamente perto de uma traição. Não haveria nenhum novo regime, o rei Mathis se assegurava disso todos os dias. E os amigos de Furat dentre a

makhzen não a apoiariam, independentemente do estado do mundo.

Ela repousou uma mão em meu braço.

— Sabe o que minha avó disse a mim antes de eu partir para o Ziyaana?

Balancei a cabeça.

— “Todos no Ziyaana dirão que você deve aceitar ser subjugada” — declamou ela. — “Não aceite. Mesmo sua felicidade pode ser uma rebelião.”

Não me impedi de responder:

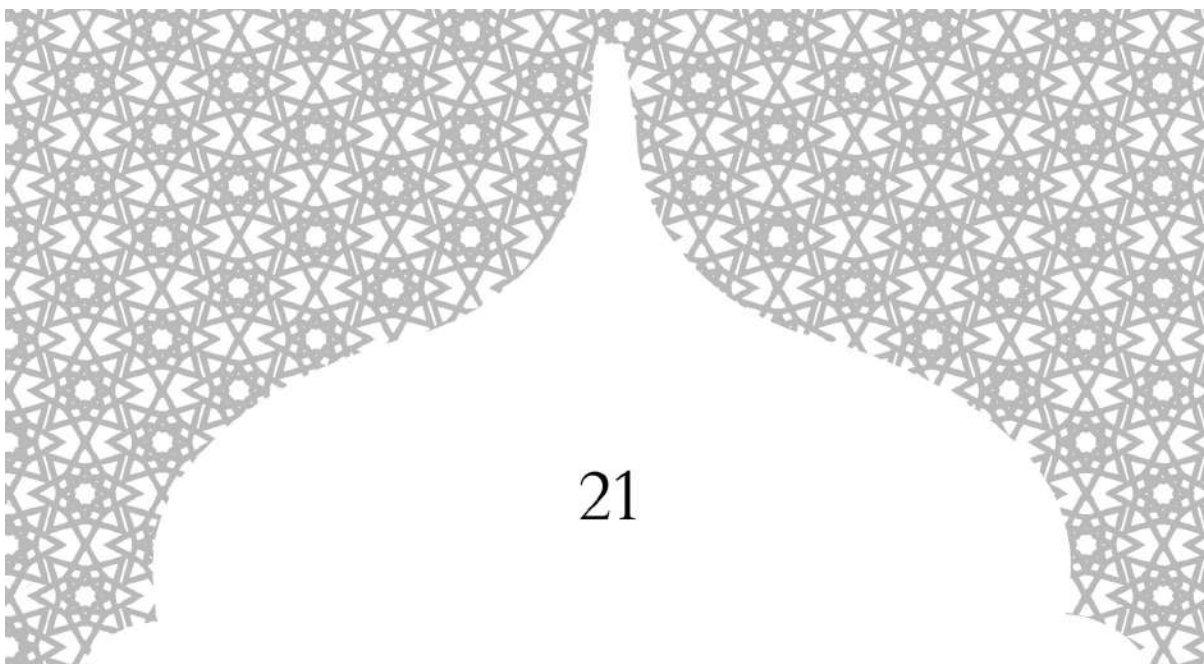
— Felicidade pode ser rebelião, mas não ganhará a guerra.

Furat me encarou, ainda considerando o que dizer.

— Não, não ganhará — disse ela, por fim.

O vento atravessou o pátio.

— Mas tem outra maneira. — Furat apertou o meu braço. Os sinos que anunciavam a abertura dos portões exteriores soaram, seguidos pelo som de cascos contra o chão. — Venha. Gostaria que você conhecesse uma pessoa.



Cavalgando pelos portões, havia três mulheres tazalghitanas vestidas em azul-escuro, com capas e véus. Duas montavam cavalos pretos, mas a primeira amazona apeava de um garanhão branco. Ela puxou o véu para longe do rosto e tirou o turbante da cabeça ao se aproximar. Não emitiu nenhum som e, diferentemente das outras mulheres, que continuavam em cima dos cavalos, não carregava espada ou qualquer amuleto.

Lutei para controlar minha expressão quando vi o rosto dela.

Essa jovem era a imagem de Massinia.

Ela não poderia ser muito mais velha do que eu, apesar de ser bem mais alta. A luz do sol refletiu em sua pele escura e reluziu as moedas prateadas penduradas em suas orelhas. O cabelo dela, bem cacheado e volumoso, estava preso em uma única trança que descia do topo da testa, igual a uma corda grossa, até suas costas. Ela tinha duas daan pretas, uma em cada bochecha, apesar da testa estar livre da coroa de Dihya. Havia uma cicatriz que percorria o canto da orelha e desaparecia abaixo do maxilar.

A semelhança dela com Massinia era tão impossível de ignorar quanto a minha com Maram. Ela era mais jovem do que a maioria dos retratos de Massinia, mas a impetuosidade na feição dela, a

linha rígida da boca, o rosto; as semelhanças não eram excepcionais, eram exatas.

Furat levou a boca ao meu ouvido.

— Elas não estão aqui para machucá-la — murmurou ela, então se afastou.

Os pelos de meu braço se eriçaram quando uma revelação atravessou minha mente. Os rumores sobre os rebeldes em Cadiz voltaram com tudo em vislumbres: Massinia renascida e mobilizando os rebeldes. Não poderia ser verdade, poderia? Ainda assim... eu estava olhando para a prova viva disso. Ali estava ela, a líder dos rebeldes. *O sangue nunca morre* não era uma figura de linguagem. Era a realidade.

Quase dei meia volta quando uma segunda onda de choque me atingiu. Furat. A determinação dela de voltar ao Ziyaana, de repente, fez sentido. Responsabilidade, ela disse. Uma responsabilidade diferente da que eu havia imaginado. Ela estava espionando. Espionando para Massinia. Minha mente se agitou pensando nisso.

Mas por que ela me trouxe aqui?

A garota fez um movimento brusco com a mão, e o grupo dela girou os cavalos, incluindo o garanhão branco, e cavalgaram para longe. Um sorriso se espalhou pelo rosto dela, como se achasse algo em minha aparência divertido.

— Junte-se a mim — disse ela, em kushailano. Ficou claro que estava acostumada a ser obedecida.

Havia uma mesa, mais ao fundo no jardim, com um baú de metal e dois cálices pequenos. Ela se sentou em um dos lados, dobrando as pernas debaixo do corpo, e me sentei do outro. O baú continha gelo raspado; ela encheu os cálices e os colocou entre nós para que o gelo derretesse, então espalmou as mãos na mesa deliberadamente, como se qualquer outra atitude demonstrasse a perda de controle.

— Você nasceu com o seu rosto? — perguntou ela. O kushailano dela soava diferente do meu, mais afiado, fluido.

— Sim. — Minha voz soou pesada com o choque.

Como tudo nela, o olhar que lançava sobre mim era certo e sentenciador. Talvez, fosse o costume dela, o costume tazalghitano,

procurar a fraqueza em todos os que encontrava. Ou talvez, como eu, não conseguia acreditar que era uma duplicata.

Ela segurou uma risada quando ergui minha cabeça.

— Deve se sentir bastante sortuda, então, por ter saído da pobreza.

Não consegui conter meu deboche.

— Apenas um tolo desejaria ser criado no Ziyaana. Uma prisão é uma prisão, mesmo se revestida em ouro. Mesmo se deixar minhas mãos macias.

Ela sorriu, e seu rosto se transformou: mais jovem, mais radiante, a daan em sua bochecha esquerda mergulhou em uma covinha.

— Você não é tola, então — disse ela, e puxou um dos cálices para perto. — Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— E seu nome de nascença?

Senti certa desconfiança.

— Amani.

— Bonito — respondeu. — Minha mãe me chamou de Arinaas, apesar de poucas pessoas terem esse nome hoje. Eu tinha nove anos quando ela percebeu que os rebeldes perseguiam nosso acampamento pelo descampado. Você deve saber o que eles queriam.

— Massinia renascida.

Ela ergueu o cálice em confirmação.

— Viram a marca em meu ombro e a entenderam como um sinal de Dihya.

Meus olhos se arregalaram. Certamente, ela não queria dizer...

— A marca?

Ela repousou o cálice e puxou o colarinho do manto até expor a maior parte da clavícula e ombro. O calor desapareceu de meu rosto. A cicatriz começava logo abaixo da garganta, de onde partiam dezenas de linhas finas que se estendiam pelo ombro. Parecia que um montante de fogos emergiram da cicatriz, queimando a pele dela. E entrelaçado com todas as linhas, havia ouro. Não uma pele mais branca ou linhas tatuadas, mas ouro, brilhante e cintilante em sua pele.

— E os rebeldes conseguiram o que queriam?

Ela ergueu uma sobrancelha e curvou a boca, entretida.

— Minha mãe não era tola. Ela sabia o que aconteceria: eu sobreviveria, talvez, um ano, enquanto me exibiam por todo o canto. Então, os vathekese me encontrariam e me matariam.

— Mas agora...

— Ela disse a eles que se os encontrasse perseguindo nosso acampamento de novo, ela os mataria. Então, seguiu para Andala logo depois da Expurgoção para ver o que motivou homens desesperados a irem àquela lua atrás de um salvador.

Não foi difícil imaginar o que ela encontrou. Mesmo comigo não lembrando da Expurgoção, eu lembrava daquele ano. Pareceu que as mães de nossa aldeia nunca parariam de chorar. Como se a Guarda nunca fosse embora. Como se nunca houvesse comida, água ou dinheiro o suficiente. O último irmão vivo de minha mãe e a família dele desapareceram naquele ano.

— O que aconteceu quando ela voltou?

— Ela chamou as outras rainhas de Tazalghit — disse Arinaas, encontrando meus olhos. — E elas planejaram. O resto da minha vida, o futuro de nosso mundo, o destino de bilhões.

A suavidade recém-surgida no rosto dela se foi. A raiva de Arinaas devia ser algo constante, sempre guardada logo abaixo da superfície, lutando para respirar contra tudo que o corpo dela representa. Eu sabia, Dihya, eu sabia mesmo, como era aquilo. Nenhuma de nós pediu para ter aquele rosto, aquelas marcas, aquele destino, e foram todos impostos a nós mesmo assim.

— Conte-me — começou ela. — Você acredita em Dihya?

— Acredito — respondi.

— Eu não tinha tanta certeza se acreditava em Dihya quando tinha a sua idade — disse ela. — Não conseguia compreender por que havia recebido o rosto e a marca de Massinia e nada mais. Não acordo por causa de sonhos com vidas passadas. Não tenho a paciência ou visão dela. O Livro não me revela nenhum significado escondido. Tenho apenas o rosto dela, e na maioria dos dias, parecia que estava sendo punida. Pessoas começaram a visitar o acampamento da minha mãe quando o rumor se espalhou, procurando fé, ajuda ou segurança, e eu não tinha nada disso. —

Ela encarava o copo, o olhar desfocado, como se pudesse ver a garotinha que foi, jovem, amargurada e sozinha. — Sabe o que percebi?

Balancei a cabeça.

— Não importa se sou mesmo Massinia, não mais do que importa se você é a Princesa Imperial.

— Não entendi.

— Uma princesa e uma profetisa podem fazer coisas incríveis. Podemos levar a justiça a milhões. Podemos fazer coisas que pessoas comuns não poderiam.

E o que pessoas comuns não poderiam fazer? Meu coração acelerou e minha mente se agitou, tentando listar todas as coisas que ela pensou que poderíamos — que eu poderia — fazer.

— O que você quer de mim?

— Precisamos de uma espiã no Ziyaana.

— Você tem Furat — comentei, desconfiada.

— Furat é uma prima inferior esquecida na desgraça — disse Arinaas. — Você é uma sócia. Tem acesso a lugares e a informações que ela não tem.

Não respondi. Eu não precisava falar; ela conhecia os riscos que me pedia para correr. Ela pôs uma pequena caixa preta na mesa entre nós.

— Dentro da caixa, há um comunicador, indetectável pelo sistema de segurança do Ziyaana. Tudo que queremos agora são informações. Observe, escute e reporte tudo que parecer interessante.

— Tudo o que você quer *agora* — repeti, encarando a caixa. A ideia me animava e me assustava ao mesmo tempo. Espiar não era um jogo. Eu sabia o que aconteceria se fosse descoberta. Não poderia ser descuidada nem tola e mergulhar em algo sem considerar as consequências.

— Podemos convocá-la — comentou ela. — Faz parte do nosso trabalho.

— Rebelião — esclareci.

— Liberdade — rebateu ela. — Então... — Ela me encarou. — Você está dentro?

Por mais infantil que pudesse ser, eu queria a minha mãe. Queria o conselho dela, mas mais do que isso, queria seu ombro para apoiar a cabeça. Quase pude vê-la, cheirar a água de rosas que aplicava no cabelo alguns dias, enxergar a linha firme de sua boca. Queria a mão dela no meu ombro, como esteve em incontáveis vezes, queria um abraço tranquilizante.

O rosto de Arinaas parecia ter sido entalhado em pedra. Ela não tinha espaço para nenhuma brandura; se tivesse, não teria sobrevivido por tanto tempo. Se tivesse, ela não teria conseguido passar a vida se esquivando dos rumores e sussurros que levariam os vathekeses a ela. Ela tinha uma chama interior, um fogo inextinguível que devoraria tudo em seu caminho. Isso, pensei, deveria ser o que mantinha as pessoas ao lado dela. Quando descobriam que ela não tinha nenhuma das memórias de Massinia, apenas a aparência, aquela chama teria inspirado todos ao redor. Isso foi o que me fez inclinar para frente, como se eu fosse incapaz de resistir ao fogaréu da esperança que queimava dentro dela.

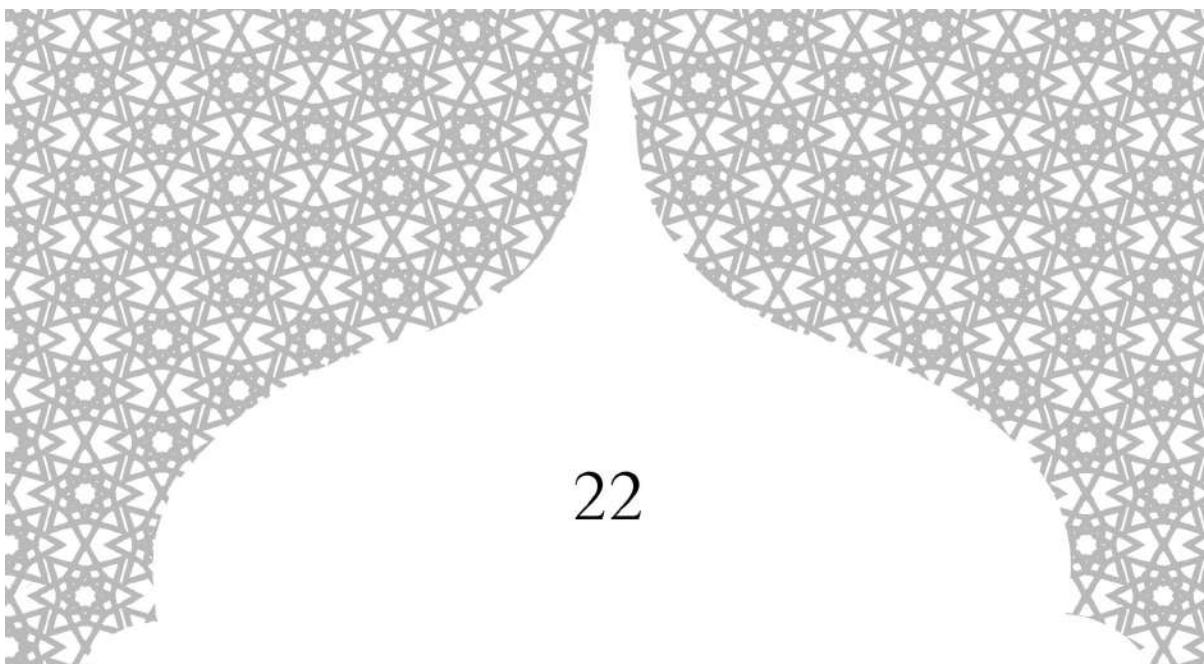
Independentemente do que as pessoas esperassem dela, Arinaas se forjou naquela chama. Tornou-se alguém digna de se ter por perto.

Esperança. Conquistada com dificuldade, ensopada em sangue, uma esperança que tanto queimava quanto iluminava o caminho dela. O oposto do que eu nutrira enquanto ainda estava em Cadiz. Era algo brilhante, reluzente e reflexivo como a lua no céu. Inofensivo, mas sem seu calor próprio. Eu poderia viver a vida sabendo que nunca cheguei perto de uma chama assim? Eu poderia existir no Ziyaana sabendo que escolhi minha meia-vida sob as sombras, que aceitei uma transformação terrível em minha alma, em vez de me posicionar com todas as minhas forças ao lado de algo que poderia me renovar? A chama de Arinaas poderia limpar minha pele e quebrar meus ossos, mas, no fim, eu emergiria revigorada, nova e forte — uma versão de mim que ninguém poderia subjugar.

Orei por um sinal, por esperança, por um propósito em ter sido enviada para Ziyaana. Fui respondida com algo que eu nunca havia imaginado.

— Vou fazer o que você me pediu.

— Muito bem — falou, como se esperasse essa resposta. Estendeu uma das mãos, com a palma voltada para cima e, depois de um momento, percebi o que ela queria. Eu apenas tinha visto soldados se cumprimentarem ou se despedirem assim. Diminuí a distância entre nós, repousei meu braço sobre o dela e segurei seu cotovelo, e ela fez o mesmo comigo.



Odia não havia amanhecido ainda, mas eu estava parada na fonte em nosso pátio. Minha presença acionou a água, que passou a fluir, ondulando-se gentilmente. Pensei nas palavras que Furat me disse no dia anterior, *a felicidade é uma rebelião*. Desde que cheguei em Ouzdad, encontrei as duas: felicidade e tranquilidade com Idris, que eu não sentia desde os dias antes da minha noite de maioridade; e rebelião, a rebelião sobre a qual eu ouvia falar desde quando era pequena, mas não acreditava nela. Eu sabia o quanto custaria. Se fosse pega, não encontraria piedade alguma no Ziyaana. Mas também pensei na noite em que fui levada de minha família; no olhar no rosto de Husnain ao gritar que os vathekeses não poderiam me ter.

Se ele pudesse me ver naquele momento, pensei, ficaria orgulhoso.

Sob a luz das tochas, meu reflexo me encarou de volta, quebrado pelas ondas e marolas. Eu reconhecia aquela garota de bochechas e queixo arredondados, olhos arregalados, agora sempre contornados por kohl. Ela não era a filha de um agricultor, não com a corrente de ouro pendurada no pescoço e brincos

cravejados de joias. E ela não era Maram; ela nunca pareceria tão vulnerável quanto eu nesse momento.

Percebi, surpresa, que ela era eu.

— Vossa Alteza.

Estava cansada demais para ficar chocada ou amedrontada, apesar dos pés de Idris não terem feito som algum sobre o chão de pedra. Estava parado na entrada do pavilhão, vestido de forma tão simples quanto eu, com um casaco verde-escuro arrematado com linha branca e uma calça folgada combinando. O cabelo dele estava solto, como sempre parecia estar aqui, e o início de uma barba continuava sombreando o rosto dele. Ele estava com um dos meus mantos — um dos mantos de Maram, lembrei-me — pendurado no braço.

— Por que está acordado?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Por que você está acordada?

Quando eu não disse nada, ele se aproximou e ajeitou o manto sobre meus ombros. Não era particularmente pesado, mas manteria o restante do frio da manhã afastado. Segurei-o ao redor dos ombros e tentei não encarar Idris. Pensei muito nele desde a manhã em que cantei para ele. E a noção de que eu poderia escolher quem eu era cresceu em minha mente, o mesmo aconteceu com meus sentimentos por ele.

Ele tirou a trança de debaixo do manto e a apoiou sobre o meu ombro.

— Idris...

— Quero mostrar algo a você — disse ele, por fim. — Vem comigo?

* * *

Ele me levou para as catacumbas. A mão, seca e gelada, envolvia a minha e me puxava com cuidado pela penumbra. Não havia tochas, mas quando olhei para cima, vi pequenos orbes flutuando perto do teto da caverna. Murmuravam e sussurravam para nós, ritmados, como se contando os segundos. O corredor se estendia muito além dos murais de Massinia. Ele me levou por um caminho que bifurcou

duas vezes e, em ambas, seguimos pela esquerda. Finalmente, vi uma passagem cheia de luz no fim do túnel.

Emergimos numa caverna impossivelmente grande cujo teto havia desabado muitos anos antes. Logo abaixo da abertura, havia um lago de água escura e imóvel. O ar estava pesado, preenchido pelo aroma de flores e natureza. Para todo os lugares que eu olhava, plantas e árvores cresciam, envolvendo estalagmites e escalando as paredes.

— Que lugar é esse? — suspirei.

— O oásis Janat — disse Idris. — Furat e eu o descobrimos quando éramos mais novos. Gibra tem muitos desses oásis subterrâneos. Foi como os colonizadores a terraformaram.

— Estamos... estamos seguros aqui? Sozinhos?

Ele assentiu e apertou minha mão.

— As tazalghitanas controlam quase todos os oásis, mas esse elas cederam aos Ziyadi como um presente há séculos. Os homens da Sultana o guardam com cuidado. Estaremos seguros.

Seguimos por um caminho que nos levou a uma saliência e a um penhasco com vista para toda a caverna. Por alguns momentos, ficamos parados ali em silêncio, apenas observando a luz solar preencher a caverna, enquanto o som do canto dos pássaros crescia. Quando me afastei, Idris me deixou. Fiquei grata por isso — por ele ter me levado ali, não ter feito nenhuma pergunta — mais do que ele seria capaz de compreender. Em Ziyaana, ninguém queria, nem tentava me tranquilizar. Mesmo ali em Ouzdad, a Sultana gostava de mim porque eu falava kushailano, enquanto Furat me observava pois eu poderia ajudar na rebelião, e Tala se desesperava constantemente com minha inabilidade de respeitar as regras.

Essa foi a primeira vez que qualquer pessoa me ofereceu uma folga sem pedir nada em troca.

Por fim, encontrei uma pequena piscina encostada na parede da caverna. Tirei os sapatos. Com um suspiro aliviado, suspendi os pés sobre a beirada da pedra e os mergulhei na água. Estava fria, mas o ar esquentava rapidamente e não demorou para eu me livrar do manto ao qual eu me agarrara mais cedo. Janat era silenciosa, como se esperasse que algo divino acontecesse. Havia o canto dos

passarinhos e o som de água corrente e o farfalhar das folhas, mas não havia ninguém ali, ou parecia que não. Era como estar em um templo esperando o chamado da oração, o nascer do sol, o som da adoração. Fechei os olhos, respirei, e senti o peso da última semana desaparecer do meu coração.

Idris me encontrou assim, apoiada em minhas mãos, com o rosto voltado para o teto da caverna. Ele não disse nada, mas tirou os sapatos como eu fiz e sentou-se na pedra, ao meu lado. Nosso silêncio, muitas vezes, parecia pesado, como se nós dois estivéssemos revivendo a tarde na gruta ou a manhã no pátio. Eu não deveria tê-lo tocado, não deveria ter deixado que ele me tocasse. Deveria ter mantido distância. E porque eu não o fiz, precisava tomar uma decisão.

Quando olhei para ele, ele estava me observando.

— O que foi?

Idris sorriu.

— Poderia ensinar você a nadar.

Bufei, e ele sorriu ainda mais.

— Sua Alteza não nada — lembrei a ele. — E vou apenas aonde ela precisa estar. Além disso, é uma ideia horrível.

— Nunca morou perto da água?

Balancei a cabeça e me virei.

— Era um vale — admiti, depois de um momento. — Os vathekeses drenaram o rio cerca de vinte anos atrás. Não há onde nadar.

— Ah — foi tudo o que ele disse.

Fazia muito tempo que não pensava no vale que foi meu lar por tanto tempo. Meus pensamentos estavam sempre com Husnain ou com Aziz e meus pais. Nunca pensei que sentiria falta do vale, mas ali estava eu, meu peito apertado enquanto pensava nas montanhas e no céu esfumaçado de lá.

— Estive pensando — começou Idris, mais uma vez, e tentei não suspirar.

— Sim, sayidi?

— A música que você cantou naquela manhã. O que ela significava?

Senti o rubor subir por meu pescoço antes mesmo de olhar para ele. Ele realmente não sabia, pude notar na expressão dele. Mas que tola eu tinha sido cantando uma velha canção romântica. Ele sabia o que era, mesmo se não conhecesse o significado das palavras. Foi atraído por ela tanto quanto eu, encarou-me como se eu fosse a única pessoa no jardim, mesmo quando Tala nos repreendeu por estarmos sozinhos.

Não deixe seus pensamentos se desviarem tanto assim, disse a mim. Não havia nenhum futuro para nós dois. Todo e qualquer fim que imaginei estava repleto de tragédia. Independentemente do quão lindo ou gentil Idris fosse, ele não era meu. Ainda assim, a felicidade que criou raízes em meu coração se recusava a ouvir. Eu o observei enquanto ele me observava, hipnotizado e incapaz de desviar o olhar.

Eu me virei exatamente quando ele perdeu o equilíbrio na borda. Vi tudo acontecer como se estivesse em câmera lenta: ele percebendo o que havia acontecido, estendendo a mão, alcançando o manto com os dedos. Não levei nem o peso nem a força dele em consideração, então quando me puxou com ele, eu gritei.

Caí na piscina. De alguma maneira, parecia que a água havia ficado muito mais gelada desde que eu tirei o pé dali. A piscina chegava apenas em meus joelhos, e depois de me agitar e tentar me desvencilhar de Idris, consegui me equilibrar sobre os pés. Encaramos um ao outro, chocados, desgrenhados e ensopados até o último fio de cabelo. As roupas dele estavam grudadas no corpo como uma segunda pele, e quando olhei para mim...

Resmunguei. Tala ficaria tão nervosa quando me visse. Por mais simples que o cafetã azul fosse, estava arruinado. Quando olhei para Idris novamente, ele sorria.

— O que foi? — estourei. Estava molhada e nada confortável, e sua expressão entretida não ajudou em nada.

— Nada, você só... — riu ele. — Você parece muito nervosa. Venha, tem um lugarzinho onde podemos nos secar.

Ele me levou para longe da borda do penhasco e descemos até a praia. Estava mais quente ali, logo abaixo da abertura no teto da caverna, e o sol já havia nascido por completo, dando ao lago um tom turquesa brilhante. O mar chegava e se afastava da costa com

o ruído suave que os orbes emitiam ao longo de todo o caminho até lá. Havia uma pedra plana e ampla a alguns metros, e foi para onde Idris me guiou. Estiquei o manto sobre ela, esperando que secasse rapidamente, e suspirei.

Segundos depois, ouvi um estatelar molhado e, quando olhei para cima, vi que Idris tirou a camiseta. Sob a luz da manhã, o cabelo e o rosto molhados dele pareciam cintilar. A khitaam em seu braço parecia mais nítida e escura do que na última vez em que a vi. Ele olhou para ela como se estivesse se lembrando de algo, depois, olhou para mim. Os olhos se arregalaram um tantinho, então ele congelou, como se não esperasse me encontrar encarando.

Deveria ter desviado o olhar, mas paralisei no lugar, como sempre parecia acontecer quando Idris estava por perto. Ele segurou a minha mão e a pele dele estava quente sob minha palma, e imaginei, por um momento, que poderia sentir o coração dele batendo sob ela. Quando ele encostou a testa na minha, fechei os olhos e suspirei.

Em todo o nosso tempo em Ouzdad, estivemos nos aproximando, roçando dedos, prendendo mechas soltas de cabelo, lançando olhares. Eu sabia o que eu queria. Minha felicidade, não ligada à dele, mas junto com a dele. Pude ver o que eu poderia ter, sigiloso, furtivo, mas real. Ele me mostrou um pouco de quem era, e então...

Ele emaranhou as mãos na bagunça molhada que era meu cabelo. Pude sentir o mundo todo entre a gente esperando que tomássemos uma decisão. Que eu tomasse uma decisão. O sorriso dele já não era mais tão grande, mas preguiçoso, mais doce, e me fez sorrir em resposta. Prendi uma mecha solta de cabelo atrás da orelha e permiti que meu dedão acariciasse sua bochecha.

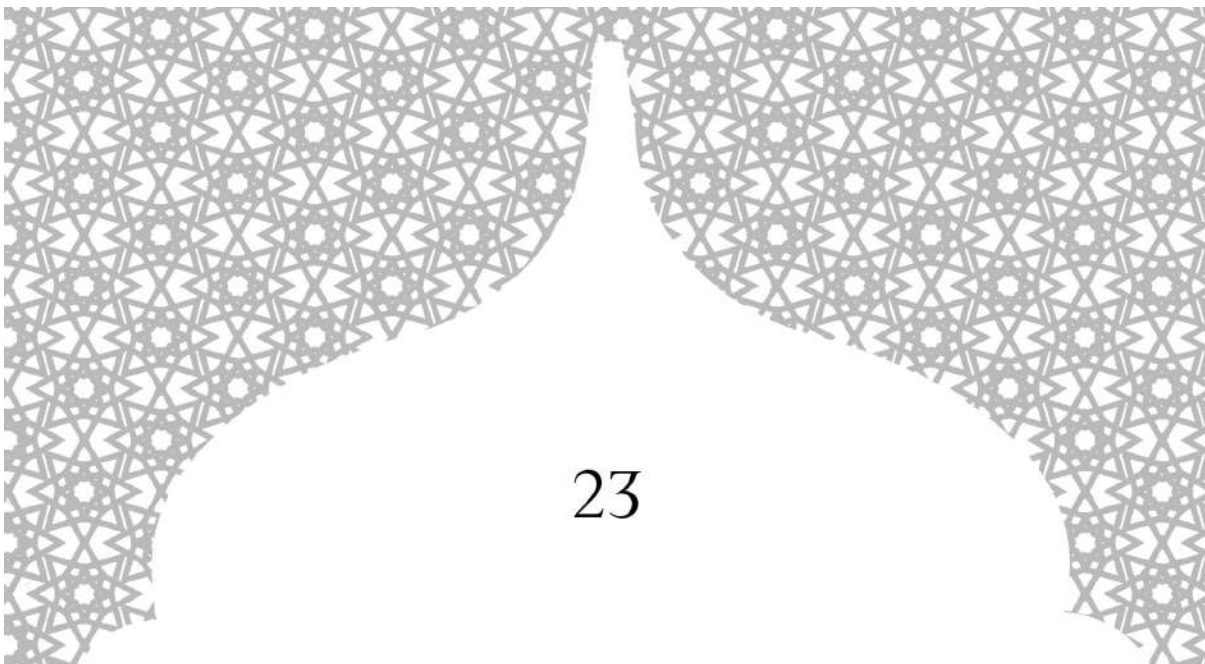
Senti como se todo o meu corpo estivesse esperando que eu o beijasse. Meus dedos ficaram tensos contra os dele e me ergui sobre a ponta dos pés para encontrá-lo. A mão dele explorou minha nuca quando a boca roçou contra a minha uma vez, então outra. Como se uma conversa acontecesse; perguntas que eu tinha, mas não conseguia pronunciar, respostas que eu queria dar, mas não sabia como. Ele me puxou para mais perto até o contorno de nossos

corpos se pressionarem um contra o outro, até eu precisar colocar os braços ao redor dele para manter o equilíbrio.

Eu tinha beijado outras pessoas antes, e as lembranças que eu tinha eram estranhas: o gosto de uma boca, uma abelha zumbindo ao redor de nossas cabeças, o sol nos queimando.

Não pensei em nenhuma dessas coisas com Idris. O calor agudo que eu sentia todas as vezes em que estávamos juntos, a falta de ar, o arrepio da necessidade, ganharam vida, empurrando-me para mais perto, entregando minha boca à dele. Diziam-me para responder às perguntas dele, dizer a ele o que eu queria, como me sentia, dar a ele a tranquilidade que procurava e, assim, eu teria a minha. O mundo desapareceu mesmo quando nos separamos. Tudo o que eu ouvi, senti, foi nós dois e o pequeno espaço entre nós.

Pela segunda vez naquele dia, as palavras de Furat voltaram à minha mente. Felicidade é uma rebelião, pensei.



Amanhã de nossa partida chegou antes de eu estar pronta. Um vento forte soprou pelo desfiladeiro, rugindo revoltoso, avisando a todos das tempestades de areia que se aproximavam. Ouzdad estava silencioso, obscurecido pelas nuvens acima. Eu me posicionei em frente ao espelho naquela manhã, enquanto Tala me vestia em um presente da Sultana. A criada que entregou o cafetã estava ao lado, com olhos críticos sobre as mãos de Tala que se moviam de um lado ao outro, ajustando o cinto e a capa.

Era um lindo cafetã cinza com mangas na altura dos cotovelos, acabamento em cristais e bordado roxo escuro. Um casaco sem mangas, que chegava ao chão, da mesma cor roxa vinha por cima, com diversas camadas de chiffon de seda cinza, caindo de meus ombros e se acumulando no chão atrás de mim. Tala limpou a hena de minhas mãos na noite anterior, e ambas estavam nuas em frente ao espelho, apesar de carregadas de anéis.

— Pronto — disse Tala, dando a volta para me olhar. — Linda.

— A Sultana pediu para vê-la antes de partir — disse a criada, em kushailano.

Caminhei até os aposentos da Sultana e parei na entrada. Demoraria muito antes de eu ver a imagem do teslite outra vez,

então eu queria memorizar a maneira com que ele emoldurava as portas. Massinia teve um pássaro desses por grande parte de sua longa vida, a coroa de penas era um brilhante e vibrante verde-esmeralda. Alguns pensavam que Azoul, o teslita que ela encontrou no deserto, havia dado a ela a marca como um presente, unindo-os. Eu não sabia se acreditava nisso, mas o pássaro sempre carregava consigo mudança e poder. Mas eles se foram do mundo.

— Vossa Senhoria? — chamou a criada, com um vathekês carregado.

Assenti, e as portas se abriram.

A Sultana Viúva estava sentada em seu assento usual, que parecia um trono, com o rosto voltado para uma janela aberta.

— Lamentarei vê-la partir, garota — disse ela, em kushailano. — Gostaria de ter caminhado um pouco mais pelos jardins com você. As poucas caminhadas pela tarde não foram o suficiente.

Obriguei-me a sorrir e me inclinei para beijar as duas bochechas dela e as costas de suas mãos.

— Se eu ainda estiver viva... — especulei, em kushailano. — Vai me ver ano que vem.

Ela resmungou e gesticulou com uma das mãos.

— Um ano é tempo demais para uma velha como eu.

Furat chegou, ainda em seu robe noturno, com o cabelo espalhado pelas costas.

— Pensei que tinha perdido sua partida.

Mal tive tempo de me levantar antes de ela me puxar para perto e me abraçar. Gratidão tomou conta de mim quando a abracei de volta. Não passamos muito tempo juntas, mas o que aprendi sobre ela me confortou. Era uma boa aliada para se ter, em Ouzddad e em Ziyaana. E senti que nos tornamos irmãs na guerra também. Ela me protegeria, e eu, a ela.

Desejei, brevemente, ter uma irmã de verdade, uma que me protegesse por nenhuma razão senão por sua vontade. Mas eu não tinha essa vida, e o desejo chegou e desapareceu, um vislumbre que morreu tão rapidamente quanto um relâmpago.

— Quando voltarmos ao Ziyaana seremos inimigas — disse ela, afastando-me.

— Mas saberemos a verdade — respondi, apertando a mão dela. Da próxima vez que nos víssemos, eu estaria espionando os vathekeses. Essa noção fazia medo e animação surgirem dentro de mim, mas a ideia de que eu teria uma aliada... isso importava mais do que qualquer outra coisa para mim.

Logo partimos pelo mesmo caminho em que viemos, com Nabil e seus guardas nos guiando para fora do desfiladeiro e pelo deserto. Senti um aperto no peito e me forcei a não olhar para trás. Passei três semanas sob a sombra das paredes daquele desfiladeiro, feliz, em segurança. Estava acostumada a me sentir assim ali, e a ideia de voltar ao Ziyaana, um lugar envolto em sofrimento, assustava-me.

Na distância, vi a silhueta de meia dúzia de mulheres tazalghitanas montadas em cavalos. Um dos cavalos empinou sobre as pernas traseiras, nervoso. Eu não sabia se era Arinaas, se ela havia enviado aquelas mulheres para me observar enquanto eu partia. Mas a visão delas me sensibilizou da mesma maneira.

Sabia que eu não estava sozinha.

* * *

Assim que a nave decolou, recolhi-me aos meus aposentos. Não tinha nenhuma vontade de passar as horas seguintes pensando em Idris, imaginando quando eu o veria outra vez.

Cochilei diversas vezes antes de Tala me acordar e me ajudar a tomar um banho.

— Tudo bem? — perguntou ela.

Assenti e coloquei o manto leve sobre os ombros.

— Acho que não estou pronta para voltar.

Tala sorriu.

— Eu acharia estranho se estivesse.

A nave começou a descer em Walili, e pousou no Ziyaana assim que apareci na câmara da recepção. Idris já estava lá, parado na frente da grande janela emoldurada por um punhado de nuvens e pelas luzes do entardecer no planeta. O cabelo dele estava preso, como sempre ficava no Ziyaana, e usava um casaco azul-marinho abotoado até a garganta. Ele parecia uma figura bastante severa com o rosto barbeado, livre de qualquer expressão. O sarcasmo das

sobrelhas erguidas e os pequenos sulcos nos cantos de seus olhos não estavam presentes.

Quando deu as costas para a janela e me viu, algo em sua expressão amoleceu. Peguei-me sorrindo brevemente em resposta. E quando ele estendeu uma das mãos a mim, eu a segurei sem hesitar.

Suas mãos eram secas e quentes, as mãos de alguém da makhzen, com poucas cicatrizes e nenhum calo. Idris nunca deve ter arado um campo nem transportado trigo até um armazém. As dificuldades dele eram completamente diferentes.

Enrijei quando ele acariciou minha bochecha. Os dedos dele deslizaram sobre a linha do cabelo, para trás da orelha e para dentro de meu cabelo.

— Quando nos virmos novamente — disse ele. — Não seremos nós mesmos.

Entrelacei meus dedos nos dele. Sabia desde o início que os nossos momentos seriam roubados e reduzidos. Agendados e cronometrados entre nossos compromissos, enquanto todo o mundo me observava, pensando que eu era Maram. Sabia que não seriam suficientes, mas agora eram alguma coisa, e seriam mais do que eram antes de ter ido a Ouzdad.

— Todos temos papéis a cumprir — comentei. — Isso não muda...

— Nada — interrompeu ele, e sorriu. — “Os laços que eles forjaram se quebraram, e o Destino guiou nossos passos à liberdade.”

Não consegui evitar sorrir.

— Essa foi uma tradução muito boa. E ainda de um poema nem tão conhecido.

— A Sultana ajudou.

Meu riso foi impedido por uma onda de emoção. Pela confissão dele de que não lia kushailano muito bem, mas mesmo assim tinha se esforçado para encontrar algo que poderia oferecer a mim. Era um presente mais precioso do que ele pensava.

Minha mão apertou a dele. Não sabia quando nos veríamos novamente, quantas semanas ou meses precisaríamos esperar antes de sermos postos juntos outra vez.

— Nos veremos de novo? — perguntei, baixinho, encostando minha testa na dele.

— Sim — respondeu ele, uma palavra, uma promessa. — Sim.

Ziyaana,
Andala



— Você vai desmaiar como Bayad? — murmurou Tala para mim em uma tarde, fazendo-me rir. Pisquei para ela, tirando o devaneio de minha mente.

— Eles têm um final feliz, não têm? — perguntei.

A história de Bayad e Riyad era a de um amor que conseguiu transcender e superar todas as classes e as diferenças. Bayad, o filho de um comerciante, apaixonou-se por Riyad, uma criada da corte do vizir. Não era a minha preferida — Bayad desmaiava demais para o meu gosto — mas era bonita mesmo assim.

Ela bufou.

— A dúvida ainda permanece.

O Ziyaana esteve silencioso desde que voltei de Ouzdad, três dias antes. Maram, para minha surpresa, deixou-me sozinha, e eu ainda não tinha visto Nadine. Não estava apaixonada, disse a mim, mas gastei um tempo desmedido sonhando acordada e sentindo saudades de Idris. Quanto mais tempo eu ficava longe de Ouzdad, mais meu tempo naquele lugar parecia ter sido apenas um lindo sonho.

A única prova que eu tinha do contrário era o comunicador que Arinaas me deu. Eu o testei na minha primeira noite em Ziyaana,

como ela me instruiu, para garantir que o sinal estivesse funcionando. Então, eu o escondi na escritura atrás do pingente, para que a frase do Livro parecesse estar viva com os nanocircuitos.

Acredite, pois Nós sabemos coisas que você não sabe. E Nós vemos o que você não vê.

Causava uma sensação estranha carregá-lo ao redor do pescoço. A pequena superfície dele com um aspecto gelatinoso prensava contra minha pele. Mas parecia mais seguro mantê-lo ali do que arriscar que Tala ou algum droide o notassem.

Continuei no Ziyaana as leituras de contos de fadas que comecei em Ouzdad e as expandi para incluir qualquer poesia que eu pudesse encontrar. Tinha mais tempo do que coisas a fazer; não havia nenhuma cabra que precisasse de cuidados, nenhum pomar para ser colhido, nenhuma comida para ser preparada no forno da aldeia. Meu sucesso, primeiro no baile e depois em Ouzdad, foi recompensado com Nadine e Maram me deixando por minha própria conta na maior parte do tempo. E eu o gastava evitando pensar no próximo compromisso em que eu teria de ser Maram. Até então, nada inesperado aconteceu, mas eu sabia que os rebeldes e o mundo a odiavam. Sabia que havia sido trazida para morrer no lugar dela. Minha mente se ancorou na realidade, e meus pensamentos ficavam cada vez mais sombrios sempre que lembrava disso.

Mantive o presente de Husnain perto de mim sempre que possível e, muitas vezes, lembrava do que ele disse a mim quando nos vimos pela última vez. Parte de mim queria tentar escrever poesias minhas. Nos velhos tempos, existiam salões cheios de kushailanos competindo para criar os melhores versos em troca de recompensas dos magistrados da cidade. Mas ali, havia apenas eu, e ninguém para ouvir. Ainda assim, tentei.

O destino sombreia os passos dela...

— Não irei desmaiar — garanti a Tala, e acariciei a mão dela. — Você é a intermediária dos amantes desafortunados, então?

Ela estremeceu, mas continuou sorrindo.

— Que Dihya proíba que vocês sejam mesmo amantes desafortunados, e que eu seja sua intermediária, Amani.

Ainda sorria quando o droide apareceu e me convocou para um encontro com Maram.

A luz em meu coração diminuiu um pouco enquanto eu colocava o manto sobre os ombros e pegava o véu das mãos erguidas de Tala. Sabia que não seria uma lição; Maram e Nadine acreditavam que eu me comportei admiravelmente em Ouzdad, e não tinham como saber o que aconteceu entre Furat e eu, ou com a Sultana ou com o próprio Idris.

Ainda assim, se as viagens de minha mente eram tão facilmente notadas por Tala, o que Maram perceberia se me observasse?

O tempo todo em que caminhamos em direção aos aposentos dela, tentei me preparar para outra missão. Provavelmente, seria na Grande Walili; não imaginei que ela precisaria viajar para tão longe quanto Gibra tão cedo. Havia escorpiões suficientes escondidos no deserto ao redor de Walili. O droide me guiou pela porta e descemos alguns degraus. Emergimos no pátio, e me lembrei da última vez que a visitei.

Continuamos em direção a um pavilhão isolado, envolto por árvores e com diversos orbes luminosos e flutuantes. Maram estava sentada numa almofada sobre a grama, uma mesinha com um jogo de shatranj espalhado diante dela. Claramente, estava perdida em pensamentos, mas assim que o droide entrou no campo de visão dela, ela recuperou o foco, e ergueu os olhos diretamente para mim.

— Você pode ir — disse ela ao droide.

Depois de alguns segundos, apontou para o meu véu e esperou que eu o tirasse.

— Bem — comentou ela, erguendo as sobrancelhas. — Vai se sentar ou devo dar a ordem?

Minha mente alternava entre medo e desconfiança. Mas, quando me aconcheguei na almofada e retirei a capa dos ombros, tive a impressão de que ela estava entediada. O tabuleiro estava montado em uma das jogadas que Idris me mostrou em Ouzdad, apenas meio-resolvido.

— Você e Sua Senhoria gostam desse jogo, então? — perguntei.

— Jogaram isso em Ouzdad? — O sorriso brilhante de Maram não me tranquilizou.

— Servia como uma distração — concluí. Não era uma mentira completa. O jogo, com certeza, serviu como uma distração para nós dois.

Ela murmurou em concordância.

— Então... gostou dele?

Ergui minhas sobrancelhas, surpresa.

— Se gostei dele?

Ela apoiou o queixo no punho.

— Ouvi dizer que meu noivo é bem atraente para um kushailano — ela disse. — Você discorda?

Como muitas coisas com Maram, aquilo parecia ser uma armadilha. Analisei minhas palavras com cuidado antes de dizê-las:

— Sua Senhoria foi gentil e gracioso. Bastante calmo.

— Uma declaração diplomática — disse ela, seca. — E nenhum comentário sobre sua beleza.

— Sua Senhoria precisa ser lembrado disso? — perguntei, no mesmo tom.

Ela riu.

— Eu poderia ser mais calorosa, ou foi o que me disseram.

— Por quê? — questionei, surpresa. — É uma questão diplomática, não amor.

— Você me surpreende, aldeã. Pensava que uma provinciana como você seria mais passional.

Balancei a cabeça.

— Meus pais se casaram por amor — informei. Eu tinha incontáveis memórias guardadas de pequenas coisas que fizeram um para o outro e que falavam mais alto do que as declarações que muitos casais trocavam durante nossos festivais. A mão dele no fim das costas dela, o olhar carinhoso no rosto dela enquanto o observava perambular pela casa de vez em quando. Sempre me senti sortuda por crescer numa casa com tanto amor, mesmo sabendo que isso, provavelmente, não estaria em meu futuro. — Mas eu sabia que não teria esse luxo. Eles, com certeza, precisariam escolher alguém que não me empobrecesse ainda mais em vez de alguém que me amasse.

— Parece uma visão bastante mercenária — disse ela, soando entretida.

Dei de ombros.

— A barriga vazia faz de uma pessoa mercenária, acho.

O tabuleiro foi esquecido entre a gente, enquanto ela me encarava como se eu fosse um quebra-cabeças interessante.

— Não estamos apaixonados — confessou ela, por fim, indo direto ao ponto. — O casamento foi estipulado no tratado de paz que garantiu ao meu pai o governo desse planeta. — Ela fez uma pausa antes de continuar. — Que enigma intrigante você é — comentou então, e se voltou ao tabuleiro.

Eu ri.

— Seus companheiros são tão desinteressantes assim, Vossa Alteza?

Ela sorriu, então inclinou-se para longe da mesa.

— Você nem imagina. — Devo ter parecido descrente, porque ela continuou. — Falam apenas sobre meu aniversário de dezoito anos que se aproxima.

— Acredito que estejam animados — opinei, e observei-a reorganizar o tabuleiro. — Sem dúvida, uma conversa dessas deve ser mais interessante do que eu.

Um canto de sua boca se elevou, um eco do sorriso satisfeito de Idris.

— Seria, se não passassem metade do tempo me olhando torto, nada discretos.

— Como assim?

Ela terminou de arrumar o tabuleiro, e inclinou a cabeça para mim.

— A estupidez não lhe cai bem; ou não me cai bem, acho. Não nos cai bem. Minha herança desse planeta e tudo o que vem com ela não foi confirmada. Preciso que isso aconteça antes que eu faça dezoito anos, ou ela passará a ser de minha meia-irmã mais velha, Galene.

— Ah. — Tentei compreender o que ela havia dito. Que ela poderia não herdar Andala. Que alguém pior poderia nos governar. Queria perguntar por que ela seria deixada de lado, mas me impedi. Ela estranharia minha curiosidade, e eu não precisava deixá-la desconfiada uma vez que eu tinha novos segredos para manter.

O jogo de shatranj de Maram era feito de safiras azuis e brancas. Ela posicionou as peças azuis na minha metade do tabuleiro, e as brancas, na dela. Onde Idris havia posicionado elefantes, ela colocou passarinhos. Eu peguei um para observá-lo mais de perto.

— Por que passarinhos?

Ela deu de ombros.

— O jogo veio com os aposentos — disse ela. — Quem quer que tenha vivido aqui antes deveria gostar deles.

Passei o dedão sobre o bico, então, sobre o topo da cabeça e congelei. Havia um punhado de penas penteadas para trás na cabeça dele, gastas e quase apagadas pelo tempo.

— O que foi? — perguntou ela, então tirou a peça dos meus dedos. Ela franziu as sobrancelhas mais uma vez. — O que é isso?

— Acho que era um teslita — expliquei, então subi um dedo pelo centro da minha testa. — Está bem gasto, mas...

— Por que isso é importante?

— Não é, eu acho.

Era o pássaro real; ou foi, antes dos vathekeses. Que estranho Maram ter guardado aquelas peças, ter guardado todos os adornos da era dos Ziyaadi.

A princesa devolveu a peça ao tabuleiro.

— Branco sempre joga primeiro.

Ficamos em silêncio logo depois. Ela parecia estar mesmo entediada e não queria enfrentar uma inteligência artificial nem um cortesão que a teria deixado ganhar. Estávamos empatadas, o que significava que nenhuma de nós duas era muito boa. Como eu, Maram nunca pensava mais do que algumas jogadas à frente e, por fim, nos encontramos presas num tabuleiro irresolúvel.

Ela segurou o riso.

— Vamos começar do zero?

Dei de ombros.

— Como foi Ouzdad? — perguntou ela. — Como minha avó estava?

Eu deveria estar preparada para uma pergunta assim, mas não estava. Presumi que ela evitaria toda e qualquer menção a isso,

uma vez que não precisou ir. Outra lição, então. Esteja sempre preparada para relatar tudo a Maram.

— Velha — comecei, mandando embora a imagem de Idris logo antes de nossa primeira rodada.

Ela murmurou.

— É, bem...

O murmúrio se transformou em um ruído de surpresa quando capturei um dos pássaros dela.

— E Furat? Ela voltou para lá logo depois que vocês partiram.

Lembrei-me da última vez que Maram e eu conversamos sobre Furat.

— Vi-a brevemente — foi tudo o que eu disse.

— E? — perguntou Maram, impaciente.

Afastei-me do tabuleiro.

— Talvez precise ser mais específica em suas perguntas, Vossa Alteza.

Ela deixou de olhar para mim e, por um momento, eu a imaginei quando criança, com os bracinhos cruzados sobre o peito. Imaginei que ela estivesse acostumada a conseguir tudo o que queria. Pelo menos, por um curto período de tempo. Será que Najat gostava de Maram, apesar do pai dela? Ela seria capaz de renegar a uma criança feita à sua imagem e semelhança, ingênua e inocente de todos os horrores que envolviam a concepção dela?

Talvez não. Talvez Najat tivesse sido uma mulher que conseguiu perdoar a filha pelos pecados do pai.

— Como Furat estava? — indagou Maram, finalmente.

Pensei em meu passeio com Furat e em nossa conspiração conjunta. Éramos aliadas, unidas em nossa rebelião contra a coroa. Contra Maram.

— Ela quis jogar shatranj comigo. Com você. Recusei. Imaginei que teria feito o mesmo.

Ela assentiu depois de alguns segundos e voltou os olhos para o tabuleiro sobre a mesa. Não resisti e a observei, embora eu devesse estar atenta ao avanço dela através do tabuleiro. Naquele momento, ela parecia normal, apesar de ser uma palavra fraca. Ela tinha a minha idade, mas se preocupava com como a prima e a avó a receberam, ressentida daqueles que a avó favorecia.

Ninguém deu a ela a chance de ser criada com eles e, quando voltou do planeta natal dos vathekeses, sua mente já estava envenenada contra a outra parte da família. E imaginava que os primos não a procuraram quando ela retornou. Eles todos a enxergavam com medo e desconfiança agora, mas o ódio total dela poderia não ter persistido se tivesse encontrado bondade e aceitação.

Ou, talvez, eu fosse uma tola com expectativas altas demais.

Maram me pegou encarando e semicerrou os olhos.

— O que foi?

Eu sabia o que eu não deveria fazer, e ainda assim...

— Eu não acho que sua avó esteja... semeando uma rebelião.

— Eu disse que a estupidez não lhe caía bem — lembrou ela. — O que uma aldeã saberia sobre os planos da Sultana?

— Eu falo kushailano, esqueceu? Você não. Não disseram muita coisa perto de mim. — Dei de ombros. — O chefe de segurança dela toma bastante cuidado, mas parecia que estavam tentando proteger você.

Não era uma mentira completa. A Sultana sentia falta da neta; sentia falta do que poderiam ter sido. Sofria pelo relacionamento que elas tinham. Não teria se voltado contra a neta, não de uma maneira violenta. E quanto mais tempo eu passava lá, mais eu servia como uma substituta, uma maneira de amenizar toda a dor que ela carregava por ter perdido a única neta.

Maram balançou uma pecinha de carruagem numa das mãos, pesando-a.

— Você tem certeza?

— Tanta certeza quanto posso ter.

Ela sorriu de repente e apoiou a peça outra vez no tabuleiro.

Eu não queria conhecer as profundezas do interior de Maram. Não havia nada que poderia mudar o que ela fez comigo quando cheguei, ou como tratava aqueles ao redor dela. Apesar disso, não podia esquecer de como os vathekeses a tinham moldado. Quão cedo perdeu a mãe. Quão terrível uma criação dessas deveria ser. Eles fizeram dela a criatura cruel e odiosa que ela se tornou. Imaginei que ela não acreditava ter escolha sobre como se

comportava. A sobrevivência entre os vathekeses era a prova que ela tinha.

Ela emitia um som de triunfo, e meu olhar voltou ao tabuleiro.

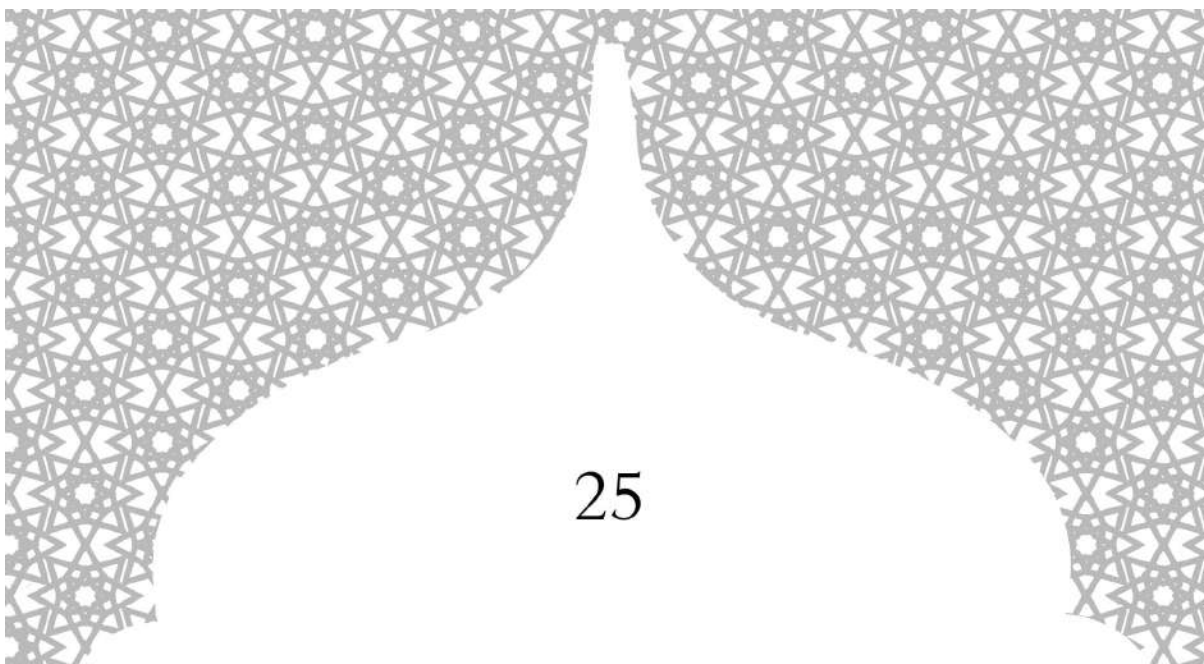
A princesa ganhou.

— Nunca ganhei de Idris — disse ela, sorrindo. — Vamos precisar jogar de novo.

Quando pensei em não sorrir, já era tarde. Nossos olhos se encontraram, e a observei tentando se lembrar, lembrar de quem éramos. Não amigas, não gêmeas. Mestre e criada.

— Um droide vai acompanhá-la na volta — afirmou ela, apontando para o corredor pelo qual eu vim mais cedo.

Levantei-me, fiz uma reverência e peguei o manto. Sabia que ela não me convidaria uma segunda vez. Eu a vi voltar a si mesma, com uma estranha centelha de raiva em seus olhos. Mas não hesitei em me perguntar como seria a vida no Ziyaana se ela sempre agisse assim; como o futuro poderia ser se ela apenas abrandasse um pouco.



Sentei-me na almofada oferecida por Maram, com as mãos entrelaçadas no colo e meus olhos fixos no chão.

Fazia uma semana desde que ela e eu jogamos shatranj. Maram e Nadine não ficavam no mesmo cômodo comigo há muito tempo, mas eu continuava com uma pulga atrás da orelha. Sempre que estavam juntas, eu era punida por um comentário fora de hora ou por alguma impertinência que Nadine não poderia nem queria controlar.

Então aguardei, com a esperança de que tivessem esquecido de que Maram tinha me convidado para ir aos seus aposentos. Rezando para que nenhuma das duas pensasse que eu tinha alguma opinião na discussão delas.

— Ela não é uma boneca — disse Nadine. — Você não pode vesti-la e mandá-la para onde quiser. Ela é um escudo.

— As festas de Galene são perigosamente entediantes, então — retrucou Maram.

Fui convocada mais cedo, sem qualquer aviso, a me preparar para assumir o lugar de Maram no baile da meia-irmã. Ela jogou um leitor de hologramas no meu colo e ordenou que eu aprendesse os

nomes dos rostos que estariam presentes, então se aconchegou no divã.

Mesmo a chegada de Nadine não a tirou do lugar. Quão estranho era ela e eu nos sentarmos tão próximas, embora eu estivesse aos pés dela, enquanto Nadine continuava em pé. Não deixei de notar que Maram não ofereceu um assento a ela. Na verdade, qualquer lugar onde ela pudesse se sentar encontrava-se visivelmente vazio.

— E o que você vai fazer se a garota tola se expor?

— Ela enganou a minha avó, Nadine — disse Maram. Não precisei erguer os olhos para descobrir que o olhar que ela lançou a Nadine implicava uma certa grosseria. — Ela, claramente, está mais do que acostumada com o trabalho.

— Vossa Alteza...

— Vai me proibir?

— Pense bem, Vossa Alteza. Seria ruim para você se a perdesse.

Segurei a respiração enquanto Nadine se afastava com a barra prateada da saia reluzindo sob a luz do sol da tarde. Apenas quando as portas foram fechadas, soltei o ar e a tensão em meus ombros.

— Agora... — disse Maram, levando os pés ao chão. Olhei para cima; ela sorria. — Vamos?

* * *

Maram tinha tantas roupas que precisava de um quarto apenas para elas. Além das peças penduradas ao longo das paredes, havia um lugarzinho para se sentar, uma penteadeira e uma pequena alcova com um tablado e um espelho. Fiquei parada na porta enquanto ela mergulhava no cômodo, analisando os cafetãs e os vestidos.

— Então... — comecei. — Uma festa?

Ela suspirou e revirou os olhos, como se apenas a menção disso fosse suficiente para incomodá-la.

— Galene vai dar uma festa para celebrar seu ano proveitoso no Norte. É uma tentativa desesperada e de última hora de ser considerada a herdeira do reino. Apenas convidados vathekeses, com cônjuges e nubentes.

— Você não gosta mesmo dela?

— Você gosta de todos os seus irmãos? — perguntou ela, ironizando.

Conseguí segurar a vontade de rir.

— Sim.

Uma expressão estranha tomou conta do rosto dela, como se estivesse revivendo uma memória.

— Galene era... é a mais pura criação do império. Tudo na vida dela estava garantido até eu nascer, e ela nunca me perdoou por isso, nem por eu ser mestiça. Ela fez a corte vathekese em Luna-Vaxor se virar contra mim antes mesmo de eu pisar lá.

— Sangue é tão importante assim para os vathekesees?

Ela me lançou um olhar fulminante.

— Você diz isso como se sangue não fosse importante para os kushailanos. Mas para Galene, sim. Ela odeia estrangeiros, principalmente o povo da minha mãe. — Ainda havia uma certa sombra no olhar dela, como se as coisas que Galene fez fossem piores do que Maram conseguia dizer.

Sua própria irmã, pensei, e lutei contra a pena que se instaurava em mim. Não era de se surpreender que ela não confiasse em ninguém. Mantive meus pensamentos comigo; Maram nunca se mostraria complacente o bastante para aceitar minha simpatia.

Em vez disso, perguntei:

— E você não pode recusar?

— Recusar me faria parecer fraca.

Franzi a testa.

— Fraca?

— Você não consegue compreender o mundo?

Esforcei-me para não bufar.

— Consigo, mas se não quer ir à festa, então não vá.

— Galene seria minha adversária natural se o tratado galáctico não tivesse obrigado meu pai a me declarar herdeira — disse Maram.

— Certo — afirmei, descrente.

— Você não conhece nada da história de seu próprio mundo, conhece?

Não disse nada para não arriscar uma explosão.

— Quando meu pai conquistou Andala, ele violou a lei galáctica. A única maneira de manter o planeta, ou o sistema todo, era legitimar seu governo. Casando-se com a rainha ou com uma de suas filhas e garantir que sua linha herdasse o planeta. — Ela acenou com uma das mãos. — De qualquer maneira, Galene ainda está convencida de que tem a chance de herdar o protetorado de Andala no meu lugar.

Sentei-me ao lado dela.

— Mas...

— Mas a herança é minha. — Ela desviou o olhar. — Não é um costume vathekês deixar os conquistados governá-los, e com o meu noivo andalão... as pessoas comentam coisas. Dizem que meu pai terá que abrir mão do governo central vathekês em favor de outra pessoa.

— Ah — comentei, ignorando o embrulho incômodo em meu estômago. Era assim que a lei vathekesa funcionava: nós, os conquistados, éramos prêmios num jogo a ser ganhado ou perdido entre pessoas que não se importavam conosco. — É uma tentativa de tirar você do poder.

— Sim — afirmou ela. — E não posso evitar Galene. Se eu não for, meu pai saberá que não tive a coragem necessária, e isso provará que estão certos, que não sou digna de ser a herdeira.

Eu era tola demais para não rir. Parecia que, junto aos absurdos de minha vida, também havia uma rivalidade entre irmãs numa escala cósmica.

— O que foi? — perguntou ela, furiosa.

— Vocês são rivais — comentei. — Acontece.

— Já enfrentou esse problema antes?

— Não, mas nunca tive nada que alguém cobiçasse.

Ela respirou fundo e se reclinou.

— Então, como sabe? Que isso é um problema tão comum?

Dei de ombros.

— Eu tinha amigos, por mais difícil que seja para você acreditar. E numa aldeia pequena como a nossa, rivalidades acontecem. — Khadija muitas vezes se pegava sendo o alvo da ira de uma ou outra garota. Ela era linda e amava sorrir; os olhos se voltavam para ela, algumas vezes, quando deveriam olhar para outra pessoa.

— Então o que você faria?

— Está falando sério?

— Estou perguntando, não estou? Não me obrigue a repetir.

Eu hesitei, estudando o rosto dela para ver se retiraria o que disse.

Mordisquei o lábio inferior, olhando ao redor do cômodo.

— A melhor maneira de desestabilizá-la é agir como se você já tivesse ganhado. É você quem vive no Ziyaana. É você que nasceu aqui e está destinada a herdar tudo. Ela é a estrangeira. Você tem joias que a façam lembrar do selo real andalão?

— Como uma coroa?

Foi difícil controlar meu ceticismo.

— Algo mais sutil.

— O teslito real não é muito sutil, aldeã.

— Pássaros têm penas — eu a lembrei. — E você tinha um colar... uma garra segurando uma joia.

— E ela vai associar essas coisas à herança?

— Ela quer herdar todo o planeta — enunciei. — Ela passou a vida toda ressentindo seu nascimento. Provavelmente, ela passa horas imaginando roupas, o selo e todas as coisas relacionadas ao ofício caso ela venha a ter sucesso.

Maram apenas murmurou enquanto pensava, mas se levantou em seguida.

— Você não é tão estúpida quanto parece, aldeã.

Reprimi um sorriso e voltei meus olhos para o leitor de hologramas ainda seguro em uma de minhas mãos. A lista dos convidados era bastante longa, mas reconheci todos eles. Todos vathekeses, com cabelos prateados e pele pálida. Maram se destacaria numa multidão assim.

Franzi a testa.

— Sua Senhoria não está na lista de convidados.

Ela emitiu um ruído inesperado para uma princesa.

— Ele estava de mau humor, então foi retirado — disse ela, sem se virar.

— O quê?

— Nós discutimos, então ele se recusou a me acompanhar.

Meus olhos se arregalaram um pouco. Não imaginei que, alguma vez, aqueles dois tivessem discutido. Brigar com Maram parecia, para mim, algo perigoso, e minha curiosidade estava prestes a levar a melhor, fazendo-me perguntar sobre o motivo da briga.

Além disso, senti uma pontada aguda de decepção. Eu não via Idris desde que voltamos de Ouzdad, e eu esperava... Mas as coisas raramente eram fáceis no Ziyaana.

— Por isso planejou me mandar em seu lugar?

— Está me perguntando se eu estava evitando o meu noivo? — questionou ela, e parou de analisar as roupas.

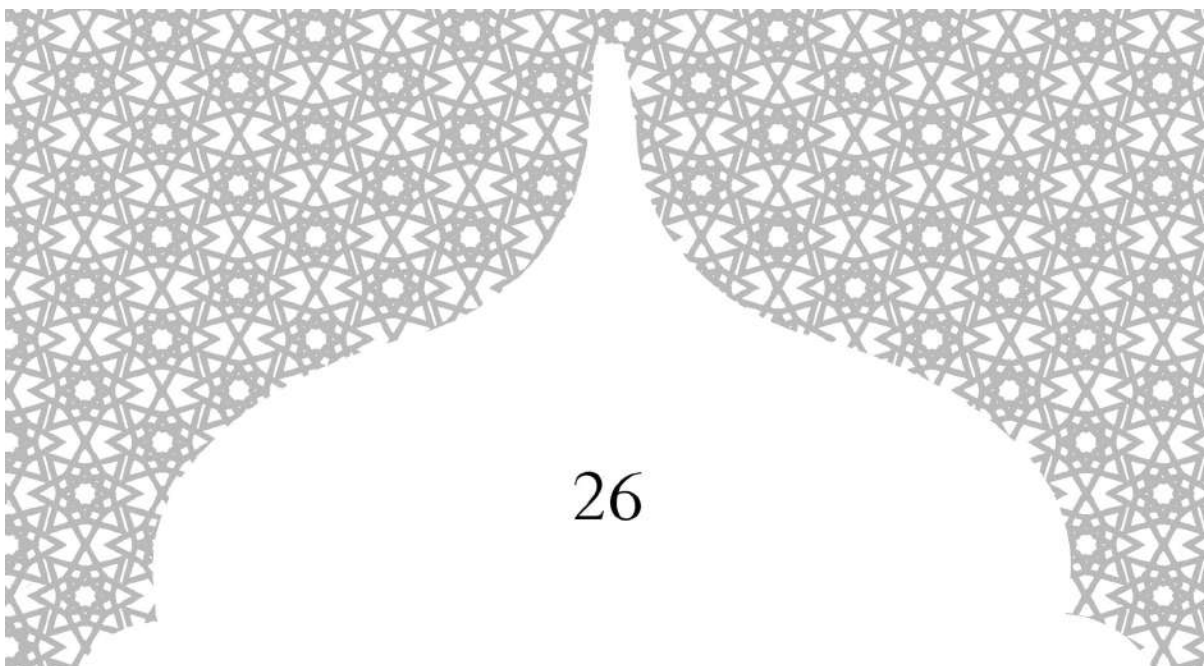
Abaixei meus olhos.

— Não, Vossa Alteza.

— Ótimo — disse ela, e em seguida jogou um vestido em minha direção. — Experimente isso.

Palácio de Galene,
Andala





Apropriedade de Galene ficava bem ao norte, do outro lado do mar. Ainda mais ao norte do que Atalasia, situada em uma cordilheira. Era feita de pedras brancas que brilhavam mesmo em contraste com a neve. As torres altas e os tetos cônicos a diferenciavam da arquitetura que muitos dos visitantes estavam acostumados no sul. Mesmo a bordo da nave, pude ouvir o vento montanhoso urrando enquanto arrastava gelo e neve montanha abaixo.

Fui hospedada nos aposentos de uma torre do lado norte, de frente a um declive íngreme que se afastava do castelo. Uma fogueira rugia no quarto, já acesa por uma criada nortenha. Por um momento, perguntei-me quem viveu ali antes da propriedade ter sido confiscada e dada a Galene. Eu nem mesmo sabia o nome das pessoas que viviam tão ao norte. Quem teve esse desejo de construir um castelo assim em um lugar como aquele? Quem teve o desejo de morar ali?

Uma batida na porta me fez pular da cadeira. Ela se abriu antes de eu me aproximar, revelando minha visita.

— Idris! — Não consegui evitar sorrir.

Ele franziu a testa e olhou sobre o ombro, como se tivesse batido na porta errada. Fechei a porta atrás dele e toquei seu braço.

Alguns segundos depois, ele abriu um grande sorriso quando percebeu que não fora Maram que o cumprimentou, mas eu. Uma onda de felicidade me envolveu. Ser reconhecida, principalmente por Idris, nunca deixaria de ser maravilhoso.

— Achei que... — começou ele, assim que entrou.

— Pensei que tivesse vindo sozinha — confessei, fechando a porta.

Sua testa continuou franzida.

— Acabei de chegar. Maram e eu discutimos, e eu não ia vir.

— Você veio para se desculpar — compreendi, alegre.

— Algo assim. Por que você veio? Aqui não é perigoso.

— A tentativa da minha meia-irmã de conquistar a coroa é uma ameaça à minha sanidade — declarei. — Ou algo assim.

— Você está mais feliz do que quando a vi pela última vez.

Ele tinha razão. Por duas vezes, Maram e eu nos sentamos e conversamos, e saí disso tudo ilesa. Não era a melhor das amizades, com certeza. Mas ela passou a parecer mais verdadeira para mim, e imaginei, ou esperei, que eu parecesse mais real para ela. Nunca seríamos amigas, mas...

Mas o quê? Eu não saberia dizer.

Uma criada bateu na porta e enfiou a cabeça para dentro.

— Desembrulhamos seu vestido, Vossa Alteza — informou ela.
— Devemos trazê-lo?

— Sim — respondi, e lancei um olhar a Idris. Sua expressão mudou instantaneamente, e ele se curvou alguns momentos depois.

— Eu a verei quando estiver pronta.

O vestido que Maram escolheu era mais vathekês que andalão; preto, com um decote oval e mangas de renda também pretas. A saia se agarrava aos meus quadris e, então, se expandia ligeiramente nos joelhos, fazendo com que, em meus tornozelos, o tecido se espalhasse como água. Havia ombreiras prateadas e um cinto fino, também prateado, de asas entrelaçadas, não mais grosso do que o menor dos meus dedos. Ela conseguiu encontrar o colar que eu havia mencionado: uma brilhante garra cinza escura segurando uma esmeralda. Coloquei-o ao redor de meu pescoço, batendo contra minhas costelas vez ou outra. Os brincos eram do mesmo material escuro e cintilante, moldado e entalhado para

parecerem penas, tão bem fundido que, quando se moviam, reluziam em diversas cores, como um arco-íris.

No fim das contas, pensei enquanto me admirava no espelho, o efeito era impressionante. A criada tirou meu cabelo do rosto, para que os brincos não ficassem escondidos, mas o deixou estendido em minhas costas, encaracolando-se livremente.

Os olhos de Idris se arregalaram quando me viu.

— Você está... — começou ele.

— Obrigada — respondi, sorrindo. — Vamos?

* * *

Galene deu a festa no átrio central, um lugar metade jardim, metade salão, com um teto de vidro alto para impedir que o calor se dissipasse. As paredes foram revestidas por espelhos decorativos e, muito acima, diversos lustres subiam e desciam, como se um vento soprasse logo abaixo deles. Flores brancas foram penduradas em tudo, envolvendo corrimões e candeeiros.

Consegui manter uma expressão serena e indiferente enquanto caminhávamos pela multidão. Reconhecia a maior parte dos rostos, e quando não sabia quem era alguém, eu apertava o braço de Idris. Parecia que Galene não convidou apenas os cortesões vathekeses que viviam em Andala, mas alguns de outras partes do sistema também. Não consegui compreender por que fariam uma viagem dessas, mas, então, imaginei que um nobre sem o que fazer teria tempo para isso.

— Maram!

Theo. E sua esposa moranita. Os dois se distanciaram das pessoas com quem conversavam; Theo me beijou como fez em Atalasia, e a esposa continuou ao lado dele, em silêncio.

— Você está maravilhosa — disse ele. — Idris.

— Theo — Idris respondeu. — Você está bonito. O casamento combina com você.

Theo sorriu.

— Combina conosco. Não é mesmo, querida?

A garota parecia ter olhos apenas para o novo marido, e sorriu para ele. Mas permaneceu sem dizer nenhuma palavra sequer.

Sorri para ela.

— Ela fala vathekês? — perguntei.

Theo não pareceu ofendido.

— Ela só é tímida, ainda não se acostumou com o jeitinho vathekês das coisas.

— Uma moranita não deveria ter razão para nos temer. — Olhei para ela, criticamente. O planeta Moran foi conquistado não muito antes de Andala, mas se renderam e foram tomados com mais rapidez. — Moran é muito diferente de Andala?

Pensei que a mulher não fosse responder. Mas ela balançou a cabeça, com os olhos ainda fixos nos sapatos.

— Não, Vossa Alteza. — E, então. — A senhora parece estar bem, Vossa Alteza. A senhora e Sua Senhoria.

Ergui minhas sobrancelhas, aturdida, e olhei para Idris, que deu um sorriso fraco.

— Ela apenas quer dizer que você parece feliz — interrompeu Theo. — E parece mesmo, prima. Mais leve.

Obriguei-me a sorrir, apesar do alarme soando em minha mente.

— Obrigada — consegui dizer.

Deveria ter soltado o braço de Idris, mas fiquei preocupada que, se o fizesse, chamaria ainda mais atenção. Parecíamos mais próximos do que Maram e Idris normalmente? Eu fui tão ruim assim ao esconder como eu me sentia?

— É melhor não olhar agora — disse Idris em meu ouvido. — Mas Galene vem vindo.

— Bem... — comecei, assegurando-me de não olhar ao redor. — Vamos ver o que acontece.

Aconselhar Maram foi uma coisa. Mas diante da possibilidade de seguir meus conselhos e agir contra Galene, tudo o que falei pareceu inconsistente e mal pensado. Sabia muito pouco sobre a realeza e ainda menos sobre meias-irmãs invejosas.

Minha vida depende disso, lembrei-me.

Eu me aperfeiçoei no papel de Maram. Mas se ela descobrisse que não fui capaz de encarar Galene, independente das nossas conversas amigáveis, eu pagaria por isso.

Antes de Galene nos alcançar, uma mão tocou meu cotovelo.

— Minha querida — a dona da voz disse enquanto eu me virava.

Ofal vak Miranous era uma das primas preferidas de Maram. Eu a reconhecia do leitor de hologramas: olhos grandes e cabelo excepcionalmente escuro, sardas salpicadas sobre o nariz e bochechas, tantas que, às vezes, pareciam uma máscara, e era mais velha do que Maram e Idris. Ofal surrupiava guloseimas para Maram quando eram crianças e, na adolescência, ela a ensinou a treinar seu roca caçador.

Ela sorriu para mim, calorosa e carinhosa, e não pude controlar o sorriso que dei em resposta. Maram me avisou que Ofal tinha esse efeito nas pessoas.

— Ofal — eu a cumprimentei e a deixei beijar minha bochecha.

— Acho que nunca a vi em algo tão justinho — disse ela, segurando-me pelos braços. — Combina com você. Deixa você ainda mais deslumbrante.

Meu sorriso cresceu, e desentrelacei meu braço com o de Idris para, então, envolver no dela.

— Como vão os cães? — perguntei, enquanto nos afastávamos. Ela riu.

— Ah, fale sério, não é essa a pergunta que você quer fazer.

— Tudo bem — admiti. — Como ela está?

— Furiosa. Você sabe que ela não gosta de brincar de gato e rato.

— Que pena — comentei. — Ela poderia ter mais do que apenas a herança se aprendesse algo.

Ofal sorriu para mim.

— Não sei dizer se sua língua está ainda mais afiada ou se você é sempre gentil comigo.

Eu não tinha resposta para aquilo. A língua de Maram sempre me pareceu afiada como uma lâmina. Uma lâmina com um corte tão fino que parecia propensa a tanto quebrar quanto cortar alguém.

— Talvez minha meia-irmã apenas traga à tona o meu pior.

Ela me olhou de soslaio, sorrindo, e balançou a cabeça. Por uma fração de segundo, senti como se o mundo tivesse se inclinado. Eu não era Maram, sabia disso. Não havia como esquecer. Mas não sabia quando me tornei tão boa em ser ela. Em ser ela perto de outras pessoas. Eu não tinha cometido nenhum mal

contra Galene, mas estava desfrutando do mal falar descuidado. Talvez, mais do que deveria.

— Vamos achar um assento — disse a Ofal. — Você sabe que ela vai odiar me cumprimentar assim.

Perdi Idris de vista, mas quando Ofal e eu nos acomodados num banquinho corado por flores brancas, ele reapareceu. Entregou a cada uma de nós pequenos copos cheios de chocolate quente fervendo e beijou a minha bochecha.

— Cuidado — murmurou ele.

Considere não dizer nada, mas...

— Você — comentei — deveria se sentar.

Ofal riu bufando dentro do copo.

— Ela vai odiar a cena quando aparecer por aqui.

Uma pequena dose de satisfação cresceu dentro de mim.

— Ótimo.

Idris não resistiu nem argumentou, mas houve uma pausa quando nossos olhos se encontraram. Ele se sentou e se reclinou sobre as mãos, indiferente como sempre.

Pude imaginar o retrato que nós três pintávamos. Majestosos, rindo. Idris mantendo uma seriedade distanciada, como se estivesse atento a qualquer perigo iminente. Quando eu era mais nova, imaginava festas e risadas assim, mais que despreocupadas. Maram e Ofal não tinham os problemas de uma aldeã. Nunca passaram fome nem ganharam calos nas mãos por colherem frutas. Nenhuma delas nunca se encolheu de medo de estranhos.

Quando Galene chegou, fez uma pausa no perímetro de nosso círculo, esperando. Imaginei que esperasse que Idris se levantasse, mas apoiei uma mão na coxa dele para mantê-lo no lugar. Virei-me para cumprimentá-la, por fim, e pude ver o momento em que ela compreendeu. Ela ponderava os custos de se afastar contra os custos para a própria dignidade.

No fim, o protocolo venceu, e ela se aproximou e se ajoelhou graciosamente.

— Maram — murmurou. — Você me deixa honrada com sua presença.

O cabelo dela também era quase prateado, como o dos Altos Vathekeses. Ela usava um vestido de estilo clássico, como uma toga

esvoaçante presa em um dos ombros. Um grande pingente balançava em seu pescoço, exibindo o brasão dos vathekeses. Cada centímetro dela parecia o de um conquistador.

Apoiei-me em toda a raiva que acumulava desde que cheguei ao Ziyaana, toda a raiva por ter sido sequestrada em minha noite de maioridade — por ter perdido a *minha* herança — para endurecer minha voz.

— Galene — respondi, sem emoção. — Você deve se lembrar de lady Ofal e de meu noivo, lorde Idris.

Eu não dera permissão para ela se levantar.

— Claro — respondeu.

Ela ergueu a cabeça, e deixei-a me encarar, esperando que os olhos descessem para o meu colar. Ela era muito mais experiente em manter as emoções sob controle. A mandíbula se tensionou quando o viu, mas nada mais aconteceu.

— Obrigada pelo convite — continuei, e, por fim, permiti que ela se levantasse. Quando ela o fez, estendi a taça quase vazia, esperando que ela a pegasse. — A comida está deliciosa.

Então, voltei-me para Ofal, ignorando Galene. Ofal, por sua vez, mal conseguia conter o riso. O lábio inferior tremeu até ela o morder.

Não ouvi nenhum passo indicando a partida de Galene, então me girei e inclinei a cabeça.

— Precisa de alguma coisa?

Os nós de seus dedos embranqueceram ao redor da taça.

— Não, Vossa Alteza — disse ela, através dos dentes cerrados. — Aproveite a festa.

Passei o resto da noite em vertigem pelo meu sucesso, rindo com Ofal e alguns outros amigos. Foi fácil esquecer que eu não era Maram, que aqueles não eram meus amigos, que aquela não era minha vida. Foi fácil desfrutar de tudo, especialmente quando Idris me levou para a pista de dança. Quando chegou a hora de partirmos, eu estava extasiada por ter sido bem-sucedida.

— Você comeu açúcar demais — disse Idris, guiando-nos escadaria acima.

— Não comi, não — respondi. — É que hoje pareceu uma vitória.

Ele suspirou, mas não disse nada.

Tomei banho, com a esperança de que a água quente me aproximasse do sono, mas não ajudou em nada. Quando saí de roupão, com o cabelo solto, não consegui me obrigar a deitar.

Descobri que a sala de estar anexa aos meus aposentos era conectada com os de Idris. Ele estava parado ao lado da mesa, com o cabelo molhado, organizando um tabuleiro de shatranj.

— Pensei que pudéssemos jogar — disse ele. — Se você não estiver muito cansada.

— Temos que jogar na mesa? — perguntei. Odiava todas as mesas e as cadeiras igualmente altas que os vathekeses preferiam. Ele ficou em silêncio quando levou o tabuleiro ao chão e pegou um par de almofadas. — Você parece cansado — comentei.

Ele se acomodou no chão e me deu um sorriso fraco.

— Esses compromissos me deixam exausto — disse ele. — Não estou tão cansado quanto poderia estar, na verdade.

— Mesmo?

— Nunca fui capaz de olhar para o outro lado do salão e saber que tenho uma aliada — confessou ele, sem olhar para mim. — Foi uma... novidade.

— Sério?

— Sabia que nenhum dos meus conhecidos são meus amigos? — expôs ele, com um sorriso triste e olhos distantes por um momento. — Tentamos no começo. Pensamos que... pensamos que éramos todos prisioneiros. Mas que se ficássemos juntos, em algum momento, cresceríamos o suficiente para resistirmos aos vathekeses. Recuperaríamos nossas fortalezas, vingariamos nossas famílias. Os vathekeses tinham ganhado apenas porque não trabalhamos juntos. Ou era o que achávamos.

Alcancei a mão dele. Seu olhar ficou ainda mais distante, mas ele aceitou minha mão e a agarrou como se eu fosse uma âncora.

— Levou três meses para percebermos que o medo era mais forte do que a lealdade. Um garoto desaparecia ou uma casa pequena era invadida, e sabíamos que os vathekeses tinham entrado na cabeça de alguém. Usaram o medo contra eles e os voltaram contra o resto de nós. No fim de nosso primeiro ano, nenhum de nós confiava um no outro.

Não consegui manter o horror longe do meu rosto. Imaginar um mundo assim parecia impossível, mesmo comigo vivendo nele. Nunca duvidei de nenhum dos meus amigos, nunca me perguntei se algum deles me venderia aos vathekeses em troca de segurança ou piedade. Eu sabia que, nos primeiros dias da ocupação, coisas assim eram comuns, mas agora...

— Sinto muito — finalmente disse. Era tudo no que consegui pensar naquele momento.

Ele balançou a cabeça e voltou o olhar para o tabuleiro.

— E Maram... ela não é uma aliada?

Ele levantou os olhos em resposta como se dissesse *sério mesmo?*

— Ela... ela não é confiável. Na maioria dos dias, somos amigos. Ou tão próximos quanto amigos podem ser. Mas ela valoriza o respeito de seus colegas vathekeses mais do que o meu. Isso me coloca em situações complicadas muitas vezes.

— Mais ou menos complicadas do que quando você discute com ela? — perguntei, minha curiosidade me ganhando.

Ele sorriu.

— Imaginei que você perguntaria em algum momento.

Não hesitei em sorrir de volta e coloquei um cacho atrás da orelha dele.

— E então? Não pensei que ela fosse o tipo de pessoa com quem se podia discutir.

— Geralmente, não é — ele respondeu com um suspiro. — Não sei o que aconteceu comigo. Ela fez um comentário sobre Furat, e eu explodi.

— Você explodiu? — arfei.

— A situação de Furat e a minha são bem parecidas — comentou ele. — Você sabe disso. Perguntei a ela se ela sentia o mesmo sobre mim, e ela ficou nervosa.

Reclinei-me, surpresa.

— Fico chocada por ela não ter arrancado seus olhos com as unhas. Ou por você a ter provocado a fazer isso.

— Parecia valer a pena — disse ele, olhando para mim. — Como se agora... eu tivesse mais a perder. Mais razões para... me

importar, acho. É fácil não fazer nem dizer nada — continuou ele, baixinho. — Não quero mais seguir pelo caminho simples.

Senti meu rosto arder e desviei o olhar. Ficamos ambos em silêncio, e o cômodo se aquietou, exceto pelo crepitar do fogo. Ele rompeu o silêncio primeiro.

— Quer começar?

Não conversamos muito depois disso. Minha habilidade não progrediu tanto quanto eu gostaria, e mais de uma vez, inclinei-me para frente, tentando planejar uma fuga. Idris era metódico, trabalhava calmamente sobre o tabuleiro e invadia o meu território. Se ele recebesse o controle de exércitos reais, acredito que seria capaz de causar um grande dano. Sua paciência me impressionava.

— Você está roubando — chiou ele.

— Não estou!

— Seu cabelo está cobrindo o tabuleiro — disse ele, e passou um dos dedos num de meus cachos.

Por um momento, não fiz ideia do que ele quis dizer. Então, ri e me reclinei.

— Desculpa — enunciei, e comecei a juntar o cabelo espalhado sobre meus ombros e minhas costas em uma mão. Ele observou com um olhar penetrante, como se esperasse encontrar uma peça de shatranj escondida em meus cachos. — Eu esqueço de prendê-lo. Nunca foi tão longo.

Ele torceu a boca com ceticismo.

— Duvide o quanto quiser — eu disse. — Filhas de agricultores não têm o tempo que mulheres nobres têm para cuidar de tanto cabelo assim. Minha mãe o cortou no inverno. Por que está me encarando?

A trança estava pela metade, mas eu sabia que o tremor repentino em meus dedos me impediria de finalizá-la. Ele me observou como se toda a paciência que ele tinha no jogo tivesse se transformado em um olhar que perfuraria até metal. Era o mesmo olhar que me lançou em Ouzdad. Não nos víamos desde aquela tarde, e parte de mim se entusiasmou com o que poderia acontecer. O resto de mim, no entanto...

— Não entendo como qualquer pessoa pode confundi-la com ela — disse ele, por fim.

Meus olhos se arregalaram.

— Isso se trata de Galene? Eu não atuei direito?

Ele arfou uma meia-risada.

— Não, você foi a Maram perfeita.

— Então o que quer dizer com isso?

Idris apoiou o queixo num punho. A luz da lareira preencheu o rosto dele com sombras. Eu conseguia enxergar o desenho dos cílios dele projetados nas bochechas, mas não os olhos. Ele me fascinava como ninguém. Eu não queria apenas olhar, queria tocar. Meus dedos coçavam com o desejo de me aproximar e acariciar o cabelo dele.

Ele balançou a cabeça, como se acordando de um sonho.

— Sinto muito — disse ele. — Estou... eu estou mais cansado do que pensei.

Consegui respirar novamente, embora meus olhos permanecessem grudados nele. Idris, de repente, pareceu cansado, com os ombros caídos e uma mão escondendo os olhos.

— Podemos jogar outra vez quando nos vermos de novo, se quiser.

— Não sabemos quando será a próxima vez — respondeu ele.

Encostei minha testa na dele e entrelacei nossas mãos com ainda mais força. O único som voltou a ser o crepitar do fogo. As chamas o revelaram: as manchas marrom-escuras nos olhos dele, uma cicatriz quase apagada no queixo, o brilho avermelhado nos cabelos negros..

— Eu nunca... eu costumava não pensar que teria que me casar com Maram — disse ele. — Sempre pareceu algo muito distante.

— Quão distante? — perguntei, apesar de não querer saber a resposta.

— Depois que ela fizer dezoito anos e a herança dela for confirmada — explicou ele. — Eu sempre... — Ele apertou minhas mãos com ainda mais firmeza.

— O que foi?

— Meu casamento parecia necessário. — A voz dele perdeu o volume e se transformou em sussurro, como se estivesse lutando para admitir algo a si mesmo. — Para Andala. Para o futuro. Mas agora...

Levei minhas mãos ao rosto dele.

— Agora? — Eu não tinha certeza se queria ou não saber a resposta.

Ele não completou a frase. Em vez disso, inclinou-se para frente e me beijou. Senti alívio e desejo. Eu; nós evitávamos pensar sobre o futuro, sobre o que significava eu estar no lugar da noiva dele. Eu evitava analisar meus sentimentos profundamente. Mas eu o queria para mim, para sempre. Pelo menos, eu podia admitir isso.

Derramei todos esses sentimentos naquele momento, meus dedos agarrados ao manto dele, enquanto suas mãos encontravam o emaranhado que era minha trança e a desfazia, como se estivesse planejando fazer isso desde quando a viu.

Quando nos separamos, eu me esforcei para respirar e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Toda vez que a vejo, Amani, parece um presente e um indulto — disse ele, passando a mão pelo meu cabelo. — Mas todos os momentos que passamos juntos significam que a confirmação dela e o casamento se aproximam.

Esse pensamento me fez parar, e senti meu entusiasmo anterior desaparecer. Teríamos uma chance, eu me perguntei. Vivíamos no mundo dos vathekeses, e as correntes dele o prendiam a Maram. Ele estava preso a ela e ao trono da mesma maneira que eu estava à sombra dela.

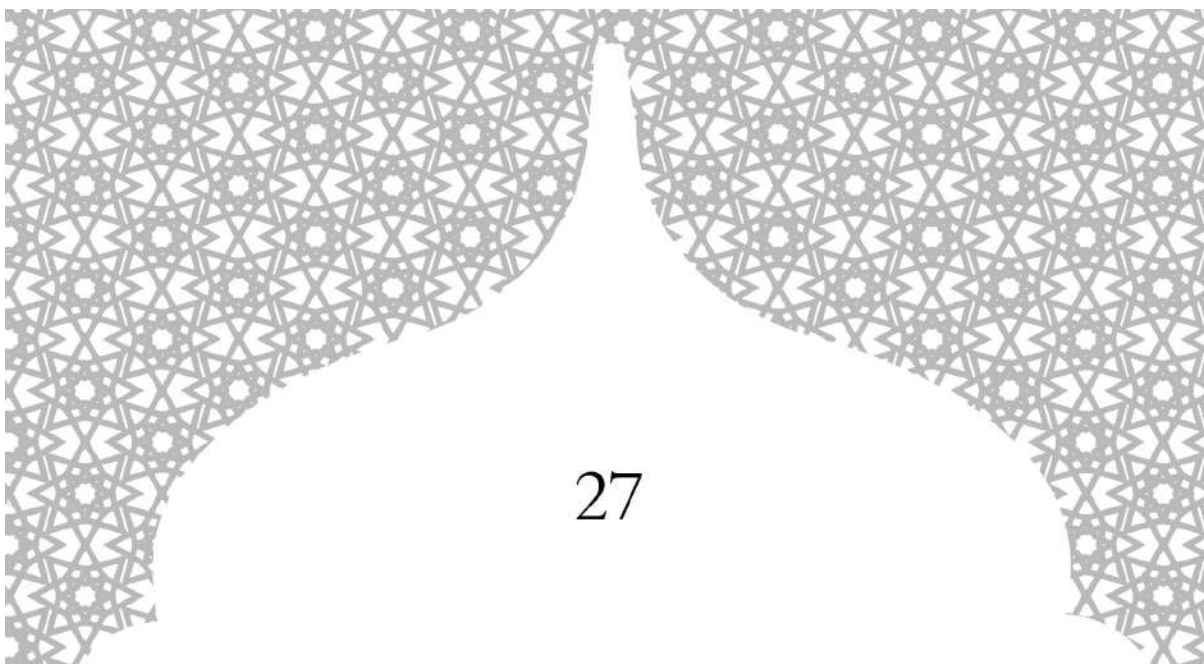
— Temos isso — afirmei, e repousei uma das mãos no coração dele. — Mas o mundo decidirá o que será de nós.

Ele beijou minha testa.

— Estou cansado de estar à disposição do mundo.

Ziyaana,
Andala





— Qual é o seu problema? — explodiu Maram, afastando-se o suficiente para me dar uma boa olhada. — Você sequer ouviu?

— O quê? — Eu estava distraída demais. Como na maioria das vezes, Tala estava certa; eu não poderia deixar que a bondade trivial de Maram me apaziguasse em uma sensação falsa de segurança. Não podia me dar ao luxo de não prestar atenção enquanto ela estava presente. — Desculpa.

— O que raios poderia ser uma distração para você?

— O vestido? — ofereci, baixinho, tentando organizar meus pensamentos. Não seria bom ser pega pensando em Idris, ou no que ele me revelou. Quanto mais eu ajudava Maram, mais bem-sucedidas éramos e mais cedo eu o perderia.

Ela bufou.

Pela segunda vez seguida, eu seria obrigada a me vestir no estilo vathekês. Aquele figurino não era tão chamativo quanto o último, não tinha mangas, mas tinha um manto pensado que descia pela frente dos ombros, e não por trás. Sentia-me exposta e desconfortável, mas me esperavam em uma reunião vathekesa. Maram poderia aparecer com roupas kushailanas, mas seria uma declaração ainda mais forte se não o fizesse.

— E se você cortasse o cabelo? — sugeriu ela, segurando o manto.

— Então você também teria que cortar o seu — esclareci.

— Hum. Não, está bom assim. Você passa no teste. — Ela se jogou num assento ao lado do espelho. — Lembre-se, você *não* deve falar. Escute, apenas isso. Não posso arriscar você dizer algo tolo e colocar a minha posição em perigo.

— E se você estivesse lá?

— Eu teria anotações e estaria preparada para participar — disse ela, de maneira arrastada. — Eu serei a rainha; preciso saber como governar meu planeta.

— Por que essa reunião põe em risco a sua segurança?

— Delegações comerciais virão de fora do sistema — explicou a princesa. — Todos foram averiguados, mas Nadine considera isso um risco desnecessário.

— Então por que sequer ir?

— É um teste do meu pai... ele quer saber se tenho a coragem para enfrentar esse tipo de coisa. Se eu for a herdeira, isso será uma de minhas responsabilidades.

Assenti. Apesar da festa de Galene ter sido um sucesso, o pai de Maram não disse nada sobre a situação da herança dela. Todos os dias, até o aniversário dela, era uma oportunidade para se provar a Mathis e ao resto dos Altos Vathekeses.

— Além disso — continuou ela. — Se eu não estiver presente, isso vai nos fazer parecer fracos. Se os vathekeses não tiverem segurança o suficiente para proteger a herdeira imperial, por que fazer transações comerciais exclusivamente com eles e outros questionamentos como esse.

Ela gesticulou com a mão, desprezando tudo aquilo.

— Exclusivamente? Eu não entendo. Com quem mais poderiam comercializar?

— Com os rebeldes — respondeu ela, preguiçosamente. — Se investissem, poderiam construir um arsenal. Todos devem ser dissuadidos de fazer negócios com eles.

Lutei contra um sorriso. Nunca pensei que outros na galáxia precisassem ser convencidos a não se aliarem com os rebeldes; sempre pareceu uma briga na qual persistíamos sozinhos. Que as

peessoas precisavam ser dissuadidas de nos ajudarem me deixou mais satisfeita do que eu tinha palavras para expressar, apesar de ter mantido meu olhar fixo no chão.

* * *

A câmara do conselho foi destruída e completamente reformada pelos vathekeses. Os pilares vermelhos e laranjas e as velhas escrituras entalhadas ao longo das paredes não existiam mais. As paredes eram brancas, com desenhos florais dourados e opulentos nos cantos. Havia espelhos dispostos ao longo das paredes, e assentos elevados ao redor de uma mesa oval. Ela não tinha um centro e, acima da abertura, estava projetado um holograma do sistema Ouamalich.

Os membros do conselho e os visitantes encontravam-se distribuídos ao redor daquela abertura, esperando que alguém iniciasse a reunião. Diversos parentes distantes de Maram estavam presentes e me cumprimentaram com um sorrisinho ou um toque no cotovelo. Galene, percebi, também estava ali, sentada na outra extremidade da mesa. Ela assentiu friamente uma única vez quando me viu.

Foi fácil prestar atenção e vestir o comportamento rude usual de Maram. A discussão se arrastou, enquanto os delegados comerciais argumentavam e negociavam taxas, o que era legalmente permitido importar para o sistema e o que estaria em competição direta com as produções vathekesas. Mais de uma vez, eu me obriguei a manter meu rosto impassível — não havia como me acostumar à facilidade casual com que os vathekeses discutiam nossas vidas e nosso planeta. Éramos números em uma coluna de perdas e lucros, nada mais.

Pareceu se encerrar tão lentamente quanto havia começado, mas não me levantei do assento. Alguns dos conselheiros vathekeses foram embora, enquanto outros se serviram de alguma bebida. Mas, logo em seguida, o comandante militar, um homem chamado Isidor, reiniciou a reunião. Dessa vez, apenas com os vathekeses presentes. Ele estava cercado por diversos outros diretores inferiores, cada um vestindo o casaco preto como a noite

dos militares vathekeses, colarinhos fechados com o raio prateado que denotava a patente de cada um.

Não houve mais conversas sobre comércio. Em vez disso, a imagem de um mundo projetado sobre nós se expandiu até estar focada na extremidade leste do principal continente de Andala. As nítidas letras vathekesas soletravam o nome da maior cidade em nossa costa: Ghazlan. Estava sob a guarda do clã Salihi antes da ocupação; foi uma cidade lucrativa e um centro artístico, reconhecida por sua beleza. Ela não tinha uma fortaleza central, e foi poupada da Expurgação. Enquanto os Salihi estavam por lá, ela era uma joia cultural, uma lembrança do que fomos. Mantive-me ereta enquanto as pessoas ao meu lado se inclinavam para frente e começaram a cochichar.

— Por onde devemos começar? — questionou Isidor, com sua voz áspera.

— Ghazlan é nosso problema imediato. Apesar de toda a Extensão Leste estar fervilhando com dissidentes. — A mulher que falou se chamava Kora. Maram não a conhecia muito bem; geralmente, ela ficava em outro entreposto planetário.

Isidor gesticulou para que ela continuasse. As mãos de Kora se movimentaram rapidamente sobre seu espaço, e a imagem da Extensão desapareceu, substituída por um holograma em movimento. As torres de pedra de Ghazlan se destacavam contra o oceano logo atrás delas. A fumaça consumia o ar, envolvendo-se ao azul pálido das bandeiras vathekesas que esvoaçavam nas torres. Parei de respirar quando uma pequena silhueta escalou rapidamente a lateral da torre, com um fuzil preso às costas. Não havia som, mas pude imaginar o grito — estridente e alto — nas ruas logo abaixo dele enquanto rasgava a bandeira vathekesa. A antiga bandeira andalã, antes da ocupação, era branca, com uma lua crescente verde apontando para cima e estrelas salpicavam a parte superior, como se saídas de uma fonte entre as duas pontas da lua. Branco para a prosperidade e longevidade. Verde para o renascimento e crescimento. Aquela não era a bandeira que o rebelde prendia à torre.

Desde a ocupação, a bandeira foi substituída pela vathekesa, e a rebelião criou uma bandeira nova para si. Uma lua cheia verde

com a silhueta de um pássaro em pleno ataque a cruzando, indo em direção a um campo vermelho.

Verde para renascimento e crescimento. Vermelho para sangue. Nosso sangue.

Ninguém hasteava a bandeira rebelde desde a Expurgoção, quase uma década antes. O derramamento de sangue que se seguiu à rendição foi catastrófico, e a maioria de nós acreditou que era o fim. Não havia como resistir aos nossos novos mestres. Por mais cruel que fosse, por mais difícil que a vida fosse, eles ganharam. Arrepios percorreram meus braços quando a imagem da bandeira ficou ainda mais clara e letras kushailanas apareceram logo abaixo.

O vento do oceano a balançou, esticando o tecido para que todos abaixo pudessem ver. Debaixo da lua cheia verde, escrito em kushailano:

O sangue nunca morre.

O sangue nunca esquece.

A mesma parte de mim que congelou quando longas sombras deformadas apareceram nos campos, quando ouvi o zumbido dos atacantes vathekeses no ar, gritou comigo ali. Eu concordei em espionar para a rebelião, mas enquanto eles celebravam a primeira vitória, os vathekeses estavam aqui, planejando seu fim.

Como eles poderiam, como *nós* poderíamos, sobreviver a algo assim?

— Até agora, conseguiram tomar Ghazlan e Sidi Walid, uma cidade em uma importante rota comercial, e um monte de propriedades com acres de terras para cultivo. — Os pelinhos em minha nuca se eriçaram. Sidi Walid era uma cidade sagrada. O primeiro templo para Dihya foi construído lá, e foi o último lugar onde Massinia foi vista.

— Eles são camponeses — disse Galene, pela primeira vez, exalando desprezo pela voz. — Como isso é possível?

— Eles são espertos — suspirou Kora. — Nunca atacam um lugar com grande presença vathekesa. E são duas cidades, dificilmente é uma rebelião com a qual devemos nos preocupar.

— Se não acabarmos com ela... — começou Isidor.

— Sim — concordou Kora. — Por ora, está contida nesse local. Mas e se tomarem o controle de toda a região? Isso pode se tornar um problema maior.

— Por que não acabaram com ela desde o começo? — insistiu Galene.

Eu permanecia imóvel. Na verdade, temia respirar e deixar algo transparecer. Eles tinham razão; eram apenas duas cidades. Mas, em mais de vinte anos, ninguém tinha conseguido recuperar algo que os vathekeses tomaram. O que eles tomavam, mantinham.

— Estamos sem muitas opções — disse Isidor. — Andala requer uma presença militar mais pesada do que antecipamos. Entre isso e as perdas que sofremos durante o segundo cerco...

— O cerco aconteceu há oito anos — disse o ministro de finanças, franzindo a testa. — Já passou da hora de consertarmos os buracos em nosso exército.

— Com o quê? Negligenciamos a infraestrutura desse planeta em favor de anularmos dissidentes. E Luna-Vaxor não tem os recursos para que possamos nos reerguer. Não na quantidade que precisamos.

Isidor ergueu uma mão, chamando a atenção do ministro.

— Quanto tempo levaria para conseguirmos os recursos?

— Com droides e supondo que nenhuma sabotagem aconteça? As minas levariam seis meses, as fábricas, de três a quatro. Para suprimos o que perdemos na guerra, um ano, talvez. Mas isso não leva em conta os corpos que precisamos para controlar nossas naves.

Um arrepio se espalhou por meu corpo enquanto falavam. Era assim que nosso destino era decidido? Pelos comandantes da Alta Vathek que não tinham interesse no planeta em si, mas nos recursos que poderiam explorar? Não disseram nada desse mundo, de Gibra nem mesmo sobre os rumores do renascimento de Massinia. Os rebeldes se tornariam mais do que um problema para os vathekeses, isso estava claro. Ainda assim, esquivaram-se do assunto, como se falar nele o empoderasse.

Os ministros continuaram discutindo entre eles, citando os custos e as perdas de vidas vathekesas em prós e contras de campanhas para reconquistarem a Extensão Leste.

— Bombardeie as cidades costeiras — disse uma voz. Ela cortou a onda crescente de argumentos com a precisão de uma faca afiada, e juntas as cabeças se viraram em direção à origem da declaração.

Mathis, rei de tudo, estava sentado na extremidade da mesa com o corpanzil reclinado para trás, tão lânguido quanto um leão. Nenhum de nós o viu nem o ouviu entrar na sala de reuniões, tão absortos estávamos nos argumentos. Não pela primeira vez, lembrei da história que Maram havia me contado. Mathis cometeu fratricídio para assegurar o trono; e fez pior para assegurar o sistema.

Eu não era criança, sabia que a beleza podia esconder a maldade. Mas o vigor de Mathis, a ameaça que ele representava, pareciam irradiar dele. O rei projetava uma longa sombra gélida e escura; parecia que eu era capaz de sentir a frieza dela mesmo do outro lado da mesa. Até Galene pareceu empalidecer um pouquinho na presença do pai.

— Vossa Graça? — questionou Kora.

— Não fui claro? — perguntou ele. — Não podemos mais arcar com dissidentes tão ousados. Não se quisermos continuar no controle deste e de todos os outros planetas de nosso império. Começamos a conquista andalã para nos restabelecermos e lucrarmos, e perdemos mais dinheiro do que o aceitável.

A voz dele parecia equilibrada e moderada, e o rosto, inexpressivo. Apesar disso, senti o medo envolver meu pescoço, como se, a qualquer momento, ele pudesse explodir em violência.

— Esqueça Ghazlan — disse ele. — Não podemos arcar com a reconstrução da infraestrutura. Mas podemos abrir mão de Tairout e de Sidi Walid.

Forcei-me a pensar, mesmo com a angústia que retorcia meu peito. Por isso, eu era uma das espiãs de Arinaas, para que pudesse repassar informações a ela. E estava tudo ali, dentro de um pacote de dados conectado ao meu monitor. Galene sorriu para mim à mesa, fria e zombeteira, como se pudesse sentir minha fraqueza.

Eu sabia o que precisava fazer, embora estivesse aterrorizada por ter que fazer. Minhas mãos trabalharam, explorando o console, enquanto mantive os olhos no rei.

— Sidi Walid é o lar de uma das zauias mais velhas do mundo — informei. Minha voz soou tão clara e controlada quanto a do rei. Galene me olhou, surpresa, como se estivesse chocada por Maram poder falar, ainda mais com certa autoridade. — Será um golpe moral para os dissidentes.

Senti-me enojada por sugerir a destruição das zauias. Mesmo depois da ocupação, a maioria delas cumpriu suas responsabilidades — deram abrigo aos pobres e necessitados, ofereceram lugares para descanso e rezas. Entretanto Maram tinha que parecer implacável, e eu precisava que as pessoas focassem em minhas palavras, não no que eu ainda fazia com as mãos.

Mathis me encarou e sorriu.

— Um excelente ponto, Maram. — Ele se voltou para o conselho. — Envie as tropas.

* * *

Voltei apressada aos meus aposentos. Tala me ofereceu comida e chá, mas balancei a cabeça e segui para o quarto. De alguma maneira, liberei-me da veste vathekesa, do diadema e das joias de Maram e vesti minhas próprias roupas. O frio não sumiu, e precisei me enrolar em um manto ainda mais pesado para manter aquela sensação distante.

— Amani? — Dei um sobressalto quando Tala repousou uma mão em meu ombro. — O que houve?

Eu a encarei com os olhos arregalados. O que eu poderia dizer a ela? Apenas, imaginei, o que ela já sabia. Que os vathekeses não nos viam como pessoas. Que qualquer método para nos manter sob controle e obedientes era, e sempre seria, usado. Que as pessoas conquistadas não eram a prioridade, apenas os recursos que tínhamos.

A bile queimou em minha garganta. Eu os ajudei, dei a eles um conselho sobre como conduzir uma campanha que mataria ainda mais de nós. Visariam as zauias, pensei, porque eu as coloquei na mira. Eram templos antigos, e ainda cumpriam seu papel como um lar para os pobres e necessitados. Eu fiz isso.

Eu fiz isso. Ah, Dihya.

Respirei fundo.

— Nada — respondi, por fim. — Os vathekeses são... impressionantes. A reunião do conselho foi... eu não estava preparada.

Era necessário, lembrei-me. Eu precisava das informações. Os *rebeldes* precisavam da informação.

Ela sorriu em solidariedade.

— Aceita uma xícara de chá?

Balancei a cabeça.

— Preciso descansar, apenas isso. Talvez eu fique no quarto pelo resto do dia.

— Tudo bem — respondeu ela. — Sabe onde me encontrar se precisar de mim.

Esperei até os passos dela desaparecerem antes de me levantar de onde estava sentada e trancar a porta atrás dela. Minhas mãos se aproximaram do pingente que eu usei em Ouzdad, descolando o objeto fino e gelatinoso preso em seu verso. Ele emitiu uma breve luz azul quando o puxei, então o preendi atrás da orelha. Não demorou para que uma voz dissesse:

— Sim?

O esboço de um sorriso ergueu os cantos de minha boca.

— Você me deu acesso a uma linha direta?

Arinaas riu.

— Posso redirecionar a ligação para outra pessoa, se você quiser.

Reclinei-me no assento acolchoado e me permiti sorrir de verdade.

— Não, obrigada.

— Ah — disse ela, com o eco de uma gargalhada ainda presente na voz.

Eu gostava de Arinaas, percebi. Parecia objetiva e tinha um senso de humor irônico do qual eu gostava. Nunca quis nomear o que tínhamos, e ela nunca andou em círculos sobre o que realmente queria de mim. Tinha me restado tão poucos desses relacionamentos...

— Novidades?

Endireitei-me.

— Os vathekeses vão bombardear as cidades costeiras na Extensão Leste.

Ela murmurou algo baixinho, que soou como um xingamento.

— Mouha! — Um nome. — Chame Sa'ad. Agora.

Um sussurro baixinho.

— Arraste ele pelo deserto se for preciso.

— Arinaas?

— Amani. — A voz dela soou mais gentil.

— É tão ruim quanto imaginei?

— Não — disse ela. — Ainda não. Ainda temos tempo para enfraquecer o ataque deles. Você se provou bastante útil, minha amiga.

— Tenho um pacote de dados com números das tropas e localização de depósitos de armas, mas preciso que alguém pegue as informações comigo.

— Muito bem, Amani — disse ela, calorosamente, apesar das notícias que eu dei. — Vamos encontrar uma maneira de buscá-las. Eu ligo de volta.

— Tem mais uma coisa — avisei. — Eles... Eles atacarão as zauias em Sidi Walid.

Arinaas xingou.

— Vamos cuidar disso. Entre em contato caso descubra mais alguma coisa.

— Entrarei — prometi.

A linha ficou em silêncio, sem uma despedida.

Senti como se o pacote de dados estivesse em chamas, abrindo um buraco no meu bolso e na minha mente. Nada me mantinha parada, e minha mente se agitava por causa da minha impotência diante de tudo o que eu sabia: a campanha de bombardeio, as vidas em jogo. A única coisa que eu podia fazer era esperar até que Arinaas arranjasse uma forma de receber aqueles dados. Até lá, precisava de algo para me distrair, para ocupar a mente

Pensei que tivesse me esquecido de como cozinhar, especialmente em uma cozinha estranha. Mas os movimentos e as medidas voltaram a minha mente com facilidade. Minha família sempre fechava o verão com um tajine doce — em vez de azeitonas, minha mãe adicionava figos ou damascos, o que fosse mais acessível. Imaginei se ela faria o prato naquele ano. Se Aziz ficaria por perto como sempre, tentando dar uma mordiscada. Ou se seria mais difícil para eles adquirirem as frutas com todos os contratempos que a aldeia vinha sofrendo este ano.

Coloquei a tajine para ferver e estava sovando a massa, perdida em meus pensamentos, quando o chiar de um droide ecoou na cozinha.

Maram estava parada no meio do pátio, com um manto empoçado no chão ao redor dos pés, e um véu jogado sobre os ombros. Examinava o espaço ao ar livre com uma curiosidade distante. O jardim escassamente povoado não era nada em comparação aos jardins luxuosos dela. Mas não demonstrou desprezo, o que considerei uma pequena vitória.

— Vossa Alteza? — chamei, anunciando minha presença. — O que a senhora... Como posso ajudá-la?

Ela observou mais um pouco os arredores antes de focar o olhar em mim.

— Não — respondeu ela. — Você não pode me ajudar. Percebi que fazia tempo que não vinha aqui e queria dar uma olhada.

— Ah.

Os olhos dela se semicerraram.

— Por que você está coberta de farinha?

— Acontece, Vossa Alteza, quando uma pessoa está fazendo pão.

Com isso, ela pareceu deslumbrada.

— Pensei ter sentido o cheiro de comida — disse ela, passando por mim. — Você cozinha. Que provincial.

— Vossa Alteza — chamei, tentando impedi-la; o pacote de dados estava escondido em meus aposentos, mas a proximidade dela ao objeto fez centenas de alarmes soarem em minha mente. Em vez disso, ela passou por meus aposentos e seguiu para a cozinha.

— Não! — gritei, quando Maram chegou perto do tajine.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— É uma bomba?

— Está quente — expliquei, pegando um pano. — Mas é apenas comida, está vendo?

— Isso é fruta?

— Sim, Vossa Alteza.

Sentir-me exacerbada com Maram era novidade. Estava acostumada com frustração, ira, uma grande quantidade de ódio. Mas, naquele momento, parecia que uma criança havia entrado em minha cozinha, determinada a causar confusão.

— Bem — disse ela, sentando-se. — Não pare por minha conta. Nunca vi uma aldeã cozinhar.

Eu imaginava que ela nunca tivesse visto ninguém cozinhar, mas mantive o pensamento comigo. O pão era tudo o que restava fazer, além de ser a parte mais fácil da refeição. Havia planejado fazer apenas um pão, mas se Maram decidisse ficar, pensei que ela pudesse relutar em dividi-lo comigo. Com dois pães no forno, coloquei um pouco de água para ferver e peguei dois copos, um bule e pratos para a comida.

— Você vai me servir? — indagou Maram, equilibrando o queixo sobre o pulso.

— Se a senhora quiser — respondi, esperando que minha voz soasse neutra.

Ela murmurou.

— Nunca comi carne com frutas antes.

— A ideia vathekese de boa comida é sem tempero e seca, Vossa Alteza.

Ela sorriu.

Quando a chaleira apitou, aponte para os copos que eu peguei.

— Chá?

Ela deu de ombros.

— Sim, chá.

* * *

— Eu nunca a agradei — disse ela, quando seguimos para o pátio.

Parei, com um prato meio que na frente de Maram.

— Me agradeceu?

— Por sua atuação com Galene e na reunião do conselho — explicou ela. Repousei o prato. — Meu pai ficou bastante satisfeito. Graças a você, ele acredita que, talvez, eu esteja mais preparada para o trono do que ele pensava. Na verdade, decidiu que deve ser eu, e não um dos magistrados da cidade, a discursar sobre a abertura de uma nova biblioteca.

Ergui as sobancelhas.

— Walili vai ganhar uma nova biblioteca?

— Isso a surpreende?

— Não achei que os vathekeses valorizassem esse tipo de coisa — comentei.

— Que coisas?

— Leitura — respondi, secamente.

— Gosto da sua língua afiada, garota — disse ela, sorrindo.

— Eles vão substituir a biblioteca Fihri? — perguntei.

— A o quê?

— A biblioteca de dois mil anos que saquearam — expliquei, sem demonstrar emoção. — E que reduziram a cinzas.

— Não sei — disse ela, estranhamente sombria. — Nunca fiz esse tipo de coisa antes.

Quando a olhei, confusa, ela esclareceu:

— Não me misturo com os andalões fora do Ziyaana. Jamais. Eu estou... preocupada... de não estar pronta para fazer isso. A encarar as pessoas que deixaram mais do que claro que me odeiam. Que não têm nenhum outro motivo para fingirem gostar de mim.

Surpresa, minhas sobrancelhas continuaram erguidas.

— Ah, você não precisa ficar tão espantada — explodiu Maram. — É a mim que odeiam, não a você.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Por quê? Você me odeia.

— Eu não odeio! — As palavras saíram de minha boca mais altas do que o pretendido e, inesperadamente, eram verdadeiras.

Maram começou a rir.

— Aprendeu a mentir direitinho.

— Não estou mentindo — insisti. — Quero dizer, eu odiava. É difícil gostar de alguém que a ataca com um pássaro.

— Mas agora que não quero matá-la, você me acha encantadora?

Fiz uma careta. Dito assim, parecia ser absurdo.

— Apenas... você não precisa que eu goste de você. Mas, em geral, quando não é cruel com as pessoas, elas têm uma chance de gostar de você.

— Não sou uma criança — respondeu ela. Uma mistura de afeição e divertimento percorreu seu rosto. — Faz meses que você está aqui, e ainda continua com um coração mole.

— Gosta de ser odiada, então?

— Medo e ódio são bons mecanismos de defesa contra um assassino.

Foi minha vez de bufar. O som fez Maram dar um sorriso largo, com os dentes à mostra, como um tubarão.

— Ah, compartilhe.

— Longe de mim, uma aldeã, aconselhar Sua Alteza Real.

— Não sei dizer se sempre teve uma língua tão afiada assim — respondeu ela. — Ou se aprendeu isso aqui. Estou pedindo, aldeã.

— Você vai ter dificuldades, tantas quanto seu pai tem agora, para governar aqueles que foram ensinados a odiá-la. Na minha experiência, medo e ódio são grandes motivadores para grandes males.

Enquanto ela me observava, a atenção tomava o lugar do divertimento no rosto dela.

— E que experiências uma aldeã tem com questões políticas e com as motivações da humanidade?

Dei de ombros.

— Pouquíssimas. Mas sei que ouço falarem de sua avó com muito amor e admiração. E a única vez que os vathekeses aparecem em conversas de pessoas comuns é quando são xingados.

Ela estava brincando mais uma vez com seu anel, apesar dos olhos não terem deixado meu rosto.

— Você não pode estar sugerindo que o governo de minha avó sobre esse planeta foi pacífico. Sei que ela entrou em guerra contra o irmão.

— O irmão entrou em guerra contra ela — respondi. Cada vez mais, percebia o absurdo daquela conversa. Como se eu pudesse mudar o aqui e agora. Como se eu pudesse desfazer tudo que ela fez. — E quando acabou, a Sultana ajudou os que sofreram durante a guerra a se reerguerem. Os anos que se seguiram não foram repletos de rebeldes nem dissidentes. Eles queriam que ela os governasse.

— Sim — disse Maram, preguiçosamente. — Vamos deixar os pastores de bodes e os agricultores decidirem quem deve governá-los.

Sim, quase respondi, mas mantive a boca fechada. Já havia dito o suficiente. E mesmo com ela sendo sarcástica, pude vê-la pensar melhor naquilo. Eu não esperava mudanças, não imediatamente. Provavelmente, eu não veria mudança alguma. Mas se houvesse esperança, se ela ouvisse, eu queria tentar.

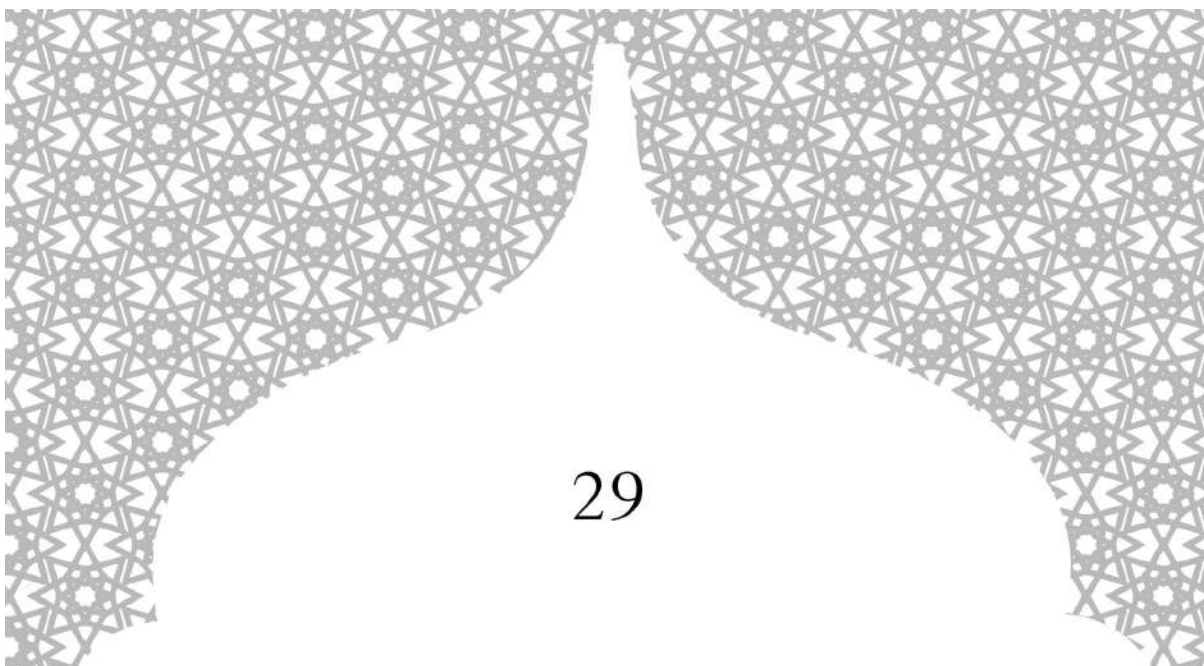
Para minha surpresa, Maram limpou o prato em sua frente e terminou de comer o pão. Esperava que sobrasse algo para dividir com Tala, mas parecia que eu teria que cozinhar novamente. Quando as mesas foram limpas e a comida deixada de lado, Maram se levantou, então parou.

— Sim? — questionei, quando ela permaneceu em silêncio.

— Você vai me ajudar com o discurso, não vai?

Impedi-me de sorrir. Pedidos não faziam parte da natureza de Maram.

— Claro, Vossa Alteza. Não tenho nada para fazer agora, se a senhora quiser começar.



— Espero que a multidão esteja tranquila hoje — disse Maram, soturna, na manhã em que eu deveria discursar na inauguração da biblioteca.

Ela parecia estar brincando, mas não sorriu. Era curioso observá-la. Estaria ela me imaginando morta? Estaria ela se imaginando morta? Eu me perguntei o que significaria para Maram se eu morresse em frente a todo o sistema estelar. Seria difícil para ela me ver morrer, ou apenas veria a si mesma?

— Tenha cuidado — adicionou ela, encarando-me. Dessa vez, havia calor em seus olhos.

Deixei Maram e segui para o hangar de partida. Suas palavras ecoavam em minha mente quando Idris me ajudou a subir na carruagem fechada e entrou depois de mim. Eu não gostava de pensar em Maram; sobre como era para ela saber que não poderia deixar o Ziyaana por medo de morrer. Que metade de seu legado sentia um desprezo inflexível porque ela era o símbolo da opressão deles. Que ela se despediu de mim sabendo que o que eu enfrentaria foi planejado para ela. Ela sentia isso, uma guerra sendo travada em suas veias todas as vezes que olhava para mim?

Olhei pelas janelas escurecidas enquanto o pátio desaparecia, e a carruagem se voltou para os enormes portões do muro nortenho, seguindo para a larga avenida principal que nos conduziria pelo restante da cidade. Como sempre, Idris repousava a mão esquerda sobre a minha, e equilibrava o queixo sobre o punho direito.

Se Maram estivesse nos territórios nortenhos de Andala, imaginei que isso não teria tanta importância. Eram mais seguros, pois os sentimentos anti-vathekeses quase não existiam por ali. Tinham poucos recursos, e a integração deles à sociedade dos vathekeses foi rápida e precisa. Mas a capital, Walili, costumava ser uma cidade monarquista. Seu povo, tanto os pobres quanto os ricos, amavam a rainha Najat. Ela foi uma heroína, jovem, linda e destemida.

Para eles, Maram era o ápice da violação. Era o sangue deles corrompido. Imaginei, mais do que qualquer outra coisa, que, por isso, Mathis gostava de exibi-la por toda parte como fazia. Se não pudesse ter uma criança vathekesa de sangue puro nos governando, então lembraria a todos o preço da ocupação.

Idris parecia mais triste do que nunca, uma versão opaca do homem que eu conhecia.

— Idris?

— Minha família, o que sobrou dela, está perto de Al Hoceima.

— Ele desviou o olhar mais uma vez.

Balancei a cabeça.

— Não entendi.

— Os vathekeses a chamam de Extensão Leste. — Minha mão apertou a dele. — Ah, agora você entende.

— Tomei o lugar de Maram na reunião do conselho — expliquei. Nós nos aproximamos, tanto que pude sentir o calor dele pelas dobras do cafetã. Eu me lembrava vagamente que a família de Idris morava naquele lugar, mas não pensei em como isso poderia afetá-lo. Uma pontada de culpa percorreu meu corpo novamente quando me lembrei do meu papel nisso tudo.

Idris passou uma das mãos sobre o rosto. Parecia que, depois que me contou, o medo e a preocupação aumentaram.

— Não entendo por que alguém arriscaria uma segunda Expurgação. Não faz muito tempo, ainda deveriam se lembrar. Sei

que ninguém esqueceu.

Melhor a morte do que a escravidão, Husnain havia dito em um acesso de raiva contra Aziz — uma questão que causou discórdia entre todos nós, mas ainda mais entre Aziz e Husnain. Eu achei, então, que uma afirmação dessas era o resultado da juventude e da bravata dele, que em alguns anos esfriariam as chamadas de Husnain. Mas... tinham pessoas que acreditavam naquilo. Que prefeririam morrer a sofrer sob nossa ocupação. Pessoas que prefeririam arriscar as vidas esperando que os filhos pudessem sobreviver para ter um amanhã melhor.

Eu me tornei uma dessas pessoas.

— Não é problema seu — disse ele, repentinamente. — Será como deve ser.

— Claro que é problema meu — argumentei. Virei o rosto dele para que nossos olhos se encontrassem mais uma vez. — Amigos se importam um com o outro.

Ele sorriu.

— Amigos? — perguntou ele, baixinho.

— Mais que amigos — respondi, enquanto ele beijava a palma da minha mão. — Por que não os visita? Isso ajudaria, não?

Minhas mãos se fecharam sobre onde ele a beijou. Parecia que anos tinham se passado desde a última vez que nos encontramos, e eu odiava quão restritos éramos. Se eu o veria ou não dependia de para onde Maram e Nadine me mandavam e se ele estaria ou não no mesmo lugar. Queria vê-lo mais, mas sabia, desde o começo, que seria assim. Eu falava baixinho, para que os guardas do lado de fora da carruagem não nos ouvissem — mais uma restrição.

— Eu... não pensei nisso — disse ele. — Ajudaria com a moral, pelo menos. Minha tia vai fazer cento e seis anos em breve. Maram não recusaria meu pedido.

— Ela iria junto? — perguntei, tomando cuidado para manter minha voz neutra.

— Não sei — respondeu ele, franzindo a testa. — Acho que você sabe como ela se sente em relação à família andalã.

Assenti.

— Ainda assim... vai ser bom para você e para eles. — Apertei a mão dele. — Sua presença os tranquilizará. E você estará seguro

em Al Hoceima, eles se concentrarão mais ao extremo da costa.

Ele roçou os dedos em minha bochecha, então, inclinou-se para frente e beijou minha testa. Por alguns minutos, o único som em nossa carruagem foi a maré de ruídos da própria cidade. Notei uma guerra no rosto dele, como se não conseguisse organizar as emoções.

— O que foi?

— Você... — começou ele. — Você é um grande consolo, Amani.

Lutei para não rir.

— Consolo? Apenas isso?

Ele abriu a boca, e balancei a cabeça.

— Só estou brincando. Não precisa dizer mais nada.

— Venha comigo — disse ele, repentinamente.

— Como assim?

— Para Al Hoceima — explicou ele. — Por favor.

Abri a boca para dizer a ele por que essa era uma ideia horrível, então, fechei-a. Não era uma ideia horrível. Tínhamos tão pouco tempo juntos e isso... seria maravilhoso. Talvez, conseguisse me esgueirar e entregar as informações a algum dos agentes de Arinaas na Extensão Leste.

— Tudo bem — concordei, por fim. — Vou tentar.

* * *

O discurso — minha fala ao povo de Walili — aconteceria numa região em decadência da cidade. De acordo com o mapa que Tala me mostrou, em algum momento, foi uma região mercante, próspera e florescente. Mas os negócios se mudaram para outro lugar, a maioria foi para mãos vathekesas e, enquanto muitos dos mercadores ainda conseguiam se virar, não passava de uma realidade muito distante do que um dia existiu. A biblioteca não ajudaria.

El Maktabatil Fihri sobreviveu por duzentos mil anos e serviu como um arquivo da literatura mundial. Teve a maior coleção de poesia kushailana antes dos vathekeses bombardearem a cidade. Sua substituta não chegava nem perto do tamanho original e conteria informações demográficas, e histórias da ocupação.

Idris e eu estávamos bem ao lado do palanque, acima da multidão. Todos naquele quarteirão foram obrigados a comparecer, e se posicionaram com suas roupas sóbrias, em silêncio e cheios de ressentimento. Pude sentir um murmurinho no ar, reconheci-o por causa das minhas experiências nessas reuniões obrigatórias. De cada lado da via onde os andalões se amontoavam havia cadeiras elevadas, como se os vathekeses ali sentados estivessem preparados para um espetáculo.

Pairando sobre o palanque, havia uma estátua gigantesca de Massinia. Dei um passo inconsciente para frente. Existiam muitas formas de retratá-la: em êxtase, com um livro aberto no colo, os olhos voltados ao céu, e outras. Mas nunca a vi representada daquela maneira, com as mãos erguidas em direção ao céu, um véu sobre a cabeça e ao redor de todo o corpo, chegando aos pés. Foi o Livro aos seus pés que me fez ter certeza de que deveria ser Massinia.

A estátua era linda, feita de pedra entalhada, ainda assim, era assustador olhar para ela. Senti que, a qualquer momento, ela poderia se livrar do véu e andar entre nós. Não era tradicional nem usual, em vez de suscitar a felicidade que eu geralmente sentia quando a via, fez-me sentir apreensiva. Talvez aquela fosse a razão pela qual os vathekeses permitiram que ela continuasse de pé.

Respirei fundo e agarrei a mão de Idris.

— Calma — disse ele, em meu ouvido. — Vai ficar tudo bem. Estou aqui com você.

Assenti, respirei fundo outra vez e subi as escadas que levavam ao palanque, com Idris logo atrás de mim.

— Queridos andalões — disse um oficial andalão, apoiado na tribuna — É com grande honra que recebemos entre nós, Sua Alteza Real, Maram vak Mathis. Ficamos muito mais do que gratos pela benevolência e generosidade constante de nosso protetor.

A multidão andalã não se comoveu, permanecendo em silêncio. Os poucos aplausos vieram dos espectadores vathekeses e da makhzen andalã ao lado deles. Observei, com meu rosto neutro, o oficial finalizar sua introdução e, então, chamar-me ao palco.

Os murmurinhos cresceram quando subi os degraus, mas deram lugar a um silêncio assustador quando eu toquei no leitor de

hologramas diante de mim, trazendo minhas anotações à tela.

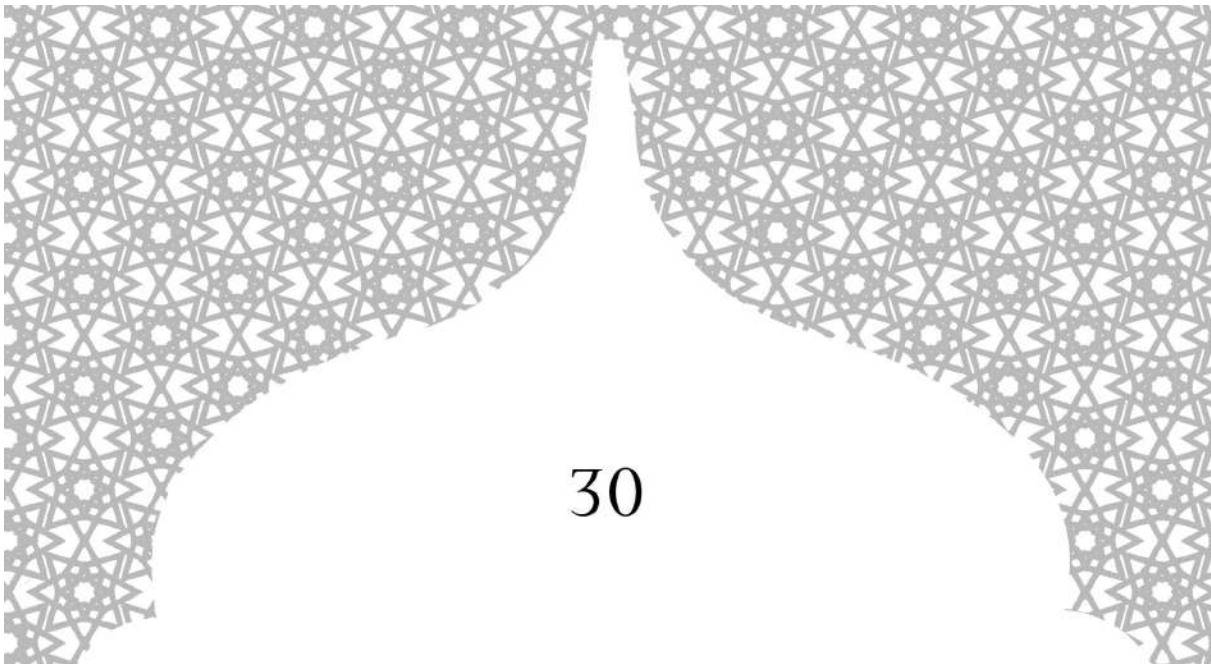
— O dia de hoje marca uma ocasião auspiciosa — comecei. — A primeira de muitas ocasiões auspiciosas: a inauguração da primeira biblioteca em Walili em mais de uma década. Uma marca do valor que têm o conhecimento e a nossa habilidade de seguir em frente, unidos como um diante da adversidade.

Foi a voz de Maram que saiu de mim, mas minhas emoções moldaram o discurso. Evitei mencionar os vathekeses e esperei que, ouvindo Maram, vendo-a — vendo a mim — vestindo o velho selo andalão, aqueles que testemunhavam a consagração do lugar partiriam com esperança. Pensariam em nossa resistência e em nossa sobrevivência. Mais do que isso, esperava que Maram pudesse repensar as palavras que me ajudou a escrever e imaginar um mundo sem as crueldades do reinado do pai.

Era uma esperança pequena, pensei, olhando para a multidão. Mas uma esperança importante; se Maram pudesse ser a governante que o pai falhou em ser, que a mãe quis ser, então haveria esperança para nós. Para todos nós.

Não haveria?

Eu precisava acreditar que sim.



Aquele dia parecia estar passando mais lentamente do que os outros. Tala me visitou para ver como eu estava pela manhã, mas quando viu o olhar distante em meus olhos, deixou-me com um bule de chá. Estava quase desistindo de vencer do robô jogador de shatranj quando o sino real soou, anunciando um membro da realeza.

— Vossa Alteza — cumprimentei, quando Maram apareceu, e levantei-me. — Como posso ajudá-la?

Fiquei surpresa quando ela abaixou o olhar, como se estivesse com vergonha do que estava prestes me pedir.

— Não posso pedir que o pessoal da cozinha cozinhe para mim. Não... não sei nem qual o nome daquele prato.

Evitei sorrir.

— Ah. Está com fome?

Ela jogou a cabeça para trás, desafiando-me a rir.

— Sim.

— O mesmo prato?

— Surpreenda-me — disse ela.

Fiz harira e miloui; eram fáceis, rápidos e, provavelmente, não alarmariam a equipe da cozinha. Maram sentou-se na mesma cadeira e me observou ferver a sopa, então, voltar minha atenção ao pão.

— Deveria me deixar ajudar — disse ela, então emituiu um som impaciente. — Não precisa ficar chocada. Tudo bem, retiro minha oferta.

— Não — proferi, lutando para não rir. — Por favor. Venha, você pode virar o pão.

— Posso fazer mais do que virar o pão.

Ela soou mal-humorada e infantil, mas eu não confiaria nela para mais nada.

— Vamos tentar o pão primeiro.

Ter Maram na cozinha me fez sentir extrema simpatia por minha mãe. Maram se esquivava do calor da frigideira, demorava tempo demais para virar o pão, e mais de um dos pães achatados acabaram no chão.

— Aqui — ofereci, por fim, e entreguei a ela um pano limpo. — Se tem tanto medo do fogo, use isso.

Ela me encarou por um longo momento.

— Como isso vai proteger meus dedos?

— Não vai — respondi. — Mas pode enganá-la. Além disso, minha mãe costumava dizer que você nunca aprenderia a não ser que se queimasse pelo menos uma vez.

— Ela parece encantadora.

— Não mais do que qualquer outra mãe de nossa aldeia — comentei, sorrindo.

Ela voltou a atenção ao pão depois disso. Ainda assim, percebi diversas coisas estranhas. Estava quieta e, quando não mordida as pontinhas dos dedos, prendia o lábio inferior na boca. Maram sempre demonstrou uma habilidade extraordinária de expor apatia ou raiva completa; nervosismo não era uma emoção que eu a vi demonstrar nenhuma vez.

— Está... tudo bem?

Os olhos dela se arregalaram.

— O quê? Claro que está.

— Seu dedão ainda está na boca.

Ela rapidamente o tirou dali e escondeu a mão nas dobras da saia. Por um momento, não disse nada, apenas me encarou furiosa.

— Está sabendo que vou acompanhar Idris pela Extensão Leste?

— Não, é a primeira vez que escuto isso — menti. — Alguma razão para você ir com ele?

Ela desviou o olhar e brincou com o anel no dedo.

— Minha... minha mãe tinha uma condição no testamento. Eles... as famílias deles eram próximas. Ou eu imagino. Ela queria que eu os visitasse.

— Ah. — Foi tudo que consegui pensar em dizer.

— Eles todos me odeiam. Muito. Demasiadamente.

Pode ter sido tolo da minha parte parecer chocada, mesmo assim...

— Por quê?

Maram pareceu concordar com minha suposição e me lançou um olhar que teria me feito encolher alguns meses atrás.

— Tem o probleminha do meu pai. — Ela revirou os olhos. — Você precisa aprender a não ficar tão chocada o tempo todo. Todos me odeiam. Estou acostumada.

— Mas... eles também são o povo de sua mãe — afirmei, sem pensar.

— Acho que ninguém enxerga a situação assim.

Tive dificuldades em acreditar nisso, por algum motivo. Sabia exatamente quem Maram era. Eu experienciei a crueldade dela na pele. Mas como descobri com a Sultana, grande parte da família andalã de Maram lamentava sua perda. Seriam pessoas cruéis se julgassem uma criança pelo legado dos pais. E enquanto Maram se provava uma herdeira digna no regime de Mathis, uma pessoa que conhecia as circunstâncias — como ela foi tratada por todos em Luna-Vaxor, pela própria meia-irmã — não a odiaria por isso. Odiaria?

— Você tem sorte — disse ela.

— Eu?

— Sabe exatamente qual é o seu lugar. Tem a sua família e as suas tradições, e ninguém está... gritando com você para ser outra coisa. Tudo que a minha família vathekese pode ver é o meu

sangue inferior. E tudo que a minha família andalã pode ver são seus conquistadores. Sou tratada como um mau presságio de um futuro terrível independentemente de onde eu vá.

Era estranho sentir uma onda tão forte de pena dela. Mas chegamos tão longe, ela e eu. Toquei seu braço sem pedir permissão e esperei que ela erguesse o olhar para mim.

— Você pode escolher quem quer ser — garanti. — Pode escolher o que você é.

Ela bufou.

— Todos já decidiram o que eu não sou. Não sou vathekesa e não sou andalã.

Apertei o braço dela.

— Você é a filha legítima da última rainha de Andala. Não podem escolher o que você é.

Fiquei surpresa quando ela ergueu uma das mãos cheias de anéis para cobrir a minha, apesar de não me olhar nos olhos.

— Sei que não é justo da minha parte dizer isso, mas... estou grata por você estar aqui. Estou grata por você ser você. Acho que mais ninguém no mundo seria gentil comigo depois do que fiz.

Eu não tinha nada a dizer sobre isso. Não poderia contar a ela porque eu era tão gentil, o que eu via. Ela se ressentiria de mim por minha pena e por minha preocupação.

— Por que não vou no seu lugar? — sugeri.

Eu estava cada vez melhor em controlar minha expressão e tom, e isso me era útil com Maram. Era eu quem precisava ir à Extensão Leste e entregar as informações ao agente de Arinaas. E queria um tempo com Idris. Mas, mais do que isso, para minha surpresa, queria ajudá-la. Apesar de tudo o que ela fez comigo, o que eu via era apenas uma garota assustada que não queria enfrentar a desaprovação de seus parentes, ou pior: a rejeição.

— Mesmo? — Ela soou pequena e jovem; ainda mais jovem do que eu.

— Mesmo — respondi, e bati meu ombro contra o dela.

— Que cheiro é esse? — perguntou ela, um momento depois.

Suspirei.

— Você queimou o pão.

* * *

A refeição não foi arruinada. A sopa estava pronta, então levamos os pedaços restantes — não queimados — de pão ao pátio, junto com chá e tigelas para a sopa. Sentamos num silêncio pacato. Pela primeira vez, não havia nenhuma tensão escondida, nenhum medo. Era um sentimento estranho, mas do qual eu gostava.

Ela brincou com um pingente que eu nunca a vi usar antes, deslizando a peça de ouro preguiçosamente para cima e para baixo da corrente entre os dedos.

— Queria perguntar algo a você — disse ela, segurando o pingente numa das mãos e fechando os dedos ao redor dele.

— Claro.

Eu a observei tirar a corrente do pescoço e entregá-la a mim, com o pingente de ouro balançando preguiçosamente de um lado para o outro.

— Você poderia... você sabe o que é isso?

Minhas sobrancelhas se ergueram quando o examinei com clareza pela primeira vez.

— Provavelmente, não mais do que você... — Minha voz desapareceu quando o virei de costas.

— O quê? O que foi?

— Nada — respondi, rindo. — É um selo real. Se você tivesse nascido antes da ocupação, teria o mesmo desenho tatuado nas costas.

Maram revirou os olhos.

— Obrigada pela conclusão genial. Eu sei disso, por conta do roca na frente.

— Não é um roca, é um teslite.

— Um o quê?

— Teslite — repeti. — O pássaro do Banu Ziyad é um teslite. E, na parte de trás, tem o seu nome e isso: “Fui marcada antes de meu marido. Serei marcada depois.”

— O que raios isso quer dizer?

— É uma citação atribuída a Massinia. Ela tinha uma cicatriz envolta em ouro nas costas. Muitos viam a cicatriz como um sinal de Dihya, que ela foi escolhida por Ele para ser uma profetisa antes da

morte do marido. Historiadores gostam de argumentar que a morte dele ocasionou a dela, mas não ocasionou.

Ela se inclinou para frente.

— E por que isso é estranho?

— Os selos são como a daan. Servem para denotar família, ancestralidade, fé, todas as coisas valorizadas pelos kushailanos. Quem quer que tenha feito esse selo queria que você o valorizasse acima de tudo.

— Maravilhoso — disse ela, preguiçosamente, pegando o selo de volta. — Minha mãe queria que eu me lembrasse que odiava meu pai.

Tentei não rir.

— Não é isso que a citação significa.

— Explique melhor.

— Massinia amava muito o marido. Muitas fontes dizem que ela era de uma classe superior à dele, e que ela era tazalghitana. Ainda assim, ela se casou com ele em segredo. Isso não acontece muito, nem hoje em dia.

— E...?

— Isso significa que ela, que você, não é definida pelos homens em sua vida, independentemente do quão poderosos eles sejam. Você viveu antes deles e viverá depois deles. Não pode deixá-los determinar o seu caminho.

Ela encarou o selo, pensativa.

— Ela desapareceu no final, não desapareceu? — questionou ela.

Assenti.

— Ela foi vista outra vez, mas a opinião popular diz que o povo de sua mãe a levou de volta e, depois disso, teria sido impossível localizá-la.

Ela sorriu.

— E qual é a opinião não popular?

— Que o teslite que ela carregava consigo se revelou como um espírito e ofereceu a ela a entrada em seu reino nos céus.

O risinho se transformou num sorriso genuíno e saudoso. O selo estava gasto, afinado e liso em alguns lugares. Estava claro que ela o mantinha por perto sempre que podia. Sua mãe, provavelmente,

fez o selo com as próprias mãos e o deu à filha. Pais desenhavam a daan dos filhos, e imagino que, dentre a realeza, a khitaam também.

— Gosto mais da segunda — opinou ela.

— Sua avó deve saber mais sobre o selo — comentei, em vez de responder. — O que sei, aprendi em livros de história. Sua avó é realeza; ela pode ter desenhado o selo de sua mãe.

Ela não disse nada, mas encarou fervorosamente o pingente. Queria perguntar a ela no que estava pensando, mas imaginei que pedir a mim para explicar o selo havia sido difícil o suficiente. A mãe de Maram deixou algo precioso e inestimável; eu não a queria distrair disso. E, talvez, serviria como uma ponte, por mais frágil que fosse, até a avó.

Por fim, ela ergueu o olhar, sem foco e um tanto perdido, e balançou a cabeça. Não disse nada, mas apontei para o prato dela. Então, ela pendurou o pingente novamente ao redor do pescoço e voltou a comer.

* * *

Depois de Maram partir, lavei nossos pratos e louças, guardei a comida e me retirei ao quarto.

Eu odiava aquele lugar, odiava Nadine, odiava o que foi feito comigo. Fui transformada, reforjada numa garota que minha família não reconheceria. Mas aprendi. Aprendi tanto que não sabia se trocaria uma pela outra. A garota que eu era por todo o resto. Se — quando — a rebelião fosse bem-sucedida, não teria como eu voltar à minha antiga vida. O que eu faria? Para onde iria? Para onde Maram iria?

E a rebelião precisava sacrificar Maram em nome da liberdade? Ela poderia ser uma aliada poderosa, uma liderança que ninguém rejeitaria.

Tirei meu pingente de dentro do vestido e levei o comunicador para trás da orelha. Ele esquentou rapidamente e, segundos depois, ouvi um bipe.

— Sim?

— Sou eu — informei. — Tenho novidades.

— Houve alguma mudança? — perguntou Arinaas. — Ou você ficou com saudade?

Eu ri.

— Houve uma mudança — informei. — Maram vai se juntar ao comboio à Extensão Leste.

— Ela não é um alvo agora.

— Nem deveria ser — afirmei, rudemente. — Mas irei no lugar dela.

Quase pude ouvir as engrenagens girando na mente dela.

— E você pode trazer os planos que roubou do encontro do conselho?

— Sim.

Ela respirou fundo.

— Amani. Levar algo assim para fora de Ziyaana... Você estaria se colocando em grande risco.

— Tudo é um grande risco, não é?

— Vamos organizar uma retirada, então — disse Arinaas, por fim. — Tome cuidado nos próximos dias, tudo bem?

— Você também, Arinaas.

Al Hoceima,
Andalā



Muitos dias depois, embarquei numa nave com Idris e uma pequena comitiva e viajamos para Al Hoceima. Apesar da intenção verdadeira de Idris ser se assegurar do estado da família e do lar, ele se programou para ir ao aniversário da tia-avó. Três anos se passaram desde sua última visita, e pude ver o nervosismo nele enquanto a nave pousava na cidade com um assobio suave.

A maior parte do clã Salihi foi extinta, mas alguns dos tios e tias de Idris sobreviveram. Um clã que chegou aos milhares, agora tinha pouco mais de uma centena de membros, grande parte deles muito velho ou muito novo. Ele tinha mais contato com os mais novos — os vathekeses permitiram que se mantivesse próximo dos primos, mas não de qualquer outra pessoa que pudesse ter conservado as inclinações monarquistas.

Sua tia iria celebrar o centésimo sexto aniversário. Espantava-me qualquer pessoa conseguir viver tanto assim. A maioria dos idosos em minha aldeia não passavam dos sessenta. Pobreza e guerra não encorajavam uma vida longa.

A convidada de honra, Naimah, sentava-se na frente do salão de encontros, flanqueada pelas irmãs e sobrinhas. Era uma mulher baixa, mas parecia um passarinho, com olhos astutos e um nariz

marcante, com ombros caídos e boca curvada. A daan verde no rosto dela estava desbotada, provavelmente nunca retocada. O salão estava cheio de mulheres — imaginei que eram todas as mulheres restantes do Banu Salih, tanto velhas quanto novas. Apenas as muito velhas entre elas, como Naimah, tinham daan. Elas, como a antiga matriarca, esvoaçavam pelo lugar em vestes coloridas e vivas, cochichando e rindo uma com a outra. Os homens, como geralmente faziam diante de tantas mulheres, amontoaram-se nos fundos e monopolizaram o chá.

Do outro lado, fiquei apoiada em uma janela, com as costas voltadas para a maior parte deles.

Dali, pude ver a cidade decadente que era Al Hoceima. Na antiguidade, e antes da ocupação, fora uma das maiores cidades do planeta. Os Leões de Al Hoceima governavam da costa leste até o sul do continente. E quando se casaram com os Ziyadi, transformaram-se no maior exército que o mundo já viu. Marcharam sobre o planeta, conquistando tudo o que pudesse ser visto até não sobrar nada. Agora, havia mais poeira do que pessoas. Ninguém conseguia arcar para arrumar as estradas nem as casas. O sistema de filtração que purificava a água envenenada quase quebrou a cidade toda com seus custos.

Na distância, vi o vermelho do fogo pintado contra o horizonte, manchado por fumaça. Durante todo o dia, houve um fluxo de refugiados que escaparam da costa com tudo o que puderam levar, esperando estar seguros na extremidade da Extensão. Longe dos rebeldes e do fogo.

Até então, a campanha de bombardeio dos vathekeses esteve confinada a duas cidades: Sidi Walidi e Tairout. Mas os rebeldes não aceitaram o ataque de braços cruzados e, mesmo sem minhas informações, revidaram. A bandeira rebelde ainda pendia na torre branca e reluzente no centro de Ghazlan, ou era o que as poucas notícias que eu recebi diziam. E eu compreendia os vathekeses um pouco melhor agora, só que em vez de me sentir aliviada, a ansiedade tomou a minha mente. Eles responderiam como bestas encurraladas e atacariam o restante da região se a sorte dos rebeldes perdurasse. Os dados que eu tinha era tudo o que havia

entre os rebeldes e a morte iminente. Arinaas sabia disso tão bem quanto eu, e organizou uma entrega para o meio da noite.

Logo abaixo, no jardim, estava Idris. Ele escapou das festividades assim que possível para entreter um amontoado de primos que brigavam pela atenção dele. Nunca o tinha visto daquela forma. Parte do medo dele desapareceu assim que pousamos em sua cidade e, ali, rodeado pelos entes queridos, ele quase resplandecia. E eles se iluminavam em resposta. Eu o observei parar e conversar com tios, primos e tias, e cada um deles se iluminou um pouco, sorriu com mais facilidade, ao vê-lo.

Ele ajudou um menininho a montar num cavalo. Embora eu não conseguisse ouvir o que ele dizia, estava claro que o ensinava a se manter sentado. Ele os amava, independente de quanto tempo estivera longe deles.

Perguntei-me, com desconforto, o que ele diria se soubesse de minhas alianças rebeldes. Pela sua decepção com a causa da campanha de bombardeio, descobri que ele não gostava do que a campanha dos rebeldes poderia fazer, ou de que retaliação ela pudesse provocar. Mas eles — *nós* — éramos necessários, se qualquer pessoa em Andala quisesse sobreviver mais um século.

— Ela se parece muito com a Najat — murmurou uma voz ao meu lado.

Enrijeci, mas não me virei. Maram não falava kushailano; deveria ter falado em algum momento, mas o tempo com os vathekeses roubou isso dela, assim como da maior parte daqueles levados para longe de suas famílias kushailanas.

— Não importa — disse uma segunda voz. — Ela pode se parecer com a mãe o quanto quiser, mas o lugar dela não é aqui.

Dado tudo o que Maram disse, esperava que essas palavras fossem proferidas com veneno. Em vez disso, tudo o que ouvi foi pena. Teriam lamentado por ela, eu sabia. Laços filiais importavam para nós, e era provável que ela ter sido tirada da família ainda jovem e nunca ter sido devolvida os deixou aflitos. E agora, assim como a Sultana, não sabiam como se aproximar nem o que fazer com ela. Maram não ajudava em nada. Estava começando a suspeitar que ela não odiava os andalões tanto quanto odiava se lembrar do que o pai fizera com eles.

Fui tirada de meus pensamentos quando algo, ou alguém, puxou meu vestido. A garotinha não poderia ter mais do que oito ou nove anos. Ela olhou para mim, com os olhos arregalados, como se dividida entre o medo e a fascinação.

— Sim? — perguntei, em vathekês.

— Khaltou Naimah a chamou — respondeu ela. A tia me observava quando olhei para o estrado onde ela se sentava.

— Bem — comentei. — Então, vamos.

Não sabia se deveria me ajoelhar ou beijar as bochechas dela ou me curvar. Naimah e eu nos observamos. Eu, um pouco cautelosa, e ela, como uma águia. Por fim, ela não disse nada, mas apontou para uma almofada ao lado da garotinha. Sentei-me. Não tinha qualquer intenção de chamar a atenção do resto do salão ou do grupo de tias ao lado dela.

Uma tia grávida, que conseguiu com dificuldade subir no estrado, suspirou.

— O que devemos fazer com ela? — perguntou ela, em kushailano.

Naimah riu.

— Fazer com ela? — questionou. — Se vocês todas não tivessem sido tão tolas e atrapalhadas quando ela veio cinco anos antes, ela poderia nos conhecer. Gostar de nós. Agora, olhem para ela. Vathekesa até o último fio de cabelo.

A tia suspirou outra vez.

— Você pode chorar pelo passado, khaltou. Mas não tem mais nada a ser feito agora.

Uma terceira tia assentiu, cansada.

— Idris vai se casar com ela, e fim. Deveríamos aceitar de uma vez.

— Aceitar o quê? — perguntou Naimah.

Se eu pudesse, teria aconselhado as irmãs a não responderem. Eu conhecia o tom; Maram o utilizava, minha mãe o utilizava. A pergunta não deveria ser respondida.

Mas a terceira tia pareceu surpresa, como se nunca tivesse escutado um tom assim na vida.

— O governo dos vathekese — disse ela, como se fosse óbvio. Naimah bufou.

— Por isso você apenas teve filhos homens, Nusaiba. Você é uma tola de mente fraca. — Ela sacudiu as mãos. — Vão. Todas vocês. Não quero mais vê-las.

Esperei ser deixada em paz, mas, em vez disso, Naimah voltou seu olhar a mim. Eu não poderia fingir que não estive prestando atenção. Ela esperou que as tias e sobrinhas fossem embora, cochichando entre elas. Então, chamou-me para perto. Estremeci quando segurou o meu queixo. Os dedos dela eram finos, e tive a impressão de estar sendo segurada por garras.

— Você precisa comer mais — disse ela, num *vathekês* carregado de sotaque. — Se quiser ter algumas filhas.

— Por que filhas?

— Apenas suas filhas terão estômago para suportar o futuro — disse ela. — Por isso sua mãe a teve.

— Eu queria... — disse suavemente. — ter estômago para isso.

Naimah enrijeceu e apertou meu queixo um pouco mais forte. Eu não estava passando dos limites — eu conhecia Maram agora, sabia como ela se sentia. Queria ser capaz de fazer a coisa certa, queria que a família da mãe a amasse. Ela apenas tinha medo.

Eu sabia que, se Maram tivesse uma chance, se ela desse à família da mãe uma chance, eles a amariam. O amor deles e a esperança dela *poderiam* fazer dela a rainha que os andalões não precisariam temer nem odiar.

— Mudanças requerem coragem, *yabnati* — disse ela, baixo o suficiente para que ninguém ao nosso redor pudesse ouvir. — Você tem coragem. Como sua mãe. Posso ver isso. Visite-nos mais vezes.

Assenti em resposta ao seu pedido e, finalmente, ela me soltou. Voltei ao meu assento com o coração acelerado, mas pude sentir os olhos dela em mim pelo resto da noite. Mas, quando ergui a cabeça, seu olhar havia se modificado: era curioso, fixo e quase esperançoso, como se ela estivesse olhando para alguém completamente diferente. Como se estivesse vendo Najat em vez de Maram, e isso lhe deu esperança.

* * *

A festa pareceu durar uma eternidade. Khaltou Naimah me manteve no estrado com ela, e quando se cansou de falar em vathekês, incumbiu a garotinha ao meu lado a traduzir do kushailano. Era estranho fingir que eu não compreendia o que diziam para mim. Peguei-me, pelo menos uma vez, com a boca aberta antes de ela ter terminado de falar e precisei me repreender. Quando fui liberada para voltar aos aposentos que compartilhava com Idris, senti-me espremida e retorcida como um pano molhado.

Idris estava na frente da grande janela da sala de estar, emoldurado pelo brilho do pôr do sol.

— Onde esteve? — perguntei, fechando a porta ao entrar. — Sua tia ficou de olho em mim a festa toda.

Ele riu um pouquinho.

— Desculpa — disse ele. — Não quis abandoná-la com ela.

— Você não respondeu a minha pergunta — provoquei, e repousei uma das mãos em seu braço.

— Ah — disse ele, e franziu a testa.

— Tudo bem?

— Fui ao mausoléu — confessou ele, alguns segundos depois. — Meus pais e irmãos estão enterrados lá.

Permaneci imóvel. Ele nunca falava dos irmãos. Tudo o que eu sabia sobre eles ouvi de Tala quando ela me contou sobre a noite da Expurgação.

— Idris...

Por fim, ele me olhou e me deu um sorrisinho fraco.

— Foi mais fácil esse ano — disse ele, apoiando a mão sobre a minha. — Nunca é fácil, mas... foi mais fácil esse ano. Com você aqui.

Sorri.

— Como estão seus primos?

— Tão bem quanto podem estar. — Ele soltou a minha mão. — Os mais novos continuam perguntando quando eu vou ficar por aqui de vez.

Não havia nada que eu pudesse responder. Não podia afirmar que um dia ele conseguiria fazer isso. Imaginei que, para Idris, esse futuro não existiria. Em vez disso, beijei a bochecha dele, então fui tirar minhas joias e vestir algo mais confortável. Quando voltei, Idris

havia se livrado do casaco e dos sapatos, e estava sentado em uma alcova na janela. Havia um livro fininho ao lado dele.

— Encontrei isso — disse quando me sentei próximo a ele. — Desde quando você corrigiu minha tradução horrível, estive pensando nisso. Quero que você fique com ele.

Olhei sem qualquer expressão para o livro que ele me oferecia. Pude ver que estava em kushailano pela escrita na lombada, e que era muito antigo. Quase tão antigo quanto as folhas que Husnain havia me dado meses antes.

— Era da minha mãe — complementou Idris.

Meus olhos se ergueram para encontrar os dele.

— O quê?

Eu não poderia aceitar. Ele sabia que eu não poderia ficar com algo que era da mãe dele. Independente do quanto eu quisesse, independente do quanto significasse para ele ou para nós dois. Idris não sabia sobre o livro que Husnain me deu em minha noite de maioridade; não teria como saber quanto eu apreciaria um segundo volume de poesia.

— O que é? — Peguei-me indagando.

Ele sorriu.

— Uma coleção de poesia kushailana. Ela e meu pai amavam lê-las um para o outro.

— Idris. — Respirei fundo e estiquei uma das mãos. Eu não poderia. Não deveria. Era perigoso tê-lo, uma prova tangível do que Idris e eu sentíamos um pelo outro.

— Furat disse que você deveria amar poesias antigas se você as conhecia, e... é difícil encontrá-las hoje em dia.

Tirei meus olhos da capa e olhei para ele. Ele sorria, como se me observar e ver quanto eu queria o livro o deixasse alegre. Como se minha felicidade o deixasse feliz.

— Você não pode me dar isso — tentei, outra vez.

— É um presente — respondeu ele, e envolveu minhas mãos ao redor das folhas. — Seria rude recusar.

Eu o beijei, furtiva e rapidamente, então pressionei o livro contra o peito. O sorriso dele se ampliou, e ele inclinou a cabeça para perto da minha e deu um beijo mais firme em minha boca.

— Obrigada — sussurrei.

— Que isso lhe traga muita alegria, Amani.

* * *

Na manhã seguinte, fomos aos estábulos, onde dois cavalos nos esperavam. Ignorei o olhar de surpresa dele quando me ergui para a sela, ignorando a mão estendida dele.

— Você é cheia de surpresas — ele me disse enquanto subia no próprio cavalo.

— Acho que não — respondi, sorrindo. — Como acha que eu me virava antes do Ziyaana?

Não havia nenhum guarda, apesar de eu tê-lo visto trazer uma arma. Ele nos guiou pela cidade, então, para além de seus limites, em direção ao deserto. Eu nunca tinha visto fotos de Al Hoceima antes da ocupação, então não pude comparar com a versão atual, mas pude imaginar seu esplendor. Os muros altos e os quatro portões da cidade permaneciam erguidos, embora degradados e cobertos pela fina areia do deserto. No centro da cidade, não ficava a fortaleza Salihi, mas o templo de Dihya e sua zauia. As ruas eram estreitas e apertadas, e não consegui imaginar como uma carruagem passaria por ali. Para onde quer que eu olhasse, havia evidência de que a cidade existia por, pelo menos, mil anos e pretendia existir por outros mil. Mosaicos desbotados incrustados em entradas, fontes vazias entalhadas com flores do deserto em estilos antigos, e assim por diante.

Apesar do fim do verão, o ar ainda estava quente e seco, e não havia água em lugar algum para remediar isso. O deserto parecia se estender a nossa frente por quilômetros, formando um mar uniforme de laranja e ouro.

— Tem certeza de que estamos seguros sem guardas?

— Não tem ninguém ao redor da cidade — prometeu ele. — Não por quilômetros. Racionaram a água pela metade; eles vão a outro lugar agora.

Continuamos, na maior parte, em silêncio. Não era uma caminhada longa. Antes de uma hora se passar, pude ver palmeiras contra o horizonte, e uma pequena cabana de pastor levemente inclinada. Havia um poste apodrecido, no qual amarramos nossos

cavalos, e debaixo da sombra das árvores, pude ver a piscina do oásis, metade seca.

— Meu irmão mais velho, Ishaq, costumava me trazer aqui — disse ele, pegando minha mão. — Meus pais contrataram um professor para me ensinar a nadar e a cavalgar. Ishaq recusou; nosso pai lhe ensinou, e ele me ensinaria.

— Ele era muito mais velho?

— Doze anos. Pastores passavam por aqui e viam o príncipe de Al Hoceima ensinando o irmão mais novo. — Ele sorriu. — Eles gostavam dele por isso, mas não o ajudou em nada no fim.

Apertei a mão dele e apoiei minha cabeça em seu braço.

— Ele parece ter sido muito carinhoso.

— Ele era. Eu o idolatrava, seguia-o sempre que conseguia. Ele me dava um espacinho em sua cadeira nas reuniões do conselho e dividia o prato comigo. — Ele fechou os olhos. — Eles o levaram primeiro, quando vieram.

Esse, então, era o legado dos vathekeses. Nunca pensei muito em como a makhzen sobreviveu ao regime; pensei que poucos de nós tivéssemos tempo sobrando para nos preocuparmos com nossos superiores. Mas a tristeza no rosto de Idris era tão real quanto a tristeza que eu via em meus pais quando pensavam nos irmãos deles.

— Obrigado por ter vindo comigo — disse ele, por fim. Eu não sorri, mas lhe dei um beijo no ombro.

— Imagina.

* * *

Voltamos à fortaleza logo depois. O calor fez com que todos se retirassem para descansar, então o palácio parecia velado e silencioso. Retornamos aos nossos aposentos, e Idris caminhou calmamente ao redor do quarto para fechar as cortinas, impedindo que o sol entrasse.

Espreguicei-me em um dos sofás e, segundos depois, ele se juntou a mim com um jarro de água e copos. A água foi posta na mesa, enquanto Idris descansava a cabeça em meu colo, com os olhos fechados. Eu não consegui descansar. O que ele havia dito, e como se deitava agora, deixou-me inquieta. Podia imaginá-lo jovem,

um garotinho num grande cavalo, repleto de fé de que o irmão o seguraria se ele caísse. Não queria pensar em como foi para ele, ter perdido tudo em um piscar de olhos.

Seu presente estava ao lado do jarro d'água, provocando-me. Havia algo escrito na primeira página:

*De Itimad — que isso o encha de
pensamentos incessantes sobre mim*

Franzi a testa quando comecei a folhear o livro. Itimad era a mãe dele, não o pai. Era uma coleção de poesia romântica, algumas antigas, outra mais recentes. Quase todas me fizeram corar. Eu nunca li palavras assim, nem era capaz de imaginar presentear uma coleção dessas a alguém. Mas não consegui largar o livro. A maioria das poesias era no estilo clássico e transbordava paixão.

Uma parte de mim se sentiu como uma criança, repentinamente confrontada com a realidade do que as mulheres pensavam. Quão jovem eu me senti, pensando em meu beijo com Idris. Quão juvenis eram minhas tentativas desengonçadas de articular o que eu sentia. Não conseguia me imaginar compondo essas palavras, nem enviando-as a ninguém como muitas daquelas mulheres fizeram. Mas o restante de mim, a parte ciente da cabeça de Idris descansando em meu colo, a parte que precisava ser lembrada de que não deveria tocá-lo como se fosse meu, essa parte não conseguia fechar o fino exemplar.

*Quando a noite cair, venha me ver,
Pois sei que a noite guarda segredos como ninguém.*

E outra:

Insisto que chegue mais rápido que o vento,

*Venha e se erga sobre meu peito,
finque suas raízes e me lave.*

*E não importa o que nos assole
enquanto estejamos entrelaçados,*

Não me solte até por três vezes ter me irrigado.

Chiei, surpreendida, quando Idris passou uma das mãos ao redor de minha nuca, arrancando um suspiro inesperado de mim. Deixei o livro cair e encarei-o com olhos arregalados, enquanto ele levava meu rosto para perto do dele. Passou um dedão por minha bochecha, lenta e deliberadamente, e sorriu.

— Você está corando — disse ele.

— É o calor — expliquei. Senti... Eu me senti assim antes. Corada, com a pele ardendo como se estivesse apertada, meu coração batendo acelerado, uma sensação estranha, mas animadora detrás das costelas. Pude sentir minha respiração se intensificar, como se eu tivesse corrido para chegar ali. Mas nunca encontrei as palavras certas para explicar. Eu sabia que, mesmo se Idris não soubesse o que eu li, reconheceria o que eu sentia.

— Amani — murmurou ele, sentando-se.

— Não foi... seu pai não deu isso para sua mãe — comentei, desviando o olhar. — Ela deu a ele.

Quando olhei novamente para cima, ele sorria. Com o cabelo bagunçado da soneca, parecia mais travesso que nunca, como se fosse uma criança querendo se meter em alguma confusão.

— Por isso está corada?

— Não — respondi, rápido demais. — Sim.

— Mesmo? — Ele se aproximou outra vez. — O que tem no livro?

— Nada.

— Amani — disse ele, dessa vez, num tom acusador.

— Poesia — informei, por fim.

A expressão dele foi de confusa a compreensiva em segundos.

— Ah — comentou ele, e encostou a testa na minha.

— Não deveríamos... — comecei.

— Não fizemos nada — disse ele. — Não vai ler nenhuma delas para mim? Nem mesmo em kushailano? Poesias foram feitas para serem lidas em voz alta.

— Nem mesmo se a sua vida dependesse disso — afirmei.

Pude sentir o riso pela vibração no peito dele sob minha palma, e no sopro em minha bochecha. Uma de suas mãos repousou em

minhas costelas, e o dedão se movimentava em pequenos círculos. Ele não se moveu, e quando pisquei, meus cílios roçaram em suas bochechas.

Eu não conseguia impedir que os versos ecoassem em minha mente, todos estavam na ponta da língua. Nunca estive tão cheia de um desejo tão agudo, que tentava até mesmo as palmas das minhas mãos. Eu não deveria... minhas mãos foram do peito de Idris às bochechas, e a estrutura de madeira do sofá encontrou minhas costas. Ele estava sobre mim, bloqueando o mundo exterior, com o rosto angulado de uma maneira...

— Amani.

As mãos dele pressionaram minhas costelas. O olhar em seu rosto fez os dedos dos meus pés se curvarem. Corei ainda mais, a emoção se intensificava e mal cabia dentro do meu peito. Queria que isso acabasse, queria que a poesia fosse esquecida ou que fosse consumida por alguma outra coisa.

— Conte-me — disse ele. — Conte-me o que você quer.

Balancei a cabeça, incapaz de falar. Nunca senti o poder de meus desejos tão fortemente. Eu queria... Dihya, eu queria tudo, como sempre quis. Minha pele, as palmas das minhas mãos, minha boca, tudo estremecia de desejo, com a necessidade de estar tão próxima de Idris quanto possível, de tirar o desejo dele como ele tiraria o meu de mim.

Ele se levantou e, então, deitou-se ao meu lado.

A diferença entre todos os toques anteriores e todos os toques naquele momento era a lentidão com que pareciam se desenrolar. Eu não tinha me esquecido do desejo se contorcendo em minhas veias, nem ele tinha desaparecido. Mas a sensação teve tempo de descobrir a melhor maneira de me acalantar, e onde era o melhor lugar para se entrincheirar dentro de mim. Quando Idris me puxou para o lado, senti um breve tremor e um enrubescimento profundo em toda parte. Idris continuava o mesmo, mas eu tinha mais consciência dele; consciência dos dedos preguiçosos desenhando formas em meu braço, de seus ombros largos. E pude vê-lo me observar, notando para onde meus olhos iam antes de se desviarem.

— Meu pai costumava recitar poesias sempre que minha mãe ficava chateada com ele — disse Idris. Ele se reclinou um pouco para que houvesse espaço entre nós. — Minha mãe costumava dizer a ele que, se as usasse com moderação, o resultado seria mais efetivo.

— Ela ficava chateada com ele muitas vezes?

Provavelmente não, se eu levasse o sorriso de Idris em consideração.

— Não — respondeu ele. — Ou, pelo menos, não tão frequentemente quanto ele recitava os versos de que ela mais gostava.

Eu não esperava que Idris os fosse recitar. Minha mão pressionou seu peito, logo acima do coração, enquanto as palavras saíam da boca dele, imperfeitas e lindas.

— Pensei que você não soubesse falar kushailano.

— Foi minha única língua até os dez anos, Amani — respondeu ele, olhando para mim. — Eu me esqueci de como usá-la. Na maioria dos dias, esqueço-me de como ouvi-la também. Mas lembro desses versos. Apenas não consigo lembrar o que significam.

— “Ela remexe, e pérolas dançam em sua garganta, ela passeia, e as tornozeleiras lhe cortam a pele delicada” — comecei baixinho. — “Sua beleza foi nutrida pelo sol, embora ela caminhe coberta e protegida de sua luz. E suas bochechas parecem um talismã, um espelho do paraíso, belas e brilhantes.”

— Como traduziu tão rapidamente?

Abaixei os olhos.

— É um poema romântico bastante conhecido. É apenas um pedacinho dele.

Ele se levantou o suficiente para que nossos olhos estivessem na mesma altura. Ele não sabia ler kushailano. Disso, eu tinha certeza. Pelo menos, não bem o suficiente para entender as poesias da coleção da mãe. Ele não precisava, pensei. Apenas precisava ver o que isso trouxe ao meu rosto, bastava inclinar-se para frente e deixar que as chamas em lenta combustão se espalhassem. O beijo dele foi gentil, questionador, como se eu pudesse me afastar a qualquer momento. Minhas mãos não se moveram, e quando ele se afastou, pensei que fosse parar.

E quando estou com você...

Com minhas mãos nos ombros dele, com os dedos envoltos na camiseta dele, com um suspiro, eu o puxei para mim. Não precisava de palavras. Milhares de mulheres tinham falado por mim.

Que o sol nunca nasça e que a lua nunca morra...

Um arrepio de choque me percorreu. Nunca nos entregamos, percebi, não de verdade. Cada passo, cada toque, cada respiração foi observada, medida, controlada. Não deixei minhas mãos explorarem os ombros ou braços dele nem me afastei ou exigi algo. Ali, naquele momento, eu me entreguei, de novo e de novo, e ele doou tanto quanto tomou.

Teria Iltimad seduzido o marido assim? Teria ela preenchido o sangue dele com palavras de mulheres passadas e o reivindicou quando sabia que ele seria incapaz de resistir? Teria ela esperado que o ar em seus pulmões se esvaísse, que o mundo parecesse estranho, que cada toque ateasse fogo a sua pele como Idris fazia com a minha?

Que as estrelas continuem presas ao céu...

Eu queria Idris, eu queria a sensação de toques leves como pena arrastando-se sobre minha garganta, queria as mãos deles na minha cintura. Eu queria que as estrelas guardassem esse segredo, assim como guardaram o da poetisa, queria que elas nos protegessem daqueles que tentariam nos separar. Puxei-o para baixo comigo e observei a luz do sol brincar com seu cabelo, vi o reflexo partido de uma garota enrubescida no brilho dos olhos dele.

Aquela não era uma vida desperdiçada, pensei quando ele me beijou outra vez. Eu era dele, e ele era meu; tomamos essa decisão. Nada foi tão real quanto aquilo desde que cheguei ao Ziyaana. Todas as decisões foram roubadas de nós e, ainda assim, encontramos uma maneira de abrir caminhos independente do que nossos mestres queriam.

Ele pressionou a testa contra a minha e respirou fundo. Meus olhos se fecharam, e minhas mãos envolveram o pescoço dele. Lá

fora, o mundo continuava, mas, por ora, havia apenas nós dois e o que sentíamos um pelo outro.

— Amani.

Murmurei em resposta.

— Não posso me casar com Maram — disse ele.

Meus olhos se abriram, em choque, e me desequilibrei ao sentar.

— O quê?

— Eu amo você — afirmou ele.

Uma alegria tomou conta de mim, subjugando meu choque.

— O quê? — questionei novamente.

Ele sorriu e cobriu minhas mãos com as suas.

— Eu amo você — repetiu ele. Não percebi quão enfaticamente eu sorria até ele se inclinar para me beijar mais uma vez e eu sentir a minha boca falhando em desfazer o sorriso para retribuir o beijo.

— Eu quero ser seu — disse ele, contra meus lábios. — E de mais ninguém.

Segurei o rosto dele, temerosa em acreditar.

— Mesmo?

— Sim. Mesmo. — Senti-me uma pessoa diferente quando o beijei outra vez, como se minha alegria e desejo tivessem se entrelaçado e me transformado. Eu queria, e não apenas Idris, mas tudo. Tudo o que essas palavras prometiam, tudo que ele queria me dar. Uma vida fora de onde estávamos presos. Eu não sabia como e, naquele momento, não importava. Prometemos nós mesmos um ao outro, e não havia ninguém que poderia desfazer essa promessa.

— Você me ama? — perguntou ele, pressionando-me contra as almofadas.

— Amo — murmurei, ecoando a promessa dele. — Amo.

Opalácio estava silencioso no meio da noite. Os barulhos que eu esperava, como criaturas do deserto, uma grande família se acomodando para dormir, não soaram. Havia o assobio do vento, o crepitar do fogo na sala de estar, e o murmurar suave do tecido enquanto eu me vestia. Joguei o manto cinza sobre os ombros, e o capuz sobre o cabelo. O pacote de dados estava seguro nas dobras do cafetã. Cobri o rosto e congelei quando vi meu reflexo no espelho. Mal reconheci a garota que me olhava por baixo das sombras do capuz. Uma rebelde. Uma espiã. A filha de um agricultor de uma lua esquecida e a sósia não poderiam ser ainda mais diferentes.

Parei em frente à porta de Idris. A vertigem daquela tarde ainda não havia passado. Pressionei uma mão contra as costelas quando outra onda de felicidade me atingiu. O que ele pensaria se soubesse onde eu ia aquela noite? Ele ficaria nervoso? Ele compreenderia?

Era, disse a mim mesma, um problema para outra hora.

Os corredores estavam tão quietos quanto o restante do palácio, e os candeeiros eram utilizados apenas com metade de seu poder de iluminação. Caminhei tão silenciosa e rapidamente quanto pude e mantive os olhos voltados para o chão. O agente de Arinaas não

ousou violar os muros do castelo, até mesmo porque ele acreditava que Maram se hospedava ali. Eu precisaria descer ao andar mais baixo do palácio e passar pelos túneis que levavam aos poços d'água. O agente estaria me esperando na extremidade do túnel mais a oeste.

Os túneis estavam ainda mais silenciosos do que o palácio, preenchidos apenas pelo som da água corrente e dos baldes de água que batiam um contra o outro no vento.

A lua estava cheia e o céu, limpo. Ela iluminava um caminho claro até a entrada do túnel e emoldurava o agente que me esperava. Era uma figura marcante, toda de preto, com turbante e véu cobertos por uma fina camada de areia do deserto.

— Volte, oh, enlutada — disse ele, em kushailano.

— Entre em nossa cidadela — respondi.

As linhas tensas dos ombros dele relaxaram, então tirou o véu. Dihya, como ele era jovem. Jovem demais para ter recebido uma daan, jovem demais para ter uma barba. Quatorze. Talvez, quinze anos. Mas o rosto duro e magro... ele sofreu. Sofreu o suficiente para se arriscar e se transformar num rebelde antes de alcançar a maioridade. Sofreu o suficiente para que ninguém o impedisse.

— Bem... — disse ele. — Seu rosto. Quero ver.

As palavras soaram apressadas, hostis e... regionais. Ele era da Extensão Leste.

Saí das sombras do túnel e tirei o véu. O rosto dele empalideceu, e a boca se afinou em choque.

— Pensei que ela estivesse brincando — disse ele, roucamente.

— Dihya. Vocês são idênticas.

Não sorri quando respondi:

— Essa era a intenção. — Meus dedos envolveram o pequeno pacote de dados e o tiraram de minha veste. — Foi por isso que você veio. É uma lista de todos os armazéns de munição vathekeses na Extensão Leste, assim como a localização de algumas bases e unidades de ataque.

As sobrancelhas dele se ergueram, surpresas.

— E ninguém sabe que você roubou isso?

— Sou boa em fingir ser ela — comentei. — Então, não. Ninguém sabe.

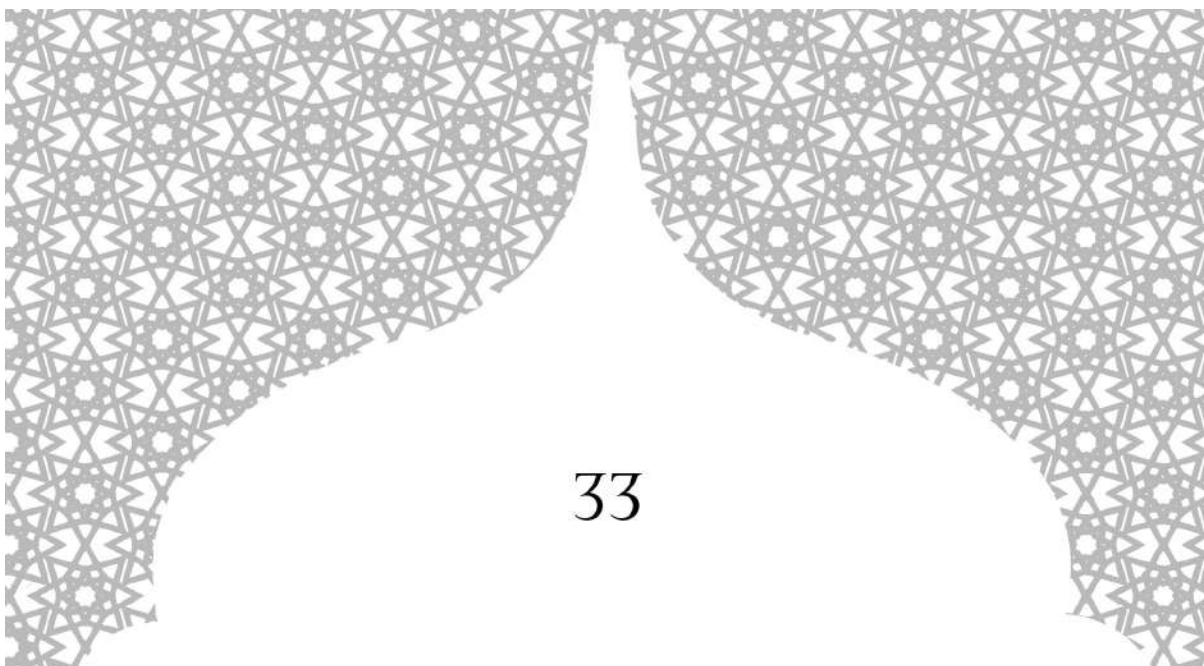
Soltei o pacote de dados na palma aberta dele. Era uma coisa tão pequena, mas com tanto significado, poderia fazer tanto, poderia defender os rebeldes e os civis dali. Mais do que a presença de Idris, mais do que qualquer coisa que qualquer um pudesse fazer no presente. A guerra não seria ganha impedindo uma única campanha de bombardeio, mas vidas seriam salvas e a esperança, assegurada. Era um passo, um que precisávamos dar desesperadamente.

— Siha, yakhoya — desejei, quando ele fechou as mãos ao redor do pacote. Saúde, irmão.

— Baraka, yakhti — respondeu ele. Bênçãos, irmã.

Ziyaana,
Andala





— Então... — disse Maram. — Eu tinha razão?

Ergui os olhos que se distraíam em minhas saias. Voltei ao Ziyaana quase uma semana atrás, e Maram me convocou aos seus aposentos, ansiosa pelas atualizações.

Em minha ausência, Mathis finalmente a nomeou como a única herdeira imperial do sistema Ouamalich e seus complementares. Ela parecia feliz, tinha conseguido o que queria. Mas havia momentos em que ela não parecia tão satisfeita, como se a responsabilidade fosse um grande fardo em sua mente. Ela estava com o olhar distante, enquanto entrelaçava os dedos na corrente do pingente da mãe. Talvez tenha acreditado demais nela, mas parte de mim se perguntava se o descaso com o qual ela recebeu a ascensão ao trono nasceu de algo mais profundo do que o que ela mostrava ao mundo. Se ela realmente era mais filha da mãe do que do pai dela, mas não poderia arcar com as consequências de demonstrar isso.

A cerimônia de confirmação ocorreu no dia anterior. Foi adiantada, eu suspeitei, porque o rei queria uma distração do progresso que os rebeldes tiveram na Extensão Leste, onde os armazéns de munição vathekeses estavam sendo invadidos e destruídos. Maram veio aos meus aposentos com três baús cheios

de vestes, com a desculpa de que eu deveria ajudá-la a escolher uma para a cerimônia.

— Razão quanto ao quê? — perguntei.

— Quanto aos Banu Salih — disse enquanto brincava com o pingente da mãe pendurado no pescoço, que era cerca do tamanho da palma de sua mão.

— Vai ficar chocada quando eu disser que não, Vossa Alteza, a senhora não tinha razão.

Ela riu.

— Conte-me mais.

— Alguns deles a temem, os que têm sua idade. Mas os mais velhos... Eles lamentam sua perda.

— Não sabia que eu estava morta — comentou ela, erguendo uma sobrancelha.

— Você... — comecei, então parei. Muitas vezes, eu me esquecia que existiam limites que eu não poderia cruzar. Muitas vezes, caía na armadilha de imaginar Maram e eu como iguais.

— Adoro quando você percebe que está prestes a ser incrivelmente presunçosa — disse ela, de forma arrastada. — Poucas pessoas têm essa habilidade. Por favor, continue.

— Você se parece com sua mãe. Acho que ficam tristes por você não os valorizar. Família é importante, especialmente para uma tribo moribunda como a deles.

Ela não me olhava.

— Poderiam ter pensado nisso antes de tentarem me usurpar quando eu era mais nova. — Apesar do tom rude, os nós dos dedos dela embranqueceram ao redor do pingente.

Queria dizer a ela que ninguém a culpava pela ocupação, pela Expurgação ou por qualquer um dos males do pai. Ninguém via Mathis quando olhava para ela; até ela agir como ele. Mas não havia como fazer isso, não havia como ter certeza. E, o principal, era provável que ela não acreditasse nas palavras de uma aldeã de uma lua isolada. Mesmo uma que era a duplicata dela.

Maram passou a me observar com interesse e certa confusão.

— Você me faz pensar que eu, talvez, tivesse gostado de ter uma irmã gêmea — disse ela, prendendo o cabelo com uma fita. — Uma irmã de verdade; uma amiga, em vez de uma concorrente.

Senti-me sorrindo um pouco ao pensar nisso.

— Você se sairia melhor com uma irmã mais velha, imagino.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Por que diz isso?

— Irmãos mais velhos protegem os mais novos. Ou os bons irmãos o fazem, pelo menos.

Esperei que Maram bufasse, mas ela apenas encarou nossos reflexos, pensativa.

— Talvez — disse ela, por fim.

O pingente se soltou, apertado contra a palma dela.

— Às vezes... às vezes penso em minha mãe. Sei o que as pessoas pensam. Bem, não sei o que pensam. Mas eu a amava, e ela ter morrido... nunca a perdoei por isso. Tem dias em que penso... — Ela fechou os olhos. — Tem dias em que penso que ela não me perdoaria pelo que eu fiz. Pelo que vi outras pessoas fazerem.

Ela abriu os olhos outra vez, e balançou a cabeça, como se acordando de um sonho.

— Não sei por que estou contando isso a você.

Dei um sorrisinho fraco a ela.

— Nem eu.

Ela me encarou, como se houvesse um segredo que pudesse descobrir apenas me observando.

— Diga-me o que fazer — sussurrou ela.

Minha mandíbula cerrou.

— O quê?

— Diga-me... — disse ela, seus olhos arregalados. — Como eu devo... como eu posso...? Como governo pessoas que me odeiam? Como... como posso ser a rainha que meu pai quer, sabendo que só de considerar isso, eu faço minha mãe se revirar no túmulo?

— Não somos responsáveis pelo que mestres cruéis fazem em nosso nome.

— Sou um pouco responsável.

— Mas o que você pode fazer a respeito disso agora? — Ela desviou o olhar. O maxilar estava tenso, acumulando tristeza e ira. Hesitei antes de segurar a mão dela. — Você deve pensar nos dias

e anos que virão como um tabuleiro de shatranj. Se você deseja ajudar, é isso que deve fazer.

Ela assentiu.

— Sinto muito — disse ela.

— Sente muito?

— Por... pelo começo. Nada que eu fizer vai mudar o que eu fiz, mas...

— Irmãs brigam, às vezes.

Ela tossiu uma risada.

— Irmãs não colocam aves de rapina para atacar a outra quase até a morte.

— Você não leu lendas kushailanas o suficiente se acredita nisso.

Um sorriso fraco, mas verdadeiro, apareceu em seu rosto.

— Você... você realmente me vê assim? Como irmã?

Ela não olhava para mim. Em vez disso, focava nas próprias mãos abrindo e fechando ao redor do pingente da mãe.

— Eu sou a mais nova dentre meus irmãos — confessei, por fim. — Meus irmãos mais velhos sempre cuidaram de mim. E agora... agora vou tentar cuidar de você.

Seus olhos se arregalaram um tanto. Ela se inclinou para frente e pressionou os lábios contra minha bochecha, furtiva e rapidamente, antes de vestir o capuz sobre o cabelo e firmar o véu sobre o rosto.

Observei-a partir, cheia de perguntas, sabendo muito bem que, na próxima vez que a visse, ela estaria muito mais perto de ser rainha.

* * *

Passei o restante da noite pensando, encolhida contra a janela. Eu tinha razão sobre Maram, sobre o que ela queria e do que sentia medo. Ela queria ser uma boa rainha, mas os vathekeses fizeram o trabalho bem feito, e ela temia dar os passos certos. Ela apenas precisava de ajuda.

O comunicador preso em meu pingente emitiu um bipe agudo, extremamente alto para o quarto silencioso. Eu me assustei, confusa por um momento antes de perceber que o barulho vinha do

pingente. Meus dedos tremiam enquanto desgrudavam o objeto e o prendiam na parte de trás da orelha. Tínhamos uma regra: apenas eu entrava em contato, nunca o contrário. Se eu apitasse inesperadamente, seria descoberta com facilidade.

— Sim? — questionei, roucamente.

Uma respiração acelerada, quase aliviada, soou pelo comunicador.

— Graças a Dihya — disse Arinaas. — Fiquei preocupada de não conseguirmos contatá-la a tempo.

Um mal-estar tomou conta de mim.

— A tempo de quê?

— Mandamos um agente para Walili, para comparecer à cerimônia da herança — disse ela. — Ele é nosso melhor atirador e a missão dele é matar Maram. Mathis provavelmente vai estar presente, e ele foi instruído a matá-lo primeiro, claro, se ele tiver a chance.

O mal-estar se transformou em pânico. Meus dedos congelaram, e minha respiração acelerou. Assassinar Maram? Não... não quando parecia, finalmente, que ela poderia ser persuadida a ser uma verdadeira rainha andalã. Não quando poderíamos salvar vidas e evitar o derramamento de sangue.

— Você não pode!

— Isso é guerra, Amani — disse ela, com a voz dura. — Podemos e iremos.

— Não — insisti, pensando rapidamente. — Não será Maram na cerimônia amanhã. Será eu.

Arinaas respirou fundo.

— Dê o fora disso, Amani. Você entendeu?

— Impeça o assassino!

— Você não é uma princesa para me dar ordens — explodiu ela.

— E talvez eu não consiga. Ele está seguindo para a Extensão Leste. A mensagem pode não o alcançar a tempo.

— Por favor, Arinaas — disse, baixinho.

Ouvi-a respirar outra vez.

— Que Dihya nos ajude.

Cheguei à manhã seguinte com um único pensamento: não conseguiria viver comigo mesma se o sangue de Maram estivesse em minhas mãos. Ela era uma garota cruel que foi criada entre parentes ainda mais cruéis, mas que queria fazer a coisa certa. Ela era capaz disso, mais do que qualquer um dos vathekeses. E se os rebeldes a matassem, ainda que também matassem Mathis, teriam que se contentar com Galene, uma garota que realmente odiava os andalões sem qualquer bom motivo, assim como o pai.

Eu me vesti rapidamente, com a mente acelerada, desesperada para encontrar uma maneira de acabar com isso. O único jeito, eu sabia, era fazer o que falei a Arinaas que faria. Eu mentiria, mas a possibilidade de Arinaas não conseguir avisar o assassino me consumia. Teria que assumir o papel de Maram e esperar que um aviso chegasse ao assassino a tempo. E apenas conseguiria fazer isso se convencesse Maram a me deixar ir no lugar dela. Convoquei um droide para me levar a ela.

Maram estava sozinha no quarto, parada na frente do guarda-roupas, analisando-se. As mãos tremiam nervosas sobre as dobras da saia, então se espalmaram como se ela as ordenasse a ficarem

paradas. Ao verem meu reflexo no espelho, os olhos dela se arregalaram em surpresa.

— O que está fazendo aqui?

Obriguei-me a sorrir.

— Você não é a única pessoa que fica entediada — expliquei. — E pensei que pudesse querer ajuda para se vestir.

Ela pareceu aliviada com a ideia.

— Sim, por favor — disse ela. — Estou indecisa entre três roupas.

Entramos em nosso ritual rapidamente. Ela, esticada no divã, e eu pegando uma veste depois da outra no guarda-roupa e a colocando em minha frente. Ela se acalmou, mas apenas um pouco. Apesar da quietude no sofá, a energia dela em frenesi e o nervosismo transpareciam.

— Vossa Alteza?

— O quê?

— Gostaria que eu fosse em seu lugar?

Os olhos dela ergueram-se da caixinha de joias que ela estudava.

— O quê?

— Eu poderia ir em seu lugar — repeti.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Precisa ser eu dessa vez. É minha cerimônia de herança.

Não me sentei ao lado dela como eu queria. Em vez disso, inclinei minha cabeça.

— Você parece nervosa. E estou aqui por uma razão.

Ela soltou uma risada desacreditada.

— Está se oferecendo para se colocar no fogo cruzado por mim outra vez?

Eu estava, impressionando a mim mesma. Quão rapidamente nosso relacionamento mudou no decorrer de alguns meses. Dessa vez, eu me sentei ao seu lado.

— Irmãs mais velhas protegem as mais novas — comentei. — Lembra?

Ela mordeu o cantinho do dedão, enquanto considerava a oferta, preocupada.

— Tudo bem — disse ela, suavemente. Então repousou uma mão sobre a minha. — Obrigada, Amani. Eu... obrigada.

Inclinei a cabeça novamente e respirei aliviada. Um problema resolvido. Agora, eu precisava descobrir como comunicar ao assassino que ele não deveria me matar.

* * *

Estava acostumada com o peso das vestes e das joias de Maram, mas essa foi a primeira vez que usei a coroa dela. Eu a observei fixamente na almofada de veludo. O que esperavam que eu usasse hoje, em frente de centenas, senão milhares de andalões à beira de uma rebelião, era a velha coroa andalã, usada pela última vez pela mãe de Maram, Najat.

Era linda: havia um teslita dourado de asas abertas envolvendo um grande círculo. No peito, uma enorme joia verde. Parecia impossivelmente pesada. A maioria das pessoas agora assumiam que o pássaro na coroa real era a ave de rapina vathekesa, o roca. Mas o teslita esteve no selo real dos Ziyadi séculos antes dos vathekeses chegarem ao nosso mundo.

Maram não disse nada a mim. Nós duas ficamos paradas ali, em silêncio, com a coroa entre nós. Continuei quieta quando me ajoelhei e esperei que ela colocasse a coroa em minha cabeça.

Que Dihya me proteja, pensei.

* * *

Nadine me levou para a extremidade norte do palácio. O ar parecia pesado, como se alguém tivesse queimado incensos demais para mascarar algo muito pior. Havia um murmurinho crescente quanto mais ao norte íamos, e me lembrei das histórias que minha mãe havia me contado sobre Ziyaana. Todos o retratavam como se fosse algo vivo, faminto, esperando devorar os que passassem debaixo da sombra dele. Nos velhos tempos, não deveria sentir tanta fome por sangue. Mas, agora, consumia até a última gota, triturava até o último osso. Quando as grandes portas duplas da ala se abriram, o murmúrio do Ziyaana se transformou num rugido.

Eu não sabia se essa parte do Ziyaana precedia a nossos governadores vathekeses. Era uma parede de varandas construídas para que pudéssemos observar Walili, e para que eles pudessem nos ver acima. Estava completamente lotada, todo cortesão e criado perambulando pelo lugar estava pressionado contra os parapeitos. Um vento quente e sufocante passou por ali.

Milhares se reuniram fora do Ziyaana. Estavam espremidos contra as paredes, encaixados em corredores, pendurados nos telhados. Trazidos pelo decreto real, pareciam ansiosos, esperando que a cerimônia começasse, aguardando serem liberados para voltarem para casa. Um par de tronos elaborados, feitos de madeira escura e rajado com metal preto, esperava Mathis e Maram. O encosto de cada um estava entalhado no estilo de ornamento vathekês, barroco e floral, dourado e brilhante sob a luz do sol. O toque de uma trombeta soou, como se estivessem nos esperando, e tirei os olhos do trono. O rei já estava sentado, flanqueado por um par de droides suspensos no ar. Na luz do sol, pude ver o cintilar do escudo que ergueram ao redor dele. Ele sobreviveu à corte de víboras vathekesas por estar sempre preparado, supus. Imaginei que isso seria bom para ele naquele momento.

O rei encontrou os meus olhos e não sorriu. Eu não tinha certeza se queria que ele sorrisse para mim; lembrei-me de quando recebi sua aprovação na reunião do conselho e reprimi um tremor. Não parecia haver nenhum orgulho no sucesso da filha ou na ascendência dela ao trono. Mathis não amava Maram? Mathis amava algum de seus filhos, eu me perguntei.

Flutuando no ar, havia diversas telas, pois todos os presentes, com certeza, deveriam ver o que acontecia. Um droide me entregou uma espada grande e embainhada. Ela pertenceu ao pai de Mathis antes de ele o matar, e havia se tornado o símbolo de seu império. Eu a ergui, empunhando-a em uma das mãos, e apoiando o lado plano da lâmina embainhada na outra.

— Pela Vontade da Casa dos Lordes Vathekeses — recitou um ministro, em vathekês, a voz dele crescendo. Comecei a andar. — E pelo direito legítimo do rei, Lorde Mathis, Conquistador das Estrelas...

Um arrepio percorreu minha espinha. A cerimônia seria transmitida não apenas em Andala, mas em todas as partes do império vathekês. Os olhos do mundo todo estariam em mim, andalões e vathekeses. E se Arinaas não tivesse conseguido entrar em contato com seu agente, um par desses olhos seria os de um assassino.

— De acordo com nossas Altas Leis, aqui declaramos Maram vak Mathis herdeira do reino, única herdeira do Sistema Ouamalich e complementares, futura rainha de Andala, Gibra e Cadiz. Protetora de Qilbir, Verdan e Shelifa.

Ajoelhei-me aos pés de Mathis, com a espada vathekesa ainda erguida, e abaixei os olhos. O ministro retirou a coroa andalã de minha cabeça. Um momento depois, outra coroa, vathekesa e feita de excelsior, pontuada com centenas de joias das minas de Shelifa, foi colocada sobre o meu cabelo.

— Ajoelhem-se — ordenou o ministro. — Pela rainha.

O som de centenas de milhares de pessoas se ajoelhando juntas ecoou pelo ar.

— Pela rainha!

A cerimônia chegou ao fim. Tudo o que me restava era levantar e sentar no trono ao lado de Mathis. Se o assassino fosse atacar, seria agora, enquanto eu estava em plena visão do povo andalão. Minhas mãos continuavam surpreendentemente controladas, apesar do medo que me tomou ao me levantar e me virar para encarar a multidão.

Então, um grito soou.

Encolhi-me com o barulho, apesar de não conseguir dizer de onde veio, e observei a multidão se movimentar como um mar agitado. Houve outro grito, e a multidão veio para frente, em direção à varanda; em direção a mim.

Apesar de eu saber que esse momento chegaria, congelei de medo enquanto a multidão corria para todas as direções, derrubando as barricadas que os separavam dos espectadores vathekeses, e as cordas que os mantinham organizados.

Um dos membros da Guarda avançou e desceu o bastão no rosto de um andalão aterrorizado. Então, em outro e em outro — o

caos irrompeu, e os gritos se tornaram mais altos que o som dos milhares de passos desesperados.

Um membro da Guarda caiu na minha frente. Eu o encarei por um momento, não compreendendo o que aconteceu, e vi uma mancha vermelha se espalhar pelo seu peito. Quando olhei para cima, vi um garoto, alguns metros a minha frente, apontando uma arma trêmula contra mim. O rosto dele não tinha nenhuma daan. Ele me lançava um olhar brilhante e feroz.

Dihya, pensei. Era o garoto da Extensão.

Joguei-me no chão quando ele disparou duas vezes, e algo explodiu atrás de mim. Ele acertou o trono onde eu deveria ter me sentado. O que era um redemoinho de ouro decorado no trono, tornou-se uma cratera. O rei foi levado para longe pela Guarda e pelos droides.

Olhei para o garoto que avançava em minha direção. Eu não sabia o nome dele. Nossa conversa foi apenas profissional. Ele era um rebelde forjado em chamas. O quê, por tudo o que é mais sagrado, faria o garoto parar?

— Siha, yakhoya — sussurrei, apenas alto o suficiente para que ele me ouvisse. Saúde, irmão.

Ele congelou, os olhos dele se arregalaram em surpresa, com a arma ainda apontada para o meu peito. Ele estava perto o suficiente para me tocar. Foi todo o tempo de que a Guarda precisou. Um esquadrão chegou e o jogou no chão.

Não, pensei, mas era tarde demais. Eu o impedi, mas agora...

— Precisamos ir — disse Nadine, aparecendo atrás de mim, e me virei para vê-la correr escada acima. — Agora. — Ela me puxou para longe do atirador, e tentei me lembrar por que eu estava fazendo isso: por Maram. Para salvar a vida dela e a minha. Eu não poderia jogar tudo fora, mas eu não era apenas sócia dela; e não era com isso que eu mais me preocupava. Eu era uma rebelde e condenei um dos meus à prisão ou pior. Um terceiro tiro soou, e pedregulhos e poeira choveram ao nosso redor quando um canto do trono de Maram explodiu. Encolhi-me e me desequilibrei, caindo em Nadine e, por fim, permiti que ela me levasse para longe.

Virei quando ouvi o som de um grito animalesco e sofrido logo atrás de mim. A Guarda arrastava o atirador para o estrado, contra

sua vontade. Ele lutava, chutava e girava o corpo em todas as direções.

Ele não deveria ter mais do que catorze anos. Ele me lembrava demais os garotos de minha aldeia, dos meus irmãos quando eram mais novos, com os rostos cobertos de sujeira e as bochechas ocas de fome. Ele nem mesmo tinha sua daan, pensei outra vez. Se tivesse sido Maram, ele teria se safado e voltado para sua família? Isso importava? Eu precisava tomar uma decisão entre ele e Maram. A vida dele ou a dela, e eu escolhi a dela.

Eu a escolhi.

— Maram — disse Nadine, insistindo para que eu subisse os degraus, mas resisti.

A Guarda forçava o garoto a se ajoelhar, e percebi o que pretendiam fazer. Com as mãos nas costas, e o rosto sem qualquer expressão, ele encarava o chão. A Guarda pegou uma pistola e apontou para a parte de trás da cabeça dele. Eu sabia que eu tinha causado isso. Ainda assim, um alarme me percorreu, tão alto quanto o tiro reverberando em meus ouvidos. Livrei-me dos braços de Nadine antes que eu pudesse pensar duas vezes, meu coração estava tão acelerado que pude sentir o sangue latejando em minhas veias, e me coloquei entre o garoto e a Guarda.

Sei que ninguém me viu, quem quer que eu fosse naquele momento, viram Maram. E não poderiam machucá-la. Ela foi nomeada herdeira do reino, futura rainha. Todos se ajoelharam e a observaram.

— Vossa... Vossa Alteza — gaguejou um dos membros da Guarda. — O que a senhora está fazendo?

— Não podem matá-lo — expliquei.

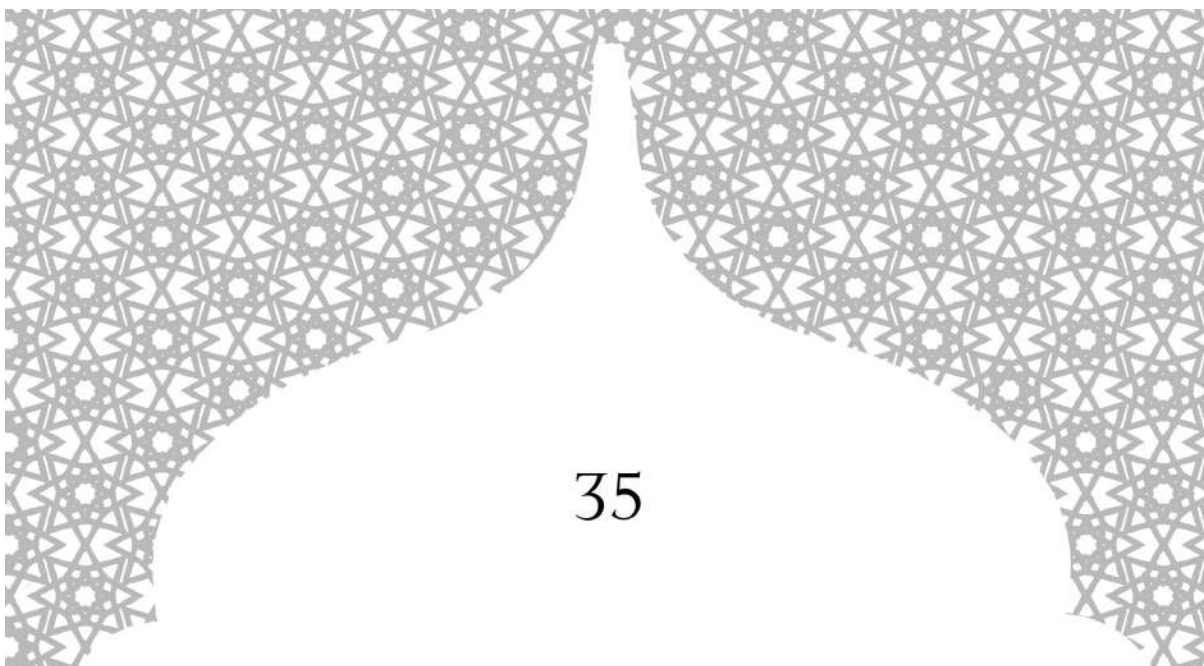
— Mas, Vossa Alteza...

— Estão tentando incitar uma rebelião? — perguntei. Minha voz não estremeceu e consegui, de alguma maneira, canalizar a parte mais forte de Maram dentro de mim. Arredia e arrogante, com o queixo erguido e um comportamento equilibrado. Eu me lembrava muito bem do preço de interferir nos assuntos vathekeses. Mas, naquele momento, eu era um deles. Eu os governava.

— É apenas um garoto. Pense no que vai acontecer se o matarem aqui.

Ele hesitou, mas então, para meu alívio, guardou a pistola e gesticulou para dois outros membros da Guarda.

— Levem-no — disse ele, assim que Nadine me segurou pelo braço e me tirou do palco. A última coisa que vi foi o futuro trono de Maram, despedaçado. A beleza que tinha, adulterada por buracos como uma estranha testemunha da Guarda empurrando o garoto em direção a um transporte carcerário.



Um droide me trouxe ao aviário com domo de vidro onde eu recebi minhas primeiras lições no Ziyaana. Empoleirado nas árvores acima, estava o roca, com as penas afofadas, gorjeando suavemente para si mesmo. Fui levada para além dos lugares que conhecia, a uma alcova cheia de vegetação. Ali, sozinha, estava Maram, coberta por um cafetã profundamente preto, sem nenhum ornamento, exceto o selo real, que ela me pediu pra decifrar, pendurado no pescoço.

Ela não olhou para cima quando cheguei nem quando me ajoelhei. Por longos minutos, permanecemos em silêncio, mestre e criada, futura rainha e atual súdita.

— Diga-me... — disse ela, por fim, com a voz equilibrada — que foi apenas má sorte de sua parte você ter se colocado em meu lugar hoje. Diga-me que não sabia sobre o atentado contra minha vida.

Ergui os olhos do chão assim que ela desviou os dela para a fonte. Eu sabia o que ela veria em meu rosto — lamento, perda, mas mais importante de tudo, verdade. Eu poderia negar o quanto quisesse, mas Maram não acreditaria em mim. Ela viveu a vida inteira com medo da irmã a usurpar e agora eu fiz, ou parecia ter feito, exatamente o mesmo.

Ergui-me lentamente.

— Eu nunca quis... — comecei.

— Me machucar? — Ela bufou. — Não minta. Não combina com você. É tudo o que todos sempre fizeram, minha vida toda. Mentiram para mim, usaram-me para seus interesses. Até... — Ela parou e me olhou, furiosa consigo mesma por ter deixado a palavra escorregar. As mãos dela tremiam, amontoadas nas dobras de sua veste, com os nós dos dedos brancos de raiva.

Ela não estava furiosa porque alguém tentou matá-la, percebi com um sobressalto. Estava furiosa porque eu sabia, porque não confiei nela, porque a manipulei. Estava furiosa com tudo o que isso significava. Eu conquistei a confiança dela, a amizade, fiz piadas e cozinhei para ela. Eu me ofereci para tomar o lugar dela em eventos e a aconselhei quando estava triste e confusa.

Mas foi tudo uma mentira. Aos olhos dela, eu era uma serpente que havia invadido o seu coração e a atacado quando estava de guarda baixa.

— Eu... — começou ela, com a voz falha. Ela balançou a cabeça e enrijeceu o maxilar, como se isso a libertasse da hesitação.

— Por favor, deixe-me explicar — tentei outra vez.

— Nada do que você disser vai consertar isso — disse ela. — Nada. Você se mostrou ser exatamente como todos os outros ao meu redor.

Estremeci enquanto ela falava. Eu havia conspirado contra ela no início, sabendo que qualquer sucesso que eu obtivesse, que os rebeldes obtivessem, acabaria no fracasso dela. Nosso objetivo, desde o começo, fora deserdá-la, dismantelar os vathekeses, expulsá-los de nosso sistema. Importava se eu tivesse mudado de opinião, mesmo que apenas sobre Maram? Que eu realmente me importava com ela, que eu a via como uma irmã? Que eu arriscara minha vida pela dela? Qualquer uma dessas coisas importava para ela?

Deveriam importam. Não deveriam?

Aproximei-me dela, e a observei se afastar de mim como antes eu me afastava dela.

— Independentemente do que esteja pensando — implorei, por fim — eu fui sincera.

— Uma víbora nunca é sincera — cuspiu ela.

Uma angústia se alastrou em mim, e eu me afastei, como um reflexo quase perfeito dela, com minhas mãos em punhos ao lado da saia.

— Por favor, Maram. — Tentei outra vez. — Eu tomei o seu lugar e arrisquei a minha vida por você. Você sabe disso.

Vi que ela refletia sobre isso. Ela sabia que eu estava certa — que, seja lá o que ela pensasse de mim, seja lá o que tenha acontecido antes, naquela dia eu a protegi como irmãs faziam. Eu era amiga dela e sabia que ela queria que isso fosse verdade. Ela não queria que as coisas voltassem a ser como eram antes, assim como eu, e se eu pudesse apenas fazê-la compreender...

— Eu disse para você não conversar com ela sem um guarda presente, Vossa Alteza — disse Nadine, chegando ao jardim. Ela repousou uma mão pálida cheia de anéis no ombro de Maram. — Ela salvou um rebelde, uma pessoa contratada para matá-la. Andalões, essa, em particular, são indignos de confiança até o último fio de cabelo. O que aconteceria se ela a tivesse atacado?

Eu sabia que era o meu cansaço e horror persistentes, mas a mão de Nadine no ombro de Maram parecia ameaçadora. Como se, a qualquer momento, ela pudesse enrolar os dedos ao redor da garganta da menina. Maram olhou para a tutora, com os olhos arregalados, quase suplicantes.

Por favor, pensei, compreenda quem é a víbora.

A hesitação desapareceu pouco a pouco de seu rosto, os olhos arregalados e o horror desapareceram. O sorriso de Nadine se alargou um pouco, ficando um tanto mais claro. Observei Maram metodicamente fechar o coração, enquanto o rosto se acalmava e voltava a parecer uma pedra. Quando olhou para mim, a garota que eu conheci e com quem passei a me importar, não estava mais lá. No lugar dela, estava a herdeira imperial que eu havia conhecido meses antes. Inflexível, raivosa e solitária.

— Ela se comportou de uma maneira que eu nunca teria me comportado — disse Maram, não olhando para mim enquanto falava.

Prendi minha respiração, aterrorizada com o que ela poderia dizer a seguir. Por ora, Nadine sabia apenas o que viu na coroação. Maram revelaria o que sabia além disso a Nadine? Contaria que eu era uma rebelde?

— Confine-a em seus aposentos. Ela não deve deixar a ala. Nunca mais — disse ela, dando-me as costas. — E a puna como achar melhor.

Nadine inclinou a cabeça.

— Eu sirvo à vontade e ao prazer de Vossa Alteza.

— Maram! — gritei, mas ela já se afastava.

O sorriso de Nadine floresceu e se transformou em algo abominável quando sinalizou aos droides. Fui forçada a me ajoelhar com as mãos nas costas. Maram desaparecera na vegetação do aviário. Eu negligenciei meu compromisso com os rebeldes para *salvá-la* — como ela não conseguia enxergar isso? Independentemente das outras lealdades que eu tinha, eu a protegi.

— Por favor — tentei, uma segunda vez. — Maram!

Mas meus gritos foram engolidos pela folhagem e interrompidos pelo guincho raivoso do roca quando alçou voo.

* * *

De volta ao meus aposentos, gastei minhas energias andando de um lado para o outro, esperando Nadine voltar e ordenar a punição que *achasse* melhor. O medo pela causa de seu atraso atormentava minha mente. Ela traria o roca ao pátio outra vez? Ou eu sofreria alguma nova forma de punição vathekesa que eu nem sequer imaginava? Eu sobrevivi aos ataques de minha primeira semana no Ziyaana. Sabia que eu tinha a força para sobreviver a quase tudo. Ainda assim, tinha medo e não tinha nada que eu pudesse fazer para acabar com esse medo. Encontrei a poesia com que Husnain me presenteou em minha noite de maioridade, mas mesmo suas evocações de paz e de resiliência não conseguiram acalmar o meu coração. Todas as banalidades pareciam vazias.

Como eu tinha cometido tantos erros? Condenei um rebelde à morte. Perdi a confiança de Maram. Provavelmente, arruinei a rebelião.

Por fim, sentei-me e dormi. A sala de estar estava escura quando acordei assustada, e encontrei-a pairando acima de mim. Parecia um fantasma, com o cabelo prateado reluzindo no escuro, e com um vestido preto que a fundia com as sombras. Estava tão impassível quanto eu nunca a vi antes, e não pude impedir a onda de medo que me atingiu, quente e nauseante.

— Levante-se, garota — disse ela. Com a voz estalando no ar como um chicote. — Qual foi a única ordem que lhe dei quando chegou?

— Para ser Maram — respondi, minha garganta fechada.

— Tem algo no sangue de vocês, andalões, que os fazem ser tão imbecis? — ela sibiliou para mim.

Não consegui evitar e me encolhi para longe dela.

— Deve olhar para mim quando falo com você — disse ela.

Quando olhei para ela, o rosto estava contorcido em uma expressão de escárnio. Mas eram os seus olhos frios e calculistas que me aterrorizavam, tão impassíveis como na noite em que nos conhecemos. Eu me acostumei a ver a aprovação dela, não o ódio indiscriminado praticado pelos vathekeses. Ela emitiu um som na garganta, como se enojada, e me jogou um manto.

Eu experienciei o ódio de Nadine que, para mim, parecia ser algo muito pior. Meu sequestro foi culpa dela. As ações dela não eram consequências das circunstâncias do nascimento e de como foi criada, como Maram, mas simplesmente porque acreditava ser melhor do que eu. Ela não tinha razões para me odiar; eu não fiz nada contra ela. Ainda assim, enquanto vestia o manto com as mãos trêmulas, pude sentir a repulsão irradiando dela em ondas.

— Vista isso e me siga.

Tão tarde da noite, os corredores estavam vazios e iluminados por candeeiros tremulantes. Todas as sombras pareciam esconder um fantasma e, mais de uma vez, imaginei um rosto assustador e pálido desaparecendo numa curva logo a nossa frente. Nadine nunca reagia, mas preendi meu manto com mais força ao meu redor, e minha respiração se acelerou atrás do véu. Os droides alinhados pelos corredores, como cadáveres, acordaram com nossos passos. Os olhos deles giraram, crescendo para absorver o pouco de luz

que províamos, e as cabeças se moveram, acompanhando-nos enquanto passávamos por eles.

Descemos para a rotunda subterrânea e, então, emergimos em um quarto vazio e escuro, com uma tela enorme na extremidade mais distante. Por um momento, não pude acreditar no que vi. Minha mãe me observava. O rosto dela estava projetado sobre uma tela de holograma, maior do que nunca — mas eram os mesmos olhos, as mesmas rugas, a boca marcante. Eu não via o rosto dela há meses, e essa visão quase me fez irromper em lágrimas.

Meu coração acelerou, e caminhei para frente, com uma das mãos estendidas.

— Isso — disse Nadine — é uma transmissão ao vivo.

Então, a imagem se distanciou.

Minha mãe, meu pai e meus dois irmãos.

Husnain, pensei. Vivo e ileso da noite na casbá. Minha felicidade morreu tão rapidamente quanto nasceu.

Todos os quatro estavam ajoelhados, com a Guarda Imperial atrás deles. Meus dois irmãos tinham levado socos nos rostos: Aziz estava com o lábio rasgado, e Husnain com um corte logo acima da sobrancelha e um dos olhos estava fechado de tão inchado.

Meu peito doeu. Estava me perguntando que nova forma de punição Nadine prepararia para mim, mas não havia motivo para criar outro método quando um já muito conhecido seria mais do que suficiente: pegue a família de um dissidente, e os machuque até o dissidente ceder ou a família morrer. O que acontecesse primeiro. Não consegui sair de onde eu estava.

— Acho melhor eu não bater em você. Eu não pararia, e seus machucados seriam irreparáveis — disse Nadine, atrás de mim. — Mas não preciso de uma família de uma lua esquecida que mal consegue sobreviver de suas plantações. Uma família que você, no entanto, ama e estima.

Não consegui tirar os olhos da imagem na tela. Eu tinha sonhado com eles, tinha rezado por eles, mas nunca imaginei que seria assim que os veria outra vez.

Houve um momento de silêncio, então Nadine disse:

— A mulher.

Um dos membros da Guarda se moveu na tela e desceu uma coronhada contra a parte de trás da cabeça da minha mãe, que ficou em silêncio, apesar do rosto se contorcer. Gritei, e corri para frente, com uma das mãos estendidas, como se eu pudesse tocá-la.

— O garoto mais novo — disse Nadine.

Eu me esqueci da lição mais importante que aprendi no Ziyaana: o medo nunca tinha fim. Você nunca seria forte o suficiente para escapar disso. O terror tomou conta de mim quando um dos homens da Guarda desembainhou uma faca. O chão pareceu entortar sob meus pés. Era uma imagem vinda direto dos meus pesadelos, muito pior do que qualquer coisa que já aconteceu. Husnain.

— Por favor! — implorei.

Odiei-me naquele momento. Odiei minha voz, odiei minha tremedeira, odiei que ainda podia ser vítima da crueldade de Nadine, mesmo depois de tudo o que eu passei e sobrevivi.

— Qualquer coisa que você quiser...

A faca foi pressionada contra a garganta do meu irmão.

— Nunca farei nada como aquilo outra vez — prometi, desesperada, enquanto a faca se aprofundava e uma gota de sangue emergia. — Eu sei... eu sei o custo. Nunca mais. Eu prometo.

A faca continuou a descer, e o meu coração acelerou, desesperado, sufocando os meus pulmões.

— Por favor! Juro pela vida de meu irmão.

— Solte-o — disse ela, desdenhosamente, e a faca deixou a garganta dele.

Caí de joelhos, respirando com dificuldade. Meu irmão não podia me ver. Ninguém da minha família podia. Mas minha mãe soltou um som engasgado quando a Guarda se afastou, um som que eu ecoei. Eu me aproximei da projeção com as mãos tremendo.

Nadine me circulou e me segurou pelo queixo.

— Lembre-se — disse ela, ríspida — do poder que tenho sobre você. Você tem muitos parentes, e existem muitas, muitas maneiras de machucar você. Entendido?

— Sim — engasguei. — Sim, Vossa Senhoria.

Ela me soltou com um rosnado de repulsa.

— Pode ficar aqui até eu precisar de você outra vez — disse ela.

Depois de alguns segundos, ouvi a porta ranger e ser fechada.

Não havia nenhuma janela no cômodo, nenhum lugar para olhar senão para a tela em frente. Quando me acostumei com o horror da última imagem congelada da minha família, começou tudo de novo; foi tudo gravado, percebi. Estavam passando tudo novamente para que eu assistisse, de novo e de novo. contei o tempo de acordo com o início da gravação: minha família sentando-se para jantar; a porta sendo derrubada; Aziz, então minha mãe sendo atingida. Não me esqueceria dos sons. Não conseguia respirar junto ao barulho. De novo e de novo, o som da carne sendo atingida e, então, uma voz gritando. Meus olhos perderam o foco.

No fim, estavam vivos. No fim, a Guarda ia embora, e minha mãe se levantava, tonta, e gritava:

— *Cadê ela?* — perguntava ela, segurando o braço de um dos membros da Guarda. — Cadê a minha filha?

Ela foi atingida uma última vez, tão forte que caiu de lado e o ombro acertou o chão num baque estrondoso. Minha família foi deixada para cuidar dos ferimentos com mais perguntas sem respostas e novos medos que os acolhiam na escuridão.

Toda família vivia sob a ameaça constante dos vathekeses. Mas meus pais e irmãos temiam o que os vathekeses estavam fazendo comigo e o que podiam fazer com eles. O que mais eu teria feito para incorrer a ira deles? Que coisas horríveis sofri, ou quanto eu os tinha irritado, para que agora minha família sofresse junto a mim? Minha mãe procurou os próprios irmãos por anos antes de descobrir que estavam mortos, e agora se perguntaria todas as noites se eu estava viva ou morta. Ou se eu estaria sofrendo algo muito pior.

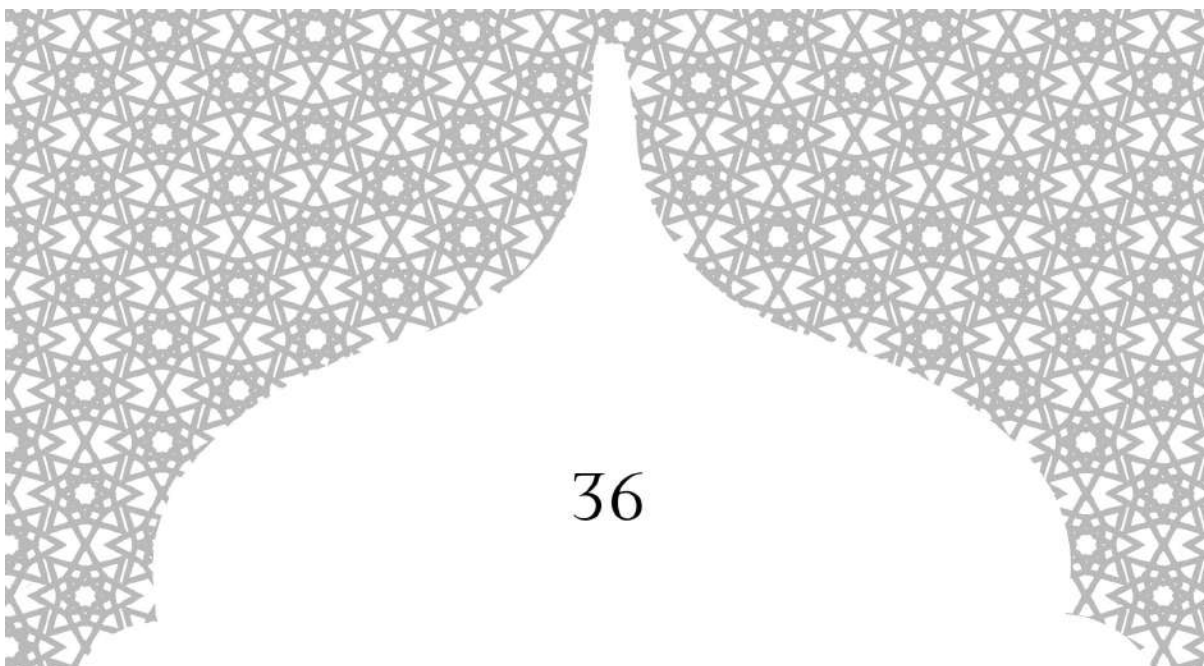
Tremi até ficar exausta, pensando em minha família vivendo com tamanho terror.

Poderia ter sido pior, disse a mim mesma.

Por alguma razão, Maram guardou meu segredo. Nadine ainda acreditava que eu era útil, que eu era necessária para garantir a segurança da princesa. Mas não havia nada impedindo Maram de revelar o meu segredo, de sentenciar a mim e a minha família à morte ou coisa pior. E os vathekeses sempre poderiam ser ainda piores.

Minha família estaria em perigo para sempre a partir daquele momento. Porque eu ousei sonhar com um mundo sem os vathekeses. Ousei colocar esse sonho em prática.

E esse perigo nunca desapareceria.



Sentei-me no meio da cama, com os joelhos contra o peito, enquanto os orbes de luz murmuravam. Eu falava tão pouco ali que me esqueci de que gravavam os sons e os repetiam aos ouvintes. Mas eles sussurravam para mim, abafado, uma respiração apressada e um choro cheio de soluços.

Tentei, também, não pensar no que aconteceria com Maram agora que Nadine a tinha em mãos. Ela confiava em tão poucas pessoas, e a frágil conexão que eu havia formado com ela foi quebrada sem a possibilidade de ser reparada, e tudo pelo que eu esperava desapareceu. O amolecimento do coração dela com relação aos andalões seria revertido. Ela se afastaria disso, convencida de que fui prova da natureza traidora de nossa raça.

As tragédias grandes e pequenas tinham o mesmo peso em meu coração e, por fim, entreguei-me a um sono inquieto, puxada para dentro de sonhos irreais pelo peso do que eu fiz.

* * *

Não sei por quanto tempo dormi, mas quando meus olhos se abriram outra vez, o quarto ainda estava escuro. Por um momento, encarei as sombras, confusa. Os orbes pulsavam suavemente,

ligando as luzes e iluminando a silhueta de Tala curvada sobre mim, com uma das mãos em meu ombro.

— Tala — falei, rouca. — O que você está fazendo aqui?

E, então, o mundo voltou depressa e eu me sentei, o coração batendo com força no peito.

— O que aconteceu?

— Amani — repetiu Tala. — Idris está aqui.

Eu me virei bruscamente.

— O quê? — Afastei-me dela e tentei ficar de pé. Eu tremia, percebi, ao tentar digerir o que ela acabou de me dizer.

Como Idris poderia estar ali? Aquela ala tinha sido isolada do resto do Ziyaana, e tentar violá-la, para estar ali... Dihya, era um risco tão grande a se correr. Pensei estar tendo alucinações quando a silhueta dele apareceu no pátio.

Ele atravessou o espaço que nos separava e eu soltei um choro baixinho, inconsolável e cheio de pesar. Meu coração palpitou dolorosamente enquanto ele se inclinava e me beijava. Ficamos parados assim, envolvidos um no outro, por muito tempo.

Por fim, ele ergueu a cabeça e apoiou a testa na minha. O polegar roçava minhas bochechas, secando as lágrimas que eu não percebi que estavam caindo.

— O quê... o que você está fazendo aqui? Como sabia onde me encontrar?

Ele sorriu, mas só um pouquinho.

— Eu me arrisquei e perguntei a Tala — disse ele, baixinho. — Então, ela correu o risco de me ajudar.

Olhei para trás, para Tala, ela pairava perto da porta dos meus aposentos, os olhos para baixo, os dedos enredados nas dobras da saia.

— Você não deveria... — comecei, e me interrompi. O perigo agora, mais do que nunca, estava além do que eu poderia imaginar, e ele sabia disso. Se Nadine ou qualquer um dos droides entrassem, se Maram entrasse tempestuosamente, não seria a nossa vida, mas a vida de nossos familiares que estaria em perigo.

— Senti tanto medo, Amani — prosseguiu ele. — Soube que era você no momento em que defendeu aquele menino.

Deixei escapar um som, meio soluço, meio risada, e ele sorriu.

— Nunca conheci ninguém tão corajosa.

— Corajosa, não — sussurrei. — Tola. Lotada até a borda por estupidez.

Ele beijou a minha testa e passou os dedos pelo meu cabelo.

— O que eles fizeram com você, Amani?

Pressionei o rosto em seu ombro, incapaz de falar. Eu cairia no choro se contasse a ele, e eu queria deixar aquela memória intocada. Queria ser capaz de mantê-la perto do meu coração: seus braços ao meu redor, o queixo em meu cabelo, a batida firme de seu coração sob o meu ouvido.

— Eu estou bem — disse, por fim. — Mas Maram está furiosa.

— Está — ele riu. — É claro que ela está.

— Não — respondi, e me afastei. — Ela encontrou a minha família, Idris. Minha mãe e meu pai. Meus irmãos...

Ele me silenciou com carinho e me puxou de volta para seus braços.

— Foi tudo culpa minha — sussurrei. — Não sei o que fazer.

Não havia nada a ser feito, por nenhum de nós. Apoiei a cabeça em seu ombro e ouvi a respiração dele, esperando que ela acalmasse meus pensamentos.

— Eu queria — disse ele, enfim, colocando as mãos em minha cintura. — Queria que tivéssemos nascido em outra época.

Sorri. Uma afirmação dessas parecia quase fantasiosa demais para Idris.

— Eu também — respondi. — Ou que os vathekeses nunca tivessem chegado.

— Teríamos nos conhecido?

Suspirei.

— Tem vezes que... que Dihya quer que duas pessoas se amem, independente das circunstâncias.

Ele riu.

— Mas Ele não planeja tudo para que elas passem o resto da vida juntas.

Tentei sorrir.

— Os poemas são escritos a partir de provas e dificuldades.

Ele riu.

— Estar com você — começou ele, e fechei os olhos. — Amani... estar com você é como estar em casa. Eu não me sinto assim desde... desde antes.

Nunca senti por ninguém o que sentia por Idris. Quando estava com ele, parecia que a galáxia toda estava aberta a possibilidades, que poderíamos fazer tudo, conquistar qualquer coisa, se apenas tentássemos.

— Fuja comigo — disse ele, baixinho.

Agarrei as lapelas do casaco dele. Eu queria. Dihya sabia o quanto. Mas não podia... meus pais, meus irmãos. Eles sempre estariam em perigo agora. Qualquer coisa que eu fizesse, os vathekeses descontariam neles. Eu precisava estar ali. Precisava ficar ali. Precisava obedecer.

Meus dedos o seguraram com mais força, tentando aceitar o que eu sabia que tinha de fazer.

— Você sabe tão bem quanto eu — comecei — que o risco é grande demais agora. Minha família...

— Amani...

— Por favor — pedi, com a voz falhando. — Eles nem sabem por que foram atacados... — Eu queria fechar os olhos para não conseguir ver minha dor espelhada no olhar dele. Ele parecia sozinho, tão sozinho quanto eu me sentia parada à frente dele. Pude ver o futuro se desenrolando, miserável e sombrio. Idris se tornou metade de mim, e agora eu precisava me livrar dessa metade.

— Consegue afastar o seu coração do meu, Amani? Pode se afastar de mim tão facilmente?

— Nunca — afirmei, confiante, e trouxe o rosto dele para perto do meu. — Nunca.

— Então fuja comigo — sussurrou ele. — Iremos para onde você quiser. Eu imploro, Amani...

— Conseguiria fazer isso? — perguntei. — De verdade? Abandonar a sua família à mercê dos vathekeses?

Ele fechou os olhos. Quando os abriu novamente, eu soube a resposta.

— Não — disse ele, roucamente. — Não mais do que você conseguiria abandonar a sua.

— Não seríamos quem somos se simplesmente fugíssemos — comentei, puxando as mãos deles às minhas. — Não amaríamos um ao outro se fôssemos essas pessoas.

Por um momento, visualizei tudo. Não a fuga, mas um mundo sem os vathekeses. Um mundo onde o meu caminho tivesse cruzado com o de Idris, onde eu pudesse buscar apoio em um salão de magistrados, onde eu pudesse escrever poesias sem medo da represália, onde pudéssemos amar um ao outro livre e alegremente, sem qualquer preocupação nem censura.

Puxei-o para um beijo, esperando que ele saboreasse o sonho em meus lábios, esperando que eu guardasse essa memória. A boca dele contra a minha, as mãos segurando minha cabeça, o peito largo pressionado contra o meu.

Afastei-me, por fim, e respirei.

— Nós... não podemos mais nos arriscar assim — obriguei-me a dizer. — Não podemos arriscar. Eu não posso arriscar que minha família seja atacada outra vez. Não podemos mais... ficar... juntos.

— Amani...

— Sabíamos desde o começo — afirmei, gentilmente, olhando para ele. — Sabíamos que isso aconteceria.

— Foi tolice eu ter alimentado esperanças? — perguntou ele.

— Então fomos tolos juntos — respondi. — Nem sei como dizer adeus.

— Não diga, então — disse ele. — Estaremos longe, mas nada mudará o fato de que eu a amo.

Beijei-o mais uma vez, então disse:

— *Lamma bada yatathana, hubi jamalah fatanna... man li raheem shakwati... fil hubi min la'watee.*

Ele riu.

— O quê...?

— É a música que cantei — expliquei, sentindo um sorriso crescer como resposta em minha boca. — Aquele dia em Ouzdad.

— O que significa?

— Quando ele primeiro se aproximou, sua beleza seduziu meu coração — sussurrei, encostando minha testa na dele. — Ele que tranquilizará as minhas reclamações, nascidas do sofrimento de um amor não realizado.

— Amani...

Não queria chorar novamente. Não queria que a última vez que eu me permitisse tocá-lo como *meu* fosse manchada por isso, não queria me lembrar desse momento sendo frustrado pelas minhas lágrimas.

— Eu amo você. — afirmei, pressionando meu rosto contra o seu peito. — Eu amo você.

Afastando-me dele, parecia que tinha rochas pesadas amarradas aos meus pés. Cada passo exigiu toda a minha força de vontade, e levei uma eternidade para alcançar a porta dos meus aposentos. Não olhe para trás, disse a mim mesma, mesmo quando girei a cabeça. Ele estava onde eu o deixei, com as mãos ao lado do corpo, flanqueado por orbes pulsantes. A primeira luz do amanhecer espreitava através do telhado e o emoldurava contra a porta.

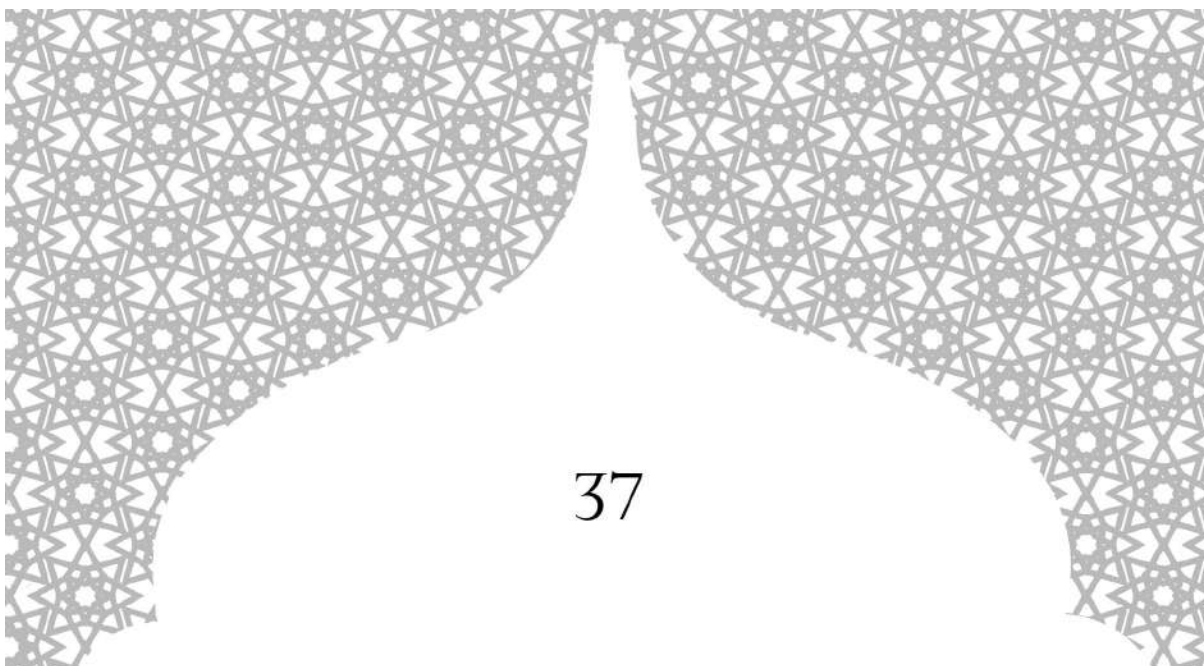
Eu me obriguei a olhar para frente.

Tala esperava por mim em meu quarto. Ela não disse nada enquanto me aconchegava na cama.

Quando ela repousou uma mão em minha cabeça, desabei. Encolhi-me como se me curvar sobre o coração pudesse impedir que ele se despedaçasse, e chorei. Provavelmente, nunca veria Idris outra vez e, se visse, seria em compromissos públicos onde seríamos observados. Nunca mais o teria em privado, e o futuro incerto que eu esperava, desapareceu.

Tala não disse nada, mas me segurou nos braços e me cobriu. Não havia nada que pudesse dizer para amenizar o que eu sentia; não havia nenhum consolo para isso.

Essa era a vida sob o governo dos vathekeses.



Pude ouvir os sinos.

Soaram altos e por tanto tempo assim apenas uma vez antes em minha vida: na manhã em que Maram nasceu. Agora, soavam cinco vezes a cada hora cheia, lembrando os cidadãos de se alegrarem. Nossa princesa, finalmente, havia assegurado a herança. E apesar do público ter sido barrado da cerimônia, a verdade ainda era a mesma: ela era oficialmente a herdeira imperial.

Sentei-me em minha janela, triste e sem qualquer objetivo. Os portões não se abriram durante a semana, e não recebi a visita de ninguém. Nenhum droide nem humano passava pelo pátio, exceto Tala. Mesmo Nadine não veio se vangloriar das conquistas delas. Pela milionésima vez, lutei contra as lágrimas. Eu me despedaçava entre me lamentar por Idris, Maram e o garoto da Extensão, cujo destino era desconhecido para mim.

Deveria ter tentado com mais empenho convencer Maram. Deveria ter implorado mais, exigido que ela ouvisse. Deveria ter sido capaz de convencê-la do quanto eu me importava, que eu, por livre e espontânea vontade, arrisquei minha vida pela dela. Que eu queria assegurar a herança dela, não roubá-la. Mas eu nunca mais teria essa chance. Nadine garantiria isso. Sob a influência dela, e

com a coroa finalmente nas mãos, Maram voltaria a ser a garota que era quando nos conhecemos. Cruel, insensível, odiosa.

Você não é responsável pela crueldade de seus mestres.

Ainda assim, naquela situação, eu me sentia responsável. Se tivesse sido mais cuidadosa, mais diligente, Maram teria evoluído, não regredido.

Os sinos continuaram soando.

Que planos ambiciosos eu tive. Moldar uma rainha, transformá-la como eu havia me transformado. Acordei tentando ouvir o som distante do lutar de Idris, mas foi em vão. As manhãs eram quando o meu peito mais apertava, como se não houvesse espaço suficiente em meus pulmões tanto para a tristeza quanto para o ar. As manhãs eram quando eu não conseguia parar de me repreender por amá-lo, por me importar com Maram, com o sofrimento que eu trouxe à minha família.

Meu único triunfo era o sucesso dos rebeldes, e mesmo isso foi maculado pelo destino do menino que a Guarda capturou. Como alguém suportava o fardo de tamanha lamentação? Como minha mãe e meu pai suportavam?

Tentei respirar.

Não se ajoelhe nem se curve, disse a mim mesma. Diante de ninguém. Siga em frente.

Desviei o olhar da janela um momento depois. Algo soou mais alto do que os sinos, um grito agudo e destoante. Não havia nada vivendo ali, nada além de mim. Preparei-me para me acomodar novamente em meu assento, mas soou outra vez, mais alto e mais agudo do que antes, no meio segundo entre as batidas dos sinos. Dessa vez, foi seguido por um bater de asas, tão pesado quanto os estampidos de um trovão.

Não me incomodei em erguer o manto aos braços e ombros. O tecido sussurrava ao se arrastar atrás de mim na grama, e os orbes ecoaram o som, murmurando enquanto eu passava por eles. O grito soou uma terceira vez, abafado pela porta que levava aos jardins da rainha. Ninguém me isolou dessa parte do castelo, porque não havia lugar nenhum para ir a partir dali. Havia um jardim, uma câmara e nenhuma saída.

O ar no jardim estava frio. O fim do verão de Walili se aproximava, então as noites frias se tornariam realmente geladas, e os dias, mais frescos. Respirei, e os orbes iluminaram um breve sopro de fumaça no ar. Hoje, não havia nenhuma lua, e o céu escuro que se impunha pelo domo rachado era opressivo, sem estrelas nem luz.

Um gorjeio baixo tirou os meus olhos do céu e os levou para o jardim, em direção à árvore.

— Dihya — arfei.

Aninhado em um galho no alto da árvore havia um teslite. Um corpo preto, diferente do céu, listrado com tons brilhantes e escuros de roxo e verde. Uma coroa branca, erguia-se na cabeça e se curvava sobre o corpo. As pontas encostavam na cauda, e parecia que ele a tinha arrastado por uma piscina de ouro líquido. Era enorme — quase tão alto quanto eu — e não consegui imaginar a envergadura das asas abertas.

*E de Suas primeiras criaturas Ele fez as
estrelas, brilhando quentes com fogo e calor.*

O ar ao redor pareceu cintilar, como se aquele lugar não fosse desse mundo. Como se eu estivesse olhando através de um vidro para outra realidade. Ele abriu as asas, duas vezes mais longas do que o corpo, e pulou do galho.

Eu o encarei com meu queixo caído, em choque, quando desceu com um grito suave e pousou em outro galho na base da árvore. Ele me examinou, inclinando a cabeça de um lado ao outro, com os olhos escuros inteligentes e criteriosos. Minha mão tremeu quando a estiquei para ele. O bico dele era gelado ao toque, as penas, lustrosas e quentes. Real, pensei.

Eu não estava alucinando.

Ele abriu as asas outra vez e soltou outro grito, agudo e perfurante, e se jogou no ar.

*Todos podem ver as estrelas, mas poucos
verão seus antepassados. E àqueles cujos
olhos veem o fogo dourado, Dizemos*

prestem atenção em Nós e escutem.

Ele voou ao redor do domo, com a coroa esvoaçando atrás dele como uma bandeira, então desapareceu pela rachadura no telhado.

Por longos minutos, encarei o lugarzinho pelo qual ele desapareceu, hipnotizada e maravilhada.

Ele não deixou nenhuma pena, mas uma pena não era necessária.

Pois Nós vimos em você um Sinal. Enxergue-o e aja.

Não poderia perder a esperança. Fui comandada a ser forte, a encontrar uma solução para o meu problema impossível.

Independentemente do que fosse necessário, independentemente do quanto custasse, eu não me abalaria nem desistiria.

A esperança pode ter incendiado todas as coisas, mas dessas cinzas, a resistência aos vathekeses surgiria. Eu me asseguraria disso.



Agradecimentos

Às vezes, precisa-se de uma aldeia, mas, em alguns dias, ela mais parecia uma pequena cidade.

Agradecimentos eternos à minha irmã Ruqayyah, que insistiu que eu precisava escrever esse livro. Eu não teria dado esse passo de outra maneira. Agradeço à minha mãe, que acreditou em mim desde quando eu era pequena e que, um dia, eu seria publicada. À minha mãe, outra vez, e à minha tia Naima, duas mulheres que passaram horas no telefone comigo e me emprestaram seus conhecimentos de poesias arábicas e que me ajudaram com as traduções presentes neste livro. A minha irmã mais nova, Tasneem, que me deu apoio emocional infinito e que acreditou em mim. E às minhas sobrinhas, Índia, Haniyya e Hajr, que são minhas fãs desde o primeiro dia.

Esse livro não existiria se não fosse pelo #timeMiragem! Agradecimentos infinitos à Annie Stone, que confiou em mim com esse livro; Joelle Hoeika e Sara Shandler, que ajudaram a transformá-lo num manuscrito completo; e Josh Banks, que sempre estava presente quando um problema surgia na narrativa. Sarah Barley, minha editora dos sonhos e a melhor heroína que uma autora poderia querer, não sei como esse livro ficaria sem você.

Todos da Flatiron Books: Patrícia Cave, Nancy Trypuc, Molly Fonseca, Jordan Forney, Amy Einhorn, Liz Keenan, Keith Hays, Erin Fitzsimmons, Bill Elis, Anna Gorovoy, Lena Shekhter, Emily Walters, Laren Hougen e Liana Krissoff. Muito obrigada por amarem Amani e Idris tanto quanto eu; não poderia ter desejado uma casa melhor para *Miragem*. E, claro, ao time New Leaf: não sei onde eu estaria sem a extraordinária agente Joanna Volpe, e Devin Ross.

Existe uma lista infinita de pessoas que mantiveram minha cabeça no lugar durante o processo. Muito amor e gratidão para o Snek Pit: Anna Prendella, Ronan Sadler e Isabel Kaufman, obrigada por gritarem comigo todos os dias. A Karen Chau e Alex Cauley, obrigada por conversarem comigo sobre tradução e por serem incríveis. Aos Salt Mates, Ashley M. e Catherine B., vocês sabem o que fizeram. A Amanda Shah e Pauline Heejin Kim, que ouviram meus medos com paciência, mesmo quando comecei a me repetir. A Nur, seu sarcasmo afiado e sua inteligência matemática me ajudou a enfrentar muitas coisas no último ano. A todos os meus Demons: Aja, Sassy, Meg, Grat, Zach, Noeele, Annie, Tropie, Rawless, Anna, Lys, Rachna, Nicole, Shruthi, Carrie, Jordan, Zara, Michele, Ari e Riley, obrigada por me ouvirem e aguentaram todos os meus gritos em letras maiúsculas enquanto eu escrevia esse livro.

A Veronica Roth e Courtney Summer, tenho uma dívida especial de gratidão com vocês. As melhores N7s que uma amiga poderia desejar, e que me ajudaram com o manuscrito e leram *Miragem* assim que o livro saiu das gráficas. A Sarah Enni, que esteve comigo desde o início: sua amizade e apoio são muito importantes. A Tahereh Mafi cujo conselho sábio me guiou por muitas barreiras profissionais. Aos Hags: Kody Keplinger, Laurie Devore, Samantha Mabry, Stephanie Kueh, Stephanie Sinkhorn, Alexis Bass, Debra Driza, Kaitlin Ward, Kara Thomas, Kate Hart, Kristin Halbrook, Lindsey Culli, Amy Lukavics, Maurene Goo, Michelle Krys e Phoebe North, obrigada não parece ser suficiente.

E por último, mas não menos importante, ao meu comitê de dissertação: Jesse Oak Taylor, Charles LaPorte e Juliet Shields. Estou eternamente devendo uma a vocês pelo apoio durante as provas de escrita e, depois, durante a revisão do livro, e pelos

desafios intelectuais que enriqueceram essa obra. A Jesse em particular: obrigada por dizer que tudo bem parar de fazer uma coisa para que eu pudesse correr atrás de outra.

Somaiya Daud nasceu em uma cidade do centro-oeste americano e passou boa parte da infância e adolescência se mudando. Como a maior parte dos escritores, ela começou cedo e nunca mais parou. Seu amor por todas as coisas relacionadas aos livros foi um impulso para que ela obtivesse um diploma em literatura inglesa (com especialização na Idade Média e no início da Idade Moderna). Durante o mestrado, trabalhou como livreira no departamento infantil da Politics and Prose. Em 2014, decidida a seguir na carreira acadêmica, fez as malas e se mudou para a costa oeste dos Estados Unidos para fazer o seu doutorado em literatura inglesa com uma tese sobre o revivalismo medieval no período vitoriano, tradução e literatura mundial. Seu livro de estreia, *Miragem*, foi selecionado para o Children's Africana Book Prize e o Arab American Book Award, e recebeu críticas positivas da Booklist e da School Library Journal.

*Este livro foi impresso pela Gráfica Paym
no papel Lux Cream 60g/m².*

*As fontes utilizadas são Adobe Jenson e Priori,
em suas versões Sans e Serif.*

São Paulo, verão de 2020.

